

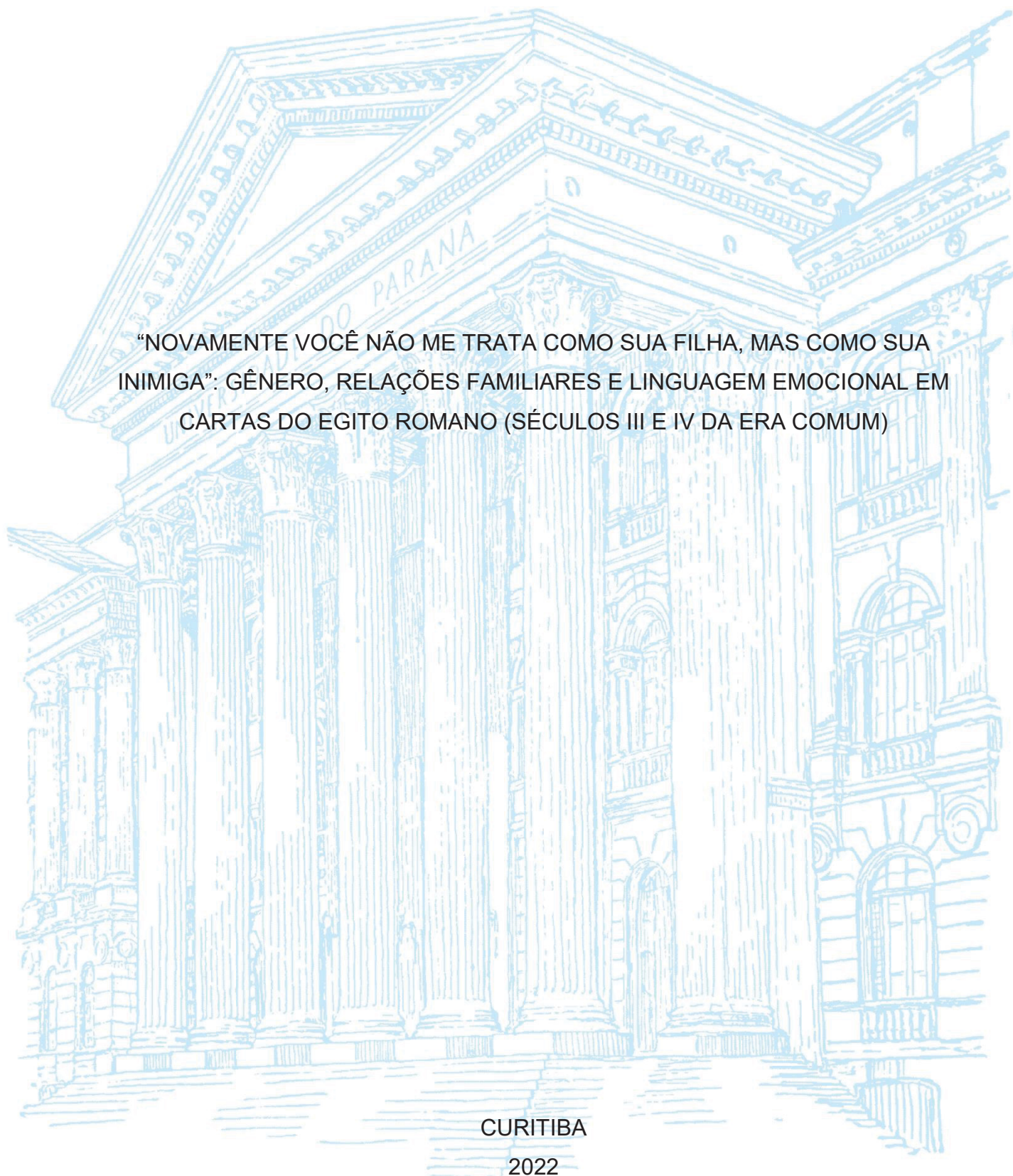
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

INGRID CRISTINI KROICH FRANDJI

“NOVAMENTE VOCÊ NÃO ME TRATA COMO SUA FILHA, MAS COMO SUA
INIMIGA”: GÊNERO, RELAÇÕES FAMILIARES E LINGUAGEM EMOCIONAL EM
CARTAS DO EGITO ROMANO (SÉCULOS III E IV DA ERA COMUM)

CURITIBA

2022



INGRID CRISTINI KROICH FRANDJI

“NOVAMENTE VOCÊ NÃO ME TRATA COMO SUA FILHA, MAS COMO SUA
INIMIGA”: GÊNERO, RELAÇÕES FAMILIARES E LINGUAGEM EMOCIONAL EM
CARTAS DO EGITO ROMANO (SÉCULOS III E IV DA ERA COMUM)

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação
em História, Setor de Ciências Humanas,
Universidade Federal do Paraná, como requisito
parcial à obtenção do título de Doutora em História.

Orientadora: Prof. Dra. Renata Senna Garraffoni

CURITIBA

2022

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
SISTEMA DE BIBLIOTECAS – BIBLIOTECA

Frandji, Ingrid Cristini Kroich

“Novamente você não me trata como sua filha, mas como sua inimiga” : gênero, relações familiares e linguagem emocional em cartas do Egito Romano (Séculos III e IV da era comum). / Ingrid Cristini Kroich Frandji. – Curitiba, 2022.

1 recurso on-line : PDF.

Doutorado (Tese em História) – Universidade Federal do Paraná, Setor de Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em História. Orientadora: Prof. Dr. Renata Senna Garraffoni.

1. Egito - História - Período greco-romano, 332 A.C.-640 D.C.
2. Manuscritos (Papiros). 3. Família - História. 4. Identidade de gênero.
I. Garraffoni, Renata Senna, 1974-. II. Universidade Federal do Paraná. Programa de Pós-Graduação em História. III. Título.

Bibliotecária: Fernanda Emanoéla Nogueira Dias CRB-9/1607

TERMO DE APROVAÇÃO

Os membros da Banca Examinadora designada pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação HISTÓRIA da Universidade Federal do Paraná foram convocados para realizar a arguição da tese de Doutorado de **INGRID CRISTINI KROICH FRANDJI** intitulada: **"Novamente você não me trata como sua filha, mas como sua inimiga": gênero, relações familiares e linguagem emocional em cartas do Egito Romano (séculos III e IV da era comum)**, sob orientação da Profa. Dra. RENATA SENNA GARRAFFONI, que após terem inquirido a aluna e realizada a avaliação do trabalho, são de parecer pela sua APROVAÇÃO no rito de defesa.

A outorga do título de doutora está sujeita à homologação pelo colegiado, ao atendimento de todas as indicações e correções solicitadas pela banca e ao pleno atendimento das demandas regimentais do Programa de Pós-Graduação.

CURITIBA, 21 de Outubro de 2022.

Assinatura Eletrônica

24/10/2022 10:58:02.0

RENATA SENNA GARRAFFONI

Presidente da Banca Examinadora

Assinatura Eletrônica

24/10/2022 11:04:44.0

ANA PAULA VOSNE MARTINS

Avaliador Interno (UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ)

Assinatura Eletrônica

24/10/2022 11:25:44.0

LOURDES M G CONDE FEITOSA

Avaliador Externo (UNIVERSIDADE DO SAGRADO CORAÇÃO)

Assinatura Eletrônica

24/10/2022 15:43:32.0

KATIA MARIA PAIM POZZER

Avaliador Externo (UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL)

Assinatura Eletrônica

24/10/2022 12:22:43.0

PEDRO IPIRANGA JÚNIOR

Avaliador Externo (UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ)

*Dedico este trabalho à minha mãe,
Ana Cristina Kroich.
Obrigada por sempre
ser meu porto seguro.*

*Dedico, também, ao meu pai,
Samarone Frandji (in memoriam).
Mesmo sem sua presença física,
sei que sempre estaremos juntos.*

AGRADECIMENTOS

Of all the things I value most in life

I see my memories and feel their warmth and know that they are good

Black Sabbath – Spiral Architect (1973)

Esta tese é resultado de um longo trabalho: foram quase cinco anos desde a confecção do projeto de doutorado, em 2017, até a entrega final, em outubro de 2022. De lá para cá, muita coisa mudou, no mundo e em mim. Mas tive a sorte de estar acompanhada ao longo de todo o caminho – mesmo quando ele era difícil e cansativo, sempre alguém estava lá por mim. Em uma tese sobre família, nada mais justo do que iniciar os agradecimentos falando exatamente de quem é minha família. Não posso deixar, por isso, de agradecer a pessoa mais importante: minha mãe Ana Cristina Kroich, que acompanhou todo este processo, me deu suporte físico, material e emocional. Não estaria aqui se não fosse por todo seu carinho e sua dedicação, e esta comemoração é também sua. Meu amor e minha admiração por você são eternos.

Ao meu pai, Samarone Frandji (*in memoriam*), que não está fisicamente aqui, mas me ensinou muito ao longo dos trinta anos em que convivi com ele. Nos últimos anos, me ensinou a ser paciente e a agradecer pelas pequenas e grandes coisas da vida. Apesar de sua partida precoce, sei que ele estaria orgulhoso de mim – e também estaria, agora, fazendo alguma de suas várias piadas sobre a titulação de *Doutora*. Sinto sua falta, mas você é vida presente na memória, *Mako* – e sempre será.

À Nadir Frandji, minha avó, que cuida de mim há muitos anos, com todo afeto, carinho, abraços e compreensão. Passar tempo com você – fazendo nada ou conversando sobre tudo – é um dos maiores privilégios que tenho, e nunca será um problema. Agradeço também minha família estendida – termo que li muito ao longo do processo de escrita desta tese. Tios, tias, primos e primas, *Kroichs* e *Frandjis* de perto e de longe, que me apoiaram e foram uma presença constante ao longo dos últimos anos.

Existem pessoas que, por mais que não dividam conosco o laço de sangue, são nossa família escolhida. Eu tenho a sorte imensa de ter uma irmã nascida de outra mãe, que felizmente encontrei há quase vinte anos, e temos trilhado nossos caminhos juntas. Amanda Rodrigues Luiz, você é luz por todo lugar que passa, e dividir a vida

com você é mais fácil e mais leve. Obrigada por todo o apoio, pelos abraços e pela compreensão. Não posso deixar de agradecer sua esposa Luiza Gomes, uma mulher incrível que também me acolheu como amiga. Desta família maravilhosa, agradeço seus filhos, os pequenos Ravi Gomes Rodrigues e Rael Gomes Rodrigues, que vieram para encher de alegria e luz a vida desta *tia trevosa*. Vocês dois chegaram no momento mais inesperado, e trouxeram um amor e felicidade que nunca achei possível.

Às amigas Analu Ianik, Carmem Camargo e Nicolle Taner, mulheres incríveis que dividiram comigo dores e tristezas, mas também muitas felicidades ao longo dos mais de 10 anos que nos conhecemos. Pela presença, pela amizade e pelo cuidado – nem consigo descrever de maneira bonita o que sinto. Se estou aqui, hoje, é porque sei que posso contar com vocês sempre.

Aos colegas da turma de 2018 da linha Intersubjetividade e Pluralidade: Reflexão e Sentimentos na História. Dividir discussões teóricas, cafés e jogos da Copa de 2018 com vocês foi uma das coisas mais gratificantes no período inicial do doutorado. Aos colegas do grupo Antiga e Conexões, em especial Bárbara Fonseca e Lorena Pantaleão, pelas discussões sobre o mundo antigo e pelas ajudas – seja na vida acadêmica ou na vida pessoal.

Aos amigos Leon Adan Gutierrez de Carvalho e Thiago de Carvalho Miranda, pelas discussões sobre o doutorado, sobre História e sobre a vida como um todo, sempre com humor. Às amigas Anna Claudia Beruski, Fernanda Micoski e Isabella de Oliveira, pela longa amizade e pelo carinho em todos esses anos.

Aos colegas do apartamento 101, Patrícia Dotti do Prado, Pedro Henrique Leite, Tabata Soldan e Thaiane Deringer. Conhecer e dividir o dia a dia com vocês foi um presente imenso. Agradeço por todas as conversas (sérias ou não), as festas, as pizzas, os jogos de tabuleiro e o companheirismo. À Caroline Schicowski, que sempre me acolheu quando precisei e me apoiou em momentos bons e ruins. À Vanessa Fronza, com quem sempre divido discussões sobre Egíptologia, uma amiga de longa data que nunca deixou de estar presente, mesmo com a distância física

À Renata Senna Garraffoni, minha orientadora desde a graduação, pela paciência, sensibilidade, leitura atenta deste trabalho e por ter me indicado uma nova maneira de pensar a História – uma História mais plural, pautada na diferença. Aos professores Pedro Ipiranga Junior e Pedro Paulo Abreu Funari, pela participação na banca de qualificação e pelas importantes contribuições ao texto apresentado. Às

professoras Ana Paula Vosne Martins, Katia Pozzer e Lourdes Feitosa pelo aceite em participar na banca de defesa do doutorado. Aos professores da linha de pesquisa Intersubjetividade e Pluralidade: Reflexão e Sentimentos na História: Ana Paula Vosne Martins, Marcos Gonçalves, Priscila Vieira e Roseli Boschilia. As trocas acadêmicas e profissionais foram fundamentais para o desenvolvimento desta pesquisa durante os primeiros anos do doutorado.

Agradeço a todos aqueles que foram meus alunos, pois vocês me ensinaram a ser professora. Por causa disso descobri uma grande paixão, e devo a vocês esta felicidade enorme por poder partilhar o conhecimento. Se os alunos me formaram como professora, não posso deixar de citar meus colegas do colegiado de História da UNESPAR Paranaguá – César Tagliari, Fabio Hanna, Joacir Borges, José Ronaldo Fassheber, Kety March, Letícia Guterres, Liliane Freitag e Marcelo Carreiro. Vocês me ensinam todos os dias sobre ética profissional e compromisso com a História.

Aos meus companheiros caninos – Dimitra (*in memoriam*), Ganon (*in memoriam*), Killia e Lourdes –, que obviamente não poderão ler este texto, mas foram minha companhia durante os dias de confinamento pandêmico e me mostram, diariamente, o poder do amor.

Às pessoas que compartilham o conhecimento acadêmico online.

Por fim, agradeço ao financiamento da CAPES, que possibilitou o desenvolvimento inicial desta tese.

*As I think of you
From this dark century
It must always be
With generosity
That we both may share
The hope in hearing
That we're not just
Spirits disappearing*
Roy Harper – Hope (1985)

RESUMO

A presente tese analisa a utilização de linguagem afetiva em narrativas epistolares trocadas por familiares do Egito Romano (séculos III e IV da era comum), refletindo sobre as posições sociais e culturais ocupadas por homens e mulheres neste contexto. Para tal, foram selecionadas 25 cartas em papiros, de âmbito privado, em que os seguintes pontos foram considerados: recorte cronológico, existência de relações familiares e expressões consideradas emotivas. Desta maneira, uma discussão pautada na interdisciplinaridade foi realizada, estabelecendo uma análise tanto da História da Família quanto da materialidade da documentação selecionada. O contexto de descoberta desta documentação e a formação do campo de estudos da Papirologia também foram problematizados. Apresentamos as traduções dos papiros e, das 25 cartas, 19 foram divididas em quatro categorias: questões legais, questões econômicas, afetividades e ressentimentos, e saúde. Analisamos como os recortes elencados podem ser pensados a partir do uso de uma linguagem afetiva, ou seja, de determinadas estruturas textuais que evocam emoção. As outras 6 cartas, pertencentes ao *Arquivo de Ploutogenia e Paniskos*, foram analisadas em conjunto. Pudemos observar que a utilização da linguagem afetiva estava interligada a uma perspectiva de gênero e de funções sociais generificadas dentro da família, que poderiam ser reforçadas ou rearticuladas. Com a análise de uma seleção de cartas de um mesmo grupo, observamos de que maneira a linguagem emotiva também opera naquilo que é não dito, ou seja, nos silêncios que se estabelecem e são elencados pelos remetentes das cartas. A partir destas análises, pudemos observar que os membros utilizam a linguagem afetiva para resguardar seus interesses e provocar certos tipos de reação em seus destinatários, deslocando determinadas posições dentro da família e demonstrando como as experiências da Antiguidade são plurais.

Palavras-chave: Egito Romano. Papirologia. História da Família.

ABSTRACT

The aim of this thesis is to analyze the use of affective language in letters exchanged between family members from Roman Egypt (III and IV century CE). Twenty-five private papyri letters were selected as main evidence, in which I considered: adhesion to the chronology, family relationships, and emotional expressions. Based on interdisciplinary approach I focused the analysis on History of the Family and the materiality of the selected papyri. The context of discovery of this evidence and the formation of the field of studies of Papyrology were also questioned. I also provided the translation of the papyri to turn them accessible for Brazilian audience. From 25 letters, 19 were divided into four categories: legal issues, economic issues, affections and resentments, health. The other six letters, belonging to the *Ploutogenia and Paniskos Archive*, were analyzed together. This methodology provided me a new way to understand the use of affective language: it was linked to gendered social functions within the family, which could have been reinforced or rearticulated. From the *Ploutogenia e Paniskos Archive*, I observed how emotional language also operates in silences – not writing back, for example. To conclude, I argue that family members use affective language to protect their interests and provoke certain types of reaction in their recipients, displacing certain positions within the family and demonstrating how experiences of Antiquity are plural.

Keywords: Roman Egypt. Papyrology. History of the Family.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	13
2 FAMÍLIA ANTIGA, DISCUSSÕES MODERNAS	26
2.1 O QUE É A FAMÍLIA ANTIGA?	28
2.2 OS USOS POLÍTICOS DA FAMÍLIA ANTIGA	36
2.3 A HISTORIOGRAFIA SOBRE A FAMÍLIA E SEUS DESDOBRAMENTOS NA ANÁLISE DO MUNDO ROMANO	39
2.4 AS DEFINIÇÕES DA FAMÍLIA ROMANO-EGÍPCIA	44
3 O PAPIRO, SUA MATERIALIDADE E SEUS DISCURSOS	54
3.1 A CARTA NO MUNDO ANTIGO E SUA ANÁLISE CONTEMPORÂNEA	56
3.2 A INVENÇÃO DO(S) EGITO(S)	66
3.3 A PAPIROLOGIA E O EGITO DEPOIS DOS FARAÓS	73
4 APROXIMAÇÕES METODOLÓGICAS E TRADUÇÕES	91
4.1 FICHAS DAS TRADUÇÕES	101
4.2 ARQUIVO DE PANISKOS E PLOUTOGENIA	135
5 FAMÍLIAS NO EGITO ROMANO E LINGUAGEM EMOCIONAL: UMA LEITURA A PARTIR DOS ESTUDOS DE GÊNERO	147
5.1 LINGUAGEM EMOCIONAL E O ESPAÇO DAS MULHERES NA FAMÍLIA ROMANO-EGÍPCIA	148
5.1.1 Questões legais	150
5.1.2 Questões econômicas	162
5.1.3 Afetividades e ressentimentos	165
5.1.4 Saúde	174
6 ESTUDO DE CASO: O ARQUIVO DE PLOUTOGENIA E PANISKOS	180
6.1 PANISKOS E PLOUTOGENIA	183
6.2 PLOUTOGENIA, HELIODORA E ISIDORA	197
6.3 O SOM DO SILÊNCIO	204
7 CONSIDERAÇÕES FINAIS	206
REFERÊNCIAS	210

1 INTRODUÇÃO

Em 1985, Roy Harper escreveu uma música a partir do arranjo composto por David Gilmour. A canção, chamada *Hope*, diz: “Quando você olha para mim/Do seu próprio século/Eu posso parecer/Arqueologia estranha/Mas quando os ventos sopram/Desta direção/Você pode me sentir lá/Em seu reflexo.”¹ Harper não tinha, até onde sabemos, qualquer pretensão historiográfica, mas suas belas palavras remontam a uma das características mais importantes do trabalho produzido pelo historiador: a relação contínua entre o passado e o presente. A posição de historiador demanda um olhar sobre o passado que nasce, sempre, do presente. Nesse sentido, as pesquisas históricas têm-se dedicado, nas últimas décadas, a compreender de maneira mais ampla o mundo antigo e suas ressonâncias na contemporaneidade. Estudos sobre os usos do passado antigo na política contemporânea são numerosos e demonstram como a Antiguidade foi reapropriada como ferramenta para a legitimação de vertentes políticas excludentes. De maneira semelhante, tornou-se foco de pesquisa a retomada da Antiguidade em diferentes mídias, gerando novas leituras do mundo antigo, influenciadas também por questões estéticas, políticas e econômicas. É uma tendência o alargamento do campo de estudos da Antiguidade, que ocorre a partir da (re)descoberta de documentos e de novas proposições teóricas e metodológicas, como os estudos de gênero e a teoria pós-colonial.

Estas análises demonstram a relevância dos estudos sobre a Antiguidade no século XXI, especialmente na construção de diferentes temporalidades – este passado antigo, longe de ser inerte, move-se conforme o século XXI o repensa, o reapropria e, acima de tudo, o analisa. Nossa pesquisa entende o mundo antigo como algo vivo, a partir de seus usos contemporâneos e do que ele nos elucida enquanto diferença sobre o passado. O foco principal é compreender de que maneira a linguagem afetiva é utilizada nas cartas do Egito Romano dos séculos III e IV da era comum, e de que maneira estas narrativas demonstram, em alguma medida, o papel social ocupado por homens e mulheres dentro do contexto familiar. Entre a

¹ *When you look at me/From your own century/I may seem to be/Strange archeology/But when the winds blow/From this direction/You may sense me there/In your reflection.* Esta e todas as seguintes traduções são de nossa autoria.

documentação utilizada estão vinte e cinco cartas escritas por mulheres ou endereçadas a elas.

Esta tese é uma continuação dos resultados alcançados na dissertação de mestrado intitulada *Agência Feminina no Egito Romano (III a. C. – V d. C)*, defendida em 2017 no Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal do Paraná. Na dissertação de mestrado, analisamos como as mulheres do Egito Romano utilizavam de diversos recursos retóricos para a manutenção de seus direitos, compreendendo este uso como agência e dotando de mais nuances a experiência das mulheres neste contexto. Ainda na dissertação de mestrado, empreendemos discussões iniciais sobre a papirologia enquanto disciplina científica, sua formação e sua ligação com o imperialismo do século XIX – tema que retomamos na tese, compreendendo as diferentes temporalidades da documentação.²

A questão que permeia todo o trabalho realizado desde a monografia³, passando pelo mestrado e culminando nesta tese, diz respeito ao Egito Romano enquanto espaço de diferença, seja para pensar a Antiguidade, seja para pensar o próprio Império Romano. Um tema, de fato, pouco estudado no Brasil, ainda que sua relevância dentro dos estudos sobre a Antiguidade seja considerável, em virtude da numerosa documentação papirológica proveniente do período entre 300 AEC e 800 EC. Ainda que pouco explorada no Brasil, a produção acerca do tema em âmbito internacional é ampla e reconhecida há pelo menos um século.⁴ Mesmo com a descoberta de centenas de fontes que descrevem vários aspectos da vida cotidiana do Egito Romano, poucas estão em língua portuguesa, o que dificulta o acesso de pesquisadores e de professores da educação básica. Além disso, o currículo universitário nem sempre inclui os debates acerca das trocas culturais existentes nas regiões periféricas do Império Romano, dificultando ainda mais a pesquisa sobre o

² O aprofundamento da discussão sobre papirologia foi tema de um projeto de estágio sanduíche enviado à CAPES/DAAD (Serviço Alemão de Intercâmbio Acadêmico), aprovado mas sem bolsa em virtude dos variados cortes orçamentários sofridos pelo órgão brasileiro. Outras possibilidades de intercâmbio acadêmico ao longo do doutorado não puderam ser realizadas em virtude da pandemia do Coronavírus.

³ O trabalho monográfico intitulado *Direitos Femininos no Egito Romano: o caso do P. Oxy. VI 903* foi defendido em 2013 no departamento de História da Universidade Federal do Paraná, sob orientação da professora Renata Senna Garraffoni.

⁴ Discutiremos de maneira mais aprofundada de que maneira o Egito Romano se constitui enquanto campo específico de estudos e tema de análise no capítulo 02. No que tange o estudo do Egito Romano no Brasil, podemos citar os trabalhos de Marcia Severina Vasques, que tem se dedicado desde seu doutoramento ao estudo do tema no Brasil.

tema. Quando o Egito é estudado, seja na educação básica ou no ensino superior, as discussões concentram-se no período faraônico, o que opera uma espécie de apagamento de séculos da história egípcia. Esta pesquisa visa ampliar este campo, trazendo considerações profícuas acerca do contexto sob a luz de teorias contemporâneas para pensar o mundo antigo, em especial as questões de gênero e da construção das emoções durante o percurso histórico.

Ao longo tanto da monografia quanto da dissertação, o foco da pesquisa foi a vida das mulheres no Egito Romano. Agora, nossa principal questão é pensar a família no Egito Romano, ainda que nossa preocupação com as questões de gênero permaneça, a categoria *gênero* é balizadora de nosso entendimento sobre as posições sociais e os espaços ocupados por homens e mulheres dentro da instituição familiar no Egito Romano, não entendemos gênero como categoria isolada, ou seja, como forma de recuperar apenas a escrita das mulheres do passado. O que propomos é uma questão relacional, a experiência das mulheres e os espaços sociais ocupados por elas são elementos que só podem ser compreendidos quando analisados junto de prescrições sociais que recortam, também, a posição e os signos sociais dos homens. A utilização de uma linguagem afetiva específica constitui, então, um modo de demonstrar afetos e de reforçar posições dentro da família, além de auxiliar na compreensão de quais construções sociais são reforçadas ou diminuídas na esfera familiar.

Para compreender a importância desta linguagem afetiva, consideramos relevante analisar, de maneira breve, como o estudo sobre as emoções se constituiu dentro da História. Segundo William M. Reddy, *“emoções são a mais imediata, a mais autoevidente, e a mais relevante de nossas orientações em relação à vida”*.⁵ Nesse sentido, as emoções constituem uma característica básica da existência humana, estando presente em diferentes períodos históricos e em diferentes culturas. A constituição de diferentes meios a partir do qual esta emoção é representada, então, é o foco de nossa análise.

Na perspectiva de Plamper, o historiador, exatamente por compreender a natureza humana como dotada não apenas de aspectos objetivos, mas também

⁵ REDDY, William M. **The Navigation of Feeling: A Framework for the History of Emotions**. Cambridge: Cambridge University Press, 2004, p. 3. No original: *“emotions are the most immediate, the most self-evident, and the most relevant of our orientations toward life”*.

espirituais, é o único especialista que pode analisar com precisão as sociedades do presente e do passado, por compreender os aspectos subjetivos do ser humano.⁶ Nesse sentido, as emoções operam uma função importante dentro das Ciências Humanas e não podem ser negligenciadas: são basilares na própria formação do intelectual e, por consequência, de seu campo de estudos.

Isto ocorre, principalmente, a partir de uma “virada emocional” ocorrida a partir da década de 1980, entendida por Matt e Stearns como uma influência direta dos escritos de Elias, Febvre e Huizinga.⁷ A busca por novos sujeitos históricos e novas problemáticas partir da segunda metade do século XX, com os questionamentos sobre novos sujeitos sociais existentes no passado, voltaram-se também para novos meios de pensar a narrativa histórica, além de abrir possibilidades de ação conjunta entre diversas disciplinas. Concomitante a isto, um campo de estudos específico analisa as emoções a partir de um “paradigma sociocultural”, ou seja, a partir da ideia de que a maior parte das emoções são culturalmente adquiridas, diminuindo a função do aspecto biológico na definição das emoções.

Ainda que a análise aqui empreendida discorra, em diferentes níveis, sobre determinadas representações das emoções, nossa maior ênfase é na compreensão da *linguagem* considerada emocional. Isto se dá a partir da aproximação com o pós-estruturalismo e da relação deste com o conceito de agência. A questão metodológica elencada nesta pesquisa retoma a importância da construção narrativa dos sujeitos enquanto forma de experiência. Partindo desta perspectiva, acreditamos que a construção de distinções generificadas dentro da família a partir da linguagem afetiva é perpassada pela constituição social dos sujeitos no contexto, e podem demonstrar de que maneira as mulheres, em contraponto com um tipo de historiografia que as define como submissas, tinham opções para agir da maneira que desejavam diante de questões familiares, e não necessariamente viviam para obedecer aos homens da família. Além disso, enfatizamos nossa percepção de que estas relações eram fluídas: existia, sim, um nível de afetividade nas relações maritais e familiares, o que significa dizer que estas não eram estruturas estanques que serviam aos propósitos básicos de continuidade da espécie.

⁶ PLAMPER, Jan. **The History of Emotion: An Introduction**. New York: Oxford University Press, 2015. p. 44-45.

⁷ MATT, Susan J.; STEARNS, Peter N. **Doing emotions history**. University of Illinois Press, 2013. p. 3

Tais estruturas eram negociadas e repensadas a partir da linguagem epistolar, que aproximava aquilo que estava fisicamente separado. Por esta perspectiva, consideramos também que a análise das emoções e das afetividades auxilia na construção de uma visão não essencialista sobre homens e mulheres do mundo antigo: não podem ser definidos enquanto entidades dadas e entendidas em virtude da diferença biológica, mas sim como sujeitos históricos socialmente construídos.

Cabe remontar, ainda que de maneira sucinta, como se dá a constituição própria do campo dos estudos sobre a Antiguidade e de que maneira pretendemos, com nossa pesquisa, deslocar estas percepções para um alargamento do campo.

Ao analisar de que maneira os estudos sobre o mundo antigo se configuraram, os historiadores salientam como este é um campo notadamente conservador.⁸ Mesmo antes do processo de institucionalização da História, em fins do século XIX, os estudiosos se debruçaram sobre a Antiguidade – especialmente sobre o mundo greco-romano – para desenvolver paralelos entre o contexto em que viviam e o passado clássico, demonstrando a influência que seus respectivos contextos exerciam nesse olhar sobre o passado. Foram construídas narrativas pautadas especialmente nas questões político-militares, salientando especialmente a grandiosidade do Império Romano, a destreza de seus oradores e construindo metanarrativas para compreender como esta civilização foi do seu apogeu ao seu declínio em questão de alguns séculos.⁹

Durante o processo de institucionalização da História enquanto disciplina científica, o interesse no mundo romano fica mais latente, visto que o processo de expansão romana era utilizado como uma justificativa para as invasões imperialistas. O discurso utilizado era pautado no suposto ideal da necessidade de levar a cultura aos povos considerados menos civilizados. Desta maneira, o legado cultural que vinha dos romanos até os grandes impérios do século XIX, especialmente a Inglaterra, seria respeitado e continuado.¹⁰ Foi exatamente neste contexto de expansão imperialista que uma miríade de novos documentos para pensar o Império Romano foi

⁸ Considerações sobre o tema estão presentes em FUNARI, Pedro P. **Romanas por elas mesmas**. In: Cadernos Pagu, v. 5, 1995; HINGLEY, Richard. **O Imperialismo romano: novas perspectivas a partir da Bretanha**. São Paulo: Annablume, 2010.

⁹ Um exemplo para salientar este ponto é o historiador do século XVIII Edward Gibbon, que traça paralelos entre a queda do Império Romano e a falta de virtudes cívicas de seus cidadãos por causa das invasões bárbaras. Cf. GIBBON, Edward. **Declínio e queda do Império Romano**. São Paulo, Companhia das Letras: 2005.

¹⁰ HINGLEY, op. Cit.

encontrada – os papiros. Entre 1877 e 1878 foi encontrado o primeiro grande grupo de papiros, comprada pelo austríaco Theodor Graf e doado ao arquiduque Rainer em 1884. Entretanto, a descoberta feita por Grenfell e Hunt em um depósito de lixo em Oxirrínco, no ano de 1897, suplantaria estes primeiros achados: foram encontrados cerca de dois mil papiros documentais (taxações, textos jurídicos, cartas, petições) e trezentos papiros literários. A descoberta desta documentação mudaria o modo de análise do mundo antigo, enfatizando outros aspectos sociais, como as questões econômicas e jurídicas.¹¹

A partir da descoberta dos papiros, o contexto do Egito Romano¹² começa a ser analisado pelos estudiosos da Antiguidade, mas sempre com ressalvas. Segundo Keenan, os estudos sobre o Egito pós-faraônico muitas vezes foram deixados de lado tanto por historiadores do mundo romano quanto por historiadores do Oriente próximo. Isto seria justificado pela preferência da maioria dos historiadores em estudar ou o passado clássico ou o Egito faraônico, ostracizando períodos posteriores (no caso dos egiptólogos) e diferentes localidades (no caso dos classicistas).¹³

Mesmo com a descoberta de um número significativo de papiros documentando vários aspectos da vida cotidiana do Egito pós-faraônico, este ainda era visto como um “lugar especial”¹⁴, em virtude da casualidade que permitiu a conservação das fontes, o que não tinha acontecido em outros espaços dentro do Império Romano. Além disso, foi alegado que os modelos explicativos de outros lugares do Império não eram aplicáveis ao Egito, visto que, como já citado anteriormente, havia um excesso de documentação egípcia, o contato anterior com

¹¹ As questões jurídicas tiveram grande relevância, especialmente na recém-formada Alemanha, em virtude da ideia do Direito Romano enquanto tradição que é continuada ao longo dos séculos em diferentes configurações sociopolíticas. Cf. WILCKEN, Ulrich; MITTEIS, Ludwig. **Grundzüge und Chrestomatie der Papyrskunde. II. Juridischer Teil – Erste Hälfte: Grundzüge**. Leipzig: Teubner, 1912.

¹² O Egito Romano é considerado, em termos gerais, como o período que compreende a dominação de Otávio no ano 30 antes da era cristã até a conquista muçulmana da região, em 641. Ainda assim, é importante salientar que muitos estudiosos consideram o fim da dominação romana no Egito como marcada no ano de 395, com a divisão entre Império Romano do Oriente e Império Romano do Ocidente, a partir da qual o Egito passa a fazer parte do império oriental.

¹³ KEENAN, James G. **Egypt's “Special Place”**. In: CUEVA, Edmund P.; BYRNE, Shannon N.; BENDA, Frederick. *Jesuit Education and the Classics*. Cambridge: Cambridge Scholars Publishing, 2009. P. 178-179.

¹⁴ O termo (*Sonderstellung*) foi cunhado por Ulrich Wilcken, um dos precursores da egiptologia que, junto de Ludwig von Mitteis publicou, em 1912, uma coletânea de papiros intitulada *Grundzüge und Chrestomatie der Papyrskunde*.

os helenos, uma cultura antiga altamente desenvolvida e, por fim, o problema sobre a noção de continuidade e de descontinuidade no Império Romano.¹⁵

Este tipo de análise sobre o Egito Romano vem sendo constantemente repensada por diversos especialistas neste período histórico, que entendam as diferenças desta região como algo positivo que pode elucidar questões em outras localidades. O Egito, enquanto espaço de interculturalidade em relação às influências helênicas e romanas, vem sendo constantemente repensado em seu contexto do Mediterrâneo. Bagnall, por exemplo, afirma que “[o] Egito fornece uma oportunidade única de olhar com certa profundidade em um tempo e em um espaço específicos da antiguidade tardia. O Egito era, além disso, uma sociedade provincial madura ocupada pelos gregos sob o domínio romano”.¹⁶ Desta maneira, acreditamos que não é possível falar em um Egito totalmente “romanizado”, mas sim em diversas culturas e modos de vida que, no recorte temporal proposto, estão presentes em diferentes aspectos da sociedade. Além disso, o Egito pós-faraônico está inserido em uma cultura do Mediterrâneo visto que, como afirma o mesmo autor, “trabalhos recentes tendem a sugerir que diferenças entre práticas documentárias eram relativamente pequenas, com uma grande zona em comum, pelo menos no ambiente de escrita grega do Mediterrâneo”.¹⁷ Não se pretende, com isso, afirmar que a análise empreendida nesta pesquisa é aplicável a vários contextos, mas sim demonstrar a importância dos estudos sobre o Egito Romano em um panorama mais abrangente do mundo antigo.

Nossa decisão pelo recorte específico dos séculos III e IV ocorre em virtude das especificidades dos dois séculos. Para Bagnall, o século III condensa, ao menos no Egito, um período de diversos conflitos internos, enquanto o século IV demonstra um período de maior estabilidade política, que se estenderia pelos séculos seguintes da Antiguidade Tardia.¹⁸ A mescla da cultura grega – estabelecida no território desde o século III antes da era comum – com a cultura romana produziu mudanças

¹⁵ *Idem*, p. 183-184.

¹⁶ BAGNALL, Roger. **Egypt in Late Antiquity**. Princeton: Princeton University Press, 1993. p. 4.

¹⁷ BAGNALL, Roger S. **Reading Papyri, Writing Ancient History**. London: Routledge, 1995. P 12.

¹⁸ BAGNALL, Roger. *Op. Cit.*

significativas no âmbito jurídico e legal, mas parte da legislação egípcia continuou a ser aplicada enquanto lei dos costumes.¹⁹

O que nos interessa, entretanto, é compreender como as pessoas autoras dos documentos aqui analisados, que viveram entre os séculos III e IV da era comum no Egito, entendiam a si mesmas. Entendemos que, em virtude do letramento, grande parte das cartas aqui analisadas pertenciam a uma elite dentro do Egito – ainda que nem todos fossem letrados, o uso de um secretário para a escrita era comum no período. Como vários bens são citados ao longo das cartas, isto também nos leva a inferir que as famílias aqui analisadas faziam parte de uma elite local, que buscava uma aproximação de ideais comuns no período e perpassados por uma identidade que se postulava ora como grega, ora como romana.

Esta perspectiva também se pauta em uma ideia de Antiguidade Tardia enquanto conceito que auxilia na compreensão da multiplicidade e multiculturalidade existentes na Antiguidade. A noção de uma “queda” do Império Romano foi construída a partir de ideais da Idade Moderna, com o intuito de traçar um paralelo entre a cultura antiga e suas releituras renascentistas. A própria ideia da ruptura ocorrida em virtude da queda e de sua posterior recuperação a partir do século XVI, ainda que a cultura romana continuasse influenciando o medievo, constitui-se enquanto fenômeno eurocêntrico de legitimação de uma suposta “tradição herdada”. Para além disso, a ideia de invasões bárbaras como elemento catalisador da desintegração do Império Romano seguia percepções nacionalistas e imperialistas, revelando o presentismo deste tipo de interpretação.²⁰

A tese, portanto, privilegia um período histórico mais tardio, em uma província, e com o foco nas relações de gênero, na experiência feminina e na família. Nesse sentido, a perspectiva contribui para pluralizar as discussões sobre o mundo romano e o espaço ocupado por diferentes sujeitos históricos. Tal posicionamento também reforça a materialidade dos documentos elencados na pesquisa: não há dissociabilidade entre os processos de descoberta, distribuição e catalogação de

¹⁹ ELMAGHRABI, Mohamed G. Govern and administration: continuity and change from the Ptolemies to the Romans. In: BAGNALL, Roger (ed.). **Roman Egypt: A History**. Cambridge: Cambridge University Press, 2021. P. 48-49.

²⁰ GILLET, Andrew. The fall of Rome and the retreat of European multiculturalism: A historical trope as a discourse of authority in public debate, **Cogent Arts & Humanities**, 4:1, 2017. P. 4-6.

papiros e a própria constituição do campo de estudo que utiliza este tipo de documento como seu foco principal de análise.

Nesse sentido, a inclusão de nossa tradução no corpo do texto procura reforçar a importância da materialidade do texto: em algumas de nossas fichas, é possível visualizar a imagem dos papiros e as quebras existentes no documento original, decorrentes muitas vezes da própria passagem do tempo. Ao mesmo tempo, ao produzir uma tradução para a língua portuguesa, compreendemos que esta é uma possibilidade – dentre outras existentes –, e que sua funcionalidade é ampla, inclusive a partir da utilização didática, sobre a qual discorreremos brevemente no terceiro capítulo.

Outra questão que consideramos importante é o local ocupado por este trabalho no campo de estudos sobre a Antiguidade. Partimos de diferentes posições entendidas como periféricas: para além da própria produção sobre a Antiguidade no Brasil e na América Latina, a escolha pelo contexto do Egito Romano em um período mais tardio é indicativo de tensionamento sobre o que significa o Império Romano e suas amplas dimensões – não apenas geográficas, mas também culturais. Consideramos este movimento uma *dessacralização* deste Império Romano, muitas vezes visto a partir de uma nostalgia vazia de sentido, que remonta mais aos usos do passado do que às possibilidades de existências das pessoas que, de fato, viveram neste período. Além disso, uma das principais propostas deste trabalho é historicizar a papirologia, com vistas a compreender de que maneira a produção do conhecimento sobre a Antiguidade foi e continua sendo, em determinados níveis, recortados por poderes estatais e pela própria força da colonização.

Para além de todas estas questões, consideramos que a análise da experiência das mulheres no Egito Romano é uma das mais profícuas, seja por seu caráter multidisciplinar ou, ainda, por sua potencialidade didática. As discussões sobre a experiências das mulheres no Egito Romano iniciam-se com a descoberta da documentação em fins do século XIX e início do século XX. Longe de pensar uma perspectiva propriamente dita de gênero, estudiosos como Wilcken, Hunt e Grenfell enfatizaram como a legislação poderia pensar as mulheres à luz dos papiros.²¹ Isso

²¹ O trabalho inicial destes estudiosos, dentro da papirologia, era a catalogação e tradução dos papiros encontrados. Em grande parte destas traduções há também um comentário particular sobre a edição do papiro (ou seja, sobre o que foi recuperado no documento original, o que é inferência do editor,

não significou, entretanto, uma mudança de paradigma sobre a posição das mulheres no contexto, algo que vai ocorrer apenas algumas décadas mais tarde com a análise de estudiosas como Preaux, Biezunska e Mondini - pioneiras em uma análise pormenorizada sobre a vida das mulheres no período do Egito Romano, levantando questões sobre uma experiência feminina neste contexto.

Ainda que não possam ser consideradas enquanto abordagens propriamente feministas, as obras supracitadas demonstram a especificidade da experiência feminina e a possibilidade de produzir uma análise a partir dos papiros que trate das mulheres. Partindo de aspectos jurídicos, Preaux e Biezunska reforçam que existia uma condição própria das mulheres na Antiguidade, marcada pela especificidade da diferença biológica. Essa diferença, ainda que opere enquanto elemento de distinção de forma bastante essencialista, era também reforçada pelos papéis sociais e convenções culturais próprias do contexto. As autoras, entretanto, pautam-se em uma noção jurídica da posição das mulheres na Antiguidade, sem que exista uma discussão propriamente sociológica sobre os espaços e funções ocupadas por elas durante o período do Egito Ptolomaico e Romano.²²

Apesar destas obras e de outras que podem ser consideradas como pioneiras, é a partir da década de 1970 que as discussões propriamente feministas – produtoras de uma História das Mulheres e, posteriormente, deslocando para a categoria interseccional gênero – ocorrem. Foxhall discute que, apesar da existência de obras que tratam sobre mulheres e família na Antiguidade, o “cânone” da disciplina seguia sem grandes modificações. A autora cita a relevância de Jérôme Carcopino, classicista que viria a ser Ministro da Educação do governo de Vichy. Carcopino, em sua obra mais conhecida, *Roma no Apogeu do Império*, toma as fontes da literatura romana sem o devido rigor científico, e compara uma suposta emancipação/feminismo das mulheres romanas com a contemporaneidade, inclusive “culpando” as romanas pela queda do Império. Para Foxhall, o uso de Carcopino nos currículos até a década

estado de conservação e qualidade da linguagem) e sobre seu conteúdo. Como a maioria das peças é de origem documental, os comentários ligando-os a questões jurídicas são bastante frequentes.

²² Infelizmente não temos acesso ao texto das autoras em sua integralidade. No que tange ao trabalho de Claire Preaux, esta falta de acesso é devida a uma circulação limitada no Norte Global. A obra de Biezunska infelizmente foi pouco analisada quando de sua publicação, visto que seus escritos foram perdidos durante a II Guerra Mundial. Cf. BAGNALL, Roger. *A Century of Women's History from the Papyri*. In: ANCONA, Ronnie; TSOUVALA, Georgia. **New Directions in the Study of Women in the Greco-Roman World**. New York: Oxford Academic, 2021. P. 95-112.

de 1980 indica certa resistência da própria disciplina em considerar outras perspectivas teóricas e novas maneiras de se aproximar do mundo antigo.²³

A virada epistemológica proposta pelos estudos de gênero desloca, em vários aspectos, a própria forma de se pensar a categoria *mulher* no mundo antigo. Se, em um momento inicial, as diferenças biológicas pautaram uma produção historiográfica centrada na categorias mulher, a partir do artigo *Gênero, uma Categoria Útil de Análise Histórica*,²⁴ de Joan Scott, a posição ocupada pelas mulheres na Antiguidade passa a ser entendida a partir de sua relação com outras variáveis, especialmente aquela relacionada ao poder aquisitivo/social. Bagnall, inclusive, considera a virada epistemológica produzida pelos estudos de gênero como uma das perspectivas que mantém sua relevância dentro da papirologia, visto que procura modificar a própria construção narrativa, tanto da disciplina como dos sujeitos estudados, o que não ocorre, na visão do autor, em análises sobre a economia e as emoções, por exemplo.²⁵ Com a multiplicidade de formas de pensar as mulheres do Egito Romano e com o elevado número de documentos que tratam sobre suas experiência no contexto, é possível analisar de maneira pormenorizada como viviam e o que era esperado do papel social que ocupavam, especialmente dentro da família.

Com tais posições teóricas e metodológicas em mente, dividimos esta tese da seguinte maneira: além da presente introdução, discutiremos no capítulo dois os significados do conceito de família – tanto para os antigos quanto em suas recuperações modernas. Percorreremos os ideais de família dos antigos, as utilizações da família antiga especialmente ao longo dos séculos XIX e XX e as análises historiográficas sobre o tema. Este capítulo serve como uma forma de localizar nosso entendimento sobre a família, especialmente enquanto espaço de disputas discursivas de cunho político e, também, historiográfico.

No terceiro capítulo, já com a questão da documentação em pauta, discutiremos a materialidade dos documentos aqui analisados e suas especificidades. Em um primeiro momento, a discussão será centrada nas cartas – qual seu significado e uso no mundo antigo e suas análises contemporâneas. Posteriormente, a discussão

²³ FOXHALL, Lin. Gender and the Study of Classical Antiquity. In: _____, **Studying Gender in Classical Antiquity**. Cambridge: Cambridge University Press, 2013. P. 4-5.

²⁴ SCOTT, Joan W. **Gênero: uma categoria útil de análise histórica**. Educação & Realidade, v. 20, n. 2, 1995, p. 71-99.

²⁵ BAGNALL, Roger. *Op cit.*, 2020.

centrará especificamente na papirologia, enfatizando as disputas políticas por trás do processo de descoberta dos papiros, em fins do século XIX e no início do século XX. Ao analisarmos estes pontos, também traremos uma breve discussão sobre a constituição do campo de estudos sobre o Egito Romano.

No quarto capítulo, apresentaremos nossa metodologia de análise da documentação e a tradução das cartas aqui selecionadas. Esta metodologia discorre, de maneira breve, sobre questões relacionadas à tradução dos papiros, e elenca algumas contribuições da teoria pós-estruturalista para pensar a constituição de um *corpus* documental distinto, configurando-se enquanto um deslocamento de narrativas sobre a constituição familiar no Egito Romano. Dentre nossa seleção, estão 19 cartas de temática mais geral e outras 06 que pertencem à mesma família, conhecida como o *Arquivo de Ploutogenia e Paniskos*.

Nos dois últimos capítulos empreenderemos as análises da carta. No capítulo cinco, nosso foco são 19 peças que versam sobre diferentes assuntos. As organizamos a partir das categorias mais evidentes em cada uma – questões legais, questões econômicas, afetividades e ressentimentos, e saúde. A perspectiva que adotamos relaciona os termos afetivos ao conteúdo enunciado nas cartas, salientando a importância da linguagem afetiva na constituição dos espaços generificados dentro da família, e como esta se constrói enquanto espaço de diferença – seja porque complexifica relações entendidas como pautadas apenas na lógica de poder enfatizada pela documentação, seja como um contraponto à historiografia que identifica na família um lugar sempre de poder masculino. A análise da linguagem afetiva, nesse contexto, propicia novas possibilidades de entender o mundo antigo e, em especial, a família antiga.

O último capítulo desta tese discute um grupo de cartas específico, denominado *Arquivo de Ploutogenia e Paniskos*. Estas cartas, trocadas entre a mesma família, possibilitam um aprofundamento das questões apresentadas no quinto capítulo, visto que podemos vislumbrar as relações familiares e a utilização da linguagem afetiva de forma mais efetiva, entendendo seus significados direto na constituição deste grupo. Além disso, este arquivo nos possibilita uma análise sobre o silêncio enquanto ação – não falar e não responder configura-se, então, como uma escolha.

Por fim, é importante salientar também de que maneira a análise da linguagem afetiva na Antiguidade pode oferecer um panorama mais diverso sobre o modo pelo

qual as mulheres se viam e entendiam o papel social que ocupavam em um contexto, especialmente na família, nosso foco de análise. Ao examinar a linguagem afetiva a partir de narrativas construídas por mulheres e sobre estas nos papiros é possível observar uma nova faceta do mundo antigo – de como as mulheres retratavam suas emoções e quais eram as comunidades emocionais às quais pertenciam. Se as emoções são vistas como elementos determinantes na análise sobre o mundo moderno, seu estudo em relação ao mundo antigo ainda é um tema pouco explorado, especialmente fora da documentação oficial. Assim, a pesquisa também pretende contribuir para uma análise das emoções no mundo antigo a partir de fontes não oficiais.

Consideramos que esta pesquisa proporciona um novo olhar sobre o mundo antigo, especialmente em um contexto tão singular como o Egito Romano, com suas tradições egípcias, helênicas e romanas. Visa também fortalecer os estudos sobre a História Antiga que se preocupam com as diferenças e construções discursivas do que é o mundo antigo e quais seus usos políticos em outros contextos, evidenciando de que maneira olhar para o passado reflete problemas da contemporaneidade - além de observar o passado buscando o que foi esquecido e intencionalmente silenciado. Não se pretende, com isso, olhar para o passado procurando a grandiosidade dos antigos como exemplo, ou ver o mundo antigo de maneira negativa a partir de lentes contemporâneas, mas sim observar as complexas facetas do poder e da constituição da sociedade na Antiguidade com alteridade, para repensar questões e problemas que permeiam a prática historiográfica na atualidade.

2 FAMÍLIA ANTIGA, DISCUSSÕES MODERNAS

A História da Família é um campo de estudos que, como seu nome já indica, tem como principal interesse a análise da instituição familiar em variados contextos e a partir de diferentes tipos de documentos. Por sua permanência, a família é considerada um ponto central para a compreensão de modos de vida, experiências nos âmbitos público e privado, afetividades, sensibilidades, questões econômicas e políticas, entre outros temas que perpassam uma das instituições mais antigas da humanidade.

Além disso, a família foi e continua sendo espaço de disputas e debates. Alguns exemplos destas disputas são bastante evidentes no Brasil: projetos de lei procuram delimitar juridicamente o que estas são, e há um reforço do poder da família diante de outros espaços da sociedade, principalmente, da escola. Por outro lado, a luta pelo reconhecimento de direitos das famílias “não tradicionais”²⁶ é cada vez mais presente, e ganha espaço tanto no discurso político como na sociedade civil.

Segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE, família é um conceito definido como o “conjunto de pessoas ligadas por laços de parentesco, dependência doméstica ou normas de convivência, residente na mesma unidade domiciliar, ou pessoa que mora só em uma unidade domiciliar”. A partir desta definição, parece evidente que diferentes configurações de convivência e afetividades estão incluídas, ainda que exista no imaginário popular a família como unidade em que vive um casal heterossexual e seus filhos. Os dados de 2015 da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios – PNAD demonstram que este tipo de arranjo familiar divide espaço com diferentes configurações, como a família mosaico (quando um homem, que já tem filhos, casa-se com uma mulher que também já tem filhos e, posteriormente, o casal têm mais um filho), a formada apenas por mulheres idosas, as homossexuais e a formada por casais sem filhos. Estas mudanças podem ser observadas no Brasil ao longo das últimas décadas, relacionadas especialmente com a inserção da mulher no mercado de trabalho, o maior acesso à escolarização, a

²⁶ Entendemos como famílias não tradicionais todas aquelas que afastam-se de um modelo de família nuclear com pai, mãe e filhos.

diminuição da taxa de fecundidade, o aumento no número de divórcios e de recasamentos.²⁷

A historicidade e todas as disputas em torno do significado de família mostram que esta, ainda que se configure enquanto uma instituição permanente e importante ao longo do tempo, não permaneceu imune a diferentes percepções e mudanças. As variadas definições, configurações e funções da família demonstram que este conceito é, também, reapropriado e repensado em contextos anteriores, o que pode ser observado de maneira bastante evidente no caso da família na Antiguidade. Definições ligadas aos ideais da *patria potestas* foram retomadas inclusive na formação dos Estados Nacionais – o poder pátrio foi entendido como fundamento de uma nova nação que, mesmo revestida com um verniz de modernidade, manteve várias de suas relações de poder assimétricas e justificadas, em alguma medida, pelos ideais compartilhados com os antigos gregos ou romanos.

Para além destas retomadas posteriores e dos usos do conceito, é importante analisar de que maneira a História da Família, entendida como um campo de estudos específico dentro da História, estabeleceu uma posição historiográfica que, à sua maneira, também reforçou determinados estereótipos e funções primordiais da família enquanto instituição. A presente análise perpassa, de maneira breve, a formação da disciplina e, de modo mais aprofundado, a configuração desta na análise sobre o mundo antigo, enfatizando o período romano-tardio e o próprio Egito Romano enquanto espaço de diferenças e semelhanças entre as práticas do Império.

Mesmo que estejamos trabalhando com um contexto periférico e tardio ao tratar do Império Romano, partimos da perspectiva de que, exatamente a partir das diferenças entre as localidades do Império, podemos observar uma variedade maior de perspectivas sobre a família – que é romana, mas também carrega traços da cultura egípcia e da cultura helênica. Isso significa uma desnaturalização do que significava esta família e uma gama mais ampla de possibilidades na análise da experiência humana no passado.

Acreditamos que, desta maneira, será possível traçar um panorama que abrange algumas definições próprias do mundo antigo sobre a família – *patria*

²⁷ INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Retratos**: a revista do IBGE. Rio de Janeiro: IBGE. n. 6, dez. 2017. P. 17-19. Disponível em: https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/media/com_mediaibge/arquivos/3ee63778c4cfdbcbe4684937273d15e2.pdf

potestas, domus, familia, oἶκος – e as retomadas destas em contextos específicos da Modernidade, especialmente ligadas às formações dos Estados Nacionais e a ideais abertamente políticos, como no caso do fascismo italiano.

Outro ponto a ser analisado são as mudanças historiográficas ocasionadas pela constituição do campo, da descoberta de diferentes documentos e do impacto de outras epistemologias, notadamente os estudos de gênero. Nessa perspectiva, a análise historiográfica será uma ferramenta para a definição do que entendemos como família dentro do contexto estudado, levando em consideração a documentação analisada nesta tese.

2.1 O QUE É A FAMÍLIA ANTIGA?

Ao se trabalhar com os ideais de família, é preciso que tenhamos de maneira bastante definida o que significava este conceito no passado, mais especificamente no mundo antigo. Nesta seção, discutiremos de que maneira determinados autores antigos conceberam a família, além de analisar alguns elementos da legislação para conceituá-la. Traremos perspectivas do mundo romano, e também algumas análises da tradição egípcia, visto que compreendemos o contexto do Egito Romano como um espaço que, mesmo dominado politicamente primeiro pela dinastia ptolomaica e posteriormente pelos romanos, tem aspectos culturais que podem remontar ao Egito Antigo.²⁸ Ainda assim, não pretendemos construir de maneira linear e completamente alicerçada nos documentos da Antiguidade o que efetivamente era entendido como a família no Egito Romano, mas sim pensar nas formas culturais que esta adquiriu ao longo dos séculos, e como a documentação aqui analisada pode reforçar ou deslocar os ideais e funções ligadas à família.

A família antiga, tal qual na contemporaneidade, era uma instituição basilar para o entendimento de toda a sociedade, e várias foram as teorizações e leituras realizadas sobre elas, que procuraram definir, limitar e construir um conceito ideal. Quando pensamos especificamente no mundo romano, podemos salientar a análise da família a partir de alguns autores do período de Augusto, que construíram, segundo Dixon, uma mentalidade sobre o funcionamento da família. Existia, já no mundo

²⁸ Esta perspectiva não pretende, por sua vez, colocar o Egito como “lugar especial” dentro do mundo romano. Discutiremos esta questão no próximo capítulo.

romano, uma visão moralizante do passado em relação ao presente, o que significava uma contraposição entre a decadência da vida no início do período imperial e aquela da Roma arcaica, algo que discutiremos mais adiante.²⁹

Ainda segundo Dixon, a família romana era caracterizada por diversas funções: reprodução, transferência de propriedades, subsistência, suporte material e emocional. Dentro deste núcleo específico de sociabilidade, várias relações de poder podem ser analisadas, sendo uma das mais importantes do mundo romano o *patria potestas*, ou seja, a noção de que o pai (*paterfamilias*) tinha poder absoluto diante de seus descendentes dentro do âmbito familiar. Este exercício de autoridade era marcado também por sua durabilidade: um indivíduo estava sob o poder de seu pai mesmo após construir seu próprio núcleo familiar, sendo que este poder só era formalmente diluído quando o *paterfamilias* falecia, fazendo com que cada indivíduo formasse sua própria família. É importante salientar que a ideia de *paterfamilias* como detentor único do poder servia muito mais como uma mentalidade da sociedade romana, haja vista que, a partir de diferentes tipos de documentação, é possível inferir que as relações que se estabeleciam entre os sujeitos, principalmente na esfera familiar, iam além do simples domínio masculino.³⁰

Dentro desta perspectiva, Arjava pontua que a importância deste ideal de poder na sociedade romana se dava principalmente no âmbito econômico, com ênfase nas questões de herança. Grande parte da renda obtida por famílias romanas de classes mais abastadas provinha de espólios garantidos pela figura masculina do chefe da família. No caso de famílias de classes inferiores, como pequenos agricultores, a herança também era um meio importante de subsistência, ainda que a perspectiva seja bastante diferente daquela esperada em famílias mais ricas: diante da falta de recursos, o papel dessa divisão de propriedade era bastante impreciso, visto que poucos indivíduos acumulavam capital suficiente para além da subsistência.³¹

Para além das questões econômicas citadas, é necessário lembrar que o *paterfamilias* detinha também o poder sobre as pessoas que estavam sob sua guarda, inclusive o poder de vida e morte dos tutelados, mas esta autoridade é considerada

²⁹ DIXON, Suzanne. **The Roman family**. Baltimore; London: J. Hopkins Univ., 1992. P. 24.

³⁰ *Idem*, p. 30-31.

³¹ ARJAVA, Antti. Paternal Power in Late Antiquity. **The Journal of Roman Studies**, v. 88, 1998. p. 148-149.

majoritariamente simbólica.³² Ainda que castigos corporais fossem comuns, estes eram aplicados com mais frequência em crianças, uma vez que filhos adultos eram repreendidos verbal ou juridicamente.³³

Nessa perspectiva, é importante salientar qual concepção de família estamos utilizando aqui, já que existem diferenças entre nossas ideias contemporâneas do que a família significa – uma instituição jurídica pautada nos laços sanguíneos – e o que era entendido pelos antigos. Dixon analisa que o termo romano *familia* era raramente utilizado com o sentido estrito de parentesco: seu uso mais comum, principalmente depois de Ulpiano, é no sentido de agregado familiar, ou seja, comporta além dos laços sanguíneos também os escravos pertencentes a um casal.³⁴ Ainda segundo a autora, o termo mais utilizado é *domus*, a casa, e esta era estruturada em uma família nuclear, com exceção do Egito Romano.³⁵

No que tange à legislação, podemos salientar os escritos do já citado Ulpiano, nos quais o jurista destaca a definição e a forma da família. De maneira resumida, *familia* define-se pela submissão de determinadas pessoas a um único sujeito, comumente o *paterfamilias*. A noção de família também é aplicada para todos aqueles que tem uma ascendência comum e dividem um espaço físico comum – o agregado familiar, que continha inclusive escravos como pertencentes à *familia*.³⁶

Certamente a legislação serve como base para a punição de práticas comuns em um contexto, mas ela reflete uma posição específica dos juristas em relação à própria concepção de família e dos papéis sociais ocupados, como salienta Dixon, ao afirmar que há uma ideologia própria na retomada dos textos legislativos – é importante lembrar que as compilações sobre a legislação romana são construídas posteriormente e carregam por si só certos olhares específicos sobre a posição principalmente ocupada pelas mulheres.³⁷

³² *Ius vitae necisque*. Valério Máximo cita exemplos deste poder. Cf. GARDNER, Jane; WIEDEMANN, Thomas. **The Roman Household: a sourcebook**. London and New York: Routledge. 1991. p. 13

³³ ARJAVA, Antti. *Op. Cit.*, p. 153.

³⁴ Optamos por traduzir a palavra *household*, comumente utilizada nas discussões sobre História da Família, como agregado familiar em virtude da dificuldade em encontrar uma palavra da língua portuguesa que dê conta do sentido familiar sem que este seja resumido a seu aspecto do parentesco.

³⁵ DIXON, *op. Cit.*, p. 3.

³⁶ FRIER, Bruce W.; MCGINN, Thomas A. J. **A Casebook on Roman Family Law**. Oxford: Oxford University Press, 2004. p. 18–19.

³⁷ DIXON, Suzanne. **Reading Roman Women**. London: Bristol Classical Press, 2001. p. 86.

Para exemplificar nossa perspectiva, tratamos aqui de algumas sátiras de Juvenal, romano que viveu nos primeiros séculos da era comum. Sátiras, enquanto gênero literário, não podem ser consideradas como um reflexo da realidade, mas é possível analisar a partir delas questões sobre o papel das mulheres no contexto romano.³⁸

Na sátira VI, a mais longa e mais conhecida, Juvenal tenta dissuadir Postumus a se casar e, para isso, caracteriza extensivamente as mulheres e o casamento de forma negativa. A devassidão das mulheres e, conseqüentemente, o declínio do casamento e da organização familiar enquanto bases de Roma estariam ligados ao conforto e à paz do período imperial, que contrastaria com um passado mítico de trabalho duro.³⁹ A “culpa” das mulheres nesse contexto era evidente: elas não valorizavam o conforto que possuíam e facilmente largavam seus companheiros para perseguir aventuras romântico/sexuais com homens de estratos sociais inferiores. Além disso, também há uma percepção negativa das mulheres quando mostram-se educadas “demais”, outro aspecto que denota a necessidade de mulheres castas e, em alguma medida, submissas aos próprios maridos.⁴⁰

Mesmo que a peça de Juvenal enfatize as mulheres, podemos analisá-la como uma obra que compreende o problema do casamento enquanto instituição falha no período imperial quando comparado com o passado mítico romano. Longe de ser um reflexo da realidade, a sátira opera enquanto um gênero literário exagerado que procura dramatizar a relação entre um senso comum de seu período de escrita e um conhecimento sobre o passado. Nessa perspectiva, a sátira VI de Juvenal revela não uma imagem verdadeira do período imperial, mas uma visão específica de parte da elite romana sobre as mulheres e o valor do casamento. Como Dixon argumenta, é

³⁸ Jérôme Carcopino, classicista francês e Ministro da Educação durante o governo de Vichy, utilizou-se dos escritos de Juvenal de maneira a corroborar não apenas a devassidão das mulheres da Antiguidade, como o problema contemporâneo atrelado às mulheres com excesso de direitos e pouca retidão moral, ou seja, as feministas. CARCOPINO, Jerome. **Roma no apogeu do Império**. São Paulo: Companhia das Letras: Círculo do Livro, 1991. P. 99-125. Como contraposição a este posicionamento sobre as mulheres e uma leitura mais aprofundada sobre as posições de gênero a partir das sátiras, cf. SILVA, Lorena Pantaleão da. **Rindo do sagrado**: as práticas religiosas femininas nas obras de Juvenal e Petrónio (séc. I-II D.C.). 2011. 122f Dissertação (mestrado) - Universidade Federal do Paraná, Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes, Programa de Pós-Graduação em História. Defesa: Curitiba, 17/03/2011. Disponível em: <http://hdl.handle.net/1884/25768>.

³⁹ Juvenal, Sat. VI, 1-24. Para a tradução, cf. JUVENAL. **Sátiras**. Ediouro, 1991. P. 56.

⁴⁰ Juvenal, Sat. VI, 398-456. *Idem*, p. 59-60.

possível pensar estas narrativas como uma mentalidade de como a família deveria ser e de que maneira, idealmente, as mulheres deveriam agir.⁴¹

À vista disso, a representação exagerada – quase caricata – da família e das mulheres serviria como uma expressão de valores imperiais negativos, que deveriam dar lugar àqueles do passado mítico romano – algo reforçado pela própria política augustiana. Esta perspectiva não abarcava a totalidade da realidade durante o período imperial, mas representava um ideal de família – que, mesmo neste contexto, já era múltipla e contava com diferentes expressões de afetos, desafetos e jogos de poder.

Para os egípcios, por sua vez, podemos remontar à literatura do Reino Médio (2040 AEC – 1640 AEC) e do Reino Novo (1550 AEC – 1070 AEC) para analisar de que maneira a família era entendida e, principalmente, como os papéis de gênero operavam. Quanto a esta análise, cabe ressaltar também que, até o século XX, boa parte da historiografia defendia uma pretensa igualdade nas relações familiares do Egito Antigo, em contraposição ao papel diminuído das mulheres nas sociedades grega e romana. Tal perspectiva constituía-se como uma busca pelas origens, ou seja, a busca por um matriarcado primitivo, positivo, no qual seria possível perceber a *real* função das mulheres, algo que fora usurpado posteriormente pela dominação patriarcal. Além disso, este tipo de perspectiva descartava a própria idealização presente nas obras literárias do Egito no Reino Novo, produzidas comumente pela elite e demonstrando ideais específicos sobre a função da casa, da família e da esposa.⁴²

É possível classificar a literatura destes períodos, segundo Balthazar e Coelho,

como literatura fantástica, que se caracteriza por uma quebra da realidade que resulta em eventos extraordinários; literatura gnômica, gênero no qual se inserem os chamados *ensinamentos* ou *instruções*; e, por fim, a literatura lírica, gênero do qual fazem parte os *poemas de amor*.⁴³

⁴¹ DIXON, *op. Cit.*, p. 24.

⁴² BALTHAZAR, Gregory S.; COELHO, Liliane C. As múltiplas sensibilidades do feminino na literatura egípcia do Reino Novo (c. 1550 – 1070 a. C.). In: CANDIDO, Maria R. (org.). **Mulheres na Antiguidade**: novas perspectivas e abordagens. Rio de Janeiro: NEA/UERJ, 2012. P. 157-161.

⁴³ *Idem*, p. 162. Grifos no original.

Em termos amplos, é possível definir que, tanto na literatura fantástica quanto na literatura gnômica, o papel a ser exercido pelas mulheres é de conservação da família. Nas histórias fantásticas são descritos os infortúnios que sofrem aquelas que se desviam de seu caminho natural de cuidado da casa e dos seus. Os problemas relatados, que muitas vezes culminam na morte e/ou na desonra, reforçam a importância da manutenção do casamento e da harmonia do lar, o que era quebrado em virtude das atitudes devassas das mulheres. De maneira semelhante, a literatura gnômica reforça uma noção de cordialidade familiar. A manutenção desta seria operada pelo esposo, que tinha como obrigação um bom tratamento de sua esposa, mas sem que isso significasse garantir qualquer tipo de poder e de legitimação para ela.⁴⁴ Esta ideia de um casamento harmonioso é observada por Rowlandson no Egito pós-faraônico, o que reforça a noção de um imaginário constante que centraliza o casamento e a família e coloca as mulheres em uma posição de sujeitos cujas ações definem seu sucesso ou insucesso.⁴⁵

Lynn Mescal, em sua análise sobre o Egito durante o Reino Novo, salienta que o agregado familiar era o principal espaço da vida privada. Segundo a autora, as evidências de Deir el Medina sugerem que os recém-casados comumente viviam na casa de seus pais ou próximo destes, perspectiva que encontra ressonância em documentos do Egito Romano.⁴⁶ Para aprofundar esta análise, que leva também em consideração a divisão entre o espaço público e privado, a autora salienta diferentes posições eram ocupadas pelas mulheres do período. Segundo Meskell, a comparação entre mulheres do Egito Antigo e aquelas pertencentes a outras sociedades da Antiguidade (como Grécia e Roma) acaba por simplificar relações sociais complexas, que iam além da mera questão de gênero – é necessário levar em consideração questões econômicas, domésticas, religiosas, legais, entre outras, para que seja possível compreender de maneira mais ampla o espaço social ocupado por elas.⁴⁷ A ideia de liberdade econômica, por exemplo, era proveniente da ação das mulheres dentro da casa, especialmente do trabalho de costura. Mulheres detinham, também, liberdade quanto à administração de propriedades dentro do casamento, apesar das

⁴⁴ *Idem*, p. 163-166.

⁴⁵ ROWLANDSON, Jane (Ed.). **Women and Society in Greek and Roman Egypt: A Sourcebook**. Cambridge: Cambridge University Press, 1998. P. 156, 195-196.

⁴⁶ MESKELL, Lynn. **Private Life in New Kingdom Egypt**. Princeton: Princeton University Press, 2002. P. 95-97.

⁴⁷ *Idem*, p. 108.

evidências sugerirem para elas uma realidade mais conflituosas, que em muitos casos sofriam o divórcio e não entravam com o pedido deste.⁴⁸

Ao analisar a perspectiva a amorosa, ou seja, relacionada aos escritos de amor em poemas, Meskell aponta para a relevância deste tipo de documentação, visto que elucidam de que maneira uma civilização pré-moderna entendia suas emoções e, assim, deslocam um ideal de desenvolvimento emocional como traço civilizatório. Para a autora, o ideal de amor poético egípcio está ligado à paixão, às emoções e ao prazer físico. Este tipo de poema pode ter sido também ditado por mulheres, mas esta hipótese é questionável, uma vez que a própria constituição narrativa dos poemas coloca as mulheres em uma posição com pouca agência.⁴⁹

Ao longo desta seção, retomamos alguns aspectos romanos e egípcios sobre a família, o casamento e as atribuições consideradas femininas dentro da família. Para finalizar, vamos analisar um excerto próprio do Egito Romano: uma carta da escola neopitagórica, datada do século III da era comum. Esta peça difere-se das analisadas nesta pesquisa – é uma carta com função pública e insere-se em uma lógica de gênero literário. Além disso, este escrito em específico dá voz a duas mulheres, algo pouco comum no período.⁵⁰

Quanto ao conteúdo, a carta demonstra um processo de continuidade com o que foi aqui apresentado, visto que discorre em especial sobre a necessidade de decência feminina quanto ao casamento, simbolizada por um conjunto de comportamentos moralizantes: *“a mulher prudente⁵¹ e livre deve habitar com seu marido legítimo, embelezada por sua serenidade”*.⁵²

A visão moralizante está em direta contraposição ao comportamento libertino – uso excessivo de adornos e maquiagem, roupas de coloração púrpura e dourada, pouca preocupação com a manutenção da casa –, entendido como típicos apenas para as prostitutas. Uma mulher de bons atributos deveria ser modesta em sua imagem pessoal, respeitar os anseios de seu esposo como se estes fossem a

⁴⁸ *Idem*, p. 109-110.

⁴⁹ *Idem*, p. 128-130.

⁵⁰ Rowlandson permanece cética quanto a autoria feminina da carta. Pomeroy, por sua vez, argumenta em favor desta autoria feminina, argumentando que a presença de mulheres nas escolas neopitagóricas era recorrente. *Idem*, p. 327; POMEROY, Sarah B. **Women in Hellenistic Egypt: from Alexander to Cleopatra**. New York: Shocken Books, 1984. P. 61-67.

⁵¹ Prudente, aqui, também funciona para a boa administração da casa.

⁵² ROWLANDSON, Jane. *Op. Cit.*, p. 327. No original: *“the prudent and free woman should dwell with her lawful husband, embellished by her quietness”*.

própria lei, e cuidar da casa de maneira a preservar sua própria família.⁵³ Nas colocações deste documento há uma forte relação entre o sucesso da família e a posição ocupada pelas mulheres – algo comum dentro de diferentes culturas patrilineares do mundo antigo.

O que os documentos aqui apresentados podem evidenciar sobre a situação da família e dos espaços sociais ocupados a partir da diferenciação de gêneros? Mesmo que estes discursos salientem a necessidade da mulher virtuosa para a manutenção da família enquanto uma instituição duradoura, podemos analisá-los a partir de uma premissa diferente: se há uma constante preocupação com a família e com a função feminina dentro desta, podemos inferir que nem todos os comportamentos estão de acordo com os ideais de família e de mulher virtuosa apresentados. A ideia de legitimação de uma forma familiar e de uma função feminina pode demonstrar outras experiências, entendidas como negativas no contexto – mulheres que pouco importavam-se com a família, que vestiam-se de maneira considerada inapropriada e que não seguiam os estereótipos impostos de cidadã virtuosa.

Como apresentamos ao longo desta seção, a família antiga, ainda que com diferenças regionais, possuía algumas funções específicas - a manutenção da natalidade, a transmissão de heranças, o suporte na velhice. O que nos interessa salientar, por sua vez, é a idealização sobre a família explicitada na maioria dos discursos aqui analisados e, principalmente, sobre o espaço ocupado pelas mulheres dentro das funções familiares e de sua manutenção. Longe de representar a totalidade da experiência no mundo antigo, os discursos moralizantes da família antiga demonstram a importância desta instituição – que constantemente é questionada e repensada –, ao mesmo tempo que procuram defini-la de maneira a manter uma ordem social. Estas visões, entretanto, chocam-se com outros documentos que demonstram nuances mais amplas da experiência familiar, como as cartas aqui analisadas.

Podemos salientar, por fim, que os relatos sobre a família antiga foram analisados dentro de uma lógica historiográfica que os constrói como um regime de verdade, a partir de uma tentativa de reconstituição do passado no poder masculino.

⁵³ *Idem, ibidem.*

Partindo desta premissa, nota-se também um uso político do sentido da família antiga, com uma via dupla de legitimação entre história e política – basta lembrar, por exemplo, as obras acadêmicas financiadas pelo regime nazifascista no século XX. Este é o tema que discutiremos na próxima seção.

2.2 OS USOS POLÍTICOS DA FAMÍLIA ANTIGA

O mundo antigo foi utilizado, em diferentes momentos e de diferentes formas, como ideal de fundamento civilizacional.⁵⁴ Pela posição privilegiada que os antigos ocupavam no imaginário europeu, a família antiga – e, aqui, especialmente a romana – foi a fonte a partir da qual se sustentou a própria concepção da família burguesa moderna. Enraizada não somente nas percepções de masculinidade, mas também utilizada, em alguma medida, como justificativa para determinados comportamentos e ações jurídicas, o grupo familiar romano foi de fundamental importância para a própria constituição do que era aceito como comportamento adequado: notadamente a submissão de mulheres e crianças ao pai, entendido como grande provedor e detentor de um certo direito de vida e de morte⁵⁵ sobre os seus.

A leitura realizada pelos modernos desta família antiga era, em grande parte, um modo de visualizá-la enquanto uma estrutura permanente, que deveria manter-se da mesma maneira que se estabeleceu no período romano. Para isso, era necessário focar em aspectos específicos, como a relação do *paterfamilias*, e ignorar questões importantes, como o direito feminino ao divórcio – ainda que este ocorresse sob circunstâncias bastante específicas.

Como exemplo, podemos citar o Código Napoleônico: produzido entre 1800 e 1804, foi baseado nas premissas do Iluminismo, da Revolução Francesa e do Direito Natural. Enquanto código de leis, foi instituído para ligar a influência do Direito Romano no sul da França à prevalência do Direito consuetudinário no norte. Há uma ênfase geral na questão familiar, especialmente no poder exclusivo do pai (e não da mãe) sobre os filhos até o momento de emancipação. Esta configuração de leis foi replicada, ainda que com modificações, em diferentes localidades, demonstrando a

⁵⁴ Discutiremos de maneira mais aprofundada sobre a formação do campo dos Estudos Clássicos enquanto ferramenta de dominação no contexto do Imperialismo no próximo capítulo.

⁵⁵ Esta ideia é proveniente do Digesto de Justiniano, mas já durante o período (século VI) é considerada extremista, especialmente quando pensada no contexto da Antiguidade Tardia.

pertinência dos escritos romanos na definição de família mesmo na contemporaneidade.⁵⁶

A família antiga também foi a base do pensamento de Friedrich Engels em sua obra *A Origem da Família, da Propriedade Privada e do Estado*. Partindo de uma perspectiva relacional com a obra de Lewis H. Morgan, Engels procura construir uma gênese da sociedade e da organização familiar modernas. Nesse sentido, a família antiga (aqui, pré-histórica) opera um papel importante: diferentemente dos conceitos posteriores (como o romano, que enfatiza o papel masculino), a organização familiar que se constituiu enquanto um campo de diferença, longe da propriedade privada e, em alguma medida, do capitalismo, seriam as sociedades matrilineares.⁵⁷ A ideia de um matriarcado primitivo é revolucionário no contexto de escrita de Engels, e sua busca por esta família antiga – que seria tanto mais próxima de uma concepção efetiva do socialismo quanto deslocaria os ideais do casamento e da família nuclear burguesa – reflete uma visão quase romântica e moralizante: um passado idílico em que os males do capitalismo e da burguesia não a teriam corrompido.

Apesar destas questões, a obra de Engels pode ser considerada singular em seu contexto de produção, e os desdobramentos de sua análise – ainda que persista uma visão típica de um homem do século XIX em assuntos como a homossexualidade e um certo juízo de valor sobre questões de gênero – foram incorporados para pensar aspectos mais profundos da ligação entre gênero, sexualidade e a constituição da monogamia enquanto modo de vida hegemônico das sociedades modernas.

Outro uso político bastante notável da família antiga foi perpetrado por Mussolini durante o regime fascista na Itália. A influência da Roma Antiga no regime fascista é algo recorrente e diversos estudos já se debruçaram sobre este tema.⁵⁸ Podemos analisar que, assim como outros elementos do passado romano foram reapropriados dentro do contexto do regime fascista, a concepção de família

⁵⁶ NETO, Eugênio F. Code civil francês: Gênese e difusão de um modelo. **Revista de Informação Legislativa: RIL**, Brasília, DF, v. 50, n. 198, p. 59-88, abr./jun. 2013. Disponível em: <https://www2.senado.leg.br/bdsf/handle/id/496956>

⁵⁷ ENGELS, Friedrich. **A origem da família, da propriedade privada e do Estado**. 3. ed São Paulo: Expressao Popular, 2012.

⁵⁸ Cf. SILVA, Glaydson J. **Antiguidade, Arqueologia e a França de Vichy**: usos do passado. São Paulo: Annablume. FAPESP, 2007; RUFINO, Rafael A. N. **O bimilenário de Augusto na Espanha (1939-1940)**: construções discursivas do franquismo sobre a Antiguidade romana. 2013. 125 p. Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Campinas, SP. Disponível em: <<http://www.repositorio.unicamp.br/handle/REPOSIP/279189>>. Acesso em: 22 ago. 2018.

patriarcal, pautada na autoridade do *paterfamilias*, serviu como fundamentação de toda uma percepção de submissão dos sujeitos em relação ao Estado. Esta percepção foi evidenciada na *Mostra Augustea dela Romanità*, uma exposição organizada para a comemoração do aniversário de Augusto. A exposição, que ocorreu entre 23 de setembro de 1937 e 04 de novembro de 1938, organizou 80 salas (das quais as 26 primeiras tratavam cronologicamente da História de Roma, desde sua origem até a ascensão do cristianismo) que versavam sobre diferentes aspectos da vida social e cultural do mundo romano. A sala 61, que tratava especificamente da família romana como um todo⁵⁹, enfatizava sua singularidade – esta seria única dentre todas as diferentes civilizações do mundo antigo – e sua estrutura básica: submissão ao pai, respeito à mãe e culto à sabedoria dos antepassados. A partir destes elementos, surgiria como consequência a obediência ao Estado – algo que buscava-se replicar no regime fascista italiano.⁶⁰

Os ideais de uma família centrada na rígida figura paterna, nos costumes antigos – *mos maiorum* – e na obediência ao Estado seriam a base a partir da qual a Itália moderna emularia o Império Romano e, desta maneira, poderia reconstruir sua grandiosidade. O Império Romano, como um todo, é entendido a partir de sua lógica imperialista, que enfatiza a capacidade de absorção de outras culturas e a submissão total destas a um ideal de *romanidade*. Esta ideia de um imperialismo romano, defendida desde o século XIX como justificativa das próprias pretensões imperialistas europeias⁶¹, tinha como base a noção de “romanização” dos territórios conquistados pelo Império Romano, ou seja, a adoção de elementos jurídicos e culturais dos romanos, a partir de uma aculturação e assujeitamento tanto de elites nativas locais como de outros sujeitos sociais.⁶²

⁵⁹ A sala 09 versava sobre a família de Augusto.

⁶⁰ ARTHURS, Joshua. **Excavating Modernity**: The Roman Past in Fascist Italy. Ithaca; London: Cornell University Press. 2012. p. 116.

⁶¹ Ainda que o foco desta pesquisa não discuta efetivamente o impacto de noções contemporâneas do Imperialismo na construção do estudo sobre o mundo antigo, é importante salientar que esta ideia perpassa a organização da disciplina de estudo do mundo antigo (*Altertumswissenschaften*) e sua consolidação enquanto um campo de estudos. Longe de significar uma aproximação neutra ao passado, as noções e a defesa de um Imperialismo Romano serviram como ideal civilizatório não apenas na Itália, mas também na Inglaterra e na Alemanha. No caso da Inglaterra e da Alemanha cf. FREEMAN, Philip W. M. Mommsen to Haverfield: the origins of studies of Romanization in the late 19th-c. Britain. In: MATTINGLY, David J. (Ed.). *Dialogues in Roman Imperialism – Power, discourse and discrepant experience in the Roman Empire*. Supplementary Series number 23, **Journal of Roman Archaeology**, 1997. p. 27-50.

⁶² A teoria pós-colonial tem sido o arcabouço teórico utilizado para construir a crítica destas posições sobre imperialismo romano e romanização. cf. HINGLEY, Richard. **O imperialismo romano**: novas

Mesmo que boa parte da documentação analisada nesta pesquisa já fosse conhecida no contexto do fascismo italiano e pudesse oferecer um deslocamento da visão de poder absoluto do *paterfamilias* e da submissão dos outros integrantes da casa, é apenas nos últimos quarenta anos que a historiografia de fato se debruçou para analisar a família antiga de maneira mais plural, o que será analisado na próxima seção.

2.3 A HISTORIOGRAFIA SOBRE A FAMÍLIA E SEUS DESDOBRAMENTOS NA ANÁLISE DO MUNDO ROMANO

Como analisamos nas seções anteriores, a própria concepção da família antiga constituiu-se enquanto um espaço ora negativo – como na visão de Engels – ora excessivamente positivo – como no fascismo italiano. No que diz respeito à historiografia, o estudo sobre a família antiga é um tema menor diante de um campo de estudos que procura, ao longo do período, salientar aspectos político-militares dos grandes generais antigos e de que maneira estes feitos poderiam ser reapropriados para difundir ideais como o Imperialismo e o racismo científico do século XIX. Ainda assim, acreditamos que é necessário trazer uma discussão sobre as visões historiográficas que deram sentido à família enquanto instituição e de que maneira estas impactaram na análise da família antiga.

Antes de pensar a tradição efetivamente historiográfica sobre o tema, cabe ressaltar que a discussão sobre a família enquanto instituição basilar para a compreensão da sociedade não se inicia no século XX. As discussões empreendidas por estudiosos de outros campos do conhecimento – como Engels e LePlay – evidenciaram a posição da família enquanto instituição que pode ser entendida em sua historicidade. Suas posições e métodos científicos, entretanto, são típicos do século XIX: carregados de visões evolucionistas e pautadas no racismo e no sexismo próprios do século XIX. Por este motivo, quando do deslocamento sobre este aspecto evolucionista da História da Humanidade, muitas das teorias foram desacreditadas. Ainda assim, estes autores no século XIX foram pioneiros a pensar os lugares da

perspectivas a partir da Bretanha. São Paulo: Annablume, 2010.; COOPER, Nick; WEBSTER, Jane (eds.); **Roman Imperialism: post-colonial perspectives**. Leicester: School of Archaeological Studies/University of Leicester, 1996; HINGLEY, Richard. **Globalizing Roman culture: unity, diversity and empire**. London; New York: Routledge, 2005.

mulher dentro da família, a hierarquia econômica que perpassava as questões familiares e os impactos da legislação na família.⁶³

A aproximação da História enquanto disciplina com a temática da família só se dá depois da Segunda Guerra Mundial, especialmente a partir das aproximações teóricas e epistemológicas com outras disciplinas, notadamente a Sociologia e a Antropologia. Isto levou a mudanças epistemológicas que focaram principalmente na Demografia História – o contexto pós-1945 impulsionou os estudos sobre a diáspora de populações e as taxas de fertilidade, natalidade e mortalidade, tudo isso, segundo Weathon, patrocinado ao menos em parte pela recém-criada Organização das Nações Unidas. A partir das inquietações próprias deste período histórico, é criado na França o *Institut National d'Études Démographiques*, liderado por Michel Fleury e Louis Henry. Os estudiosos desenvolveram um método de reconstituição familiar, baseado na estatística a partir dos dados demográficos – como censos, certidões de nascimento, óbito e casamento – para compreender a extensão e a função da família.⁶⁴

A família também foi entendida como objeto de pesquisa, no mesmo pós-1945, a partir de outra perspectiva que, aqui, nos interessa mais. Esta visão é a análise a partir da mentalidade, desenvolvida principalmente por Philippe Ariès, o historiador mais reconhecido no campo da História da Família – inclusive entendido como o principal criador deste campo de estudos. Sua obra mais aclamada, *História Social da Crianças e da Família*, analisa a invenção de um sentimento de infância, que seria algo próprio da época moderna. A partir de uma análise detalhada da cultura material, Ariès investiga uma mudança na atitude na relação com as crianças e assim, a constituição de uma percepção da infância como uma fase específica da vida.⁶⁵ Ariès foi reconhecido como um dos precursores no estudo sobre as mentalidades e tornou-se um dos principais nomes da terceira geração da Escola dos *Annales*, ainda que sua trajetória intelectual tenha sido, em alguma medida, diminuída por sua profissionalização tardia e por suas crenças política monárquicas.⁶⁶

⁶³ WHEATON, Robert. Observations On the Development of Kinship History, 1942-1985. **Journal of Family History**, 12(1-3), 1987. doi:10.1177/036319908701200116. p. 285–286.

⁶⁴ *Idem, ibidem*.

⁶⁵ Cf. ARIÈS, Philippe. **História Social da Criança e da Família**. Rio de Janeiro: Guanabara, 1986. 2. Ed.

⁶⁶ Sobre a questão da vida pessoal de Ariès, cf. HUTTON, Patrick H. The Postwar Politics of Philippe Ariès. **Journal of Contemporary History**, 34(3), 1991, p. 365-381. Dixon analisa que a retomada de LePlay empreendida por Ariès serviria como uma justificativa para sua perspectiva conservadora

Podemos afirmar que Ariès e a terceira geração da Escola dos *Annales* constituem esse novo campo de estudos historiográficos: a História da Família. Observando novos objetos e buscando outros tipos de evidência, a família proporcionava um olhar multidimensional sobre a sociedade, além de ressaltar a vida dos homens comuns, ou seja, uma história vista de baixo. Entretanto, é importante salientar aqui que a maior parte destes estudos pretendia analisar períodos históricos a partir do século XVI. Seria possível, então, pensar se houve algum impacto destas análises para o estudo do mundo antigo?

Talvez a principal questão sobre a maneira de pensar de uma História da Família na Antiguidade seja a própria separação dos campos de estudo – os Estudos Clássicos eram um lugar à parte em relação principalmente à História.⁶⁷ Desta forma, os estudiosos que desejassem trabalhar com o mundo antigo deveriam ter uma formação específica em Estudos Clássicos, perfazendo um método de trabalho e teorias específicas, que não necessariamente aproximavam-se daquelas defendidas no meio historiográfico. Além disso, como analisamos na seção anterior, muitos estudos sobre o mundo antigo, no período até 1945 e nos anos posteriores, foram impactados ora pelas perdas materiais e de pessoal, ora por posicionamentos favoráveis aos regimes nazifascistas.⁶⁸

As leituras que a historiografia realizou sobre a família no mundo romano fundamentaram-se muitas vezes no poder masculino e deixaram de lado documentos que demonstram o embate entre o ideal social de família e como as relações eram estabelecidas no âmbito privado. Segundo Dixon, até a primeira metade do século XX a maior parte dos estudos sobre a família romana se concentrava em analisar as fontes jurídicas.⁶⁹ A partir desta perspectiva de análise, certamente a ênfase no

sobre a família, que se pautava na autoridade paterna, na subserviência de mulheres e crianças e em distinções de gênero bastante rígidas. Entretanto, o próprio Ariès, na segunda edição de seu clássico livro sobre História Social da Infância, salienta que não acredita na família antiga multigeracional e se afasta, discursivamente, de LePlay.

⁶⁷ Esta perspectiva advém das separações disciplinares próprias do Norte Global – o curso propriamente dito de Estudos Clássicos (*Classics*) trata de uma especificidade, diferentemente dos cursos superiores de História.

⁶⁸ Rebenich analisa de que maneira essa reordenação do campo de estudos ocorreu especialmente na Alemanha e como, por um lado, relações pessoais e institucionais foram reestabelecidas, ao mesmo tempo em que a crítica política, em alguns casos, não foi desenvolvida de maneira aprofundada. Cf. REBENICH, Stefan. *ALTERTUMSWISSENSCHAFTEN ZWISCHEN KALTEM KRIEG UND STUDENTENREVOLUTION: Zur Geschichte der Mommsen-Gesellschaft von 1950 bis 1968. Hermes*, 143(3), 20015. P. 257-287.

⁶⁹ Um dos principais compilados sobre papiros, organizado por Wilckens e Mitteis, trata exaustivamente da questão jurídica.

paterfamilias é justificada, em especial pela longevidade deste conceito no mundo romano e pela continuidade do direito romano em diversos países europeus.

Este tipo de visão pautada no *paterfamilias* foi bastante reforçado pelos estudiosos da legislação romana, que não utilizavam outro tipo de documentação para analisar a sociedade romana e entendiam o regime jurídico como definidor das relações sociais. É importante salientar que estes estudiosos, como afirma Dixon, não existem fora de sua própria realidade e procuram observar na família romana questões pertinentes ao contexto em que viviam. Nesse contexto, a autora afirma uma predominância em fins do século XIX do diálogo entre classicistas e antropólogos e o uso de dados etnográficos para construir comparativos entre a família romana e sua respectiva contraparte em outras culturas, especialmente no que diz respeito à ritualização do casamento e do preço pago em noivas.

Segundo Dixon, a constituição da família romana, ou seja, seu tamanho e sua distribuição, era um ponto de debate importante nos primórdios da disciplina. Baseado na documentação legal, estudiosos do início do século XX a entendiam como um agrupamento em volta do *paterfamilias*, constituído não apenas do grupo nuclear – pai, mãe e filhos – como também de todos os agregados que passam a fazer parte do mesmo espaço – cunhados, noras, netos e netas. Nessa perspectiva, os estudos sobre a família romana seriam um desdobramento da análise da família em outros períodos históricos. Um ponto de discussão, como já destacado, importante que gera esta retomada da família no passado clássico é a formação da família burguesa no século XIX e suas diferenças em relação à família tradicional, tomada muitas vezes como um exemplo moralizante – o grupo familiar era considerado uma instituição sólida que deveria ser preservada para uma suposta evolução social das raças europeias.

Isto se modifica com a introdução dos estudos sobre a História Social da Família dentro do campo dos Estudos Clássicos. Este movimento foi um esforço conjunto de historiadores e classicistas que, impulsionados pelas novas teorias da terceira geração dos *Annales* e por perspectivas antropológicas e filosóficas mais amplas, alargaram seus respectivos campos de estudo para analisar também outros sujeitos.

As percepções sobre a família antiga se alteram a partir da década de 1970 com as mudanças epistemológicas na disciplina histórica e a influência de questões como a história vista de baixo e os estudos de gênero. O uso de novos documentos para se

pensar a família romana foi de fundamental importância para compreender outros aspectos que não eram respondidos pelas fontes jurídicas.

Nesta perspectiva de estudos é necessário destacar o papel de Beryl Rawson, historiadora australiana que analisou inscrições funerárias para pensar a família como unidade central do mundo romano. Inserida em um contexto de mudanças acadêmicas, foi responsável pela organização de conferências na *Australian National University*, em Camberra, deslocando a ideia de que apenas europeus eram detentores do conhecimento sobre o passado clássico.

Em sua obra *The Family in Ancient Rome: New Perspectives* de 1981, Rawson questiona visões sobre a família romana consideradas pela autora como insatisfatórias: analisam poucas evidências, estão permeadas por ideais políticos contemporâneos (como no caso de Carcopino, já destacado e, também, citado pela autora), reforçam uma suposta descontinuidade cultural romana que, à luz das novas teorias, não eram mais justificáveis. A argumentação de Rawson, aqui, também remonta aos estudos sobre a Antiguidade Tardia, que refutam uma ideia de queda do Império Romano e propõe uma análise que entende a continuidade de estruturas políticas, sociais e culturais do Império Romano. Esta perspectiva insere-se em uma ênfase nos povos autóctones do Império Romano e de suas contribuições na manutenção da cultura romana.⁷⁰ A autora também critica a ênfase na documentação legislativa e literária, que demonstrariam uma perspectiva majoritariamente da elite e não revelariam as práticas das classes menos abastadas.⁷¹ O livro, que é na verdade uma coleção de artigos a partir de um simpósio realizado na Universidade de Camberra em 1981, ressalta diferentes aspectos da análise da família romana e incita leitores e pesquisadores a investigarem outros documentos, especialmente as inscrições funerárias, que se tornarão um dos principais meios para a compreensão da família romana, visto que foram encontradas em diversas localidades do Império.

Ainda assim, a própria autora ressalta os limites de sua análise: há uma ênfase nos séculos I AEC – II EC e na cidade de Roma, o que impediria uma análise sobre a família romano-egípcia. Os desdobramentos das discussões sobre a família

⁷⁰ Cf. BROWN, Peter. **The Making of Late Antiquity**. Harvard: Harvard University Press, 1978; BROWN, Peter. **The World of Late Antiquity – AD 150-750**. New York: W. W. Norton & Company, 1989.

⁷¹ RAWSON, Beryl (ed). **The Family in Ancient Rome: New Perspectives**. Ithaca: Cornell University Press, 1986.

romana e de que maneira é possível analisar permanências e diferenças com a família romana-egípcia serão discutidas na próxima seção.

2.4 AS DEFINIÇÕES DA FAMÍLIA ROMANO-EGÍPCIA

Em virtude do elevado número de fontes e principalmente dos censos encontrados em papiros, a família tornou-se um tema de grande interesse para os estudiosos do Egito pós-faraônico.⁷² A partir desta vasta documentação, única no mundo antigo no que diz respeito a seu volume e à pluralidade de sujeitos de que trata, é possível analisar não apenas aspectos jurídicos – a partir dos censos – mas também questões econômicas (cartas relatando transações e recebimento de produtos entre membros da mesma família) e culturais (atitudes nas cartas sobre as relações familiares e como estas operam dentro de diversos espaços econômicos e sociais).

Um ponto relevante sobre a História da Família no Egito Romano é levantado por Bagnall ao discutir as relações entre a formação de um campo específico da História da Família romana e os deslocamentos que a análise do Egito pode trazer. Para além do próprio entendimento do Egito enquanto província do Império Romano – os aspectos econômicos, culturais e sociais que resultam não apenas da anexação do Egito em 30 EC, como também o próprio domínio anterior ptolomaico e permanências e rupturas quanto ao período faraônico –, Bagnall questiona uma ideia de que, enquanto a noção de família é amplamente discutida e conceituada nos estudos sobre a família romana, o mesmo não ocorre para pensar a ideia de Roma. Do lado de uma família vastamente analisada, a noção de Roma é tomada como autoevidente e, em alguma medida, universalizante.⁷³

Para o autor, é necessário entender as peculiaridades da documentação proveniente do Egito, especialmente quanto a questões de temporalidade – Bagnall analisa que a maioria dos estudos sobre a família romana têm um recorte temporal que termina no século III, o que impossibilitaria examinar a vasta documentação da

⁷² Utilizamos aqui a expressão *estudiosos* para não limitar o tema a um campo de estudos específico. Em termos mais amplos, classicistas, egiptólogos (de uma geração mais recente, que entende a egiptologia para além das questões meramente linguísticas) e historiadores debruçaram-se sobre diferentes objetos de análise ao longo do período greco-romano do Egito.

⁷³ BAGNALL, Roger. **Egypt in Late Antiquity**. Princeton: Princeton University Press, 1993. P. 182-183.

Antiguidade Tardia proveniente do Egito. Partindo desta perspectiva, Bagnall discute de maneira sucinta o papel da família no Egito Romano a partir dos papiros, levantando dados demográficos e culturais para compreender o papel desta dentro da organização social do povo. Nesse sentido, o autor salienta uma possibilidade de compreender esta documentação como representativa, ao menos no que tange à questão demográfica, de outros espaços no Mediterrâneo. Entretanto, Bagnall não afirma que o tipo de família encontrado nos censos e nas evidências proveniente do Egito no período da Antiguidade Tardia possa representar outros espaços do Império Romano.⁷⁴ Dixon, por sua vez, analisa que a família no mundo romano era composta majoritariamente por uma estrutura nuclear, próxima daquela existente na família moderna, e que a única exceção a esta visão seria, de fato, o Egito Romano, onde as evidências apontam para uma estrutura familiar mais ampla.⁷⁵

Esta perspectiva, que Dixon reafirma em 1992, foi defendida inicialmente por Seller e Shaw em 1984. Os autores analisaram, em um curto artigo, evidências epigráficas de sepulturas, o que abarcaria cerca de $\frac{3}{4}$ de todas as inscrições latinas e possibilitaria um olhar amplo sobre as relações familiares e a própria dimensão da família romana, tema que até então tinha recebido pouca atenção. Os autores também procuram construir uma argumentação que se contraponha aos ideais do sociólogo LePlay, deslocando a ideia de que a família nuclear seria uma construção moderna e significaria um processo de decadência enquanto instituição, o que já discutimos na seção anterior.⁷⁶

Para os autores, a documentação epigráfica elucida uma percepção de família que vai além da visão jurídica, esta que apenas delimita os termos sem que estes possam ser definidos efetivamente – os conceitos de *familia* e *oikos*, que discutimos na primeira seção, equivalem muito mais à noção de “agregado familiar” do que aos membros de uma família ligados pela consanguinidade. Além disso, o interesse dos autores reside também na possibilidade de analisar diferentes estratos da sociedade, visto que há o entendimento de que a memória funerária não está atrelada apenas às elites.⁷⁷

⁷⁴ *Idem.* P. 182.

⁷⁵ DIXON, *op. Cit.*, p. 3.

⁷⁶ SALLER, Richard P.; SHAW, Brent D. Tombstones and Roman Family Relations in the Principate: Civilians, Soldiers and Slaves. **The Journal of Roman Studies**, 74. Doi: 10.2307/299012 p. 124.

⁷⁷ *Idem*, p. 127

Partindo desta perspectiva, a análise empreendida pelos autores demonstrou que entre 75 a 90% das inscrições analisadas pertencentes a famílias civis eram memorialísticas: relatavam o luto de um membro da família nuclear direta, como pai, mãe ou filhos. As evidências, para Saller e Shaw, contrapõe uma visão de que a família romana seria construída em torno de um patriarca, a quem todos os membros da família deviam cega obediência em virtude de sua posição jurídica hierárquica. Isso não significa, por sua vez, minimizar a influência da *patria potestas* e da figura do *paterfamilias*, mas sim ressaltar que o poder pátrio era entendido enquanto uma instituição não apenas de coerção e violência. Aqui, os autores salientam outras dimensões deste poder pátrio, e a possibilidade de que filhos, mesmo não emancipados, habitassem outros lugares para a preservação de uma relação menos ruidosa, além também da manutenção de outros deveres como a *pietas* e o cuidado com os pais idosos.⁷⁸

A análise dos autores também se estrutura enquanto crítica a um texto de Paul Veyne publicado na revista *Annales* em 1978. Neste artigo, Veyne investiga de como acontece uma modificação na estrutura familiar do Império Romano que perpassa a questão dos sentimentos e das afetividades, a partir da qual a figura paterna deixa de operar apenas no campo jurídico – o que ocorria sempre de maneira violenta – e passa a ter uma influência ainda maior no campo exterior à família. Para além desta ideia, Veyne argumenta também que esta modificação se deu junto de uma nova moral sexual nos dois primeiros séculos da era comum, que seriam o embasamento da nova relação com o corpo e com a sexualidade próprias do cristianismo.⁷⁹ Fortemente influenciado pelos escritos de Michel Foucault⁸⁰ e por sua

⁷⁸ *Idem*, p. 137

⁷⁹ VEYNE, Paul. La famille et l'amour sous le Haut-Empire romain. **Annales. Histoire, Sciences Sociales**, 33(1), 1978. p. 37

⁸⁰ Michel Foucault volta suas análises para a Antiguidade no segundo volume de História da Sexualidade. Foucault salienta que a moral dos antigos é pouco pautada nas práticas ditas jurídicas – em que há uma constante vigilância sobre a aplicação das normas. Para o autor, no mundo antigo há uma concepção de moral menos inclinada aos códigos escritos de conduta e muito mais relacionado às formas de subjetivação e de construção de uma prática de si. É assim que Foucault procura problematizar a construção de uma moral na Antiguidade e, posteriormente, com a institucionalização do cristianismo, perguntando quais as modificações e ressignificações passam a existir não no código normativo, mas na relação dos sujeitos consigo mesmo e de que maneira esta moral passa a ser questionada como conduta ligada à sexualidade. A ênfase do autor passa a ser, portanto, a “historicidade complexa e rica na maneira pela qual o indivíduo é chamado a se reconhecer como sujeito moral da conduta sexual” cf. FOUCAULT, Michel. Introdução. In: _____, **História da Sexualidade Vol. II: O Uso dos Prazeres**. 10 ed. Rio de Janeiro: Graal, 2003. P. 07-31. Apesar da distância temporal entre as obras, entendemos a influência de Foucault no pensamento de Paul Veyne pelo trabalho conjunto no *Collège de France*. Veyne também publica, em 1978, um

relação pessoal com este, Veyne analisa a questão da *patria potestas* e da própria família romana a partir de um olhar que enfatiza as interdições na construção de um sujeito de desejo, algo formado além dos códigos jurídicos.

As duas perspectivas são consideradas importantes e, em alguma medida, fundamentais para o entendimento da família dentro do mundo romano.⁸¹ Entretanto, visões mais contemporâneas têm repensado o próprio papel da família antiga e de que maneira é possível analisá-la. As contribuições de campos como a Arqueologia e os Estudos de Gênero são significativas para pensar outras dimensões da família, como o papel das mulheres dentro da composição do agregado e as posições ocupadas por estas, além do discurso jurídico que as colocava como submissas. Além disso, há também a constante discussão sobre a possibilidade de exacerbar resultados de determinadas localidades para outros espaços do Império Romano. Longe de ser algo pertencente apenas aos estudos sobre a família, esta discussão revela os limites das evidências e das metodologias de análise utilizadas.⁸²

Nessa perspectiva, podemos elencar o trabalho de Huebner como significativo para compreender tendências teóricas e metodológicas na análise da família no Egito Romano. Segundo Huebner, mesmo com a ampla documentação, apenas recentemente esta temática específica passou a ter uma maior significância, muito em virtude da própria virada para pensar a família no mundo antigo de maneira mais plural.⁸³

As visões citadas anteriormente, que tomam o ideal de família nuclear como algo comum e disseminado no Império Romano são questionadas por Huebner, que

artigo em que analisa as contribuições de Foucault para a escrita da História. Cf. VEYNE, Paul. **Comment on écrit l'histoire**: suivi de Foucault revolutionne l'histoire. Paris, França: Ed. du Seuil, 1978.

⁸¹ CORBIER, Mireille. Solidariedade entre gerações e segurança do ciclo de vida: a sociedade romana. **Phaos: Revista de Estudos Clássicos**. N. 1, 2000. p. 65-66

⁸² Os estudos sobre Egito dentro do período romano são colocados em um lugar à parte, ou seja, não são considerados enquanto definidores de tendências em outros lugares do Império. Rawson, por exemplo, salienta inclusive que é difícil perceber em que medida e o que efetivamente é influência helênica ou romana no Egito pós-faraônico. Cf. RAWSON, Beryl. P. 4

⁸³ A autora afirma que, mesmo com diversas contribuições de diferentes campos de estudo, sua produção é pioneira em analisar de forma mais aprofundada (ou seja, algo maior do que artigos) especificamente a família no Egito Romano. Entretanto, Kampen defende que é necessário pensar a família no Império Romano a partir de diferentes perspectivas e, por este motivo, é mais proveitoso construir coleções de textos e trabalhos conjuntos – inclusive para demonstrar a diferença entre perspectivas dos pesquisadores na atualidade. Cf. HUEBNER, Sabine. **The Family in Roman Egypt**. Cambridge: Cambridge University Press, 2013; KAMPEN, Natalie. Afterword: Possibilities. In: HARLOW, Mary; LOVEN, Lena L. **Families in the Roman and Late Antique World**. London: Continuum, 2012. P. 254-263.

analisa a diferença dos censos demográficos do Egito Romano como representativa de uma sociedade que possui certa variabilidade quanto a sua estrutura familiar. Esta visão da família romana como nuclear e, em alguma medida, comum a diferentes espaços dentro do Império foi defendida inicialmente a partir de análises epigráficas realizadas a partir de dados da Ásia Menor e da Lusitânia, o que gerou uma comoção dentro dos Estudos Clássicos. Para Huebner, essa posição não pode ser defendida em sua totalidade visto que a epigrafia não necessariamente possui, individualmente, evidências suficientes para embasar a afirmação de uma única estrutura familiar nuclear que perpassaria todo o Império Romano. A autora não defende a singularidade do Egito, mas aponta para uma perspectiva mais ampla que compreenda as diferenças entre estruturas familiares como um ponto positivo para pensar diversidades culturais mesmo dentro do mesmo território.

Huebner questiona também como os estudos sobre o Egito Romano inserem-se (ou não) dentro de um campo mais amplo de estudos do Mediterrâneo na Antiguidade e no período tardo-antigo. A autora reafirma as proposições de Bagnall sobre a falta de elementos específicos que colocariam o Egito do período greco-romano como pertencente aos critérios unificadores do Mediterrâneo.

Ainda segundo Huebner, o entendimento do Egito a partir de determinada definição geográfica está ligado a um aspecto mais amplo, de natureza contemporânea, e um que diz respeito ao conjunto de evidências utilizado. No primeiro ponto, podemos salientar questões próprias dos diferentes campos de estudos que, em virtude de grupos de pesquisa, financiamentos e questões políticas inclinam-se ora para um Egito Mediterrânico, ora para um Egito com forte identidade africana. No segundo ponto, Huebner salienta que, ao inserir o Egito em uma perspectiva mais Mediterrânica, mais Africana ou mais Asiática, recorrem-se às evidências e às análises de caráter econômico, jurídico, administrativo e agrário.⁸⁴

Estas discussões teóricas para pensar a família no Egito Romano, longe de definirem um campo fechado, demonstram as diversas possibilidades das evidências – sejam estas de origem papirológica ou arqueológica, como no estudo de Huebner. Entretanto, podemos delinear algumas tendências sobre a família do Egito

⁸⁴ HUEBNER, Sabine R. Egypt as part of the Mediterranean? Domestic Space and Household Structures in Roman Egypt. In: HUEBNER, Sabine R.; NATHAN, George. **Mediterranean Families in Antiquity**: Households, Extended Families, and Domestic Space. New Jersey: John Wiley and Sons, 2017. P. 155.

Romano que irão nos auxiliar quando da análise das cartas selecionadas para esta pesquisa. Um ponto importante em nossa análise é a condição das mulheres dentro da família, visto que juridicamente tinham impedimentos no mundo romano, como a própria noção de *patria potestas* e a *infirmas sexus*. Em papiros do século III é possível perceber que o conceito de *patria potestas* era conhecido em termos amplos, já que com frequência a terminologia romana era utilizada, mas muito da própria tradição egípcia/helênica permanecia. Isso significa a absorção de parte da terminologia legal, especialmente pelos escribas – responsáveis pela escrita de petições –, ainda que o uso efetivo da legislação tenha conotações diferentes no Egito Romano. Segundo Arjava, a ideia de *patria potestas* no Egito Romano era similar a um ideal de tutela ao longo da vida, a partir da qual os membros da família – inclusive a esposa – teriam suas propriedades individuais, mas estariam ainda assim sujeitos a um tipo de supervisão paterna, que regulamentaria questões como venda de terrenos.⁸⁵

A noção de *infirmas sexus* também era conhecida no Egito Romano. O papiro P. Amh. II 141, uma petição de Aurelia Thaesis, relata uma agressão sofrida, onde a peticionária descreve sua busca por justiça por ser “uma mulher viúva e fraca” e que, estando nessas condições jurídicas, necessitaria de apoio por parte das instâncias do poder.⁸⁶ Para Grubbs, a conotação negativa da *infirmas sexus* muitas vezes era adaptada para a vida cotidiana enquanto mecanismo de busca por direitos. O apelo a alguém que está em posição de decidir pelo destino das peticionárias traduzia-se, em alguns casos, pelo uso da *infirmas sexus* como meio de despertar a piedade diante da condição de inferioridades destas mulheres.⁸⁷

Outro ponto sobre a família no Egito Romano é sua composição – seria um lugar da família nuclear ou do agregado familiar? Conforme as discussões já citadas, o embate acadêmico a partir da documentação procura tratar que os dois tipos coexistiam no Egito Romano sem estranhamento, ainda que as evidências apontem para a predominância da família nuclear. Esta dubiedade pode ser observada nas cartas aqui analisadas: Em P. Lond. 3 988 (ficha 10) são citados apenas membros

⁸⁵ ARJAVA, *op. Cit.*, p.148-153.

⁸⁶ FRANDJI, Ingrid C. K. **Agência feminina no Egito Romano (III D.C.-VD.C.)**. 2017. 114 f.: il., tabs
Dissertação (mestrado) - Universidade Federal do Paraná, Setor de Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em História. Defesa: Curitiba, 20/03/2017. P. 74; p.93-94.

⁸⁷ GRUBBS, Judith E. **Women and the law in the Roman Empire: a sourcebook on marriage, divorce and widowhood**. London: Routledge, 2002. P. 52-53.

diretos da família, enquanto em SB 14 12080 (ficha 18) são citados na despedida outros membros da família. Concordamos com Huebner quando esta afirma que:

A análise dos resultados do censo do Egito Romano de acordo com o sistema de classificação de domicílios de Cambridge mostra que o tipo de domicílio mais comum era o domicílio familiar simples, com uma proporção de 43% de todos os domicílios; 15% eram famílias ampliadas, geralmente um casal com seus filhos e um pai idoso do marido, enquanto 21% de todas as famílias pertenciam ao tipo de família múltipla. No entanto, como os domicílios com várias famílias regularmente continham mais membros do que os simples, a maioria dos indivíduos vivia em famílias com várias famílias. Diferenças consideráveis existiam entre as áreas urbanas e rurais do Egito romano em relação às formas predominantes de casa. Viver em um ambiente urbano parece ter levado a um aumento de famílias nucleares, enquanto em ambientes rurais as famílias com múltiplas famílias eram mais comuns, um padrão que encontramos em muitas sociedades patriarcais tradicionais. Enquanto as famílias de artesãos e lojistas nas cidades do Egito romano eram mais propensas a viver em famílias familiares simples, a união conjugal construía a base da atividade econômica da família, os camponeses viviam em famílias maiores, a fim de manter uma força de trabalho doméstica suficiente e para evitar a fragmentação excessiva da terra paterna.⁸⁸

Nesse âmbito, e partindo das categorias que nos são caras nesta pesquisa, entendemos a família no Egito Romano como uma instituição múltipla, que depende de análises mais pormenorizadas quanto seu local de origem e sua articulação social.⁸⁹ Será que, a partir desta perspectiva, podemos definir o que entendemos como família no Egito Romano? Nossa visão aproxima-se daquela defendida por Alston, para quem a família pode ser definida principalmente a partir de sua função - é um espaço de afetividades, conflitos, segurança e discussões econômicas.

⁸⁸ *Idem*, p. 156. No original: “The analysis of census returns of Roman Egypt according to the Cambridge household classification system shows that the most common household type was the simple family household with a proportion of 43 percent of all households; 15 percent were extended households, usually a couple with their children and an elderly parent of the husband, while 21 percent of all households belonged to the multiple-family type. However, as multiple-family households regularly contained more members than simple ones, most individuals lived in multiple-family households. Considerable differences existed between urban and rural areas of Roman Egypt regarding predominant household forms. Living in an urban environment seems to have led to an increase in nuclear families, while in rural environments multiple-family households were more common, a pattern that we find in many traditional patriarchal societies. While families of artisans and shopkeepers in the towns of Roman Egypt were more likely to live in simple family households, the marital union building the basis of the family’s economic activity, peasant farmers lived in larger households in order to maintain a sufficient domestic workforce and to avoid excessive fragmentation of the paternal land”

⁸⁹ Aqui cabe ressaltar que as cartas em papiros muitas vezes mostram um panorama das classes mais abastadas do Egito Romano, o que se explica, ao menos em parte, pela disponibilidade de um escriba e pela constituição de arquivos próprios das famílias. Em outros casos, há certa dificuldade em identificar a posição social ocupada por aqueles que ditam as cartas – lembrando que é raro a escrita de próprio punho, o mais comum era a contratação de escribas.

Ela funciona como o espaço primário na socialização de crianças, como transmissora de valores sociais e culturais e enquanto local mediador entre a vida privada e a vida pública.⁹⁰ Uma definição mais ampla da família não pretende diminuir todos os outros aspectos que a influenciam. Pelo contrário: a definição procura não delimitar esta instituição a partir de questões econômicas, demográficas ou jurídicas, que se encontram além dos pontos evidenciados na documentação aqui analisada.

Como, então, nos aproximaremos dessa ideia de função familiar no Egito Romano? Consideramos que uma das possibilidades para analisar os impactos e desdobramentos desta são os estudos de gênero. A retomada de uma experiência mediada pela diferença de gênero e suas implicações dentro da família podem auxiliar na produção de um deslocamento, ou seja, em uma nova maneira de pensar discursivamente tanto a experiência destes sujeitos na Antiguidade como a própria historiografia. Quando analisamos as cartas, podemos perceber diferentes nuances das relações familiares que escapam aos documentos oficiais, como os censos. Nessa perspectiva, é possível observar também questões econômicas e culturais que permeiam como homens e mulheres se apresentam nestes espaços e repensam, reforçam ou questionam o que é socialmente esperado. Os estudos de gêneros funcionam como uma ferramenta para deslocar os ideais socialmente construídos sobre os papéis de homens e mulheres dentro da família, salientando aspectos outros além das questões demográficas e econômicas, dominantes na historiografia.

Isso ocorre principalmente em virtude de uma mudança epistemológica realizada pelos estudos feministas. Como apontamos nas seções anteriores, a família e também o agregado familiar foram muitas vezes analisados enquanto uma categoria auto evidente e como um espaço passivo (feminino) que se contrapunha à esfera pública, entendida como de maior importância (e masculina).⁹¹ Ao longo das seções anteriores, expusemos de que maneira um ponto de vista que se concentra em questões econômicas e demográficas colocou as mulheres em um lugar específico na família antiga, muitas vezes sem que suas próprias vozes fossem ouvidas. Sim, há

⁹⁰ ALSTON, Richard. Searching for the Romano-Egyptian Family. In: GEORGE, Michele (ed.). **The Roman Family in the Empire: Rome, Italy, and Beyond**. New York: Oxford University Press, 2005. P. 130

⁹¹ SPENCER-WOOD, Suzanne. What difference does feminist theory make in researching household? A commentary. In: BARILE, Kerri S.; BRANDON, Jamie C. **Household chores and household choices: theorizing the domestic sphere in historical archaeology**. Tuscaloosa: University of Alabama Press, 2004. P. 235.

patria potestas – independente de seus efeitos e desdobramentos no Egito Romano –, mas quais outras categorias são também importantes para pensar a dinâmica familiar?

A relação de dominação masculina foi colocada como central na estrutura familiar do mundo romano, mas a análise das cartas a partir de uma epistemologia de gênero pode demonstrar como as dinâmicas de poder dentro da família são múltiplas e como a experiência feminina pode deslocar uma percepção sobre o poder masculino e o próprio processo de agenciamento feminino. Nossa perspectiva não almeja diminuir ou relativizar a violência da dominação masculina sobre as mulheres, seja no mundo antigo ou na contemporaneidade, mas demonstrar as possibilidades que uma documentação em alguma medida já conhecido pode nos dar quanto à vida das mulheres no Egito Romano.

Outro ponto que consideramos relevante na análise é a escolha do contexto tardio do Egito Romano. Como brevemente explicado, as discussões sobre o espaço ocupado pelo Egito dentro dos estudos do mundo greco-romano são, em si, um campo de diversos embates. Ao selecionarmos este contexto, estamos propondo uma investigação que pretende pensar as complexas e dinâmicas relações entre centro/periferia no Império Romano e o impacto das culturas locais no próprio entendimento da família e de suas sensibilidades. Isso não significa, entretanto, quantificar as percepções e demonstrações da diferença sexual: se estas eram estritamente egípcias, gregas ou romanas. A perspectiva que adotamos procura pontuar de que maneira a função da família pode estar atrelada às dinâmicas culturais do espaço específico do Egito Romano, além de salientar outros fatores que possibilitam uma análise mais ampla deste contexto, novamente indo além de percepções econômicas e demográficas.

Para finalizar, acreditamos que a observação da documentação papirológica aqui selecionada – as cartas do Egito Romano – opera enquanto um deslocamento expressivo nos estudos sobre a História da Família na Antiguidade. Como apresentamos neste capítulo, esta constituiu-se enquanto um campo de estudos a partir de visões que pautavam-se, primeiramente, em documentos de caráter oficial. Posteriormente, a partir das influências da demografia histórica e da História Social, passaram a ser considerados também as inscrições epigráficas e os censos, este último um caso específico do Egito Romano. Concordamos, também, que são várias

as contribuições advindas deste tipo de documentação para o entendimento mais amplo de questões sociais sobre o Egito Romano.

Entretanto, duas questões se colocam e, em alguma medida, esta pesquisa também procura respondê-las. A primeira diz respeito à utilização das cartas, documentos de origem privada e bastante personalizados, para compreender este contexto – seria possível perceber outras nuances sobre a família no Egito Romano a partir das delas? A segunda questiona a própria utilização da documentação papirológica: como a materialidade dos papiros foi instrumentalizada em uma disciplina acadêmica e de que maneira ocorreu um desinteresse na análise das cartas?

Acreditamos que, no que tange à primeira questão, as cartas possibilitam um outro olhar sobre a experiência familiar no mundo antigo. Possibilitam, como discutiremos no próximo capítulo, uma observação da experiência dos sujeitos e dos usos do discurso como elemento para constituir e reforçar determinadas identidades e lugares sociais. Além disso, as cartas aqui analisadas foram, ao menos em alguma medida, preteridas em relação a outros documentos que podem elucidar de maneira mais direta questões sociais – como as petições, os decretos e os censos.⁹²

Esta documentação também tem seu acesso dificultado em virtude da língua original, o grego antigo, e da falta de traduções para o português. A tradução que propomos no terceiro capítulo é uma tentativa de diminuir esta lacuna. Isto nos leva também à segunda questão, sobre a formação do campo de estudos dos papiros. Como discutiremos no capítulo seguinte, a papirologia formou-se enquanto disciplina a partir de pretensões imperialistas e eurocêtricas no século XIX e início do século XX. Compreendemos, então, que a própria formação do campo reforçou a ênfase nas análises jurídicas e deixou de lado documentos de caráter privado como as cartas, mesmo que estas possibilitem um olhar sem igual no cotidiano do mundo antigo e, principalmente, das mulheres, um grupo reconhecidamente marginalizado quanto a seu grau de letramento.

⁹² BAGNALL, Roger S.; CRIBIORE, Raffaella. **Women's Letters from Ancient Egypt: 300 B. C. - A. D. 800**. Ann Arbor: University of Michigan Press, 2006. p. 5-6.

3 O PAPIRO, SUA MATERIALIDADE E SEUS DISCURSOS

Nothing's in the past

It always seems to come again

Black Sabbath – Neon Knights (1981)

Papiro foi um material de escrita amplamente utilizado no mundo antigo, produzido a partir da planta *cyperus papyrus*, que crescia em abundância ao longo do Nilo. Para a transformação da planta em superfície de escrita, seu caule triangular tinha a parte mais externa descartada e as mais internas, úmidas e macias, eram cortadas em finas camadas de cerca de 1 a 3 cm de diâmetro. Estas eram colocadas em uma superfície plana lado a lado e recebiam mais uma série de tiras em direção complementar (os papiros possuem uma camada horizontal e outra vertical), sendo posteriormente pressionadas e deixadas ao sol para secar. Os papiros mais antigos encontrados datam de cerca do ano 3000 antes da era comum, durante o período da Primeira Dinastia Egípcia. Papiros com a escrita em língua grega, por sua vez, são encontrados a partir do século IV antes da era comum, e é possível atestar seu uso até aproximadamente o ano 1000 da era comum, quando gradativamente são substituídos no mundo Mediterrâneo pelo papel.⁹³

Entretanto, não podemos afirmar que a história dos papiros termina no século XI com seu desuso e substituição por outras superfícies de escrita. A redescoberta destes documentos ao longo dos últimos três séculos possibilitou um novo olhar para as sociedades do mundo antigo, com ênfase nas diversas mudanças sociais e culturais em território egípcio entre os séculos III AEC e VIII EC – estes 800 anos são conhecidos como “milênio da papirologia” pela abundância de documentação.⁹⁴ Partindo desta perspectiva, podemos observar uma dupla temporalidade destes registros: um momento de confecção no mundo antigo e um momento de redescoberta nos séculos XIX e XX.

Esta redescoberta, por sua vez, não ocorre sem conflitos: o Egito passa por diferentes processos de dominação ao longo dos séculos XIX e XX, empreendidos por países como França e Inglaterra que, além da influência em questões políticas,

⁹³ REDFORD, Donald B. **The Oxford Encyclopedia of Ancient Egypt**: Volume 3. Oxford: Oxford University press, 2001. p. 22-23.

⁹⁴ KEENAN, James G. The History of the Discipline. In: BAGNALL, Roger S. (ed.). **The Oxford Handbook of Papyrology**. Oxford: Oxford University Press, 2009. P. 61.

passam a realizar expedições arqueológicas com o intuito de encontrar artefatos do Antigo Egito. O interesse pelo passado *exótico* do Egito era pautado em um pensamento comum por parte dos europeus, que colocava os egípcios em uma posição de ignorância quanto à importância de sua própria história mais antiga. Seria função dos europeus *salvar* os artefatos históricos do barbarismo e da falta de cultura dos nativos, o que foi empreendido principalmente pela arqueologia e pela história, ciências recém institucionalizadas. Os diversos artefatos encontrados em território egípcio auxiliaram na construção de uma narrativa própria sobre o passado egípcio, e esta narrativa, ao mesmo tempo, também era utilizada para demonstrar a diferença entre o egípcio (seja o antigo ou daquele presente período) e o europeu – a oposição entre exotismo e civilização. Os papiros recuperados neste contexto foram distribuídos para coleções universitárias e museológicas em diferentes lugares do mundo, muitas vezes desprovidos de informações sobre o processo arqueológico de escavação.

Ainda que, em um momento inicial, os artefatos encontrados no Egito tenham sido utilizados na construção de uma narrativa sobre a constituição do europeu e do *outro*, é inegável o impacto desta documentação na análise da vida cotidiana no Egito durante a Antiguidade. Nas últimas décadas, com a repercussão das questões pós-coloniais nos estudos sobre o Egito, o processo de descoberta dos papiros passa a ter centralidade, as discussões sobre acesso a estes documentos, sua divisão em diferentes coleções (majoritariamente no norte global) e o roubo deste material tornam-se parte da própria historicidade da documentação.⁹⁵ Além destas questões, é inegável a importância do processo de edição e publicação *online* dos papiros, o que possibilita um acesso mais amplo a estes documentos a partir da internet mas que, ao mesmo tempo, também propõe seus próprios desafios quanto à instrumentalização e uso das plataformas.⁹⁶

⁹⁵ Um fato que veio à tona em 2020 é a acusação de roubo contra Dirk Obbink, classicista renomado da Universidade de Oxford. Segundo investigações, Obbink teria roubado fragmentos bíblicos da Biblioteca Adam Sackler e vendido para o Museu da Bíblia nos EUA. Fonte: <http://www.theguardian.com/uk-news/2020/apr/16/oxford-professor-arrested-ancient-papyrus-bible-theft-dirk-obbink>

⁹⁶ A plataforma *online papyri.info* é um agregador de bancos de dados sobre papiros alimentados por universidades e centros de pesquisa. Outra função possibilitada pela plataforma é a edição de papiros, controlada pela revisão dos pares e aberta a toda a comunidade. O projeto iniciou seus estudos estratégicos em 2007 e insere-se no âmbito das Humanidade Digitais. Por se caracterizar como um projeto permanente, há um chamado para doação feito pela Associação Internacional de Papirologistas e pela Associação Americana de Papirologistas para garantir a manutenção da plataforma diante do trabalho realizado muitas vezes de forma não remunerada. Para entender melhor a situação: <https://www.supportpapyri.info/faq/>. Outra plataforma utilizada para o estudos dos papiros é *trismegistos.org*, iniciada como um projeto de extensão do Prof. Dr. Mark Depauw em 2004.

A partir destes apontamentos, acreditamos que os papiros são documentos que carregam uma ampla historicidade e marcas de diferentes períodos históricos: o que significam em seu momento de confecção, como são reencontrados e recuperados arqueologicamente e como são repensados no século XXI. Este capítulo, então, versará sobre estas diferentes temporalidades e o que elas nos dizem sobre o Egito Romano, sobre o Egito nos últimos três séculos e as novas perspectivas que esta documentação pode oferecer. Iniciaremos discutindo a importância das cartas selecionadas para a presente pesquisa em seu contexto de produção originário, enfatizando o processo de escrita e as teorias sobre a escrita epistolar - conhecida como epistolografia -, além de indicar qual posicionamento tomaremos diante da documentação enquanto narrativa sobre o passado. Posteriormente, centraremos nossa análise no processo de redescoberta desta documentação, nas questões políticas e econômicas que perpassam os últimos três séculos e como estas impactam a formação da papirologia (disciplina que tem como foco de análise dos papiros) e a própria divisão das temporalidades da História do Egito, enfatizando de que maneira a própria constituição de um campo de estudos sobre o Egito Romano está interligada a este processo. Por fim, discutiremos quais são as possibilidades de construir novas leituras com esta documentação levando em consideração sua historicidade, salientando perspectivas como os estudos de gênero e a teoria pós-colonial enquanto espaços frutíferos para explorar novas nuances sobre a vida no mundo antigo.

3.1 A CARTA NO MUNDO ANTIGO E SUA ANÁLISE CONTEMPORÂNEA

A comunicação por cartas é algo comum à maioria das sociedades letradas. Na contemporaneidade, cartas são cada vez mais substituídas por outras formas de comunicação – como o *e-mail* e as mensagens rápidas –, e sua permanência ao longo de diferentes séculos demonstra sua função enquanto elemento educativo e prático. Registros epistolares remontam a diversas civilizações do mundo antigo: as cartas de Hamurabi, na Mesopotâmia, datam de cerca de 1750 antes da era comum.⁹⁷ No Egito,

Desde então, a plataforma foi expandida trazendo informações sobre nomes, lugares, arquivos e coleções, além de metadados de papiros publicados e inéditos. Para mais informações: <https://www.trismegistos.org/about>.

⁹⁷ BOUZON, Emanuel. **As cartas de Hammurabi**. Petrópolis: Vozes, 1986. P. 15-20. É relevante citar que as cartas são abundantes na Mesopotâmia, perfazendo uma vasta documentação que abrange questões políticas, econômicas e sociais. Isso demonstra, ao menos em parte, a relevância deste

podemos citar o conjunto de documentos conhecido como *Cartas de Amarna*, correspondência diplomática entre a realeza egípcia e as civilizações do Oriente-Próximo, realizada em cerca de 1350 antes era comum, ao fim da XVIII dinastia egípcia.⁹⁸ Além dos exemplos citados, entendidos como correspondência oficial, podemos citar também cartas encontradas em entrepostos comerciais do Mar Negro e na parte espanhola da costa do Mediterrâneo. Estas missivas, datadas do século V AEC, foram escritas em grego iônico por mercadores, e inscritas em tabuletas de chumbo – material amplamente utilizado na região ao longo de todo o período clássico.⁹⁹ Assim, diante da vasta distribuição espacial e temporal de sociedades que utilizam a cartas, o que efetivamente determina o que é uma carta no mundo antigo?

A resposta para tal pergunta não é simples, visto que a carta pode ser definida por sua tipologia interna no mundo antigo – que é, por si só, bastante vasta – e, ao mesmo tempo, pela caracterização contemporânea utilizada para sistematizar um sentido a partir de elementos específicos. Faz-se necessário trazer algumas considerações sobre este processo de sistematização do significado e como ele afeta a documentação aqui analisada. Para Sarri, a *Ilíada* pode nos oferecer uma pista sobre o que a carta significava na Antiguidade: há uma menção quando Belerofonte é obrigado a carregar uma mensagem odiosa do rei Proito até a Lícia.¹⁰⁰ Esta utilização pode indicar que a carta era um elemento relativamente comum e conhecido durante o período arcaico. Ao mesmo tempo, é possível analisar que a mensagem privada seria dotada de um viés negativo – o exemplo de Belerofonte deixa evidente a caráter secreto e sua relação com uma ideia de maldição da mensagem. A mensagem escondida do coletivo seria também uma contraposição à palavra oral, vista de

tipo de comunicação na Antiguidade, além das diferentes maneiras pelas quais estes documentos podem elucidar sobre a vida cotidiana destas civilizações. Para uma análise inicial das cartas da Mesopotâmia, cf. OPPENHEIM, Adolf L. **Letters from Mesopotamia**: official, business, and private letters on clay tablets from 2 millenia; translated and with an introd. 1967.

⁹⁸ ABRAHAMI, Philippe; COULON, Laurent. De l'usage et l'archivage des tablettes cuneiformes d'Amarna. In: PANTALLACI, L. (ed.). **La lettre d'archive**. Communication administrative et personnelle dans l'Antiquité proche-orientale et égyptienne. Actes du colloque de l'université de Lyon 2, 9-10 juillet 2004, Topoï. Suppl. 9, BiGen 32, Le Caire, 2008, p. 1-2.

⁹⁹ BAUER, Thomas J. **Letter Writing in Antiquity and Early Christianity**. In: RIEHLE, Alexander. *A Companion to Byzantine Epistolography*. Leiden, Boston: Brill, 2020. P. 41-42.

¹⁰⁰ Hom. *Ilíada*. VI. 118. Para a tradução, cf. HOMERO. *Ilíada*. Trad. Frederico Lourenço. São Paulo: Penguin Companhia das Letras, 2005. N. p. No original: Mandou-o para a Lícia; e deu-lhe para levar sinais ominosos, escrevendo muitos e mortíferos numa tabuinha de aba dupla.

maneira positiva em virtude de sua condição pública e, por conseguinte, democrática, a exemplo da ágora ateniense.¹⁰¹

Ainda segundo a autora, esta distinção entre a palavra pública e a mensagem privada e seus usos no mundo da língua grega também pode ser analisada a partir do uso da palavra *epistole*, que se torna comum ao longo dos séculos VI e V AEC. A carta, assim, funcionava como uma mensagem transferida da oralidade para o registro escrito, e eram enviadas para parentes, amigos ou parceiros de negócio. Ainda que poucas cartas do período clássico tenham sobrevivido, o que se deve principalmente à reutilização do chumbo, seu material de escrita, é possível observar a partir das evidências que a carta não era exclusividade da elite grega. Um exemplo disso é a tabuleta SEG L 276 traduzida por Jordan¹⁰² na qual se lê o seguinte texto:

Lesis envia (uma carta) para Xenokles e para sua mãe, para que estes não ignorem que ele está perecendo na fundição, mas que venham tratar com seus senhores e encontrem algo melhor para ele. Porque eu fui enviado para um homem completamente vil; estou perecendo pelos açoites que levo; estou amarrado; sou tratado como lixo – mais e mais!

A mensagem, escrita por um secretário¹⁰³ e encontrada na região da ágora ateniense no século IV AEC, retrata os pedidos de um aprendiz (talvez um escravo) que sofre diversos tipos de violência por parte de seu mestre. Além das questões sociais envolvidas na mensagem, ou seja, a relação entre as duas partes e os abusos cometidos pelo mestre, chama a atenção o uso de uma linguagem vividamente detalhada sobre as agressões, demonstrando o uso da carta como meio de comunicação direta dos desejos e sentimentos, algo que também é enfatizado pela teoria epistolar do mundo antigo. A partir do século IV AEC há uma ênfase maior na palavra escrita, ainda que a oralidade fosse vista com mais confiança. Com expansão do política e militar perpetrada primeiramente por Filipe II e, posteriormente, por

¹⁰¹ SARRI, Antonia. **Material Aspects of Letter Writing in the Graeco-Roman World: 500 BC – 300 AD**. Berlin: De Gruyter. 2018. P. 6.

¹⁰² JORDAN, David R. **A personal letter found in the Athenian agora**. *Hesperia*, v. 69, 2000. P. 93. Jordan traduz o texto do original em grego para o inglês da seguinte maneira: *Lesis is sending (a letter) to Xenokles and to his mother by no means to overlook that he is perishing in the foundry but to come to his masters and find something better for him. For I have been handed over to a man thoroughly wicked; I am perishing from being whipped; I am tied up; I am treated like dirt—more and more!*

¹⁰³ Utilizamos aqui a expressão **secretário** no lugar de **escriva**. Ainda que as funções sejam semelhantes, o escriba tinha uma posição pública, enquanto o secretário era responsável por escrever cartas particulares, podendo ser contratado para trabalhar especificamente para uma única família.

Alexandre, ocorre a efetiva consolidação da escrita epistolar, o que se deve em grande parte à própria estrutura governamental – em virtude das grandes distâncias entre as cidades da Grécia durante o período helenístico, era impossível manter a comunicação de decretos e leis apenas pela via oral. Nesta perspectiva, a palavra escrita passa a ter mais força inclusive em virtude de sua permanência e autenticidade quando comparada à oralidade.¹⁰⁴

Estas questões tornaram-se essenciais para a construção de uma tipologia das cartas, o que pode ser observado a partir de uma das primeiras sistematizações do início do século XX sobre em que consiste a carta, especialmente a partir de seus exemplares do mundo antigo. Em 1931, o filólogo alemão Ioannis Sykutris já pontuava a dificuldade em estabelecer os limites e as diferenças entre a carta literária, de caráter público, e a carta privada no mundo antigo. Ainda que as teorias epistolares possam auxiliar na definição de quais elementos específicos pertencem a cada categoria, estas definições esbarravam no problema da própria falta de documentação e de análises mais aprofundadas – mesmo que os papiros, por exemplo, já fossem conhecidos e traduzidos, o foco das análises de epistolografia eram documentos considerados de caráter oficial e do período bizantino.¹⁰⁵

Ainda a partir da análise de Sykutris, não há uma teoria própria epistolar na Antiguidade: para o autor, a carta não é, em si, um gênero literário que recebeu a devida atenção dos antigos. Alguns tratados podem enfatizar a escrita epistolar, mas não há uma definição específica da arte desta escrita durante a maior parte da Antiguidade – as primeiras discussões sobre a estrutura da carta foram empreendidas por Gaius Julius Victor, já durante o período tardo-antigo.¹⁰⁶

Esta perspectiva é aceita, ainda que com ressalvas, até o presente. Para Trapp, por sua vez, a carta pode ser definida de maneira ampla a partir de algumas características formais e contextuais: uma mensagem escrita em um meio físico enviada de um remetente para um destinatário, o que pressupõe uma distância geográfica e uma relação entre estas duas partes. Esta mensagem escrita é

¹⁰⁴ SARRI, *op. Cit.*, p. 10-12.

¹⁰⁵ SYKUTRIS, Ioannis. Epistolographie. In: KROLL, Wilhelm. **Paulys Realencyclopädie der classischen Altertumswissenschaft**. Supplement V. Stuttgart: Metzler, 1937. P. 185-188.

¹⁰⁶ *Ibidem*, p. 189-190.

codificada a partir de fórmulas de saudação e despedida e, além disso, possui um tamanho específico.¹⁰⁷

Com base nas considerações tecidas até agora, é possível entender que a escrita epistolar no mundo antigo era algo comum e torna-se cada vez mais institucionalizada a partir do século IV AEC. É importante salientar que a escrita epistolar também foi utilizada como modelo educativo, o que é evidenciado pela teoria epistolar da Antiguidade. Há uma necessidade cada vez maior de aprender *como* escrever uma carta, levando em consideração seus aspectos formais – fórmulas de saudação e despedida, a temática da carta e seu teor. Desta forma, podemos observar uma transição na própria função da carta ao longo do mundo antigo: se, inicialmente, ela é caracterizada como uma mensagem direta e informativa, com o passar dos séculos (principalmente durante o período imperial romano), ela torna-se um gênero literário próprio que necessita de aperfeiçoamento.

Trapp cita uma ideia de “ansiedade de performance” na escrita epistolar, entendida como uma forma mais personalista e que, portanto, demonstraria as vulnerabilidades de seu autor. Ter uma instrução formal quanto a estes aspectos era uma forma de demonstrar cultura especialmente para as elites letradas, o que levava em consideração questões sociais e estéticas.¹⁰⁸ É possível observar em diferentes autores da Antiguidade a preocupação com a escrita epistolar, como Demétrio de Faleros (século II AEC), Gaius Julius Victor (século IV/V EC) e Libânio (século IV EC). Embora os autores trabalhem majoritariamente com aspectos da retórica, existem passagens e tratados que perpassam a questão da escrita epistolar. Para Demétrio, por exemplo, a carta era a metade de um diálogo¹⁰⁹, noção reafirmada por Cícero, que a entendia como uma conversa privada entre amigos que estão distantes.¹¹⁰ Ainda para Cícero, a carta era uma maneira de informar algo relevante àqueles que estavam ausentes – os destinatários.¹¹¹

Esta ausência física era entendida como uma das bases ideológicas para o próprio entendimento do que significava uma carta, e podemos entender a

¹⁰⁷ TRAPP, Michael. **Greek and Latin Letters: an Anthology**, with Translation. Cambridge: Cambridge University Press. 2003. p. 4.

¹⁰⁸ *Ibidem*, p. 43.

¹⁰⁹ εἶναι γὰρ τὴν ἐπιστολὴν οἷον τὸ ἕτερον μέρος τοῦ διαλόγου. Demétrio De Elocutione, cap. 223.

¹¹⁰ *Amicorum conloquia absentium*. Cícero Phil. 2. 7.

¹¹¹ *Epistularum genera multa esse non ignoras, sed unum illum certissimum, cuius causa inventa res ipsa est, ut certiores faceremus absentis, si quid esset, quod eos scire aut nostra aut ipsorum interesset*. Carta de Cícero para Curio (fam. 2. 4. 1).

correspondência no mundo antigo a partir de alguns aspectos: a distância física entre remetente e destinatário; a ideia de uma relação amigável entre quem recebe e quem envia a carta; a materialização do discurso no texto escrito. A carta funcionaria, então, como uma maneira de aproximar remetente e destinatário, não apenas pelo conteúdo da mensagem, mas também por uma *presença do ausente* que ocorre a partir da leitura. Além destes elementos, a escrita epistolar era também formulaica, ou seja, seguia modelos de saudação e de despedida culturalmente definidos.¹¹²

Segundo Morello e Morrison, entretanto, a perspectiva de Trapp revela a construção de uma fenomenologia epistolar, ainda que esta não seja considerada completamente restrita em sua definição. A questão que se coloca é a seguinte: o que definiria efetivamente uma carta e quais documentos podem ser agrupados (ou não) sob esta categoria? Os autores procuraram analisar, a partir dos elementos elencados por Trapp, se a obra *De Officiis*, de Cícero, pode ser enquadrada enquanto uma carta. Como resultado, salientaram que parece mais produtivo entender a fenomenologia da carta, para além de elementos necessários para criar um enquadramento, enquanto um espectro amplo de características que um determinado grupo de textos pode ter em comum, sem que necessariamente estes elementos se repitam.¹¹³

A partir destas considerações sobre o que significava a carta no mundo antigo e qual a importância que adquiria em diferentes relações interpessoais, entendemos este meio de comunicação como uma ferramenta relevante para analisar as questões de gênero e os desdobramentos destas no Egito Romano. Entretanto, não podemos deixar de salientar uma questão: em que medida cartas que não estão inseridas dentro de uma perspectiva filosófica – ou seja, as cartas que tratam de assuntos cotidianos e que não pretendem, já em sua origem, uma leitura pública – podem também ser pensadas enquanto uma elaboração de si e não como relato fiel dos acontecimentos?

Entendemos a documentação aqui analisada como pertencente a estes ideais de escrita das cartas, mesmo que não estejam inseridas em uma lógica filosófica ou literária. Ainda que as fontes desta pesquisa não tenham sido produzidas com o intuito de se tornarem públicas em seu contexto inicial, elas operam dentro de uma lógica específica do período, que enfatiza determinados elementos – as estruturas de

¹¹² CECCARELLI, Paola. **Ancient Greek Letter Writing: a Cultural History** (600 BC – 150 BC). Oxford: Oxford University Press. 2013.

¹¹³ MORELLO, Ruth; MORRISON, A. D. **Ancient Letters**. Classical and Late Antique Epistolography. Oxford: Oxford University Press, 2007. p. 1-16

saudação e despedida, os desejos de saúde, a ideia de proximidade entre as partes. Nessa perspectiva, compreendemos que elas utilizam destas estruturas, mas que não podem ser consideradas como um acesso definitivo a uma experiência *real* ou completamente verificável do passado: a carta, assim como qualquer outro tipo de discurso sobre o passado, não é um retrato completamente fiel do que os antigos pensavam ou como viviam. Entretanto, ela possibilita um olhar específico sobre a própria constituição de si enquanto sujeito que escreve e se posiciona na narrativa. Ao analisar correspondências do mundo antigo, especialmente aquelas de Sêneca, Marco Aurélio e Plínio, Foucault afirma que a correspondência funciona no âmbito da elaboração de si mesmo por parte do remetente, assim como no destinatário a partir do processo constante de leitura e entendimento do outro:

Por meio da missiva, abrimo-nos ao olhar dos outros e instalamos o nosso correspondente no lugar do deus interior. Ela é uma maneira de nos darmos ao olhar do qual devemos dizer a nós próprios que penetra até ao fundo do nosso coração (*in pectus intimum introspicere*) no momento em que pensamos.¹¹⁴

Partindo destas aproximações entre uma ideia de cultura de si e a narrativa epistolar, acreditamos que as cartas aqui analisadas são instrumentos que possibilitam compreender, em alguma medida, como as pessoas do mundo antigo entendiam a si mesmas e como se expressavam a partir desta linguagem. Para tal aproximação, é conveniente utilizar as proposições da historiadora Joan Scott sobre o conceito de experiência. Segundo Scott, é necessário não apenas pensar a experiência dos sujeitos históricos como algo dado antes da existência em si, pautada em um ideal de sujeito universal, mas pensar como a experiência participa como ponto fundamental na constituição dos sujeitos. É necessário pensar a experiência como ponto de construção de subjetividade e da relação entre sujeitos e discurso, ou seja, enquanto algo que é construído a partir da criação da narrativa epistolar.

Scott considera que vários historiadores pensam a experiência a partir de um deslocamento incompleto, que não é efetivamente epistemológico. A autora entende que o conceito de experiência é apropriado pelos historiadores de forma acrítica, enquanto reflexo da realidade e como a origem dos sujeitos. Para Scott, é necessário pensar a experiência como fim, como aquilo que se busca explicar: “*não são os*

¹¹⁴ FOUCAULT, Michel. **A escrita de si**. In: *O que é um autor?* Lisboa: Passagens. 1992. P. 152.

sujeitos que têm experiência, mas os sujeitos é que são constituídos através da experiência”.¹¹⁵ O questionamento também chega aos historiadores e historiadoras que analisam as questões de gênero e tomam uma ideia de “experiência feminina” como algo concreto. Ainda que haja um deslocamento da narrativa histórica tradicional, há uma essencialização do feminino (no sentido mais amplo de *mulheres*) e cristaliza a relação com o discurso, a partir do qual a experiência seria totalmente acessível.

É necessário desconstruir a ideia de uma experiência como categoria autoevidente e constante ao longo da História, como um domínio de realidade fora do discurso, que supostamente permitiria ao historiador um acesso objetivo a uma verdade da experiência. Para repensar este conceito, Scott salienta a necessidade de historicizar o conceito em si, ou seja, entendê-lo como algo dentro do discurso, que é formador de identidades/experiência e como, a partir disso, é necessário analisar a experiência também como prática discursiva. Nesse sentido, é preciso historicizar a linguagem e entender que não há um acesso a uma experiência da verdade a partir do discurso epistolar – o discurso é o que molda a experiência e a representa. Esta análise é bastante significativa nos estudos históricos, visto que não é possível ver as evidências históricas como reflexo total da realidade, mas entendê-las enquanto categorias contextuais, que podem ser contestadas e reanalisadas. Por fim, Scott ressalta a importância da construção de uma genealogia da experiência histórica: pensar nela como fim de processos de produção de identidades e discursos. Segundo a autora,

Experiência é, nessa abordagem, não a origem de nossa explicação, mas aquilo que queremos explicar. Esse tipo de abordagem não desvaloriza a política ao negar a existência dos sujeitos; ao invés, interroga os processos pelos quais os sujeitos são criados, e, ao fazê-lo, reconfigura a história e o papel do/a historiador/a, e abre novos caminhos para se pensar a mudança.¹¹⁶

De que maneira isso pode ser operacionalizado dentro da análise empreendida nesta pesquisa? Podemos utilizar como exemplo um dos documentos

¹¹⁵ SCOTT, Joan W. “Experiência”. In SILVA, Alcione Leite da; LAGO, Mara Coelho de Souza; RAMOS, Tânia Regina Oliveira. (orgs.). **Falas de gênero**. Florianópolis: Editora Mulheres, 1999. P. 21-55.

¹¹⁶ *Ibidem*, p. 20.

selecionados: quando Ploutogenia¹¹⁷, ao escrever para sua mãe, reclama por esta não escrever de volta a tratá-la como uma inimiga, quais são as categorias importantes e desejadas dentro de uma relação entre mãe e filha? Por que o ressentimento é utilizado como recurso retórico para questionar a própria mãe? O que significa ser considerado inimigo de algum familiar? No momento em que há a materialização do discurso na carta, as categorias são definidas: é com esta carta que Ploutogenia entende a própria mãe se comportando de maneira inadequada e, da mesma maneira, provoca a separação entre o que é um comportamento adequado de um inadequado.

De maneira semelhante, quando Kophaëna¹¹⁸ escreve ao seu filho questionando o porquê da omissão deste diante de seu quadro de doença, ela constitui a si mesma a partir do discurso: ela passa a ser reconhecida como mãe ao mesmo tempo que afirma sua predileção por Theodoulos – o filho e destinatário da carta. Além disso, Kophaëna reafirma seu espaço social ao pedir auxílio material para o próprio filho, utilizando desta maneira uma narrativa da necessidade de ser acolhida pautada na sua própria doença mas, também, pela afetividade demonstrada anteriormente.

Para fazer um contraponto das questões apresentadas na documentação anterior, é interessante pensar como Ammonous¹¹⁹ escreve para o pai e o irmão, pedindo para que estes a escrevam de volta porque isto a deixaria feliz – tão feliz que ela celebraria um festival. Ela se compreende enquanto filha e irmã, além de demonstrar claramente sua afetividade diante da família, abrindo uma possibilidade de análise que desconstrói um imaginário normatizante sobre o mundo antigo, que coloca a família como um centro distanciado dos afetos cotidianos. Uma análise que leva em consideração a constituição dos sujeitos a partir da narrativa explora questões que vão além da simples definição de si. No caso de Ammonous, não apenas ela demonstra seu carinho pelo pai e pelo irmão, como também procura ser reconhecida como filha e irmã amorosa.

A partir do que foi pontuado, acreditamos que a carta pode ser entendida enquanto uma narrativa formulaica do mundo antigo, que passa a ter diversas funções

¹¹⁷P. Mich. 3 221.

¹¹⁸BGU 3 948.

¹¹⁹PSI 12.1247.

com o passar dos séculos, até tornar-se elaboração intelectual propriamente dita, com a ascensão de uma teoria epistolar/epistolografia.¹²⁰ As cartas aqui analisadas não são pertencentes a uma categoria de elaboração de si – são cartas comuns, trocadas entre familiares e tratando de questões cotidianas. Mesmo que não tenham como pretensão inicial um exercício intelectual e sejam muitas vezes bastante práticas em seu conteúdo, elas não nos oferecem um acesso direto à experiência do que aconteceu – assim como nenhum tipo de documento é uma porta que se abre e nos revela uma verdade inerente sobre o passado.

Esta perspectiva adotada, que parte de um viés pós-estruturalista para pensar a prática histórica, entende o documento como aquilo que traduz e constrói a experiência dos sujeitos em seu contexto de produção. Não há, nessa perspectiva, uma experiência anterior ao documento escrito – a experiência se traduz a partir do registro documental, que possibilita o olhar do historiador. Isso significa pensar que, pela impossibilidade de acesso às “experiências reais” do passado, os fragmentos¹²¹ aos quais temos acesso são a única maneira de entender as vidas que eles traduzem, especialmente quando levamos em consideração as cartas aqui analisadas enquanto documentos que tratam da vida cotidiana de uma camada social que, mesmo considerada em alguma medida de elite, é bastante diversa e foi pouco discutida pelos historiadores.

Consideramos interessante pensar de que maneira a perspectiva de gênero pautada em conceito de genealogia e experiência pode auxiliar no entendimento de um passado mais plural, em que os sujeitos não são vistos apenas como pertencentes a determinadas categorias analíticas – como gênero e classe – mas reinventam, reforçam e questionam as posições e identidades de si mesmo e dos outros a partir do discurso. A análise das cartas do Egito Romano possibilita ver um mundo antigo muito mais complexo do que normalmente se espera, com jogos de poder dentro das relações familiares e de reforço de identidades e práticas sociais.

Na próxima seção, discutiremos de maneira mais aprofundada acerca da historiografia sobre o Egito Antigo, ressaltando como as disciplinas acadêmicas

¹²⁰ A análise sobre a epistolografia bizantina não foi tratada neste capítulo por estar além temporalmente do escopo deste trabalho.

¹²¹ A ideia da fragmentação da documentação é especialmente interessante ao se analisar os papiros, visto que aqueles que sobreviveram às intempéries das condições climáticas são apenas uma fração de uma quantidade muito maior produzida na Antiguidade. Além disso, a fragmentação também ocorre no próprio material de escrita, demandando uma ação humana de edição.

construíram determinados discursos sobre o passado egípcio, ao mesmo tempo em que justificavam posições políticas eurocêntricas próprias do século XIX.

3.2 A INVENÇÃO DO(S) EGITO(S)

O imaginário sobre o Egito Antigo, assim como ocorre em outros espaços e contextos, foi criado, e continua a ser pensado, a partir de disputas de discursos, poderes políticos, econômicos e intelectuais. Longe de demonstrar uma visão neutra e única, todos estes pontos reforçam, deslocam, recriam e repensam o lugar que o Egito ocupa e como este se configura – enquanto distribuição geográfica, política e cultural. Os discursos acadêmicos¹²² foram importantes para demonstrar determinados olhares sobre o Egito: mais do que pensar por qual motivo Heródoto considerou o Egito uma dádiva do Nilo, é necessário analisar qual tipo de discurso historiográfico foi construído a partir dessa afirmação e de que maneira estes posicionamentos legitimaram questões políticas. A ideia de um Egito inventado, que perpassa esta seção, sugere a preponderância dos olhares externos em relação aos autóctones e como isso refletiu de diferentes maneiras ao longo dos séculos, especialmente nas disciplinas acadêmicas que se propõe a analisar o Egito.

A invenção do Egito – assim como a invenção de diferentes tradições – é um processo amplo de disputas discursivas de poder, marcado por violências, resistências e constantes embates. No que diz respeito a estes jogos de poder, o principal conceito que auxilia a pensar como o Egito foi retratado e pensado por aqueles que o dominaram e, conseqüentemente, procuraram representar o Egito enquanto um *outro* – mágico, sensual, atrasado, negativo – em contraposição a uma Europa civilizada, limpa e correta, é o *orientalismo*. O termo, cunhado pelo crítico literário Edward Said em 1978, demonstra os diferentes discursos para tratar desta criação europeia: a separação do mundo entre o Oriente e o Ocidente. Esta diferenciação, longe de ser algo natural, foi a base de políticas nacionalistas e violentas que buscaram exercer domínio sobre territórios e populações da África e da

¹²² Aqui estamos pensando além da historiografia, mas levando em consideração principalmente a Egiptologia e o que hoje se configura como Estudos Clássicos. Nestas disciplinas, nosso foco principal será a Papirologia, que trabalha, no início, com a documentação proveniente do Egito durante o período helenístico, romano, tardo-antigo e bizantino.

Ásia, a partir de uma suposta superioridade ocidental perpassada por questões raciais e culturais.¹²³

Enquanto discurso europeu, o orientalismo opera a partir de diversas frentes, e um de seus principais usos se dá no âmbito acadêmico. As determinações científicas da própria produção do discurso histórico no século XIX construíram não apenas uma representação do Egito neste período a partir de um olhar europeu, como também sistematizou o passado egípcio de maneira bastante específica a partir da criação da Egiptologia. Originalmente criada como uma disciplina para estudar todos os aspectos do Egito, e não apenas sua História, a Egiptologia tornou-se o discurso cientificamente aceito das diferenças entre uma civilização africana, considerada grandiosa em um momento do passado, e a civilização europeia, descendente dos antigos gregos e romanos, que conseguiram manter seus ideais civilizacionais e culturais e, inclusive, continuavam a ser influenciados por estes.

Este discurso procurou separar a civilização egípcia do mundo greco-romano, tanto por um ideal de superioridade cultural quanto de superioridade racial. Entretanto, segundo Martin Bernal, nem sempre esta distinção foi tão evidente e aceita nos círculos intelectuais. Bernal, em sua obra *Black Athena: The Afroasiatic Roots of Classical Civilization*, construiu uma genealogia das influências egípcias e dos povos do Levante nas civilizações da Grécia e Roma antigas, demonstrando que, para além do contato cultural, os egípcios foram pioneiros e diretamente influenciaram o início da civilização grega. Esta, por sua vez, apropriou-se de diversos elementos egípcios e dos povos do Levante para, posteriormente, ser analisada por estudiosos dos séculos XVIII e XIX como a maior civilização antiga, surgida de maneira espontânea e sem influências externas.¹²⁴

Segundo Bernal, o modelo interpretativo utilizado até o século XIX – nomeado Modelo Antigo – sugeria que a civilização grega tinha sua origem do contato com os povos do Levante e os egípcios. Para o autor, este modelo foi sendo gradativamente substituído pelo Modelo Ariano, predominante a partir do século XIX e pautado nas teorias racialistas, no racismo científico e no orientalismo próprios dos séculos XVIII e XIX. Longe de significar uma mudança puramente científica, Bernal defende que a

¹²³ SAID, Edward W. **Orientalismo**: O Oriente como invenção do Ocidente. São Paulo: Companhia de Bolso, 2008.

¹²⁴ BERNAL, Martin. **Black Athena**: The Afroasiatic Roots of Classical Civilization. New Brunswick: Rutgers University Press, c1987. P. 9-23.

formação do Modelo Ariano e a permanência de sua utilização no século XX não pode deixar de lado todos os pressupostos positivistas e racistas de suas bases. Para tal, acredita que é necessário voltar ao Modelo Antigo com algumas revisões específicas, entendidas como contribuições contemporâneas principalmente da Arqueologia.¹²⁵

Para empreender esta tarefa, Bernal analisa inicialmente o Modelo Antigo e de que maneira este se formou, o que o Modelo Ariano significou no século XIX e como ele passou a ser predominante na academia. Ao retomar o Modelo Antigo, o autor procura salientar a relevância dos egípcios para os antigos gregos revisitando autores como Homero, Tucídides, Heródoto, Hesíodo e Platão. Em sua análise, Bernal utiliza-se de diferentes tipos de documentos: relatos mitológicos, tratados filosóficos, peças teatrais. Sua análise dos textos antigos, entretanto, é feita sem levar em consideração as tipologias internas sobre a diferença dos textos – os textos que tem como temática principal a religião antiga, por exemplo, não podem ser analisados da mesma maneira que textos sobre questões políticas.¹²⁶ Ainda assim, Bernal consegue construir um arcabouço textual relevante a partir da própria documentação da Antiguidade, demonstrando um mundo antigo bastante conectado e em que diferentes civilizações se influenciavam mutuamente.¹²⁷

Para o autor, o Modelo Antigo é relevante e inquestionável até o século XVII – o Renascimento é considerado por Bernal como um ponto importante de retomada do conhecimento antigo, inclusive das tradições egípcias e dos povos do Levante, e não apenas do mundo greco-romano. Além disso, a própria retomada, muitas vezes de maneira prática, das religiões antigas passou a ser um elemento associado à Ilustração em seus movimentos mais radicais, que atacavam não apenas a ordem política e a organização social feudal, como o poder da Igreja Católica. Estes ideais, que identificavam principalmente na cultura egípcia antiga o local de origem tanto do pensamento teológico como do conhecimento, foram gradativamente substituídos ao longo do século XVIII pela supremacia da civilização grega antiga e uma noção de

¹²⁵ *Ibidem*, p. 27-29.

¹²⁶ Uma das principais críticas feitas ao trabalho de Martin Bernal é de caráter metodológico, salientando que os diferentes tipos de documentação utilizados pelo autor não foram tratados com o devido rigor. Para as críticas realizadas ao autor, cf. LEFKOWITZ, Mary R.; ROGERS, Guy M. (Eds.). **Black Athena Revisited**. Chapel Hills, London: The University of North Carolina Press, 1996. Para as respostas de Martin Bernal às diversas críticas recebidas, não apenas aquelas enunciadas na obra supracitada, cf. BERNAL, Martin. **Black Athena Writes Back**: Martin Bernal responds to his critics. Durham: Duke University Press, 2001.

¹²⁷ BERNAL, *op. Cit*, p. 161-165.

continuidade cultural entre o mundo grego e os românticos. A substituição e o declínio do Modelo Antigo ocorreram, segundo Bernal, em virtude de quatro elementos: a reação cristã, o ideal de progresso, o racismo e o helenismo romântico.¹²⁸

Nessa perspectiva, Bernal afirma que estes quatro elementos operaram de maneira conjunta para construir um imaginário da grandiosidade e da superioridade europeia que deveria ser corroborado em vários aspectos, inclusive a partir da História. Desta forma, não seria possível referenciar, como ocorria anteriormente, a contribuição das civilizações egípcia e dos povos do Levante na cultura grega, visto que a superioridade europeia era também entendida como uma superioridade racial – o homem branco, o mais avançado de todos, não poderia ter em sua base civilizacional a influência de raças consideradas inferiores. A cultura grega antiga, a partir desse olhar próprio do século XIX, era entendida dentro de uma dinâmica da História que compreendia diferentes fases de desenvolvimento. Se, no século XIX, a humanidade encontrava-se em seu esplendor – a maioridade da vida adulta –, o período grego antigo era uma espécie de infância do mundo, enfatizando uma ideia de progresso da “tocha civilizacional” que passaria até as grandes nações europeias.¹²⁹

A obra de Martin Bernal insere-se em um contexto de crítica pós-colonial e de ascensão acadêmica de questões pan-africanistas, inclinadas a desconstruir os ideais eurocêntricos que, em alguma medida, pautam a produção do conhecimento. A análise observa, a partir desta perspectiva, as camadas que constituem os discursos acadêmicos e de que maneira estas são dotadas de uma historicidade própria que, longe de ser neutra, traduz os ideais de um *Zeitgeist* como parte da neutralidade científica. Como anteriormente citado, muitas destas considerações devem-se à formação das disciplinas acadêmicas. O processo de cientifização das humanidades efetivou-se dentro de uma lógica a partir da qual os campos de estudos passavam a ser legitimados por sua aproximação às ciências exatas, ou seja, com resultados obtidos a partir de modelos interpretativos lógicos que não necessitavam de evidências históricas externas. Essa lógica interna validava as interpretações racialistas, partindo da percepção racial/étnica de um povo e a circunscrição de sua língua a um território.

¹²⁸ *Ibidem*, p. 190-194.

¹²⁹ *Ibidem*.

Esta ênfase na cultura helênica pelo Romantismo do século XIX – também entendida como neohelenismo – pode ser percebida especialmente na Alemanha, em virtude das configurações políticas e da busca por um passado que unificasse todo o território a partir de uma língua e de uma cultura em comum. Nesse contexto, constrói-se uma análise a partir da lógica do indo-europeu enquanto modelo explicativo para construir a ligação linguística e cultural entre os povos da Antiguidade e aqueles do século XIX. O indo-europeu¹³⁰ enquanto teoria linguística satisfaz os pontos necessários para a construção da identidade alemã: uma língua e uma cultura antigas, consideradas positivas e “criadas” pela dominação dos povos europeus, teria construído a base de uma língua comum, falada em uma extensa região. Esta cultura superior teria se distribuído por outros territórios, levando assim sua língua e os ideais civilizatórios. Tudo isso estaria conectado a partir de uma raça comum que, segundo considerações próprias do século XIX, teria um conjunto de características fenotípicas específicas, que a separaria das outras raças. Ou seja, a língua opera como um vetor que condensa um povo – aqui, no sentido racial –, um território e, também, uma cultura material.¹³¹

O ideal da Grécia Antiga como uma cultura ancestral, a partir da qual a maioria dos povos europeus adivinha – e, principalmente, a recém unificada Alemanha –, servia enquanto universo discursivo do nacionalismo, que pautava na raça uma atribuição de sentidos étnica e cultural. A grandiosidade da Grécia era entendida a partir da invasão perpetrada pelos “povos do Norte”, o que reforçava o discurso construído em torno da unificação alemã e funcionava como ferramenta de atribuição de sentidos a um passado glorioso, criando uma coesão histórica e formando a memória de um povo a partir de um ideal de comunidade imaginada. No cerne desta comunidade imaginada, para além de sua própria memória nacional e do passado comum, é possível observar uma noção de herança que carregava em si elementos para demonstrar uma superioridade biológica e cultural germânica.

Uma das ferramentas para construir o sentido mnemônico sobre as novas identidades nacionais foi a Arqueologia, disciplina que, no contexto, ainda era uma

¹³⁰ Em sua nomenclatura originária, o indo-europeu era também conhecido como *indo-germanisch*, demonstrando a busca por uma ligação entre a formação da identidade alemã e as teorias linguísticas/culturais que dominaram a academia no século XIX.

¹³¹ FUNARI, Pedro P. A. Linguística e Arqueologia. In: _____, **Arqueologia e Patrimônio**. Erechim: Habilis, 2007.

ciência em construção e, diante da escassez de artefatos materiais, estes eram utilizados de maneira a corroborar as teorias linguísticas e eram organizados como pertencentes a uma cultura material de um povo específico – os germanos. Partindo dessa perspectiva, seria impossível conectar os egípcios e os povos do Levante a esta cultura já considerada europeia, visto que estes povos partiam de bases linguísticas distintas e, conseqüentemente, eram considerados inferiores. Por esse ângulo, há um estabelecimento do que é considerado como relevante nos estudos sobre a Antiguidade: um ideal ocidental que valoriza o helenismo e a *romanitas* – e procura constantemente construir uma ligação entre este passado antigo e glorioso e a contemporaneidade.

A partir desse olhar, parece existir uma relação direta entre as questões da formação dos estados nacionais no século XIX, a institucionalização das disciplinas acadêmicas e a ostracização do Egito Antigo enquanto objeto de estudo relevante para entender o mundo antigo, especialmente no que diz respeito às influências exercidas pela civilização egípcia nos gregos. A construção de um ideal ocidental de civilização, ligado ao passado greco-romano, opera dentro de um imaginário sobre *qual* passado é relevante e de que maneira ele deve ser pensado como elemento importante da contemporaneidade: ao excluir ou colocar o Egito em um outro lugar, os estudos sobre a Antiguidade construíram uma ligação direta de continuidade entre os Estados Nacionais do século XIX e o passado greco-romano, procurando corroborar seus ideais imperialistas como uma “tocha civilizacional” que precisava ser levada para os povos então dominados – o fardo do homem branco. O lugar de outro que o Egito Antigo ocupa também é definido a partir de um olhar civilizatório europeu – a Egiptologia é criada também com o objetivo de definir o lugar ocupado pelo Egito, seja como civilização antiga, seja na contemporaneidade, enquanto espaço que deve ser ocupado e dominado.

A própria separação dos períodos históricos estudados pela disciplina demonstra, em alguma medida, as percepções do espaço ocupado pelo Egito no mundo antigo. Ainda que no imaginário reproduzido pelo senso comum o Egito seja rememorado a partir de seu período faraônico – o que se traduz em vários meios de recepção moderna que reforçam o Egito como o espaço dos faraós e das pirâmides ou, no mais tardar, de Cleópatra VII –, o território egípcio continua a existir ao longo de vários séculos, passando por diferentes configurações política, sociais e econômicas. Ao pensar no Egito depois dos faraós e, mais especificamente, dentro

de um contexto helênico, romano e tardo-antigo, é preciso levar em consideração um mundo antigo conectado e que exercia diversas trocas culturais. Nessa perspectiva, é importante rememorar que o Império Macedônico em seu ápice se estendia do território que atualmente compreende do Egito à Índia. De maneira semelhante, o Império Romano teve seu ápice de extensão em 112 da era comum, com um território que ia da Grã-Bretanha até a Síria. Estas demonstrações espaciais devem ser levadas em conta para se refletir sobre os diferentes contatos estabelecidos entre as civilizações ao longo dos séculos e qual o impacto destas mudanças – sejam de cunho político, econômico ou cultural – dentro do território egípcio.

Pensar o que significa o Egito, independentemente de sua temporalidade na Antiguidade, também demanda um esforço em compreender a formação da disciplina que leva seu nome, a Egiptologia. Criada no bojo das expansões imperialistas do século XIX e fortificada pela massiva presença europeia em território egípcio, a Egiptologia configura-se como um campo de saberes que, inicialmente, propunha-se a pensar o Egito em sua totalidade. Indo além dos limites das disciplinas entendidas como humanidades, a Egiptologia queria sistematizar o Egito em sua totalidade enquanto objeto de pesquisa sem que, no entanto, produzisse uma ciência para os egípcios – o que ocorre é, de fato, exatamente o contrário: a Egiptologia é uma disciplina de tradição europeia que se dissemina pelo Norte Global e constrói narrativas específicas sobre o passado egípcio, narrativas estas que ignoram a influência árabe durante o medievo e relegam a um lugar que é ora inferior, ora “especial” qualquer ligação com as civilizações grega e romana.

Mesmo que a Egiptologia seja definida, em termos amplos, como o campo de estudos que tem como objeto principal o estudo do Egito e de seus povos entre 3000 e 300 AEC, há um interesse cada vez maior em construir pontes entre as diferentes temporalidades e especificidades de cada período.¹³² Entretanto, é inegável que, assim como outras disciplinas criadas ao longo do século XIX, o interesse da Egiptologia se deu principalmente pelo caráter de exotismo relegado ao Egito e pela suposta incapacidade de cuidado e manutenção do passado por parte dos nativos. Isso também era reflexo das próprias insatisfações europeias, que buscavam, a partir

¹³² SILVA, Thais Rocha da. **Construtos de gênero no Egito Ptolomaico**: uma proposta de leitura das cartas gregas e demóticas. 2013. Dissertação (Mestrado em Estudos Árabes) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013. p. 74

dos espaços dominados, construir narrativas para corroborar seus ideais, como afirma Silva:

Num período em que movimentos sociais ganhavam força na sociedade europeia e a ordem burguesa era contestada, era importante que se tivesse uma justificativa histórica para determinar hierarquias e relações de poder. O mundo greco-romano foi paulatinamente lapidado pela burguesia dominante, com direito a importações da antropologia, apoiadas no darwinismo social e numa leitura evolucionista. Nesse contexto, a apropriação do Egito antigo, seu consumo, o crescimento da Egitomania e a institucionalização da Egiptologia consagram um orientalismo específico ao Egito antigo.¹³³

Através deste olhar, foi necessário construir frentes de estudo que, por um lado, corroboravam a suposta superioridade do mundo greco-romano, ao mesmo tempo em que inseriam o Egito Antigo em uma lógica discursiva que reforçava o orientalismo. Isso se deu principalmente pela “febre” da Egitomania e pelo recém criado espaço dos museus que, ao longo do século XIX, deixaram de ser uma espécie de gabinete de curiosidades e se tornaram espaços de produção do saber científico. O Egito, nessa lógica, seria uma civilização anterior e inferior, que se estabeleceu e decaiu para confirmar a grandiosidade dos povos europeus. Isso se traduz, em grande medida, pelo estabelecimento da separação já falada entre a própria Egiptologia – um saber orientalizado – e a separação de períodos históricos posteriores, entendidos como parte do mundo clássico.

Dentro desta perspectiva, o Egito pós-faraônico foi entendido como um lugar da diferença, visto que, por suas bases filológicas, aproximava-se dos estudos clássicos. Entretanto, esta aproximação ainda assim não permitia que as análises papirológicas pudessem contribuir para pensar outros espaços, principalmente sobre o Império Romano. Esse é o “lugar especial” em que o Egito pós-faraônico se consolidou, em grande parte pela forma de institucionalização da papirologia, o que será discutido na próxima seção.

3.3 A PAPIROLOGIA E O EGITO DEPOIS DOS FARAÓS

No cotidiano do mundo antigo, as folhas de papiro eram utilizadas de diversas maneiras: em seu uso original, eram a superfície dos mais diversos tipos de textos

¹³³ *Ibidem*, p. 82.

escritos; poderiam ser reutilizadas para a escrita de cartas e outros documentos, exercícios escolares, ou cartonagem de múmias; poderiam, também, simplesmente ser descartadas como lixo.¹³⁴ O uso amplo deste material deve-se por sua abundância no Egito, pelo baixo preço e consequente distribuição a outros espaços do Mediterrâneo, especialmente durante o período romano. Mesmo com o uso proliferado, os papiros sobreviveram quase que exclusivamente enterrados em regiões próximas ao deserto, uma condição climática e situacional que possibilitou a redescoberta em massa destes documentos em fins do século XIX e sua posterior edição e tradução nas primeiras décadas do século XX. Nesta seção, iremos analisar o processo de descoberta dos papiros no século XIX, marcado pela invasão napoleônica no Egito e pela abertura do país a um ideal de modernidade e progresso, além da institucionalização da papirologia enquanto disciplina científica, salientando de que maneira determinadas visões e definições sobre os papiros afetaram as análises empreendidas. Ao fim desta seção, discutiremos como a Papirologia enquanto disciplina definiu um campo de estudos sobre o Egito pós-faraônico, e de que maneira as discussões sobre a presença romana no Egito podem ser analisadas a partir de uma perspectiva mais ampla, ou seja, que não reforça a visão de “lugar especial” do Egito dentro do Império, nem a “romanização” total do território egípcio.

A definição de papirologia é algo complexo e que encontra mudanças consideráveis nos últimos trinta anos. Segundo Bagnall, a papirologia era definida no seu início, em fins do século XIX e no início do século XX, a partir de alguns pontos de convergência: i) o papiro enquanto material de escrita; ii) o grego como língua principal e, em uma quantidade pouco significativa, o latim; iii) a localização desta documentação no Egito; iv) um recorte temporal que abarca do século III AEC ao século III EC. Esta perspectiva foi dominante na disciplina, desde as obras influentes

¹³⁴ Mesmo que o ato de jogar fora os papiros no mundo antigo não seja um ponto a ser discutido aqui, há um crescente interesse acadêmico em compreender o próprio processo de descarte na Antiguidade. Ainda que as informações arqueológicas das escavações de papiros ao longo dos séculos XIX e XX sejam escassas e, muitas vezes, sem o rigor científico atual, sabe-se que muitos papiros foram encontrados em depósitos de entulho, e dentre estes papiros foram encontrados os mais diversos tipos de documentos: petições, atividades escolares, textos religiosos, cartas. Os papiros de Oxirrincos são o exemplo mais conhecido de documentos descartados em algum momento na Antiguidade e encontrados na contemporaneidade ainda dentro deste espaço. Para uma análise inicial sobre uma arqueologia do lixo dos papiros, cf. LUIJENDIJK, AnneMarie. *Sacred Scriptures as Trash: Biblical Papyri from Oxyrhynchus*. In: GRESCHAT, K; LÖSSL, J. **Vigiliae Christianae: A Review of Early Christian Life and Language**. 64. ed. Leiden: Koninklijke Brill Nv, 2010. p. 246. Disponível em: <http://religion.princeton.edu/main/faculty/annemarie-luijendijk/Luijendijk_Sacred_Scriptures_as_Trash_VC.pdf>.

de Wilcken e Mitteis, no início do século XX, até o manual de Turner, utilizado como base de cursos nos anos 1970. Nas últimas décadas, entretanto, é possível perceber que os estudos sobre papiros perpassam a questão geográfica e temporal, trazendo contribuições de textos encontrados na região da Ásia Menor, em línguas como aramaico e até mesmo do período medieval, como os papiros encontrados na Sinagoga do Cairo, escritos em hebraico e datados majoritariamente dos séculos X a XIII da era comum. Além disso, os documentos analisados deixam de ser apenas em papiros e englobam outros materiais como a *ostraka*.¹³⁵

Ainda assim, mesmo que a papirologia não tenha limites tão evidentes quanto no passado, algumas considerações são necessárias: para Bagnall, opinião que compartilhamos nesta pesquisa, a permanência no estudo de papiros gregos advindos do Egito durante o período romano não é apenas uma contingência arqueológica. O volume de documentação produzido pela elite e pelos oficiais que ocupam o Egito durante o período romano são os responsáveis pela quantidade abundante de papiros deste contexto. Isto significa que, ao analisar estes documentos, estamos observando um estrato específico de uma elite social altamente burocratizada.¹³⁶ Ainda que estes documentos – não apenas a seleção desta pesquisa, mas a maioria dos papiros encontrados – sejam pertencentes a uma elite letrada egípcia, esta é mais diversa do que aquela encontrada em Roma e, por seu volume documental expressivo, funcionava enquanto sociedade de maneira semiletrada.¹³⁷ Além disso, visto que a maioria dos papiros não é oriundo da região do delta do Egito, entende-se que a análise também favorece locais menos ricos e com uma população representada de forma mais diversa.

Sob este prisma, podemos compreender a papirologia, em termos amplos, enquanto a disciplina que estuda os papiros em todas as suas dimensões – física, linguística e cultural. Ainda que a ênfase em seu caráter de análise filológica seja algo presente desde o início, no século XIX, é notório observar as constantes modificações internas na disciplina, que a configuram cada vez mais próxima dos estudos históricos, procurando ir além da dimensão textual dos papiros – ou seja, do processo de

¹³⁵ BAGNALL, Roger S. (ed.). **The Oxford Handbook of Papyrology**. Oxford: Oxford University Press, 2009. P. ix.

¹³⁶ *Ibidem*, p. x

¹³⁷ Cf. VERHOOGT, Arthur. Unique sources in an unusual setting. In: VANDORPE, Katelijn. **A Companion to Greco-Roman and Late Antique Egypt**. Hoboken: John Wiley & Sons, 2019.

transcrição, correção, verificação linguística e tradução – e incorporando questões próprias do ofício de historiador, como a função social e cultural dos documentos estudados e, ainda mais recentemente, o processo de descoberta, catalogação e comércio de papiros e sua relação mais ampla com a predominância do norte global na análise papirológica. Embora o foco desta pesquisa sejam os papiros do período romano, vários itens também do período faraônico foram encontrados no Egito a partir do século XIX. Estes foram, inclusive, obtidos em abundância pela expedição napoleônica e valorizados em detrimento dos papiros de períodos mais tardios, que só seriam sistematicamente escavados no século XIX, embora alguns tenham sido encontrados e traduzidos e este processo faça parte do que Keenan chamou de “proto-história” da papirologia.¹³⁸

Pensando na historicidade da disciplina, podemos identificar o início da papirologia com os achados mais numerosos de papiros, especialmente do período greco-romano, em fins do século XIX e sua subsequente sistematização e tradução. Não há, mesmo nas universidades de tradição europeia, um curso específico sobre papirologia – como existe, por exemplo, de Estudos Clássicos ou Egiptologia –, mas a disciplina encontra-se dentro dos departamentos que tratam tanto dos estudos sobre o mundo greco-romano quanto da civilização egípcia, ainda que, de início, o conteúdo dos papiros tenha sido caracterizado, por um lado, como excentricidade do Egito e, por outro, como domínio do campo dos Estudos Clássicos.

Nesta “proto-história” algumas datas podem ser consideradas marcos importantes, como o período das escavações de Herculano (entre 1752 e 1754), quando foram encontrados papiros carbonizados em um local que passou a ser conhecido como Vila dos Papiros – os primeiros encontrados a partir de uma escavação propriamente dita. Outra data importante é a tradução e publicação em 1788 do papiro que ficou conhecido como *Carta Borgiana*, visto que foi doado como presente ao cardeal Stefano Borgia. Datado de 192 EC e proveniente da região do Fayyum, fazia parte de uma coleção com aproximadamente outros cinquenta papiros, e tratava de trabalho compulsório na vila de Soknopaiou Nesos.¹³⁹

¹³⁸ KEENAN, James G. The History of the Discipline. In: BAGNALL, Roger S. **The Oxford Handbook of Papyrology**. Oxford: Oxford University Press, 2009.

¹³⁹ HANSON, Ann E. **Papyrology**: Minding Other People's Business. Transactions of the American Philological Association (1974-), 131, 2001. p. 297-298.

Estes marcos iniciais demonstram uma diferença em quantidade e interesse dos estudiosos quando comparados ao contexto do século XIX – um dos grupos de papiros encontrados no século XVIII, por exemplo, sequer é do Egito. O panorama se modifica especialmente a partir da invasão napoleônica no Egito, que constrói um imaginário específico sobre o local, questão já tratada anteriormente, e se intensifica efetivamente na segunda metade do século XIX com a descoberta sistemática de papiros. O imaginário também é trabalhado a partir das disciplinas científicas e de como estas institucionalizam um discurso sobre o passado egípcio, a conexão deste com o Mediterrâneo e o lugar ocupado pelo Egito enquanto outro. No caso específico da papirologia, há um envolvimento ainda mais evidente com os processos de dominação e modernização do país. Segundo Cuvigny, as modificações na estrutura sócio-política do Egito depois da dominação napoleônica se iniciam com a ascensão ao poder de Muhammad Ali, então comandante no exército otomano designado para frear as forças francesas. Ali desejava que o Egito deixasse de fazer parte do Império Otomano e se tornasse independente, o que só poderia ocorrer diante de uma economia autossuficiente e segurada por um exército nacional.

Muhammad Ali ascende ao poder em 1805, tendo seus descendentes dinásticos governado até 1952, quando da revolução que provoca a abolição da monarquia, e esta permanência longa no poder demonstra, em alguma medida, força política interna e externa. Uma das primeiras iniciativas de Muhammad Ali foi um robusto projeto de modernização do Egito, que envolvesse a criação de algum tipo de ocupação para a crescente população, proporcionasse alimentação e, ao mesmo tempo, servisse aos interesses econômicos internacionais. A posição do Egito em relação aos outros países, especialmente da Europa, era de certa fragilidade e, por isso Ali acatou diversas posições europeias, inclusive sendo assessorado por engenheiros europeus nas obras hídricas que modificaram a região do Fayyum. Outro exemplo desta influência foi a pressão exercida por Champollion que, ao retornar ao Egito em 1828, percebeu a constante pilhagem dos artefatos arqueológicos e interveio diretamente a Ali para que alguma medida fosse tomada.¹⁴⁰ A partir desta pressão,

¹⁴⁰ Curiosamente, nesta mesma expedição Champollion danifica propositalmente uma tumba para levar um baixo-relevo a Paris como forma de demonstrar a grandeza da cultura egípcia aos helenistas. Cf. RIDLEY, R. T. **Champollion in the Tomb of Seti I**: an Unpublished Letter. *Chronique d’Egypte*, 66(131-132), 1991, p. 23–30. doi:10.1484/j.cde.2.308853

uma lei é instituída em 1835 proibindo o comércio ilegal de antiguidades, mas se mostrou pouco efetiva: o mercado de antiguidades, por exemplo, foi legal até 1912.¹⁴¹

A partir desta abertura do Egito à influência estrangeira, houve uma necessidade maior de produção agrícola e a instalação de fábricas em regiões como o Fayyum. Davoli sintetiza este processo de abertura como uma grande revolução agrícola que quadruplicou a área cultivável entre 1820 e 1850, gerou aumento populacional, expandiu cidades e aumentou consideravelmente as ferrovias já existentes. O governo egípcio buscou aprimorar os aspectos econômicos, sociais, culturais e técnicos da sociedade a partir de um ideal de progresso e alinhamento às demandas internacionais. É também neste contexto de iniciativas governamentais em todas as regiões do país que as grandes descobertas de papiros e de outros artefatos são realizadas.¹⁴²

A partir deste processo de modernização, há uma busca latente pelo fertilizante natural conhecido como *sebâkh*, uma mistura de pó dos tijolos das construções antigas, salitre e matéria orgânica. Era um composto encontrado em quantidade, normalmente próximo às ruínas de cidades antigas. Além de seu papel como fertilizante natural, também era possível fazer tijolos a partir do *sebâkh* e utilizar o salitre para produzir pólvora e cal nas indústrias instaladas na região. Por ser um material abundante na região, o governo egípcio o considerava como propriedade daqueles que o encontrassem, e a norma jurídica foi utilizada como prerrogativa pelos “fazendeiros de *sebâkh*”, nativos que passaram a pilhar regiões com ruínas antigas em busca do adubo natural. Isso ocorre, também, em virtude da inserção de novas espécies de plantio para o comércio internacional, uma delas o algodão, que aumentou sua produção exponencialmente durante a Guerra Civil Americana. Com a impossibilidade de produção em virtude da guerra e a crescente necessidade europeia do tecido, Ali é aproximado por europeus e passa a suprir a maior parte da demanda, aumentando em 500% a produção em apenas cinco anos.¹⁴³

A questão levantada tanto por Cuvigny quanto por Davoli enfatiza o “sacrifício” da cultura material antiga por um projeto que entende a economia e o progresso como

¹⁴¹ DAVOLI, Paola. **Papyri, Archaeology, and Modern History**: A Contextual Study of the Beginnings of Papyrology and Egyptology. *The Bulletin of the American Society of Papyrologists*, 52, 2015. P.90-94.

¹⁴² *Ibidem*, p. 97

¹⁴³ *Ibidem*, p. 93-94

objetivo final. O discurso de ambos, de maneira geral, coloca em evidência as escavações europeias como uma espécie “resgate” da cultura material, responsáveis por resgatar papiros e outros artefatos de um destino incerto nas mãos dos nativos que buscavam enriquecer a partir do *sebâkh*. É no centro destas mudanças estruturais que as disciplinas da papirologia e da egiptologia se consolidam, evidenciando a influência europeia em território egípcio não apenas nos níveis políticos e econômicos, mas também acadêmicos e científicos. Com o objetivo de estudar o patrimônio material e entendê-lo como parte da história egípcia, cria-se durante o governo de Said Pasha (filho de Muhammad Ali) o primeiro museu egípcio, o que coincide com a criação em 1858 do *Service de conservation des antiquités de l’Egypte*, órgão francês encabeçado por Auguste Mariette que operava na regulamentação da atividade de pesquisa científica no país. Além disso, foi entendido também como um protetorado arqueológico francês dentro do Egito, visto que se manteve no território até 1952.¹⁴⁴

A partir da segunda metade do século XIX é possível perceber um influxo maior de papiros sendo comercializados nos mercados de antiguidades, ainda que de maneira ilegal. Apesar dos esforços empreendidos por Auguste Mariette, seja na fiscalização das escavações ou em suas estratégias para a criação de um museu que salvaguardasse o patrimônio egípcio, a pilhagem, e posterior venda nos mercados ilegais, continuou algo comum pelo menos até 1912. Este mercado fomentado pelo tráfico de antiguidades tornou-se, inclusive, um local de compra de coleções que, posteriormente, seriam instaladas em instituições do Norte Global, como a Universidade da Califórnia e a Universidade de Michigan. O primeiro grande lote de papiros chega ao Cairo em 1877, o que significa ao menos vinte anos de expansão agrícola sem que uma efetiva política de salvaguarda destes documentos fosse empreendida, seja por Mariette ou por outras figuras governamentais. No início dos anos 1880, a primeira grande compra de papiros – cerca de 10.000 – é efetuada pela Biblioteca Nacional de Viena, mas a maioria destes documentos havia sido encontrada sem o rigor científico das escavações do período, tornando-se apenas artefatos coletados por trabalhadores rurais de origem humilde que buscavam *sebâkh*.

É neste contexto que as primeiras escavações empreendidas por europeus ocorrem. O intuito era salvaguardar o patrimônio material do Egito e tratar o que era

¹⁴⁴ CUVIGNY, *op. Cit.*

encontrado com um rigor mais científico. O próprio Arthur S. Hunt, estudioso que junto de Bernard P. Grenfell encontrou o depósito de lixo em Oxirrínco com mais de 2.000 papiros, afirma que o influxo destes itens que chegavam aos museus europeus era tratado sem o devido cuidado por aqueles que os encontravam, e que, neste processo, muitas evidências eram perdidas.¹⁴⁵ Mesmo que o objetivo de Grenfell e Hunt fosse positivo e que o cuidado científico tenha sido valorizado em suas expedições, Cuvigny sinaliza a falta de conhecimento dos responsáveis sobre os locais escavados – erros de localização que chegavam a 100 metros de distância, por exemplo. Rostovtzeff, contemporâneo de Grenfell e Hunt, critica inclusive o método destes em procurar apenas papiros, ignorando todo o contexto estratigráfico em que os documentos eram descobertos, algo que criou lacunas na disciplina que persistem até a contemporaneidade. Ainda segundo Rostovtzeff, as escavações executadas de maneira rápida, deixando boa parte do trabalho manual aos nativos e as limitações econômicas (Grenfell e Hunt eram patrocinados pela *Egypt Exploration Fund*¹⁴⁶), ainda que tenham resgatado vários papiros, também promoveram a destruição de sítios arqueológicos durante seu trabalho.¹⁴⁷

Grenfell e Hunt também foram responsáveis por sistematizar um método de edição¹⁴⁸ e tradução dos papiros, utilizado até a contemporaneidade, ainda que com algumas modificações. Este sistema é definido pela edição do papiro – em que símbolos são utilizados para indicar as interpretações dos editores, acrescida dos comentários gerais – sobre o estado da peça, dúvidas quanto à linguagem, contexto, outros documentos semelhantes ou do mesmo arquivo. Esta lógica de sistematização é encontrada, de maneira próxima ao produzido por Grenfell e Hunt, em obras

¹⁴⁵ HUNT, Arthur S. **Twenty-five years of Papyrology**. The Journal of Egyptian Archaeology, vol. 8, no. 3/4, 1922, p. 121.

¹⁴⁶ Fundada em 1882, a EEF (atualmente *Egypt Exploration Society*) é uma instituição autônoma de pesquisa científica no Egito, voltada principalmente à arqueologia – Sir Flinders Petrie, considerado o pai da egiptologia, foi um dos estudiosos que trabalhou para a EEF. A campanha específica de 1896-1897, em que Grenfell e Hunt encontraram os papiros de Oxirrínco, foi financiada por pessoas ligadas à igreja anglicana, de onde advém a ênfase dos dois estudiosos nos papiros literários de caráter religioso.

¹⁴⁷ ROSTOVITZEFF, Michael. **Gnomon**, 5(8), 1929. P. 435.

¹⁴⁸ Os papiros raramente são encontrados com seu conteúdo 100% legível, logo, o trabalho dos editores é de fundamental importância para (re)construir o sentido do texto. Compreendemos que as escolhas feitas por estes editores perpassam uma dimensão do contexto de produção dos papiros, ao mesmo tempo em que constituem-se enquanto uma leitura contemporânea realizado pelos editores deste passado. Em virtude da falta de familiaridade com os documentos em seu formato original, utilizaremos nesta pesquisa as edições já produzidas, mas cientes de que elas também são perpassadas por escolhas de quem as organizou. Serão indicadas as versões utilizadas e, quando existir conflito em versões, utilizaremos a mais recente.

contemporâneas. Estas, entretanto, vão além do trabalho tradicional de edição dos papiros e procuram inserir os documentos editados e traduzidos em seu contexto de produção, trazendo análises mais amplas e compilando-os a partir de um viés específico. Este tipo de perspectiva é a mais adotada na contemporaneidade, ou seja, procura manter o rigor científico do modelo inicial – que, por sua riqueza de informações, é importante para um leitor que não é especialista – ao mesmo tempo em que provoca inquietações sobre o significado dos documentos editados.

Ainda pensando na formação deste campo disciplinar, é necessário retomar dois autores fundamentais para a definição de papirologia e de uma tradição papirológica na Alemanha: Ulrich Wilcken e Ludwig von Mitteis. Discípulos de Theodor Mommsen¹⁴⁹, Wilcken e Mitteis foram os pioneiros em “criar” efetivamente o campo da papirologia a partir do lançamento da revista *Archiv für Papyrusforschung*, em 1900. A ideia da revista era fortalecer a colaboração internacional dos estudiosos e centralizar as produções sobre papiros em uma única publicação – até então, os estudos eram publicados em revistas de outros tipos, como epigrafia e filologia. Os autores também são responsáveis por uma expressiva contribuição para o estudo do Egito Romano, enfatizando os papiros a partir de um olhar definido tanto como histórico quanto como jurídico.

Wilcken e Mitteis reforçam a ideia da papirologia enquanto o estudo dos papiros em grego, mas enfatizam a importância da contribuição dos “orientalistas” (estudiosos das línguas egípcias e árabes) para uma compreensão mais plural do mundo antigo. Ao mesmo tempo, entendiam a papirologia como uma disciplina auxiliar dentro dos estudos sobre a Antiguidade, que deveria atuar junto da Filologia, da História Antiga e da História do Direito para que a dimensão de sua prática pudesse ser instrumentalizada. Os autores ressaltam nessa obra, ainda, a ligação do campo da papirologia com a filologia, visto que a crestomatia realizada não necessariamente

¹⁴⁹ Segundo Eric G. Turner (1968), Mommsen afirmou que, se o século XIX havia sido o século da epigrafia, certamente o século XX seria o século da papirologia, demonstrando confiança no potencial da documentação recém descoberta e na capacidade de seus discípulos e de outros estudiosos em contribuir para analisar o mundo antigo a partir dos papiros. Peter van Minnen, entretanto, não consegue rastrear a origem desta fala, que deve ser tomada com cautela – ainda que seu conteúdo esteja de acordo com perspectivas acadêmicas inclusive do próprio Mommsen, que dedicou-se à *Altertumswissenschaft* e não a um ideal de *Classics*. Cf. TURNER, Eric G. **Greek Papyri: An Introduction**. Princeton: Princeton University Press, 1968; VAN MINNEN, Peter. **The Century of Papyrology (1892-1992)**. The Bulletin of the American Society of Papyrologists, 30(1/2), 1993, p. 5-18.

traduz os textos – ainda que traga comentários relevantes sobre o conteúdo destes – mas propõe edições específicas e trabalha com os problemas idiomáticos do grego antigo, na análise e compreensão de termos específicos e no uso de expressões idiomáticas.¹⁵⁰

Neste contexto, há uma definição sobre o campo de estudos da papirologia. Seguindo a influência da filologia na formação das disciplinas ao longo do século XIX, a papirologia estaria ligada aos Estudos Clássicos, visto que seu escopo de estudo seriam os papiros escritos em gregos. O demótico e o copta, por sua vez, seriam pertencentes à egiptologia, evidenciando de que maneira a questão da linguagem era central na definição dos objetos das disciplinas. No que diz respeito ao estudo do Egito ptolomaico e romano, esta perspectiva gerou uma visão destes períodos como algo excepcional, já que, diante de tamanha vastidão documental, não poderiam ser utilizados como parâmetro para pensar outros espaços do Império Romano.

A ideia da excepcionalidade do Egito Romano é justificada pela natureza de suas fontes e por suas primeiras interpretações. Como já discutido, de início o Egito sob o domínio dos romanos foi entendido como um espaço diferente de outras localidades do Império – a permanência das instituições ptolomaicas, a noção de uma província “particular” do Imperador e a representação de imperadores romanos como faraós são alguns dos exemplos que sustentam esta perspectiva, que é baseada na legalidade jurídica e administrativa do Egito sob domínio romano. A questão colocada neste tipo de análise do período é a impossibilidade em utilizar a vasta documentação papirológica para compreender outras províncias do Império Romano ou, ainda, entendê-la como uma prática jurídica e legal de caráter especial, uma interpretação própria da legislação romana fabricada exclusivamente no Egito.¹⁵¹

Speidel aponta que o processo de transição para o governo romano ocorreu sem uma modificação estrutural intensa da sociedade. Assim, o Egito seria menos uma província propriamente romana e mais uma continuidade do governo ptolomaico, tornando-se algo específico apenas ao Imperador e sem as estruturas encontradas em outros lugares do Império Romano. Apesar desta visão ainda ter defensores na

¹⁵⁰ WILCKEN, Ulrich; MITTEIS, Ludwig. **Grundzüge und Chrestomatie der Papyruskunde**. I. historischer Teil – Erste hälfte: Gründzuge. Leipzig: Teubner, 1912. P. XI – XVI.

¹⁵¹ SPEIDEL, Michael A. Egypt's Specificity and Impact on Roman History. VANDORPE, Katelijn. **A Companion to Greco-Roman and Late Antique Egypt**. Hoboken: John Wiley & Sons, 2019. P. 574-575.

contemporaneidade, o autor enfatiza uma percepção mais aceita que coloca o Egito como integrante do Império Romano, ou seja, como uma província tal qual as outras. Entretanto, a ênfase de Speidel é nas questões jurídicas, logo, o Egito seria romano – ou teria se tornado romano ao longo dos séculos – dentro de uma perspectiva que tem como ponto principal sua estrutura administrativa.¹⁵²

Os questionamentos teóricos sobre a excepcionalidade do Egito dentro do Império Romano iniciam-se no fim da década de 1960, a partir da análise de Naphtali Lewis em um Congresso de Papirologia. Em sua comunicação, o autor analisa o significado do termo “Egito greco-romano”, dotado de duas dimensões distintas. A primeira é temporal, da conquista de Alexandre até o governo dos imperadores romanos. Para Lewis, se esta fosse a única acepção do termo, não haveria problema em sua conceituação. Entretanto, o autor aponta que o conceito tem uma segunda dimensão de caráter cultural, indicando uma ideia de continuidade cultural do período ptolomaico até o período romano. Nesse sentido, o Egito Romano seria uma continuação do período ptolomaico que, por sua vez, mantinha suas estruturas faraônicas. A questão que o autor coloca diz respeito, em grande parte, à ênfase na noção de continuidade existente no Egito. Esta continuidade, por sua vez, colocaria o Egito em um lugar especial (*Sonderstellung*) diante de outras províncias do Império Romano, fazendo com que a documentação papirológica não pudesse servir como base para questionar a aplicação e aceitação de regimentos jurídicos romanos nas províncias.¹⁵³

Para empreender esta discussão, Lewis utiliza-se do conceito de romanização com o intuito de compreender como as estruturas administrativas do Egito tornam-se, com o aprofundamento da dominação, propriamente romanas.¹⁵⁴ O sentido que Lewis dá ao conceito de romanização, entretanto, foi questionado de maneira incisiva ao longo da segunda metade do século XX, em virtude do caráter imperialista da ideia ao tratar da relação entre nativos e romanos – os primeiros seriam “civilizados” pelos segundos, emulando um imaginário muito mais próprio do século XIX e do início do século XX do que necessariamente dos antigos romanos.¹⁵⁵ Ainda assim,

¹⁵² *Ibidem*, p. 575-576.

¹⁵³ LEWIS, Naphtali. “Greco-Roman Egypt”: fact or fiction?. **The Twelfth International Congress of Papyrology**. Volume 5, Issue 2-3, 1968. p. 3-4.

¹⁵⁴ *Ibidem*, p. 5.

¹⁵⁵ HINGLEY, *op. Cit.*

consideramos que o posicionamento de Lewis – reforçado em publicações posteriores¹⁵⁶ – é relevante por questionar a noção do Egito como um lugar distinto dentro do Império Romano, considerada comum pelo menos no momento inicial de escrita de seus textos.

Esta posição, entretanto, não foi completamente deixada de lado – a ideia do Egito enquanto “província do Imperador” é recorrente até mesmo na historiografia do século XXI. O que nos interessa, porém, é salientar que esta discussão, ainda que inacabada – já que não existe um consenso, mesmo que de fato ocorra a predominância de um Egito com vários elementos romanos – é relevante por dotar de outras nuances a relação entre o Império Romano e a dominação ocorrida. Como o foco aqui são as questões culturais, consideramos que o Egito dos séculos III e IV da era comum pode ser compreendido enquanto representante de uma cultura da parte oriental do Império dotado de características próprias. Isto significa que, por um lado, o Egito não foi “romanizado” – ainda que concordemos com Bagnall quando este afirma sobre as mudanças econômicas e administrativas trazidas pelo Império Romano, nossa perspectiva procura entender que este processo não foi completamente horizontal, existindo espaço de ação e jogos de poder principalmente nas elites helenizadas residentes no Egito, que já eram dotadas de prerrogativas durante o período ptolomaico.

Para pensar esta questão, compartilhamos da opinião de Sarri, que compreende a excepcionalidade da descoberta de papiros no Egito – em nenhum outro território do Império Romano há tanta abundância documental, ainda que estes documentos representem apenas uma pequena fração de sua totalidade na Antiguidade. Entretanto, tal excepcionalidade não se traduz em um “lugar especial” do Egito, que seria completamente diferente de outros espaços no Império Romano. Para Sarri, a descoberta das tabuletas em Vindolanda, por exemplo, indica que uma cultura letrada utilizava determinadas fórmulas de escrita específicas em diferentes localidades do Império Romano. Por sua vez, esta afirmação também não procura uniformizar as diferenças de cada localidade ao longo do domínio, mas sim demonstrar como o Egito pode ser inserido em um contexto mais amplo e ser pensado como uma localidade importante dentro do Império, seja por suas rotas comerciais ou

¹⁵⁶ Cf. LEWIS, Naphtalis. **Life in Egypt under Roman Rule.**

pela estrutura que parte da sociedade toma para si e reproduz. A sociedade do Egito Romano pode ser caracterizada como letrada, visto que funciona a partir de uma lógica burocrática que enfatiza o uso dos documentos como parte importante (e até mesmo necessária) das relações sociais.¹⁵⁷

Partindo desta perspectiva, consideramos que os documentos analisados nesta tese podem ser entendidos como parte de uma cultura mais ampla do Império Romano, difundida entre partes de uma elite letrada, mas não necessariamente ligada à política. Esta documentação, por sua vez, não foi tratada como pertencente a este Império, mas sim a um *lugar especial* dentro dele – o Egito. Por qual motivo, então, seria o Egito tratado como este espaço de diferença? Consideramos que uma das respostas para esta pergunta reside no que discutimos anteriormente – a própria formação da papirologia enquanto disciplina científica reforça a ideia de que os papiros são próprios de determinado espaço/tempo e, por este motivo, não podem ser utilizados para pensar outros espaços dentro do Império Romano, reforçando assim a noção de lugar especial do Egito.

Outro ponto que gostaríamos de salientar para finalizar este capítulo diz respeito sobre o lugar que este Egito pós-faraônico ocupa em um campo de estudos mais amplo sobre o mundo antigo. Como discutimos até aqui, a formação das disciplinas científicas no século XIX foi recortada pelos interesses do colonialismo, servindo como via de mão dupla: as disciplinas produziam conhecimento que legitimava o colonialismo, enquanto se desenvolviam e retiravam suas fontes (como os papiros) de territórios politicamente dominados pelos europeus. Estas disciplinas geravam conhecimento técnico sobre os territórios conquistados, ao mesmo tempo em que seu discurso era utilizado para marcar a diferença nativo/europeu e, desta forma, disciplinar os sujeitos.¹⁵⁸

Compartilhamos da perspectiva de González-Ruibal quando este afirma que a relação entre colonialismo e Roma é marcadamente política, com a civilização romana definida a partir de um imperialismo recriado nos séculos XIX e XX e continuado nos impérios europeus, dotados de razão para “civilizar os bárbaros” que

¹⁵⁷ SARRI, *op. Cit.*, p. 33. Bagnall, por sua vez, também salienta uma cultura de escrita comum na região oriental do Império Romano e a questão do letramento. Cf. BAGNALL, Roger S. **Everyday Writing in the Graeco-Roman East**. Berkeley and Los Angeles: University of California Press, 2011.

¹⁵⁸ GONZÁLEZ-RUIBAL, Alfredo. Colonialism and European Archaeology. In: LYDON, Jane; RIZVI, Uzma (eds.). **Handbook of Postcolonial Archaeology**. Walnut-Creek: Left Coast Press, 2010. P. 37-38.

estavam fora da Europa. Este processo tinha um caráter intelectual, a partir do qual a própria noção de legado era colocada à prova – os monumentos e a própria História dos territórios conquistados não eram direito de seus habitantes atuais (como o caso dos muçulmanos no Egito), mas sim dos europeus, visto que muitos de seus “ideais civilizatórios” estão presentes nestes territórios.¹⁵⁹

Duas questões podem ser pensadas, então, quando levamos em consideração o Egito: a primeira analisa por qual motivo o Egito não foi considerado um território “romanizado” desde o início das escavações por papiros, visto que este era um discurso intelectual comum do período e serviria aos propósitos imperialistas das nações europeias. A segunda leva em consideração as condições atuais de pesquisa sobre o Egito pós-faraônico, como este campo de pesquisa ainda está ligado aos centros europeus e de que maneira é possível pensar uma abordagem mais ampla e pós-colonial.

O discurso sobre a ideia de romanização do Egito é algo posterior, construído já no período de desconstrução do conceito inicial de romanização. Para Lewis, como vimos anteriormente, enfatizar o Egito como “romanizado” significava colocá-lo dentro de um campo de estudos mais amplo do próprio Império Romano, e não necessariamente entendê-lo como um espaço dominado de maneira vertical pelos romanos, em que nativos egípcios aceitaram qualquer influência externa sem questionamentos.

Analisando o início da papirologia - separação que, em grande parte, contribuiu para a noção de lugar especial do Egito - podemos perceber uma ênfase no período helenístico. Alguns fatores podem ser considerados responsáveis por este fenômeno: apesar de existir um chamado “milênio da papirologia”, do século III ao século VIII da era comum, há escassez documental no período inicial do Império e da dominação romana no Egito, o que levou a inferências mais diretas sobre como o processo de transição administrativa ocorreu, e quais elementos helenísticos permaneceram ou não. Ainda nesta perspectiva, há uma diferença na própria concepção de governo do Principado em relação à República, o que, por si só, pode ser levado em consideração quando pensamos nesta transição.

¹⁵⁹ *Ibidem*, p. 39-40.

Voltando ao conceito de romanização, sua origem estava na aplicabilidade especialmente para as províncias consideradas “bárbaras” – por isso há a suposta equivalência com o colonialismo europeu. O Egito, diferentemente de províncias como a Bretanha, por exemplo, já tinha sido dominado pelos gregos antes da chegada dos romanos. Isto significou, ao menos para os estudiosos do período, uma política de pouca intervenção por partes destes, que teriam optado pela permanência das mesmas estruturas legais e administrativas helênicas.¹⁶⁰ Podemos inserir, porém, esta visão em uma perspectiva própria do modelo de construção de conhecimento do Imperialismo europeu, ou seja, como culturalmente os gregos eram vistos de maneira positiva, a atuação romana na parte oriental do Império foi diminuída, visto que os povos conquistados já teriam sido “civilizados” pelos gregos. Longe de ser uma concepção neutra, esta interpretação ressalta a influência dos gregos e um processo de “helenização” no qual os povos nativos foram “educados” a partir de uma grande civilização antiga – os gregos.

Nesse sentido, a defesa de um “lugar especial” do Egito, e a noção de uma continuidade da cultura ptolomaica diante do governo romano, podem também ser considerados sintomáticos do processo de construção do conhecimento sobre o Egito pós-faraônico, recortado pela influência do imperialismo europeu. A partir disso, podemos pensar a segunda questão colocada anteriormente, e quais são as possibilidades de uma leitura pós-colonial dos estudos sobre o Egito pós-faraônico, especialmente em virtude de sua vasta utilização de documentos papirológicos.

Ao longo deste capítulo, discutimos de que maneira a construção de um campo de estudos sobre os papiros é marcado pelo século XIX. Isto ainda é algo que reflete em fenômenos contemporâneos – com exceção do próprio Egito, a maior parte dos documentos papirológicos encontra-se em coleções no Norte Global. Além do que foi discutido sobre a própria historicidade das descobertas de papiros, é necessário salientar que esta discussão continua ocorrendo, talvez inclusive de maneira mais incisiva no século XXI diante das acusações de roubos de papiros e tráfico ilegal de Antiguidades.¹⁶¹ A localização destas coleções e a formação do campo de estudos transformaram a papirologia e, em um sentido mais amplo, o próprio uso de papiros

¹⁶⁰ RATHBONE, Dominic. **The romanity of Roman Egypt: A faltering consensus?** The Journal of Juristic Papyrology 43, 2013. P. 73-76.

¹⁶¹ NONGBRI, Brent. **The Ethics of Publication: Papyrology**. BMCR 2022.05.25. Disponível em: <https://bmcr.brynmawr.edu/2022/2022.05.25/>

advindos do Egito dentro da análise histórica, em uma disciplina do Norte Global, sem que contribuições de outros espaços como a América Latina e o próprio Egito sejam consideradas.

Usama Ali Gad, estudioso egípcio dos papiros com formação em universidades europeias, salienta que há um discurso que defende a importância destas peças enquanto parte de uma História Antiga da Europa. Sem considerar de que maneira foram encontrados, quais foram os desdobramentos históricos que resultaram nestas descobertas e como estes documentos são acessados fora do Norte Global, há um consenso acadêmico que os inserem dentro dos Estudos Clássicos, em especial na tradição de língua grega.¹⁶² Ali Gad salienta que, em sua experiência como professor universitário no Egito, o que é considerado como a tradição clássica não é algo exclusivamente europeu e que contribuições fora desta eixo podem elucidar sobre como o próprio conhecimento é construído e pode tornar-se mais plural e global.

O autor salienta, por fim, o ideal da cultura antiga como algo pertencente ao comum da história da humanidade. Consideramos esta uma perspectiva interessante e que vai de encontro a discussões também no Brasil, quando, por exemplo, da definição da nova Base Nacional Comum Curricular (BNCC) e do Novo Ensino Médio: a construção dos currículos escolares passa pelo entendimento de quais conteúdos são relevantes para a formação intelectual e profissional de crianças e adolescentes. A inserção ou exclusão de determinadas áreas temáticas ou eixos temporais, no caso da História, indica um olhar específico sobre o que pode contribuir na construção de indivíduos autônomos, alicerçados pela noção de cidadania e éticas coletivas.¹⁶³ As discussões sobre a construção da BNCC e sobre o papel da História Antiga nesta, ocorridas principalmente em 2015 a partir de uma versão preliminar, indicavam uma visão eurocêntrica de História Antiga, que serviria a interesses dos estratos

¹⁶² THE ENDLESS KNOT: Episode 51: Race & Racism in Ancient & Medieval Studies, Part One: The Problem. [Locução de]: MARK SUNDARAM, AVEN MCMASTER. Entrevistada: Usama Ali Gad. [S.l.]: Desconhecido, 17 jan. 2018. *Podcast*. Disponível em: <https://www.alliterative.net/podcast/2018/1/16/episode-51-race-racism-in-ancient-medieval-studies-the-problem>. Acesso em: 4 fev. 2022.

¹⁶³ Estas considerações, entretanto, devem ser pensadas também através das determinações econômicas que, em grande parte, conduzem as políticas educacionais desde a década de 1970 em todo o mundo. Sobre este assunto em uma perspectiva geral, sem enfatizar a disciplina histórica, cf. FREITAS, Luis Carlos de. **A reforma empresarial da educação**: nova direita, velhas ideias. São Paulo: Expressão Popular, 2018; LAVAL, Christian. **A escola não é uma empresa**: o neoliberalismo em ataque ao ensino público. São Paulo: Boitempo Editorial, 2019.

dominantes da sociedade e, por este motivo, deveria ser deixada de lado em favor de um currículo que privilegiasse História do Brasil a partir do século XV.

Diferentes pesquisadores de História Antiga (e também de História Medieval, que foi inserida na ideia do suposto eurocentrismo dos currículos) saíram em defesa do campo de estudos, reforçando a relevância da área na produção acadêmica de alta qualidade, na discussão sobre a formação de uma noção de identidade/nação brasileira e os desdobramentos dos usos do passado antigo nos séculos XX e XXI.¹⁶⁴ Além disso, uma das questões principais, com a qual concordamos aqui, trata da importância do acesso livre ao conhecimento acadêmico sobre o mundo antigo, que, em nossa perspectiva, deve ser oferecido sem qualquer tipo de distinção – seja de classe, gênero ou localidade. Desta forma, nosso trabalho busca construir um diálogo entre o conhecimento acadêmico e a prática educativa em diferentes espaços, entendendo que o conhecimento sobre História Antiga deve ser irrestrito – não deve pertencer a uma classe (os mais abastados) ou a um espaço (os europeus), mas deve ser compreendido como parte da formação intelectual da humanidade.

Para tal, em nossa concepção, o estudo dos papiros não pode ser empreendido sem que seja pontuado o processo de descoberta e de solidificação do campo de estudos, e que estas questões sejam colocadas dentro de um contexto mais amplo de imperialismo europeu e de suas consequências. Deve ser pensado, também, como um meio de pluralizar narrativas e, por este motivo, procuramos ampliar o horizonte de análise selecionando cartas a partir de duas perspectivas. O primeiro grupo de cartas contempla cartas que compreendem quatro eixos: questões jurídicas, economia, saúde e afetividades. Entendemos que as emoções são um elemento existente em cada uma destas categorias, ainda que com variações. Estas mesmas categorias oferecem novas possibilidades de análise do protagonismo de mulheres no Egito Romano, e nos permitem perceber de maneira mais pormenorizada como as questões de gênero eram colocadas dentro do contexto. O segundo grupo de cartas, denominado *Arquivo de Paniskos e Ploutogenia*, trata especificamente de um dossiê de cartas trocadas entre membros da mesma família. Neste arquivo, pelo conhecimento que temos de uma situação familiar específica, podemos analisar de

¹⁶⁴ DOS SANTOS, Dominique V. C. **O ensino de História Antiga no Brasil e o debate da BNCC.** Outros Tempos: Pesquisa em Foco-História 16.28 (2019): 128-145.

maneira mais aprofundada as preocupações do núcleo familiar e o impacto de distanciamentos e silêncios na escrita epistolar.

Nossa definição de cartas, então, contempla este exercício de escrita a partir do distanciamento físico entre as partes, com o uso de fórmulas específicas (de cumprimentos, saudação e despedida) e com o intuito de informar sobre as mais variadas situações cotidianas. Isto oferece um olhar relevante sobre a experiência humana na Antiguidade e, dessa maneira, pluraliza o que entendemos como o mundo antigo, enfatizando a complexa dinâmica das relações de poder dentro da família.

4 APROXIMAÇÕES METODOLÓGICAS E TRADUÇÕES

Neste capítulo discutiremos os critérios técnicos sobre a seleção e a tradução dos documentos elencados para a tese, além de analisarmos algumas questões sobre o método empregado e qual percurso realizado. Ainda neste capítulo, apresentamos a tradução dos papiros com informações sobre seu local de proveniência, ano de descoberta, edições e traduções anteriores. Disponibilizamos, também, os *links* para os bancos de dados utilizados como fonte para as edições.

A documentação aqui analisada passou por alguns critérios de seleção em virtude do elevado número de cartas disponíveis – a pesquisa pelo termo *Brief*¹⁶⁵, com o recorte entre os anos 200 e 400 da era comum resulta em 3.123 resultados na plataforma *papyri.info*.¹⁶⁶ Diante da impossibilidade de trabalhar com um número elevado de documentos¹⁶⁷, seja em virtude do tempo ou da disponibilidade desta documentação, optamos por pesquisar cartas trocadas entre familiares, nas quais foram indicadas ao menos uma mulher como destinatário e/ou remetente. Fizemos a pesquisa a partir do banco de dados supracitado e das compilações de papiros de Rowlandson e Bagnall e Cribiore.¹⁶⁸

Dentro desta seleção, afinamos a escolha para cartas que estejam majoritariamente em bom estado de conservação, ou seja, que seu conteúdo possa ser entendido apesar de pequenas fragmentações, típicas da natureza do material de escrita. Além disso, buscamos selecionar cartas que possuam termos emotivos diversos, e/ou tratem de maneira ampla sobre a ação de mulheres dentro da família, elementos que serão analisados de maneira mais aprofundada nos últimos dois capítulos. Entendemos que esta narrativa emotiva pode demonstrar, em alguma

¹⁶⁵ Carta, em alemão.

¹⁶⁶ Pesquisa realizada em janeiro de 2021. Com a delimitação temporal estrita, o número de resultados é 1.408. Na pesquisa realizada em julho de 2022, desta vez inserindo os termos *Brief* e *letter* (carta, em inglês), foram encontradas 4.081 correspondências. Estes resultados englobam a datação não restrita; com a delimitação temporal estrita, são 1.848 resultados. Em pesquisa também de julho de 2022, na plataforma *trismegistos.org*, os mesmos termos resultam em 3.036 textos. Estes resultados englobam a delimitação temporal estrita.

¹⁶⁷ O critério de delimitação do que significa uma carta, em ambas as plataformas, é bastante amplo, incluindo petições (entendidas como cartas oficiais enviadas aos representantes públicos) e cartas comerciais. Ainda assim, o número de cartas pessoais e arquivos encontrados no período é bastante significativa, impossibilitando sua tradução e análise no total.

¹⁶⁸ Alguns dos papiros utilizados nesta pesquisa já tinham edições e traduções anteriores, indicadas nas fichas, mas em geral utilizamos as edições mais recentes. Utilizamos, em alguns casos, edições das primeiras traduções, que são indicadas em cada ficha.

medida, um deslocamento quanto às relações de gênero e aos espaços sociais entendidos como basilares na família antiga. A partir destas premissas, selecionamos 25 cartas, cientes de que elas não representam a totalidade da experiência familiar no Egito Romano, mas podem nos oferecer um olhar a partir da diferença, servindo para pluralizar a narrativa histórica.

Organizamos estes documentos do capítulo em fichas, que indicam o código do arquivo¹⁶⁹ e informações que podem ou não estar disponíveis: metadados da plataforma *papyri.info* e *trismegistos.org*, data de escrita e da primeira publicação, local do destinatário, do remetente e local onde foi encontrado. O texto é retirado da plataforma *trismegistos.org*, já editado e corrigido, opção feita pelo conforto da leitura. As edições seguem as convenções de Leiden para edição de material papirológico e epigráfico.¹⁷⁰ Nas traduções, optamos por manter apenas as indicações sobre fragmentação do papiro e linhas excessivamente perdidas, especialmente para melhorar a fluidez do texto. Indicações entre parênteses nas traduções significam incertezas sobre determinados termos.

De maneira prática, além das observações encontradas na própria plataforma *trismegistos.org*, utilizamos os dicionários online *Logeion*¹⁷¹, da Universidade de Chicago, que contabiliza diferentes dicionários publicados e oferece uma gama ampla de significados, incluindo fontes antigas que auxiliaram na compreensão do significado de determinados termos. Além deste, utilizamos o Dicionário Digital Greco-Português¹⁷², projeto da Faculdade de Ciências e Letras da UNESP/Araraquara, que disponibiliza de maneira virtual a edição que foi impressa em cinco volumes, de 2005 a 2010.

Faz-se necessário, também, discutir os critérios de tradução utilizados. De maneira objetiva – e não é nossa intenção aqui discorrer longamente sobre teorias da tradução –, entendemos que a construção da tradução de um texto sempre opera dentro de uma lógica de sentidos própria, que deve levar em consideração tanto seu momento de escrita quanto o *agora* da tradução. Longe de significar apenas uma transposição, a tradução cria novos significados e sentidos, o que, por si só, se mostra

¹⁶⁹ As abreviações aqui utilizadas estão de acordo com *Checklist of Editions of Greek, Latin, Demotic, and Coptic Papyri, Ostraca, and Tablets*, disponível online em: <http://papyri.info/docs/checklist>

¹⁷⁰ Um resumo das convenções de Leiden pode ser acessado em: <http://papyri.info/conventions.html>

¹⁷¹ Disponível online em: <https://logeion.uchicago.edu>.

¹⁷² Disponível online em: <http://perseidas.fclar.unesp.br/2x/>

um desafio quando tratamos de uma língua antiga – como operacionalizar os sentidos semânticos se não há uma comunidade que é passível de observação para aferição dos sentidos?¹⁷³

Esta questão tem sido levada em consideração por vários especialistas no último século, que tem se debruçado nas peculiaridades da tradução de línguas antigas. Lafer recomenda três pontos de partida para a tradução do texto grego antigo: i) a análise do contexto histórico e literário da língua antiga; ii) transposição de determinados elementos relacionados à métrica; iii) manutenção da eufonia na tradução, em virtude do caráter público da leitura antiga.¹⁷⁴

Partindo destas características, pontuamos que nosso foco é, em especial, no primeiro ponto. Ainda que todas as questões levantadas por Lafer sejam relevantes, devemos considerar que nosso escopo documental é formado por cartas, ou seja, por documentos que não seguem métricas como o hexâmetro próprio dos épicos gregos. Por outro lado, mesmo que as cartas fossem, segundo algumas interpretações, lidas em voz alta e, em alguns casos, até mesmo em conjunto, seu conteúdo era de caráter prático, diminuindo a necessidade de manutenção dos sons melodiosos. Nosso foco da tradução será, então, compreender a estrutura cultural e linguística do texto original, traduzindo-o a partir de dois pressupostos principais: em primeiro lugar, optamos pela manutenção de estruturas de repetição e reforço de palavras, elemento fundamental na análise do investimento emocional dentro das cartas.¹⁷⁵ Isto significa, também, exibir as traduções a partir de sua forma no texto original – com linhas que condensam seu próprio significado. Acreditamos que esta forma de exibição traça um paralelo direto entre o texto antigo e a tradução, fazendo com que esta última possa ser compreendida enquanto leitura e, ao mesmo tempo, interpretação.

¹⁷³ LAFER, Mary. **Tradução e Literatura: Grego Antigo**. Todas as Letras Revista de Língua e Literatura, 2017, p. 168.

¹⁷⁴ *Ibidem*, p. 169

¹⁷⁵ A utilização da repetição como elemento de reforço emocional pode ser analisada a partir de um uso cerimonial, como as *voces magicae*, presente no papiros gregos mágicos e em outros documentos da Mesopotâmia, que reforçam a repetição como uma maneira própria de entender o mundo. Sobre os papiros gregos mágicos, cf. BETZ, Hans Dieter (Ed.). **The Greek Magical Papyri in Translation, Including the Demotic Spells, Volume 1**. Chicago: University of Chicago Press, 1996. Sobre a repetição na Mesopotâmia, cf. DE ZORZI, Nickla. Literature as Scholarship : Some Reflections on Repetition with Variation and the Construction of Meaning in the Šamaš Hymn 112. **Kaskal : rivista di storia, ambiente e culture del vicino oriente antico** : 16, 2019, Firenze : LoGisma, 2019 P. 159-182.

O segundo ponto que norteou nossas escolhas quanto às traduções é a inteligibilidade do texto traduzido. Se por um lado foi necessário manter certas estruturas da forma do texto original, optamos, sempre que possível, pela utilização de uma terminologia de fácil compreensão, com vistas ao acesso público e ao potencial didático da documentação aqui elencada. Conforme discutimos no capítulo anterior, o papel dos estudos sobre a Antiguidade tem sido discutido e repensado, o que engloba também sua dimensão didática – a possibilidade de utilizar o conhecimento acadêmico para um público mais amplo e o engajamento entre a academia e outros espaços de produção do saber. Salientamos, por fim, que as traduções aqui apresentadas são propostas de leituras específicas – de um determinado alguém, em um determinado espaço, em um determinado tempo –, construindo uma interpretação que é aberta para o debate. Indicamos, sempre que necessário, outras acepções de palavras e traduções para outros idiomas que podem auxiliar na compreensão de determinadas escolhas.

Partindo destes pontos iniciais, nossa aproximação para a análise desta documentação se dá a partir de pressupostos da hermenêutica de Gadamer sem, contudo, utilizarmos os escritos filosóficos deste como uma metodologia completamente fechada de análise – o que, inclusive, é contrário ao que o autor propõe. A utilização que fazemos de Gadamer, aqui, remonta mais à percepção de que não é possível conhecer determinada verdade dentro de um texto sem antes passar pelo processo de: i) compreensão do sentido próprio da terminologia empregada em cada texto; ii) a partir da compreensão é possível construir interpretação e sentido; iii) a construção da compreensão e da interpretação passa, obrigatoriamente, por uma dimensão subjetiva de quem faz a análise.¹⁷⁶

Segundo o autor, a aplicação de uma hermenêutica fechada em si, algo relativamente comum dentro dos estudos históricos e filosóficos do século XIX e do início do século XX, promove de maneira errônea uma perspectiva objetiva na análise dedicada às *Geisteswissenschaften*¹⁷⁷, o que, para Gadamer, é uma impossibilidade por si só: a hermenêutica não pode ser separada da constituição do sujeito que faz a análise, inclusive em todos os seus preconceitos. Partindo desta perspectiva,

¹⁷⁶ GADAMER, Hans-Georg. **Verdade e método I**: traços fundamentais de uma hermenêutica filosófica. 10. ed. Petrópolis: Vozes, 2008.

¹⁷⁷ Ciências do Espírito, em alemão.

compreendemos que não é possível objetivar a realidade a partir da hermenêutica, ou seja, não podemos recuperar uma verdade autêntica e objetiva sobre o passado, mas sim entender a linguagem como meio da experiência do passado e de sua relação com o presente. Entendemos, assim, não ser possível aplicar uma metodologia fechada (como a hermenêutica tradicional) para construir a análise aqui pretendida. A utilização de uma metodologia fechada enquadra a análise em uma perspectiva de objetividade, ou seja, demanda a busca por verdades verificáveis a partir de um método específico. Visto que entendemos a proposta do trabalho como uma possibilidade de abertura do campo, optamos por construir a metodologia de tradução a partir do objeto aqui analisado e de teorias que vão suportá-lo.

Nesse sentido, mesmo que nossa análise se pretenda hermenêutica, já que trabalha com a compreensão dos termos emotivos, sua função dentro do texto e sua interpretação dentro de determinado espaço social e cultural, nossa perspectiva afasta-se da hermenêutica tradicional. Além das contribuições de Gadamer na crítica da hermenêutica, acreditamos que o pensamento de Michel Foucault também possibilita uma análise hermenêutica rigorosa e complexa, sem que recaia necessariamente em uma relação de causa e efeito e de busca por verdades verificáveis. Isso se dá principalmente pela leitura que Foucault faz das teorias da linguagem e como elas podem possibilitar um deslocamento analítico para pensar a posição dos sujeitos dentro de epistemologias hegemônicas, além da análise da própria função do discurso histórico.

Uma das maneiras que Foucault opera este deslocamento é a partir da noção de genealogia. O conceito, empregado inicialmente por Nietzsche e retomado por Foucault, entende como fundamental o rompimento de determinados ideais platônicos da História. Em seu texto *Nietzsche, a Genealogia e a História*, Foucault analisa de maneira pormenorizada como o filósofo alemão utilizou a noção de genealogia como contraposição aos ideais que embasaram a noção de História historicista, própria do século XIX. Além disso, Foucault trabalha nesta recuperação uma crítica à construção do discurso histórico e às ideais de verdades essencializantes sobre o passado. Já no início do texto, Foucault demonstra qual o intuito de sua análise: construir um deslocamento de uma história que busca a origem como verdade para pensar a genealogia enquanto prática de procura da diferença. Para tal, Foucault analisa o conceito nietzscheano de genealogia, especialmente a partir dos termos *Herkunft*, *Entstehung* e *Ursprung*. A retomada de Nietzsche não é acidental: o filósofo alemão,

em seu contexto, produziu obras que questionavam especialmente a construção de uma história totalizante, típica da historiografia alemã do século XIX – por isso o conceito de genealogia. Da mesma maneira, Foucault questiona como é possível construir um tipo diferente de narrativa histórica, pautada nas diferenças e nos deslocamentos, diminuindo a importância de uma suposta origem divina – que leva a um fim exemplar – para analisar, em contrapartida, como as forças agem para que a História seja entendida como fim em si mesma. Foucault baseia sua crítica da História à ideia do marxismo enquanto ciência, especialmente pelo caráter que essencializa as categorias de análise e os sujeitos históricos. A partir deste ponto de vista, a genealogia histórica serve para fazer surgir dentro da narrativa as diferenças, as descontinuidades e as especificidades de como os discursos se formam, qual tipo de norma os norteia, como aparecem, crescem e variam suas temáticas.¹⁷⁸

A retomada que Foucault faz do conceito de genealogia possibilita um olhar sobre a diferença do passado enquanto surgimento do objeto de estudo do historiador e, em alguma medida, de seu próprio tema de trabalho. A pesquisa genealógica de Foucault, em nosso entendimento, possibilita o resgate dos diferentes modos de vida do passado, elencando novas subjetividades e novos modos de ser. Trazendo este conceito para a especificidade de nossa pesquisa, a genealogia pode nos auxiliar a pensar os papéis fora de uma lógica predominante do campo – lógica que valoriza um grande número de documentos e ressalta aspectos econômicos e funções sociais, enfatizando as afetividades como construtoras de laços familiares e, em alguma medida, repensar o papel que a família ocupa a partir dos discursos oficiais. Ainda que não seja a busca por uma origem, ela desloca as noções de família entendidas como definidoras desta instituição no mundo antigo, como salientamos no capítulo dois.

A visão de genealogia, proposta por Nietzsche e revisitada por Foucault, possibilita uma análise do passado que se propõe a compreender as particularidades da diferença como algo positivo, além de ser um posicionamento que critica constantemente os próprios usos da História enquanto domínio de conhecimento neutro e objetivo sobre o passado. A ideia de que o conhecimento é algo feito para cortar e criar diferenças, não para explicar e criar regularidades a partir da relação de

¹⁷⁸ FOUCAULT, Michel. Nietzsche, a Genealogia e a História. In: _____. **Microfísica do Poder**. 13. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1998. P. 15-37.

causa e efeito, como o próprio Foucault de maneira magistral faz em seus volumes da *História da Sexualidade*, nos inspira a buscar pela diferença que existe para que seja possível compreender de que maneira os modos de vida se diversificam ao longo dos séculos.

Esta possibilidade de construção de uma história crítica – em especial ao presente do historiador – já havia sido um aspecto analisado por Michel Foucault anteriormente. Em sua obra *A Arqueologia do Saber*, de 1969, Foucault aponta para a necessidade de ir além das metanarrativas históricas – defendidas, no período, principalmente pelas correntes marxistas e pelos *Annales* – e procurar os momentos de ruptura. A seriação da História, para o autor, operava de maneira a homogeneizar a experiência, conservando a busca pela origem e pela memória, solidificando a posição da História enquanto discurso detentor sobre a verdade do passado, condicionado a construí-lo a partir dos fragmentos recuperados – os documentos.¹⁷⁹ Esta análise é sistematizada da seguinte maneira:

Em suma, a história do pensamento, dos conhecimentos, da filosofia, da literatura, parece multiplicar as rupturas e buscar toda as perturbações da continuidade, enquanto a história propriamente dita, a história pura e simplesmente, parece apagar, em benefício das estruturas fixas, a irrupção dos acontecimentos.¹⁸⁰

Foucault salienta que a mudança epistemológica no tratamento da documentação pela História deixa de observar estes como um resgate direto à experiência legítima e efetiva do passado, e passa a compreendê-los enquanto objeto que deve ser ordenado pela História na qualidade de disciplina e dispositivo institucional que chancela determinados discursos. A partir disso, o autor cita quatro desdobramentos relevantes que se dão na ciência histórica: i) a criação de séries, resultando em diferentes níveis de temporalidades; ii) a integração da descontinuidade na narrativa histórica; iii) a possibilidade de uma História que engloba diferentes séries, entre relações, verticalidades e dominâncias; iv) questões metodológicas sobre agrupamento e procedência de documentos, e a maneira de construir séries históricas e enfatizar determinados fenômenos. Estes desdobramentos seriam os resultados da

¹⁷⁹ FOUCAULT, Michel. **A Arqueologia do Saber**. 7. Ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008. P. 3-7.

¹⁸⁰ *Ibidem*, p. 6.

inserção do estruturalismo dentro da disciplina histórica, praticado em especial pelos *Annales*.¹⁸¹

Mas o objetivo de Foucault, e de nossa retomada deste, não é aproximar a História do estruturalismo. Muito pelo contrário – a ideia do autor é questionar de que maneira esta História estruturalista está sendo produzida e o que pode ser modificado a partir de outras premissas, em especial a genealogia citada como base das descontinuidades. Estas, entretanto, são diferentes daquelas empregadas pelo que Foucault chama de Nova História, visto que evidenciam como a trama histórica não é pautada na sequencialidade, mas sim em diferentes genealogias que se entrecruzam e constroem a base de uma abertura para a pluralidade de relatos.¹⁸²

Para Foucault, a produção do conhecimento deve ser pensada a partir do corte – afastando-se dos limites discursivos colocados pelos intelectuais anteriores e produzindo uma nova leitura, contínua e crítica, da própria constituição da narrativa histórica. O autor critica o que considera as fronteiras do pensamento histórico, ou seja, a tipificação dos acontecimentos em determinados espaços/contextos, sem que estes mesmos acontecimentos sejam compreendidos, antes, como parte de algo mais amplo. Desta discussão sobre falsos limites/fronteiras históricas dividem-se outras preocupações: a limitação das disciplinas acadêmicas, a constituição de diferentes tipos de narrativas escritas com determinada acepção de valor a cada uma delas, a codificação de “cânones” autorais e, sobretudo, a busca pela origem, praticada pelos historiadores quando do acesso à sua documentação. Para Foucault, a ênfase tem que ser modificada para pensar a instância pela qual determinados documentos e fenômenos são retomados/esquecidos, e como isto contribui para um alargamento do campo de estudos.¹⁸³

Esta perspectiva foi essencial também na acepção do pós-estruturalismo, corrente teórica e filosófica que questiona os limites discursivos das disciplinas científicas, interrogando a própria constituição dos campos de saberes e sua relação com as instituições de poder. Peter De Bolla, em um de seus textos de defesa de uma retórica histórica, pergunta-se sobre a possibilidade de construção de uma História pós-estruturalista, ou seja: se o que compreendemos como pós-estruturalismo tem

¹⁸¹ *Ibidem*, p. 8-12.

¹⁸² WILLIAMS, James. **Pós-estruturalismo**. Petrópolis: Vozes, 2012. P. 160-161.

¹⁸³ FOUCAULT, Michel. *Op. Cit.* p. 23-29.

utilidade para a constituição da narrativa histórica e, em caso afirmativo, qual seria seu impacto. Retomando autores como Hayden White e Dominick LaCapra, De Bolla analisa como a construção da narrativa ocorre entre a apreensão do conhecimento sobre o passado e o ato de contar/escrever/discorrer.¹⁸⁴

Apesar deste texto em específico resenhar obras dos outros autores, De Bolla sugere um terceiro ponto, levando em consideração as perspectivas de LaCapra e White. Para o autor, uma História pós-estruturalista é, acima de tudo, desfigurativa – muda o que é narrativa a partir do acesso à documentação, ao mesmo tempo em que modifica sua própria constituição discursiva. Há uma alteração, também, do próprio escopo documental, que não é mais o mesmo a partir das sucessivas incursões dos historiadores, refigurando e desfigurando o discurso analítico sobre o passado. Isto significa, mais que enfatizar uma verdade absoluta sobre o passado, ressaltar a noção de processo contínuo da escrita histórica e suas possibilidades de deslocamentos.¹⁸⁵

Nossa pesquisa insere-se nesta perspectiva, ao entender que o conhecimento constituído sobre a família no mundo antigo, inclusive pela ciência histórica, enraizou determinadas verdades sobre a instituição familiar. Acreditamos, porém, que este pode ser pensado a partir de outros documentos (os papiros) e da articulação entre as questões de gênero e a linguagem afetiva, com o intuito de construir uma análise que proporcione um olhar diferente e engajado com a contemporaneidade, sem contudo deixar de lado as especificidades históricas do período. Entendemos que a contribuição desta tese reside na adição de mais uma voz – generificada e emocional – à polifonia que caracteriza a definição da família antiga, deslocando um ideal de ponto fixo sobre a constituição desta categoria específica e possibilitando um outro tipo de narrativa histórica.

Buscamos, partindo destes entendimentos, a escolha de documentos que, apesar de conhecidos, não tiveram sua análise executada à luz da perspectiva de gênero e ressaltando o investimento emocional da linguagem. Nossa ênfase centra-se, então, na constituição de um escopo documental diferenciado, recortado pelas questões supracitadas e, ao mesmo tempo, constantemente desfigurado e refigurado. Consideramos uma *refiguração*, pois trabalhamos a partir de um outro tipo de organização destes papiros, que não necessariamente obedece às divisões em

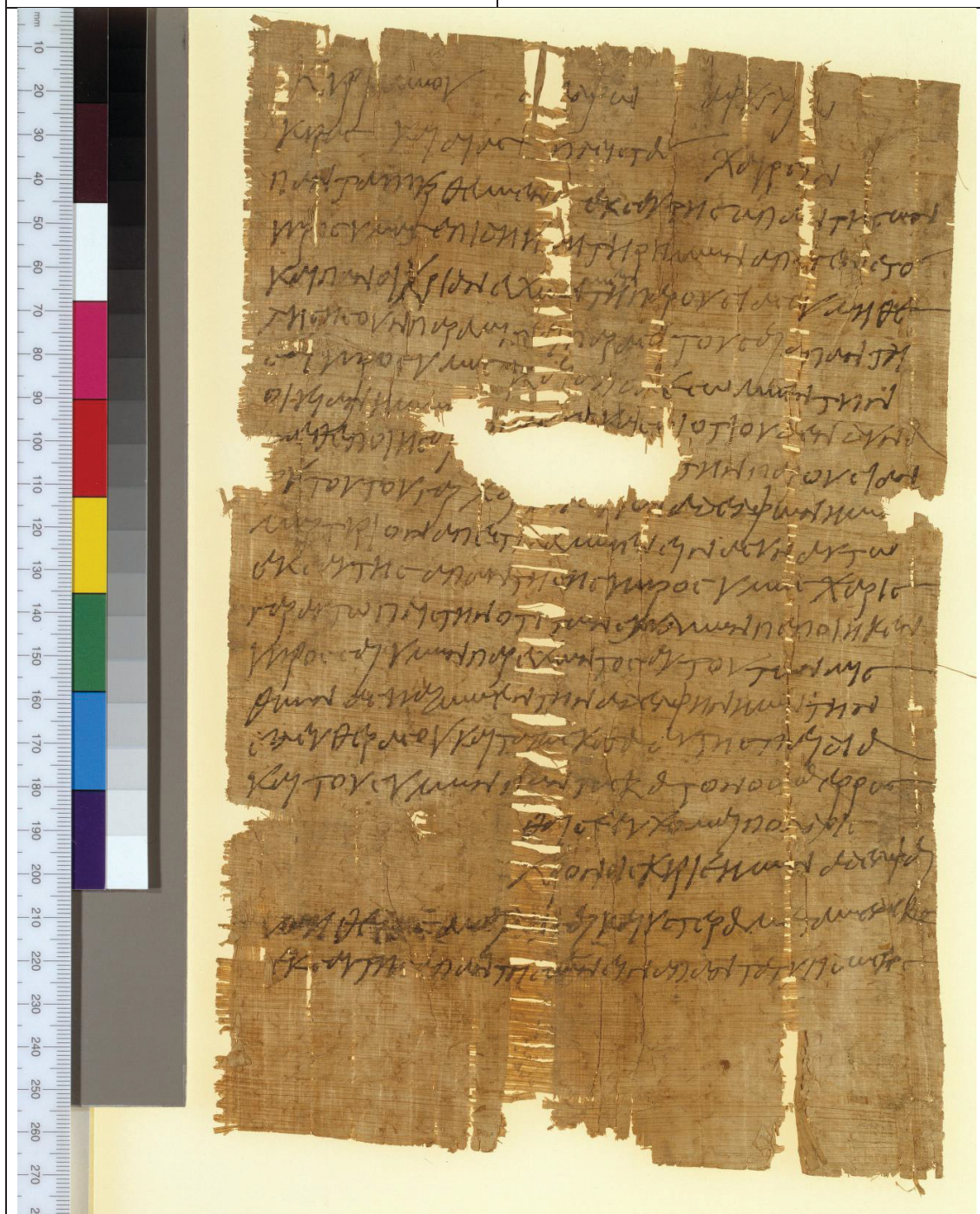
¹⁸⁴ DE BOLLA, Peter. **Disfiguring History**. Diacritics, Vol. 16, n. 4, 1986. P. 48.

¹⁸⁵ *Ibidem*, p. 57.

coleções; ao mesmo tempo, *desfiguramos* sua própria lógica – pois são entendidos, em muitos casos, como formulaicos – em documentos que oferecem uma perspectiva que amplia as percepções sobre a família romano-egípcia, com ênfase na multiplicidade de práticas e de experiências das mulheres.

4.1 FICHAS DAS TRADUÇÕES

Ficha 01 – P. Wisc. 2 74	
Metadados: https://papyri.info/ddbdp/p.wisc;2;74 https://www.trismegistos.org/text/32546	Data: Século IV EC
Primeira publicação: Sijpesteijn, 1977 Edição utilizada: Sijpesteijn, 1977	Local do remetente: Desconhecido
Local do destinatário: Desconhecido	Local onde foi encontrado: Desconhecido



Ficha 01 – P. Wisc. 2 74

Texto original:

1 κυρίῳ μου ἀδελφῶι Ἀφυγχίῳ
 2 Κύρα καὶ Αἴα πλεῖστα χαίρειν.
 3 πάντα ὑπερθέμενος ἑξαυτῆς ἀπάντησον
 4 πρὸς ἡμᾶς ἐπειδὴ ἡ μήτηρ ἡμῶν ἀπεγένετο
 5 καὶ πάνυ χρεῖαν ἔχομεν τῇ παρουσίᾳ σου. μὴ
 6 θελήσης οὖν παραμεῖναι παρά σοι τοῦ σε
 7 ἀπαντῆσαι πρὸς ἡμᾶς καὶ ἀπολέσωμεν τὴν
 8 οἰκίαν ἡμῶν. οἶδας γὰρ καὶ συ ὅτι οὐδὲν
 9 δυνάμεθα ποιῆσαι [.....] τὴν παρουσίαν
 10 σου. τούτου γὰρ χάριν καὶ τὸν ἀδελφὸν ἡμῶν
 11 Μαρτύριον ἀπεστείλαμεν ἵνα σὺν αὐτῷ
 12 ἑξαυτῆς ἀπαντήσης πρὸς ἡμᾶς. χάρις
 13 γὰρ αὐτῷ πλείστη ὅτι τὸν σκυλμὸν πεποίηκεν
 14 πρὸς σε ἡμῶν παρεχόντων αὐτῷ
 15 τὸν. ἀσπάζομεν τὴν ἀδελφὴν ἡμῶν τὴν
 16 Ἐλευθέραν σου καὶ τὰ ἀβάσκαντα αὐτῆς παιδιά
 17 καὶ τοὺς ὑμῶν πάντας κατ' ὄνομα.
 18 ἐρρῶσθαί σε εὐχομαι πολλοῖς
 19 χρόνοις, κύριε ἡμῶν ἀδελφέ.
 20 μὴ θέλης ἀμελῆσαι καὶ ὕστερα μεταμελήσης
 21 ἑξαυτῆς ἀπάντησον ἵνα πάντα τυπώσης.
 (Verso):
 22 ἀπόδος τῷ κυρίῳ ἡμῶν ἀδελφῶι Ἀφυγχίῳ
 23 παρὰ Κύρας καὶ Αἴας.

Tradução:

Para o senhor meu irmão Afinchio, Kyra e Aia, muitas saudações. Adiando tudo, venha até nós imediatamente visto que nossa mãe morreu e nós precisamos muito de sua presença. Não almeje permanecer em seu lugar em vez de vir nos encontrar ou nós arruinaremos nossa família. Você sabe que não podemos fazer nada (enquanto esperamos) por sua presença. Por causa disso nós enviamos também nosso irmão Martyrios para que você venha de uma vez com ele a nosso encontro. Gratidão por ele deveria ser a maior porque ele tomou para si o incomodo (de ir) até você conosco provendo uma compensação para ele, em vista de termos atribuído tal encargo a ele. Nós saudamos nossa irmã sua esposa e as crianças dela livres do mau olhado e todas as suas pessoas cada uma pelo nome. Eu rezo pela sua saúde por muito tempo, senhor nosso irmão. Não seja negligente e se arrependa depois. Venha de uma vez para que você coloque tudo em ordem.

(Verso):

Entregue para o senhor nosso irmão Afinchio, de Kyra e Aia.

Ficha 02 – P. Oxy. 7 1067	
Metadados: http://papyri.info/ddbdp/p.oxy;7;1067 https://www.trismegistos.org/text/31314	Data: Século III EC
Primeira publicação: Hunt, 1910 Edição utilizada: Hunt, 1910	Local do remetente: Oxirrincos
Local do destinatário: Desconhecido	Local onde foi encontrado: Oxirrincos
Texto original: 1 Ἑλένη Πετεχῶντι 2 τῷ ἀδελφῷ χαίρειν. 3 οὐ καλῶς ἔπραξας μὴ 4 ἐλθεῖν χάριν τοῦ ἀδελφοῦ 5 σου · ἀφῆκες αὐτὸν μὴ 6 κηδεῦσαι αὐτόν. μάθε 7 οὖν ὅτι ἀλλοτρία 8 γυνή 9 ἐκληρονόμησεν αὐτόν. γενοῦ οὖν 10 πρὸς Θέωνα καὶ εἶπε 11 αὐτῷ περὶ τῆς κέλλας 12 ὅτι ἐσφραγίσθη ἡ 13 κέλλα αὐτοῦ 14 μηδὲν ὀφείλοντος, καὶ 15 εἶπε Πετεχῶντι τῷ 16 υἱῷ Πολυδεύκου 17 ὅτι εἰ μέλλεις ἐλθεῖν 18 ἐλθέ, Διόσκορος γὰρ 19 λειτουργεῖ ὑπὲρ σοῦ · 20 εἰ οἶδας ὅτι οὐ μέλλεις 21 ἐλθεῖν, πέμψον μοι 22 τὸν ἀδελφόν σου 23 Κάστορα. 24 ἐρρώσθαί σε εὔχομαι. 25 καὶ ἐγὼ Ἀλέξανδρος ὁ 26 πατὴρ ὑμῶν ἀσπάζομαι 27 ὑμᾶς πολλά. ἀγόρασόν 28 μοι ὀψαρίδιον ἐκ τῆς 29 θαλάσσης, πέμψον δὲ 30 διὰ ἀνθρώπου πιστοῦ 31 ἡμε[.]ου ε[.][---] 32 [-----]	
Tradução: Helene para Petechon, seu irmão, saudações. Você agiu mal em não vir por causa de seu irmão. Você o negligenciou a tal ponto de não cuidar de seu enterro. Saiba que uma mulher estrangeira herdou dele. Então vá até Theon e diga sobre o depósito dele, que fecharam (selaram?) seu depósito, mesmo que ele não deva nada. E diga para	

Ficha 02 – P. Oxy. 7 1067

Petechon, filho de Polydeukes, que “se você estiver para vir, então vem, pois Dioskoros está fazendo a liturgia em seu lugar. Se você sabe que não vai vir, envie-me seu irmão Kastor”. Rezo por sua saúde.

E eu, Alexandros, seu pai, cumprimento você grandemente. Compre-me peixinho do mar e envie-me através de um homem de confiança...

Ficha 03 – P. Lond. 3 988

Metadados: http://papyri.info/ddbdp/p.lond;3;988 https://www.trismegistos.org/text/31973	Data: Século III EC
Primeira publicação: Bell, Kenyon, 1907 Edição utilizada: Bell, Kenyon, 1907	Local do remetente: Desconhecido
Local do destinatário: Desconhecido	Local onde foi encontrado: Desconhecido

Texto original:

1 Λουκία Κασυλλᾶτι τῷ ἀδελφῷ
 2 πλεῖστα χαίρειν.
 3 γράφεις μοι ὅτι καταχώρισον τὰ
 4 βιβλία Πάιτος. πῶς δύναμαι
 5 ὅπερ σὺ αὐτὰ ἔχεις. πέμψον οὖν
 6 μοι αὐτά. Ἀσκληπιάδης παρεγένετο
 7 καὶ ἰ?κανὸ?ν? ἐδώκαμεν ἐπὶ τὸν ἡγεμόνα.
 8 πέμψον μοι οὖν ἀν?αγκαίως?[....]ου?
 9 τὸ διαστολικὸν. ἰδοὺ σὺ οὐκ
 10 ἠθέλησας αὐτὸ ἐκπλέξαι. εἰς μεγάλα
 11 πράγματα ἀπήλθαμεν. εὐθέως οὖν
 12 πέμψον μοι τὰ χαρτάρια · αὐτὸς γὰρ
 13 τὰ ἑαυτοῦ ἔχει. ἀλλ' ὅρα μὴ ἀμελήσης.
 14 ἐρρῶσθαί σε εὖχομαι.

(Verso):

15 ἀπόδος Κασυλλᾶτι ἀπὸ Λουκίας
 16 ἀδελφῆς

Tradução:

Lucia para Casullas, seu irmão, muitas saudações.

Você escreve para que eu registre os documentos de Pais. Como posso, se os documentos estão com você? Então os envie para mim. Asklepiades veio e submetemos o suficiente (documentos?) ao prefeito. Então envie-me urgentemente... a notificação oficial. Veja, você estava de má vontade (relutante?) para resolver, então fomos fazer coisas importantes. Imediatamente envie-me os documentos, pois ele tem os seus próprios. Não negligencie isto. Rezo por sua saúde.

(Endereço na parte de trás): Entregue para Casullas, de Lucia, sua irmã.

Ficha 04 – P. Ryl. 2 244	
Metadados: http://papyri.info/ddbdp/p.ryl;2;244 https://www.trismegistos.org/text/31173	Data: Século III EC
Primeira publicação: Johnson, Martin, Hunt, 1915. Edição utilizada: Johnson, Martin, Hunt, 1915.	Local do remetente: Hermopolites
Local do destinatário: Desconhecido	Local onde foi encontrado: Hermopolites
Texto original: 1 Διόσκορος Εὐτί τῇ ἀδελφῇ 2 πολλὰ χαίρειν. 3 πρὸ μὲν πάντων εὐχομαι 4 θεοῖς πᾶσιν ὅπως 5 ὑγιαίνοντας ὑμᾶς ἀπολάβω. ὥς 6 ἔγραψάς μοι περὶ τῆς ἀδελφῆς σου ἵνα 7 βιβλίδια ἀναδῶμεν, εὐθέως 8 ἔμαθον παρὰ Εὐτυχianoῦ ὅτι 9 ἀνεδόθη καὶ οὐκέτι περὶ τοῦτο 10 γέγονα. τὰ δὲ σωματία πολλοῦ 11 ἐστὶν ἐνθάδε καὶ οὐ συμφέρει 12 ἀγοράσαι, καὶ οὐδὲ 13 σουβρικοπάλλιον ἐνθάδε εὐρήκαμεν 14 Εὐψηφίας · πάντα γὰρ πρόστιμα 15 γέγονεν, καὶ Ἀτρήτι εἶπον περὶ 16 αὐτοῦ τούτου [.] 17 θέλει ἀγορᾶσθαι [.....] 18 προσδέχεται ἡ ἀδελφή [.....] [.] 19 ἄσπασαι τ[.....] [.] 20 συ[.....]ω 21 καὶ τὸν υἱὸν [.....]α 22 καὶ τὴν ἀδελφὴν [.....] 23 τὸν Πεκῦσιν καὶ τὸν οἶκον 24 αὐτοῦ ὅλον 25 [.....]μένων τὰ αἰαρ[.]ου 26 πραθῇ τῷ σα[.][--] 27 ἐρρῶσθαι ὑμᾶς εὐχομαι 28 πολλοῖς χρόνοις.	
Tradução: Dioscorus para sua irmã Euti, muitas saudações. Antes de tudo, rezo a todos os deuses para que possa recebe-la com saúde. Quando você me escreveu sobre sua irmã, que deveríamos entregar uma petição, imediatamente soube, por parte de Eutichiano, que uma foi entregue e nada foi feito a respeito. Os escravos aqui são muitos e não é conveniente comprá-los. Nem mesmo encontramos aqui o manto para Eupsefia, pois tudo ficou mais caro, e eu falei com Hatres sobre isso... [fragmentado] Quero participar da assembleia..... irmã (?)	

Ficha 04 – P. Ryl. 2 244

Saúdo... E seu filho... E sua irmã... E Peksín e toda sua casa. Rezo por sua saúde por muito tempo.
(Endereço) Dioscorus para sua irmã.

Ficha 05 – P. Ant. 2. 93

Metadados: http://papyri.info/ddbdp/p.ant;2;93 https://www.trismegistos.org/text/32723	Data: Século IV EC
Primeira publicação: Barns, Zilliacus, 1960 Edição utilizada: Barns, Zilliacus, 1960.	Local do remetente: Desconhecido
Local do destinatário: Desconhecido	Local onde foi encontrado: Antinoopolis

Texto original:

1 τῇ τιμιωτάτῃ μου Νόννῃ Πατταίς
2 χαίρειν.
3 πρὸ πάντων προσαγορεύω σε καὶ
4 τὴν δέσποινάν μου νύμφην.
5 ἐδήλωσα τῇ χρηστότητι ὑμῶν καὶ διὰ
6 Σερήνου ἀναγνώστου ὥς ἵνα
7 σπουδάσης καὶ προνοήσῃ μου
8 οἰκίας, μόνον ἐγγὺς σοῦ τοῦ τόπου ·
9 ὥς γὰρ καὶ πρέπει ἵνα μὴ
10 ἀποχωρισθῶμεν ἀλλήλων. μετὰ γὰρ τὸν θεόν
11 σε ὥς μητέρα ἔχω καὶ ὥς ἀδελφὴν
12 καὶ πάντα ὑγιαίνουσής μοι τῆς
13 νύμφης. εἰ δὲ μὴ τοῦτο βούλῃ
14 ποιεῖν καὶ ἀηδῶς ἡμᾶς ἔχεις
15 ἵνα μὴ ἔγγιστα τῆς οἰκίας σου
16 μείνωμεν, δῆλωσον ἐμοὶ ὅπως
17 γράψω τῷ ἀδελφῷ Κρονίῳ καὶ
18 ἐτοιμάσῃ μοι τὴν οἰκίαν [...]οκκη
19 ἢ λάβω τὴν οἰκίαν κ[.....]ου
20 μίλωνος μ[---]
21 [...]φιν μοι π[.....] καὶ ὑπ[.][---]
22 [...]νθι ὅπου [...]ν μισθῶσαι
23 τὴν οἰκίαν α[.] εἰ μὴ
24 βουλε[.] ἐκ[.....]ον οἶδας
25 οἰκίαν ὑποδ[.....]
26 Παπνοῦτι οὖν αὕτη[.]εβειναν
27 καὶ ῥοδ[.][---]
28 γιμενονκ[.][---]
29 ἔχων τ[.....] προικισα[---]
30 προσδοκῇ[.]χρου πλοίου
31 ἀποστέλλω σοι ἑπτακελλάριον

Ficha 05 – P. Ant. 2. 93

32 μεστὸν σπανοῦ καὶ τὰ κερβικάρια
 33 καὶ εἴ τι ἐὰν εὖρω. δῆλωσον εἰ
 34 ἐδέξω τὸν δακτύλιον χρυσοῦν
 35 παρὰ Δωροθέου βοηθοῦ Ἀνυσίου
 36 μετὰ τοῦ πιναρίου Ἀρεθουσίου
 37 διδασκάλου ἵνα ἀγοράσης ἀρώματα.
 38 ἐρχόμενος φέρω καὶ τὰ ὑποδήματα
 39 Π[.....]ίας · καὶ εἴ τι χρήσιμον
 40 ἀνεύρηκες πρὸς γάμους, γράψον μοι
 41 ἵνα ἐρχόμενος ἀνενέγκω.
 42 οὐδεμία γὰρ διαφορὰ μεταξὺ αὐτῆς
 43 καὶ τῆς νύμφης.
 44 ἐρρῶσθαι ὑμᾶς
 45 εὖχομαι πολλοῖς χρόνοις.

(Verso):

2 προσαγορεύω πάντας τοὺς ἐν τῇ οἰκίᾳ ὑμῶν μετὰ τῶν φίλων. Μεσορὴ κβ.

1 ἀπόδος εἰς τὴν οἰκίαν ____ Ἀντινόου Μάρκου π[.][---]

2 μηδὲν λάβης ἐκ τῆς ἀποθήκης. Θεο[...][ν τὸν ἄλλον [...]]ον προσδοκῶ

3 καὶ π[...] εἰ χρεῖαν ἔχεις αρ[.]ουσως ἔχων.

Tradução:

Para minha mais honrada Nonna, de Papais, saudações.

Antes de tudo cumprimento você e a senhora minha noiva. Eu já expliquei para a senhora, através do secretário leitor Serenus, que me providencie uma casa, desde que seja próxima da sua, porque é justo que não nos separemos um do outro. Porque, por Deus, eu te respeito como minha mãe e minha irmã e você significa muito para mim, contanto que minha noiva esteja com saúde. Mas se você não quiser fazer isso e te desagrade que estejamos perto de você, diga-me, pois poderei escrever ao meu irmão Cronius e ele pode preparar uma casa... Ou eu (mesmo?) posso conseguir a casa...

[Fragmentado]

(linha 31) Enviei a caixa com sete garrafas, cheias de óleo, e os travesseiros e o que encontrar. Me avise se você recebeu o anel de ouro de Dorotheus, o assistente de Anísio, e a madrepérola de Aretusio professor, para que você compre perfume. Quando eu for, levarei as sandálias de P.....ia. E se você pensou em algo útil para o casamento, escreva-me para que eu leve comigo quando for, para que não exista desacordo com a noiva. Rezo por sua saúde por muito tempo. Saúdo todos em sua casa junto de seus amigos. Mesore 22.

(Endereço na parte de trás):

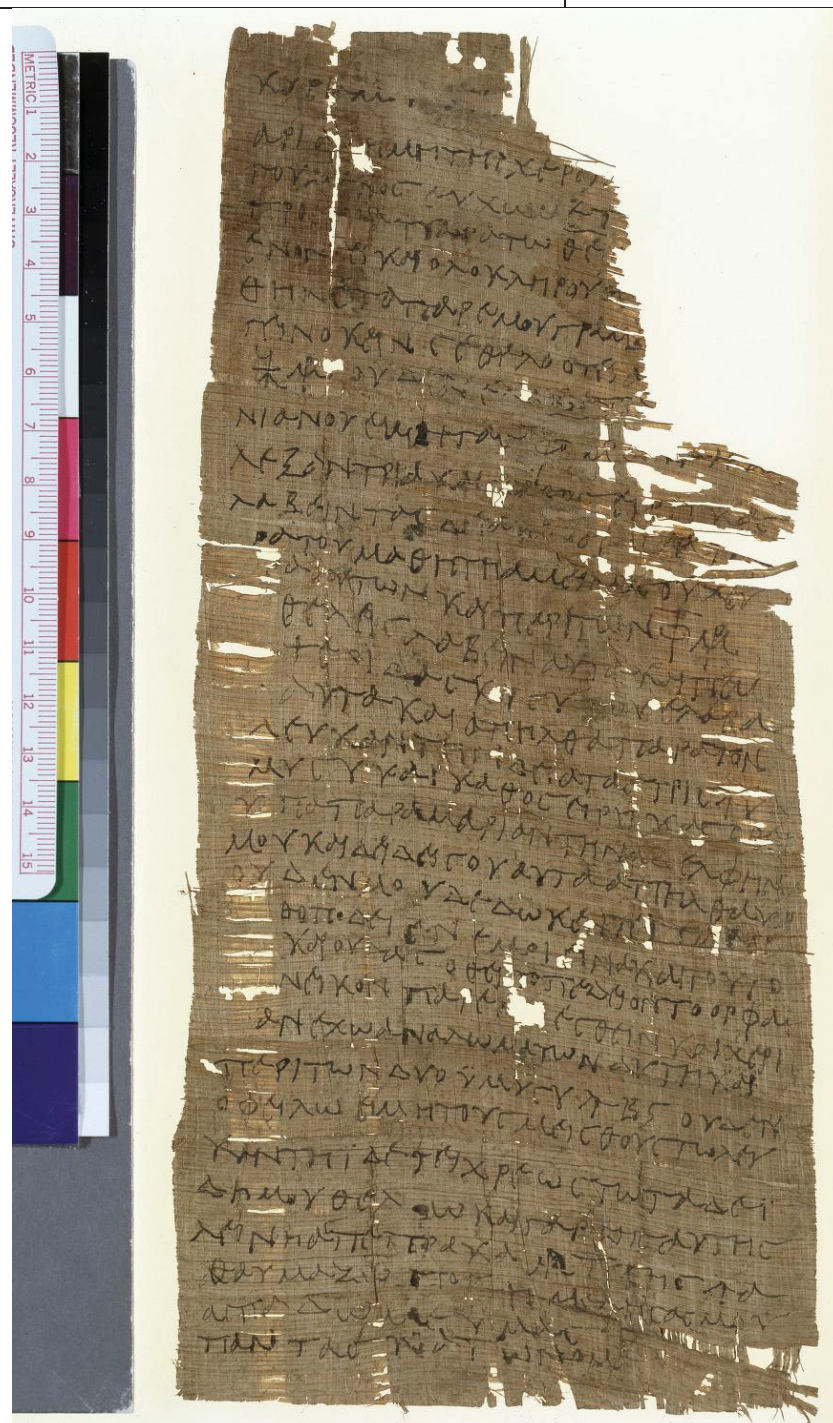
Entregue na casa de Antinous Marcus.

Não tire nada da despensa, espero Theo..... [fragmentado]

Ficha 06 – SB 14 12080	
Metadados: https://papyri.info/ddbdp/sb;14;12080 https://www.trismegistos.org/text/32346	Data: Século IV EC
Primeira publicação: Youtie, 1976 Edição utilizada: Rupprecht, Hengstl, 1983.	Local do remetente: Desconhecido
Local do destinatário: Desconhecido	Local onde foi encontrado: Antinoopolis
Texto original: 1 κυρία μου συμβία Ἴσι Ψάεις 2 χαίρειν. 3 πρὸ μὲν πάντων εὖχομαι 4 τῷ θεῷ περὶ τῆς ὀλοκληρίας 5 σου. ἔπεμψα σοι στρώματα δύο καὶ 6 λίτρας δύο πορφύριον καὶ ταλάρους 7 ἕξ καὶ σαβακάτια δύο διὰ Μούει. 8 ἂν τίς σοι δώσῃ τὴν ἐπιστολήν 9 μου δέξαι ἀπ' αὐτοῦ ἀγγεῖον ἐλαδίου 10 καὶ τὸ σάγμα τοῦ ὄνου καὶ 11 κανθήλιον. ἀσπάζομαι Ἄρσιν. ἀσπάζομαι 12 Παῦλον. ἀσπάζομαι Τα[.]άειν σὺν 13 τέκνοις. ἀσπάζεται [..][---] (Verso): 17 ἀπόδος Ἴσι συμβία παρὰ Ψάει ἄπα Βορεῦ.	
Tradução: Para minha senhora e esposa Isis, da parte de Psaeis, saudações. Antes de tudo rezo a Deus pela sua saúde. Enviei para você duas colchas, duas libras de tinta púrpura, seis cestos e duas toalhas, feitas por Moueis. Se alguém te entregar minha carta, receba dele um jarro de azeite de oliva, o arreio do burro e a cesta. Cumprimento Arsis. Cumprimento Paulo. Cumprimento Taesis e suas crianças..... [mais três linhas danificadas] (Endereço na parte de trás): Entregue para minha esposa Ísis, de Psaeis, filho de Boreus.	

Ficha 07 – SB 14 11588

Metadados: https://papyri.info/ddbdp/sb;14;11588 https://www.trismegistos.org/text/32936	Data: Século IV EC
Primeira publicação: Youtie, 1976 Edição utilizada: Rupprecht, Hengtsl, 1981	Local do remetente: Desconhecido
Local do destinatário: Desconhecido	Local onde foi encontrado: Desconhecido



Ficha 07 – SB 14 11588

Texto original:

1 κύριέ μου υἱέ [.....] παρὰ
 2 Ἀρίας τῆς μητρὸς χαίρε.
 3 προηγουμένως εὐχομαι τη θεία
 4 προνοία παρὰ τῷ θεῷ σοι
 5 ὑγιαίνοντι καὶ ὁλοκληροῦντι
 6 δοθῆναι τὰ παρ' ἐμοῦ γράμματα. καὶ
 7 γινώσκειν σε θέλω ὅτι ἀπὸ τῶν
 8 Α μυριάδων οὐδέν ἔλαβον παρὰ [...]
 9 νιανοῦ εἰ μὴ τὰς φ μυριάδας ἐν τῇ
 10 Ἀλεξανδρίᾳ. καὶ καθὼς εἶρηκας
 11 λαβεῖν τὰς διακοσίας μυριάδας
 12 παρα τοῦ μαθητοῦ Ἀμεινίας, οὐχ
 13 εὔρον αὐτόν. καὶ περὶ τῶν φ μυριάδων,
 14 θέλεις λαβεῖν αὐτὰς καὶ
 15 πέμψαι; οἶδας καὶ σὺ ποῦ ἔλαβον
 16 αὐτὰς. καὶ ἀπῆλθον παρὰ τὸν
 17 λευκαντὴν διὰ τὰς τρεῖς λίτρας
 18 ἥμισυ. καὶ καθὼς εἶρηκας ὅτι
 19 ὕπαγε παρὰ Μαρίαν τὴν ἀδελφὴν
 20 μου καὶ δίδει σοι αὐτὰς, ἀπῆλθον καὶ
 21 οὐδέν μοι δέδωκεν. τί γὰρ
 22 ὀρθοποδεῖ ἐν εμοί; ἵνα καὶ τοῦτο
 23 καὶ οἶδας, ὅτι τὸ παιδίον τὸ
 24 ὀρφανικὸν παρ' ἐμοί ἐστίν καὶ
 25 χρεῖαν ἔχω ἀναλωμάτων αὐτῇ. καὶ
 26 περὶ τῶν δύο
 18 ἥμισυ λιτρῶν, β ?, οὐδέν
 27 ὀφείλω εἰ μὴ τοὺς μισθοὺς τῷ
 28 λευκαντῇ. εἰ δὲ τι χρεωστῶ, τάδε
 29 εἶδη μου τελῶ. καὶ γὰρ τῆς αὐτῆς
 30 λινέας πέπρακα μυριάδων ι τῆς λίτρας α.
 31 θαυμάζω πῶς ἡμέλησάς μου.
 32 ἀσπάζομαι ὑμᾶς
 33 πάντας κατ' ὄνομα.
 (Verso):
 34 ἀσπάζεται ὑμᾶς [---][...]ης καὶ οἱ ὑμῶν κατ' ὄνομα.
 35 ἀπόδος Δωροθέω Φιλίππου ?? ?? παρὰ Ἀρίας μητρὸς.

Tradução:

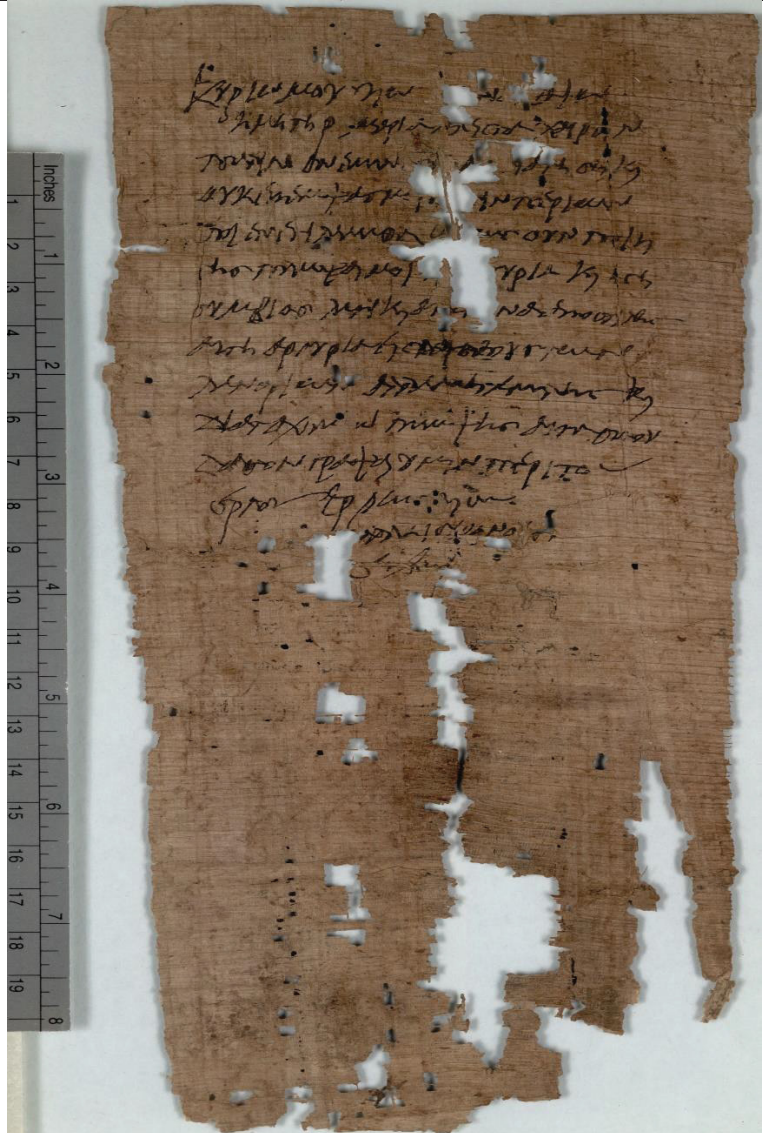
Aria para o senhor meu filho, (Dorotheos), saudações.
 Primeiramente, rezo para a Divina Providência de Deus para que você esteja com saúde e próspero quando receber minha carta. Quero que você saiba que das 1000 moedas, recebi de nanios a não ser 500 moedas em Alexandria. E como você disse, de pegar as 200 moedas do aprendiz Ameinias, não o encontrei. E sobre as 500 moedas, você poderia pegá-las (?) e enviá-las? Você sabe onde as consegui. Fui ao branqueador pelas três libras e meia. E como você disse: "Vá até minha irmã Maria, e ela as dará para você". Fui e ela não me deu. Então, o que é o certo para mim? Saiba, também, que estou com a criança órfã em casa, e eu tenho despesas, e preciso para mim. E sobre as

Ficha 07 – SB 14 11588

duas libras e meia, não devo nada, apenas o pagamento do branqueador. Se eu dever algo, eu pago com minhas coisas. Eu vendi coisas de linho a 10 moedas por libra. Fico maravilhada do quanto você me negligencia. Cumprimento todos vocês, cada um por nome.

(Verso):..... um a um nós saudamos vocês pelo nome.

(Endereço na parte de trás): Entregue para Dorotheos, filho de Philippos, de Aria, mãe dele.

Ficha 08 – P. Oxy. 48 3403	
Metadados: https://papyri.info/ddbdp/p.oxy;48;3403 https://www.trismegistos.org/text/33714	Data: Século IV
Primeira publicação: Shelton, 1981 Edição utilizada: Shelton, 1981	Local do remetente: Oxirrincó
Local do destinatário: Desconhecido	Local onde foi encontrado: Oxirrincó
	

Texto original:

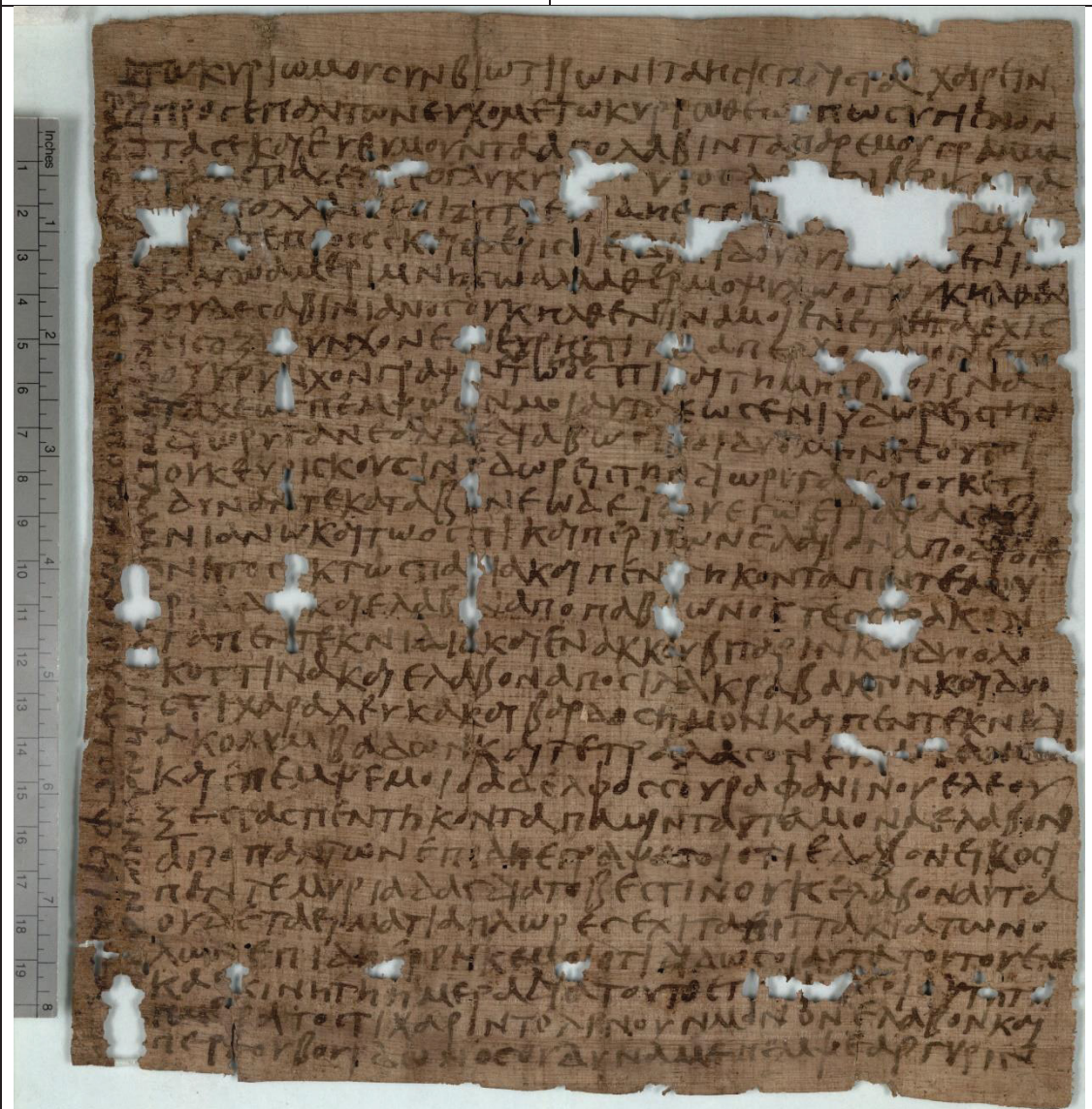
1 κυρίῳ μου υἱῷ Παπνουθίῳ
 2 ἡ μήτηρ Μαρία πλεῖστα χαίρειν.
 3 πάλιν ἐνέμενες τῇ ἀμελείᾳ τῇ σῇ καὶ
 4 οὐκ ἔπεμψάς μοι φάσιν περὶ ὧν
 5 σοι ἐνετειλάμεθα. καλῶς οὖν
 6 ποιήσης πέμψαι μοι τὰ ἀργύρια. καὶ ἡ σὴ
 7 σύμβιος λέγει καὶ αὐτὴ ἵνα ἀποστείλῃς
 8 αὐτῇ ἀργύρια εἰς μισθοὺς τῶν
 9 λαναρίων. ἀλλὰ μὴ ἀμελῇς καὶ
 10 διὰ ταχέων πέμψῃς αὐτά.
 11 σπουδάσον γράψαι ἡμῖν περὶ τοῦ
 12 ἔργου. ἐρρῶσθαί σε
 13 πολλοῖς χρόνοις
 14 εὖχομαι.

Tradução:

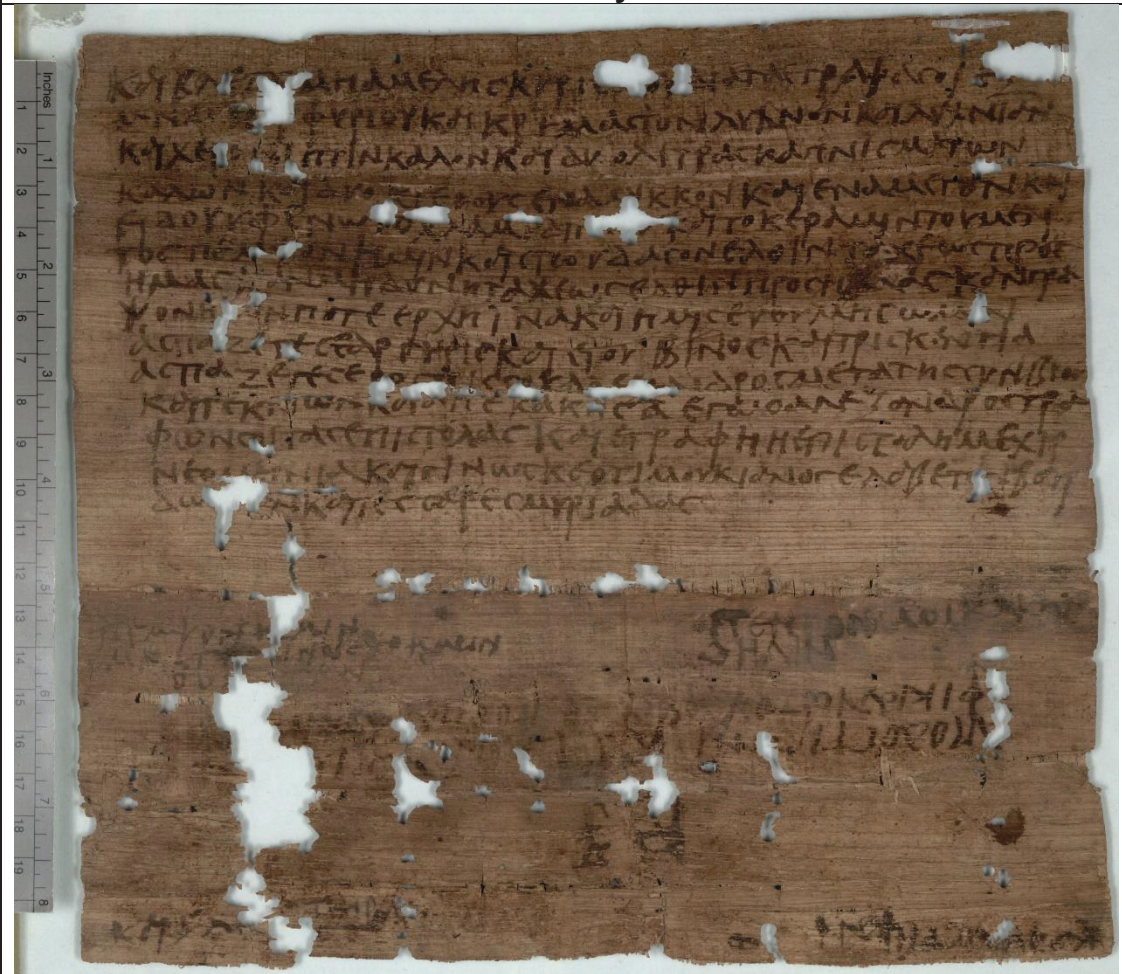
Para meu senhor e filho Papnouthis, de sua mãe Maria, muitas saudações.
 Novamente você persiste em sua negligência e não me enviou uma palavra
 sobre as coisas que te encaminhei. Então você fará bem em me enviar o
 dinheiro. E sua esposa, também, disse ela mesma que deve enviar os
 pagamentos para pagar os tecelões, então não seja negligente e envie
 rapidamente. Se apresse e nos escreva sobre o trabalho. Rezo por sua saúde
 por muitos anos.

Ficha 09 – P. Oxy. 56 3860

Metadados: https://papyri.info/ddbdp/p.oxy;56;3860 https://www.trismegistos.org/text/33601	Data: Século IV
Primeira publicação: Sirivianou, 1989 Edição utilizada: Sirivianou, 1989	Local do remetente: Oxirrincó
Local do destinatário: Desconhecido	Local onde foi encontrado: Oxirrincó



Ficha 09 – P. Oxy. 56 3860



- 1 τῷ κυρίῳ μου συνβίῳ Τίρῳνι Ταῆσις πλεῖστα χαίρειν.
- 2 πρό γε πάντων εὐχομαι τῷ κυρίῳ θεῷ ὅπως
- 3 ὑγιαίνοντά σε καὶ εὐθυμοῦντα ἀπολαβεῖν τὰ παρ' ἐμοῦ
- 4 γράμματα. ἀσπάζεται σε ὁ γλυκύτατος υἱὸς Δεκένβερ καὶ
- 5 πάνυ πολλά σε ἐπιζητεῖ. ἐπειδὴ ἔγραψάς μοι ὅτι, Παμῖς
- 6 ἔρχεται πρὸς σέ καὶ φέρει σοι εἶδη, ἰδοὺ οὕτω ἦλθεν ἵνα
- 7 καὶ ἐγὼ ἀμεριμνήσω, ἀλλὰ θερμοψυχῶ ὅτι οὐκ ἦλθεν.
- 8 οὐδὲ Σαβινιανὸς οὐκ ἦλθεν ἵνα μοι ἐνέγκῃ ἃ ἔχεις
- 9 εἰς Ὁξυρύνχον. ἐὰν εὗρῃς τινὰ ἀπερχόμενον εἰς
- 10 Ὁξυρύνχον, γράψον αὐτῷ ἢ τῷ ὅσπει καὶ τῇ μητρὶ σου ἵνα
- 11 ταχέως πέμψωσίν μοι αὐτά, ἕως ἐνὶ ὕδωρ εἰς τὴν
- 12 διώρυγα. ἐὰν δὲ διαβῶσιν οἱ δύο μῆνες οὗτοι,
- 13 οὐκ εὕρισκουσιν ὕδωρ εἰς τὴν διώρυγα καὶ οὐκέτι
- 14 δύνανται καταβῆναι ὧδε. ἰδοὺ ἐγὼ ἔγραψα
- 15 Σαβινιανῷ καὶ τῷ ὅσπει καὶ περὶ ὧν ἔλαβον ἀπὸ
- 16 Διογενήτος ὀκτὼ σπαθία καὶ πεντήκοντα πέντε
- 17 μυριάδας, καὶ ἔλαβον ἀπὸ Παβίωνος
- 18 τεσσεράκοντα πέντε κνίδια καὶ ἐν ἀκκουβιτάριν καὶ δύο
- 19 ὀλοκόττινα, καὶ ἔλαβον ἀπὸ Σίλα κράβακτον καὶ δύο
- 20 στιχάρια λευκὰ καὶ παρδόσημον? καὶ πέντε
- 21 κνίδια κολυμβάδων καὶ τετράλασσον? Εὐλαλιανόν.
- 22 καὶ ἔπεμψέ μοι ὁ ἀδελφός σου ραφανίνου ἐλαίου
- 23 ξέστας πεντήκοντα Παμί. ταῦτα μόνον ἔλαβον

Ficha 09 – P. Oxy. 56 3860

24 ἀπὸ πάντων. ἐπειδὴ ἔγραψά σοι ὅτι, ἔλαβον εἴκοσι
 25 πέντε μυριάδας διὰ τὸ βέστιν, οὐκ ἔλαβον αὐτὰ
 26 οὐδὲ τὰ ἱμάτια. Πλῶρες ἔχει τὰ πιπτάκια τῶν
 27 ὄλων. ἐπειδὴ εἴρηκέ μοι ὅτι δίδω σοι αὐτὰ τούτου
 28 ἕνεκα ἐκείνη τῇ ἡμέρᾳ, διὰ τοῦτο ἔγραψά σοι. αὐτῇ τῇ
 29 ἡμέρᾳ τὸ στιχάριν τὸ λινοῦν μόνον ἔλαβον. καὶ
 30 περὶ τοῦ βουρδῶνος οὐ δύναμαι πέμψαι ἀργύριν
 31 διὰ τὴν χρεῖαν καὶ αὐτὸς λαμβάνει μοι τὴν ἀννῶναν καὶ
 32 ἐὰν ἔλθῃ τὰ εἶδη ἀπὸ τοῦ πλοίου, αὐτὸς φέρει αὐτά.
 33 καὶ βλέπε, μὴ ἀμελήῃς, κύριέ μου, διὰ ᾧ ἔγραψά σοι · ἐξ
 34 μνάς πορφυρίου καὶ κρεμαστὸν λύχνον καὶ λυχνίαν
 35 καὶ χειρονίπτριον καλὸν καὶ δύο λίτρας καπνισμάτων
 36 καλῶν καὶ δύο κυάθους, ἓνα μικρὸν καὶ ἓνα μέγαν. καὶ
 37 ἰδοὺ ὑφαίνω τὸ χλαμύδιν σου. καὶ κεράμιν τοῦ
 38 μέλιτος πέμψον ἡμῖν καὶ σπούδασον ἐλθεῖν ταχέως πρὸς
 39 ἡμᾶς. καὶ ἂν μὴ δύνη ταχέως ἐλθεῖν πρὸς ἡμᾶς, καὶ ἂν
 40 γράψον ἡμῖν πότε ἔρχῃ, ἵνα καὶ ἡμεῖς εὐθυμήσωμεν.
 41 ἀσπάζεται σε Ἀργῦρις καὶ Εἰουβίνος καὶ Τρισκεντία.
 42 ἀσπάζεται σε ὁ ὅστις σου Ἀλέξανδρος μετὰ τῆς συνβίου
 43 καὶ τέκνων καὶ ἀπεκάκησα ἐγὼ ὁ Ἀλέξανδρος
 44 γράφων σοι τὰς ἐπιστολάς. καὶ ἐγράφη ἡ ἐπιστολὴ Μεχίρ
 45 νεομηνία. καὶ γίνωσκε ὅτι Μουκιανὸς ἔλαβε τὸν
 46 βουρδῶνα καὶ τέσσαρας μυριάδας.
 47 πέμψον ἡμῖν
 48 μ[.]ιν εἰς τὸ ἡμῶν
 49 [.]ν.
 50 καὶ ὑλιστῆρα.
 47 πέμψον μοι κα[....]
 48 δηλιν.
 49 καὶ ὑλιστῆρα.
 50 ἀπόδος Τίρωνι ΧΧΧΧΧ [..]
 51/52 ὀφφικιαλίω
 52 τοῦ δουκὸς παρὰ Ταήσιος.

Tradução:

Para o senhor meu marido Tiron, de Taesis, muitas saudações.
 Antes de tudo rezo a Deus para que minha carta te encontre em boa saúde e espírito. Seu mais doce filho Dezembro o saúda e sempre pergunta de você. Uma vez que você tenha me escrito “Panis está indo levar as coisas”, veja, ele ainda não veio para que eu também ficasse despreocupada, mas estou muito preocupada por ele não ter vindo. Sabinianos também não veio trazer as coisas que você tem em Oxirrincos. Se você souber de alguém vindo para Oxirrincos, então escreva e ele ou ao inquilino ou para sua mãe para que me enviem logo, enquanto ainda há água no canal. Se estes dois meses passarem, não haverá mais água no canal e eles não poderão mais descer. Veja, escrevi a Sabinianos e ao inquilino sobre o que recebi de Diogenes, oito espátulas e cinquenta e cinco miríades, e o que recebi de Pabion, quarenta e cinco *knidia* e uma capa de sofá (?) e dois *solidi*, e o que recebi de Silas, um colchão e duas túnicas brancas e uma roupa de leopardo e cinco *knidia* de azeitonas picadas e um *quartenion* de Eulali. E seu irmão enviou-me cinquenta

Ficha 09 – P. Oxy. 56 3860

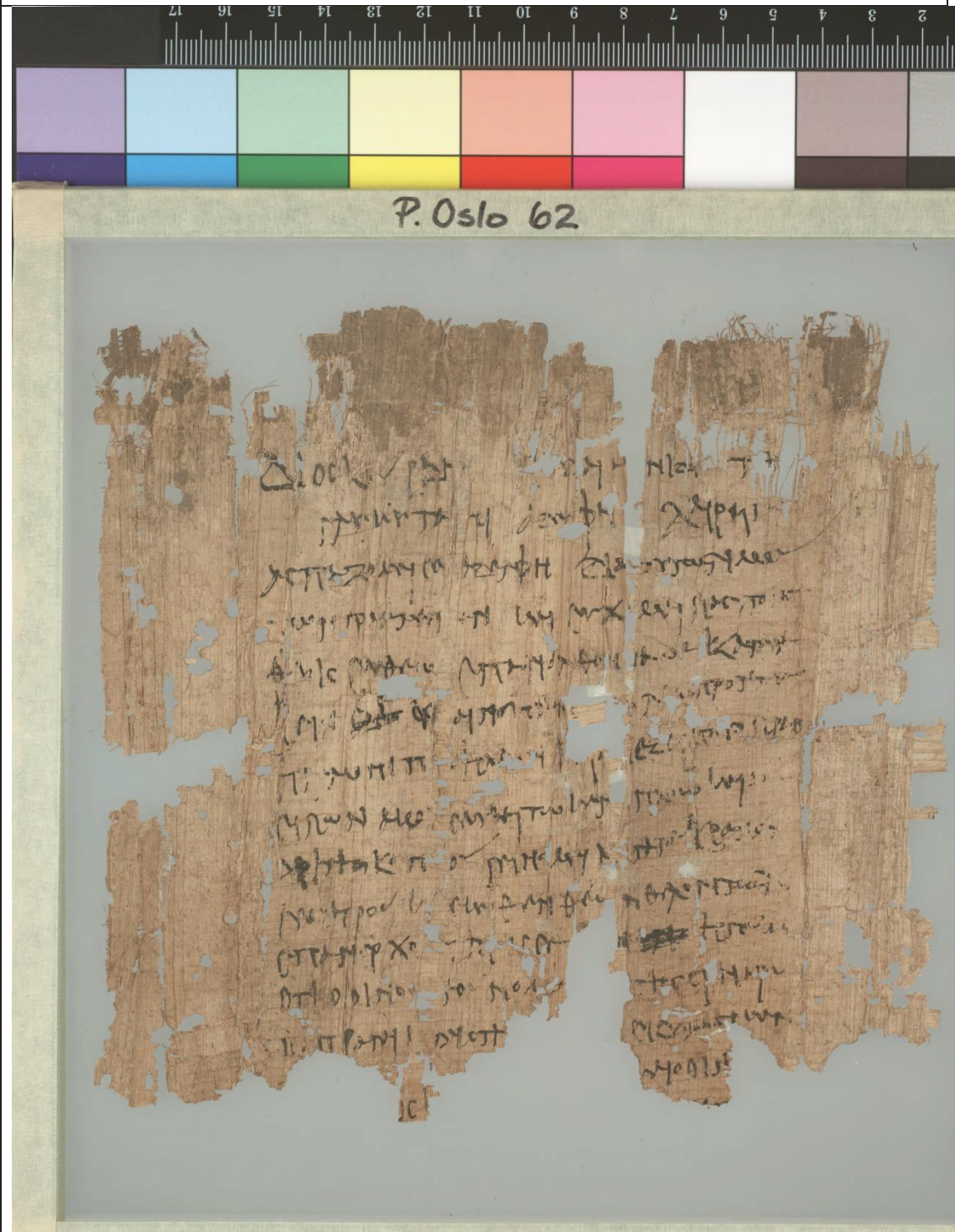
sextarii de óleo de rabanete para Pamis. De tudo, recebi isso. Ainda que eu tenha escrito, “Recebi vinte e cinco miríades das *vestis*”, não recebi isso nem as roupas. Plores tem os recibos de tudo. Porque ele me disse “Estou te dando isto por causa daquele dia (?)”, então estou te escrevendo. Mas neste dia só recebi a roupa de linho. E quanto a mula, não posso enviar Argyris (texto na margem) porque preciso dele e ele está pegando (?) imposto para mim; e se as coisas chegarem de barco, ele irá buscar.

(na parte de trás) E veja, meu senhor, não negligencie o que lhe escrevo: seiscentas *dracmas* de fio púrpura e um pendente e um candeeiro e uma boa pia de lavatório e um quilo de bom incenso e duas xícaras, uma grande e uma pequena. E veja, estou tecendo sua capa. E nos envie um jarro de mel, e venha logo para nós. E se não puder vir logo, ao menos escreva quando você virá, para que nossos espíritos se aliviem. Argyris o cumprimenta, e Jovinus e Triscentia. Seu convidado Alexandros, com sua mulher e filhos, o cumprimenta. E eu, Alexandros, fiquei cansado de escrever esta carta para você. E a carta foi escrita em Mecheir 1. E saiba que Mucianus pegou a mula e quatro miríades. Envie-nos... para nosso..... e uma peneira.

(Endereço): Entregue para Tiron..... o *officialis* do *dux*, de Taesis.

Ficha 10 – P. Oslo 2 62	
Metadados: http://papyri.info/ddbdp/p.oslo;2;62 https://trismegistos.org/text/33593	Data: Primeira metade do século IV EC
Primeira publicação: Eitrem, Amundsen, 1931. Edição utilizada: Eitrem, Amundsen, 1931.	Local do remetente: Desconhecido
Local do destinatário: Desconhecido	Local onde foi encontrado: Desconhecido

Ficha 10 – P. Oslo 2 62

**Texto original:**

- 1 Διοσκουρίδης Εὐδαιμονίδι τῇ
- 2 γλυκυτάτῃ ἀδελφῇ χαίρειν.
- 3 ἀσπάζομαί σε, ἀδελφή, διὰ τούτων μου
- 4 τῶν γραμμάτων καὶ εὐχομαι πᾶσι τοῖς
- 5 θεοῖς εὐθέως ἐπανελθόντα με
- 6 καταλαβεῖν σε ὑγιαίνουσαν. τῷ λαμπροτάτῳ
- 7 ἡγεμόνι προσήλθον. προσεδέξατο τὸ πρᾶγμα
- 8 εἰπὼν ἀκούσεσθαι τῷ καταπλόῳ. καὶ

Ficha 10 – P. Oslo 2 62	
9 μέχρι τῆς Κοπτοῦ γείνομαι μετὰ τοῦ κρατίστου 10 Σεουήρου καὶ ἐκεῖθεν θεῶν θελόντων 11 ἐπανέρχομαι πρὸς σέ. ἡγοῦμαι 12 ὅτι ὁ οἶνος τοῦ νομάρχου?? τῆς Σιναρὺ 13 πέπρακται καλίστης τιμῆς. εἰ δὲ μή 14 καλίστης [---] καὶ ὁ οἶνος [---] 15 [-----] [-----] 16 Εὐδαιμονίδι ἀδελφῇ ἀπὸ ____ Διοσκουρίδου. 17 [-----]	
Tradução: Dioskourides para a minha mais doce irmã Eudamonis, saudações. Eu te cumprimento através destas minhas cartas, irmã, e rezo a todos os deuses para que eu te encontre com saúde quando voltar. Me aproximei do mais esplêndido prefeito. Ele recebeu favoravelmente meu pedido, e disse que ouviria (o caso) na descida do Nilo. E até Koptos eu viajarei com o poderoso Severus e de lá, querendo os deuses, voltarei para você. O vinho, penso que o vinho da província de Sinary foi vendido por um bom preço. Mas não é de melhor..... e o vinho.... (fragmentado) (Endereço na parte de trás): Para minha irmã Eudaimonis, de Dioskourides.	

Ficha 11 – PSI 12.1247v	
Metadados: http://papyri.info/ddbdp/psi;12;1247v http://www.trismegistos.org/text/30631	Data: 234-235 EC
Primeira publicação: Norsa, 1951 Edição utilizada: Norsa, 1951	Local do remetente: Desconhecido
Local do destinatário: Oxirrínco (presumido)	Local onde foi encontrado: Oxirrínco
Texto original: 1 Ἀμμωνοῦς Ἀπολλωνιανῶ καὶ 2 Σπαρτιάτῃ τοῖς κυρίοις μου καὶ γλυκυτάτοις 3 πατρὶ καὶ ἀδελφῶ πλεῖστα χαίρειν. 4 γράφω ἀσπαζομένη ὑμᾶς καὶ 5 εὐχομένη ὑμῖν τὰ ἐν βίῳ ἀγαθὰ 6 ὑπαρχθῆναι καὶ προτρεπομένη ὑμᾶς 7 γράφειν μοι συνεχῶς περὶ τῆς 8 σωτηρίας ὑμῶν, εἰδότες ὅτι, ἐὰν 9 κομίζωμαι ὑμῶν γράμματα, ἐορτὴν 10 ἄγω. ἀσπάσασθε τὰ γλυκύτατά μου 11 τέκνα καὶ τὴν ἀδελφὴν 12 Διοσκουρίαιναν · ἀσπάζεται ὑμᾶς τὰ τέκνα 13 ὑμῶν. ἀσπάζου Ἰσιδώραν καὶ τὰ τέκνα 14 αὐτῆς. ἐρῶσθαι ὑμᾶς εὖχομαι 15 εὐτυχοῦντας διὰ βίου αἰεί,	

16 πάλαι ὁ στρατιώτης ἡμῖν ἐνοχλεῖ ὥς
 17 χάριν [...]ου αὐτῷ ἐνετείλω. ἔρεῖ
 18 οὖν σοι τὸ πρᾶγμα Διογένης.

Tradução:

Ammonous para Apollonianos e Spartiates meus senhores e mais amados pai e irmão, muitas saudações.

Eu escrevo abraçando-os e rezando que vocês tenham as coisas boas na vida, e insistindo que vocês escrevam frequentemente sobre o bem-estar de vocês, sabendo que, se eu receber uma carta de vocês, celebro um festival. Cumprimente minhas amadas crianças e minha irmã Dioskouriana. Suas crianças os cumprimentam vocês.

(Segunda mão):

Cumprimente Isidora e as crianças dela. Rezo para que você fique bem e próspero durante sua vida. O soldado nos importunou antes por causa de..... você o instruiu. Diogenes vai explicar o ato.

Ficha 12 – P. Haun. 2 18	
Metadados: http://papyri.info/ddbdp/p.haun;2;18 https://www.trismegistos.org/text/30121	Data: Século III EC
Primeira publicação: Bülow-Jacobsen, 1981 Edição utilizada: Bülow-Jacobsen, 1981	Local do remetente: Desconhecido
Local do destinatário: Desconhecido	Local onde foi encontrado: Desconhecido
Texto original: 1 Πτολέμα 2 Χενατύμι τῇ μητρὶ 3 χαίρειν. 4 πρὸ τῶν ὅλων 5 εὖχομαί σε ὑγιαίνειν 6 καὶ ἀσπάζομαι. 7 γινώσκειν σε θέλω, 8 εὐχαριστῶ μου 9 τὸν πατέρα ὅσα ἐπ’ 10 εὐπρέπειαν τῶν 11 ἀνθρώπων 12 12 πρεπόντως 12 αὐτῷ καὶ τῇ τύχῃ τοῦ 13 οἴκου αὐτοῦ ὅλου, καὶ 14 τὸ προσκύνημα τῆς 15 κυρίας Ἰσιδος. ἴσθι 16 ἐλευθέραν με 17 ἐποίησεν, ὅθεν καὶ σὺ 18 εὐχαρίστησον αὐτῷ λίαν. 19 ἐκομισάμην καθάρια γ 20 καὶ ὀψάριον παρὰ 21 Ὀννώφριος τοῦ ἀπὸ 22 Ψύα. κόμισαι ἐπὶ τοῦ 23 παρόντος παρὰ 24 Ἀχιλλήτου Πτολλαρίωνος [---] 25 ζυμίας ἄρτους δ. ἄσπασον [---] 26 τὴν ἀδελφὴν μοι καὶ [---] 27 [---] δῆλωσόν μοι ἐὰν τέτοκε NA καὶ τί ἐστὶν τὸ 29 γεννώμενον. ἐρρωσθαί σε 30 εὖχομαι. Τῦβι κα. 1 ἀπὸ Πτολέμας ἀπόδος X Χενατύμι τῇ 2 μητρὶ	
Tradução: Ptolema para sua mãe Chenatymis, saudações.	

Ficha 12 – P. Haun. 2 18

Antes de tudo rezo para que você esteja bem e te abraço. Quero que você saiba, agradeço meu pai <pelo que foi feito> pela dignidade de suas pessoas, apropriadamente para ele e para a fortuna de toda sua casa; e faço reverência à senhora Ísis. Saiba que ele me libertou, por isso você também deve agradecê-lo grandemente. Recebi três pães brancos e peixe de Onnopris de Psya. Receba agora de Achilletos, filho dele Ptollarion, quatro pães fermentados. Saúde minha irmã e me avise se ela deu à luz e o que nasceu. Rezo por sua saúde. Rezo por sua saúde. Tybi 21.

(Endereço na parte de trás): Entregue de Ptolema para Chenatymis, mãe dela.

Ficha 13 – P. Mich. 8 514

Texto original:

1 Ἰσιδώρα Σαραπιάδι τῇ
 2 θυγατρὶ πολλὰ ____ χαίρειν.
 3 πρὸ μὲν πάντων εὖχομαί
 4 σε ὑγιαίνειν μετὰ τῶν σῶν
 5 καὶ τὸ προσκύνημά σου ποιῶ
 6 παρὰ τῷ κυρίῳ Σεράπιδι
 7 μετὰ τοῦ τέκνου σου.
 8 οἶδας ὅτι ἀθυμῶ τῷ νῶ δια τὸν
 9 ἀδελφόν σου. οὐκ ἔλαβα
 10 αὐτοῦ τὰ δηπόσιτα ὅτι
 11 ἡσθένηκα · ἡμέρας ἔχουσι λαμβάνειν.
 12 περὶ οὗ εἴρηκας ὅτι πέμψον
 13 χιτῶνα τῇ μικρᾷ, ἐὰν
 14 εὖρω τινὰ πιστὸν πέμψω.
 15 καὶ ἐὰν ὁ θεὸς θέλῃ κατέλαβά σε.
 16 εἴ τι ἔχω σὸν ἐστὶν καὶ τοῦ
 17 ἀδελφοῦ σου. ἤκουσα ὅτι ἀηδῖαν
 18 πεποίηκας μετὰ τοῦ ἀνδρός σου χάριν τοῦ
 19 πατρός σου. οὐ μεμένηκε
 20 ἐχόνομά μου ὅτι χειμῶν ἐστὶν.
 21 πέμψον αὐτὸν παρ' αὐτόν · ἐὰν ἀναβῶ
 22 κυβερνήσω αὐτὸν πάλιν. μένω
 23 Ἀπολλῶν. τάχα στρατεύσεται ·
 24 στρατευθῇ μὴ στρατευθῇ δεῖ με
 25 ἀναβῆναι. γράψον μοι περὶ τῆς
 26 σωτηρίας σου ἐν τάχει. ἐὰν θέλῃς
 27 γράψαι ἐπιστολὴν ἐχόνομα
 28 Σερήνου τοῦ ἀδελφοῦ Σκαμβῦτος
 29 μένω τὸ προσκύνημα αὐτοῦ
 30 εἰς τὸν κόλπον τοῦ Σεράπιδος.
 31 ἀσπάζου τὸν πατέρα τῶν
 32 παιδίων καὶ τὰ παιδιά.
 33 ἀσπασαί Θαισαῖριν ἄσπασαί τὰ τέκνα σου.
 34 ἀσπάζου Πεηοῦν καὶ Πεμέν.
 35 μὴ ἀναγκάσης μέ σε
 36 μέμψασθαί σε Ὀννώφριν ἐπὶ [...] ἀηδία
 37 αὐτῆς. [...] ἀσπάζεται σε
 38 Ἀπολλῶς καὶ τὰ τέκνα σου.
 (Verso):
 39 ἀπόδος Ὀννώφρι ἱερεῖ [...] το
 40 ἀπὸ Ἀπολλῶτος Σαλιβωτᾶ.

Tradução:

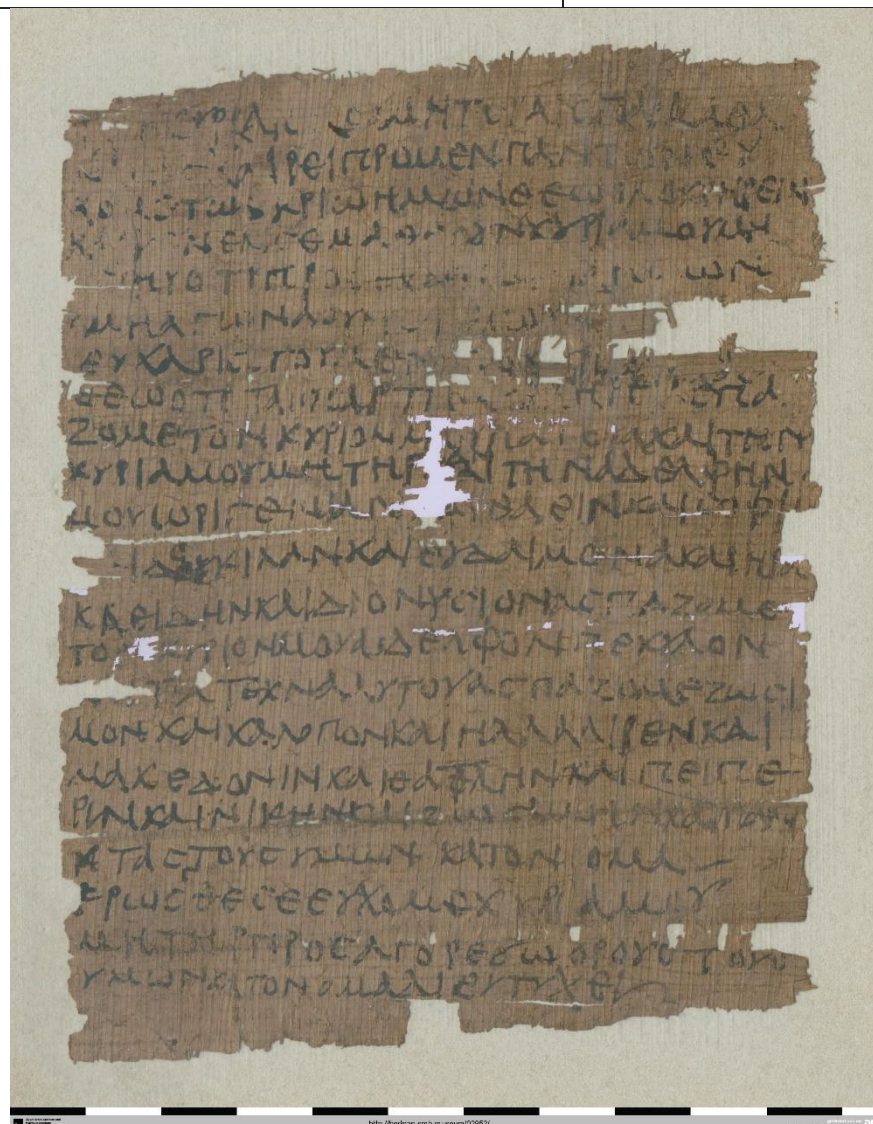
Isidora para Sarapias, sua filha, muitas saudações.
 Antes de tudo, rezo pela sua saúde e pela saúde de todos da sua família e
 faço reverência ao senhor Sarapis para você e para seu filho. Saiba que eu
 estou desanimada por causa do seu irmão. Não recebi o depósito dele porque
 estava doente: há dias específicos para receber. Sobre o que você me disse,
 “envie um túnica para a pequena”, enviarei se eu encontrar alguém confiável.

Ficha 13 – P. Mich. 8 514

Com a vontade dos deuses me juntarei a você. Se eu tenho algo, é seu e de seu irmão. Soube que você teve um desentendimento com seu marido por causa do seu pai. Ele não ficou ao meu lado porque estamos no inverno. Se eu for aí, o envio para o canto dele. Estou esperando se Apollos vai servir ao exército: se ele se alistar ou não, deverei ir para o interior. Escreva-me logo sobre como está. Se você quiser escrever uma carta, junto de Serenus, irmão de Scambys, eu aguardo pela reverência dele na baía (?) de Sarapis. Saude o pai das crianças e as crianças. Saude Thausarion. Saude suas crianças. Saude Peeous e Pemes. Onnofri, não me faça te culpar porque você está brigado (com ela?). Apollos saúda você e suas crianças. (Endereço) Entregue para Onnophris, o padre.... de Apollos, filho de Salibotas.

Ficha 14 – P. Berl. Zill 12

Metadados: http://papyri.info/ddbdp/p.berl.zill;:12 https://www.trismegistos.org/text/30581	Data: Século IV EC
Primeira publicação: Thunell, 1941 Edição utilizada: Thunell, 1941	Local do remetente: Desconhecido
Local do destinatário: Desconhecido	Local onde foi encontrado: Desconhecido

**Texto original:**

- 1 ταῖς κυραῖς μου μητράσι παρὰ
- 2 Ἀθανασίου χαίρειν. πρὸ μὲν πάντων
- 3 εὖχομαι τῷ κυρίῳ ἡμῶν θεῷ ὁλοκληρεῖν
- 4 καὶ ὑγιαίνειν σε. μαθὲ οὖν, κυρία μου
- 5 μήτηρ, ὅτι προσκυνῶ? τοὺς ποδὰς ὑμῶν.
- 6 μὴ ἀγωνία οὖν περὶ μοῦ, [.....]
- 7 εὐχαριστοῦμεν τῷ κυρίῳ ἡμῶν

Ficha 14 – P. Berl. Zill 12

8 θεῶ, ὅτι Ταῶς ἄρτι συναπῆρε?
 9 ἀσπάζομαι τὸν κύριόν μου Παίσια καὶ τὴν
 10 κυρίαν μου μητέρα καὶ τὴν ἀδελφήν
 11 μου Ὠριγενίαν καὶ Θαεῖν καὶ Σοφίαν
 12 καὶ Δευκίλαν καὶ Εὐδαίμονα καὶ
 13 Ἡρακλείδην καὶ Διονύσιον. ἀσπάζομαι
 14 τὸν κύριόν μου ἀδελφὸν Πέκυλον
 15 καὶ τὰ τέκνα αὐτοῦ. ἀσπάζομαι
 16 Ζώσιμον καὶ Κάλοππον καὶ Ἠλλάλιβεν καὶ
 17 Μακεδόνιν καὶ Θατλῆν καὶ
 18 Πειπέριν καὶ Νίκην καὶ Ζωσίμην καὶ
 19 πάντας τοὺς ὑμῶν κατ' ὄνομα.
 20 ἐρρῶσθαί σε
 3 εὖχομαι, κυρία μου
 21 μήτηρ. προσαγορεύω ὅλους τοὺς
 22 ὑμῶν κατ' ὄνομα. διευτύχει.

(Verso):

1 τῇ κυρίᾳ μου μητρὶ παρ' Ἀθανασίου τῆς θυγατρὸς

Tradução:

Para minhas senhoras, mães (?) de Athanasia, saudações. Antes de tudo rezo para o senhor nosso Deus que você esteja bem e saudável. Saiba, senhora minha mãe, que eu faço reverência a teus pés. Não se preocupe comigo, pois nós agradecemos ao senhor nosso Deus por ele ter cuidado dos nossos afazeres até hoje. Eu saúdo o senhor meu pai e a senhora minha mãe e minha irmã Horigeneia e Thais e Sophia e Lucilla e Eudaimon e Herakleides e Dionysios. Eu saúdo o senhor meu irmão Pekyllos e as crianças dele. Eu saúdo Zosimos e Kalopos e Hellaliben e Makedonios e Thatres e Piperis e Nike e Zosime e todas as suas pessoas pelo nome. Eu rezo por sua saúde, senhora minha mãe. Eu saúdo todas as suas pessoas pelo nome. Adeus.

(Endereço): Para a senhora minha mãe, de sua filha Athanasia.

Ficha 15 – P. Grenf. 1 53	
Metadados: https://papyri.info/ddbdp/chr.wilck;;131 https://www.trismegistos.org/text/33767	Data: Século IV
Primeira publicação: Grenfell, 1896 Edição utilizada: Grenfell, 1896	Local do remetente: Desconhecido
Local do destinatário: Desconhecido	Local onde foi encontrado: Desconhecido
Texto original: 1 Ἀρτεμεις Θεοδώρω τῷ 2 κυρίῳ μου συμβίῳ ἐν θεῷ χαίρειν. 3 πρὸ μὲν πάντων εὐχομαι 4 τῷ κυρίῳ θεῷ, ὅπως 5 ὁλοκληροῦντά σε ἀπολάβομεν. ἔπεμψά σοι διὰ 6 Ἀπωνος τοῦ συνστρατιώτου σου 7 γράμματα καὶ μαφόρτιν. ἐρρῶσθαί 8 σε εὐχομαι. ἀσπάζεται σε τὰ 9 παιδία σου καὶ Ἄλλοῦς πολλά σοι ἀπειλεῖ, ἐπεὶ 10 γὰρ πολλάκις γράψας καὶ πάντα 11 ἀσπασάμενος αὐτὴν μόνην 12 οὐκ ἠσπάσους. ἀσπάζεται σε Ἄλλοοῦς.	
Tradução: Artemis para Theodoros, meu senhor marido, saudações em Deus. Antes de tudo rezo a Deus para que encontre todos com saúde. Enviei por Apion, seu soldado (subordinado?), cartas e um manto. Rezo por sua saúde. Suas crianças o saúdam e Allous te faz muitas ameaças, porque você escreveu constantemente e saudou todos, e apenas não saudou a ela. Allous o sauda.	

Ficha 16 – BGU 2 380	
Metadados: http://papyri.info/ddbdp/bgu;2;380 https://www.trismegistos.org/text/31263	Data: Século III EC
Primeira publicação: Krebs, 1898 Edição utilizada: Krebs, 1898	Local do remetente: Arsinoites (Fayyum)
Local do destinatário: Desconhecido	Local onde foi encontrado: Arsinoites (Fayyum)
Texto original: 1 ἡ μήτηρ Ἡγελόχῳ τῷ υἱῷ 2 χαίρειν. 3 ὁψίας τῆς ὥρας 4 ἀπελθοῦσα πρὸς Σεραπίωνα 5 τὸν οὐετρανὸν ἐξήτασα 6 περὶ τῆς σωτηρίας σου 7 καὶ τῆς παιδίων σοῦ καὶ	

Ficha 16 – BGU 2 380	
8 εἶπέ μοι, ὅτι τὸν πόδα 9 πονεῖς ἀπὸ σκολόπος, καὶ 10 ἐθολώθην ὥς σου 11 περισσότερον ἐνωχλευομένου 12 καὶ ἐμοῦ λεγούσης τῷ 13 Σεραπίωνι, ὅτι 14 συνεχέρομαι σοι, ἔλεγέ μοι · οὐδὲν 15 περισσότερον ἔχει σε; εἰ δὲ 16 οἶδες σεαυτῷ, ὅτι ἔχει σέ τι 17 γράψον μοι, καὶ καταβαίνω 18 περιπατῶ μετὰ οὗ ἔαν 19 εὕρω. μὴ οὖν ἀμελήσης, 20 τέκνον, γράψαι μοι περὶ τῆς 21 σωτηρίας σου, ὡς εἰδῶς 22 φόβον τέκνου. ἀσπάζεται σε 23 τὰ τέχνα σου. Αὐρήλιος 24 Πτολεμῖνο τῷ πατρὶ χαίρειν 25 πεῖσον Διονύσιον χαίρειν τέκνον	
Tradução: A mãe de Hegelochos para seu filho. Tarde da noite fui até o Serapion, o veterano, e questionei sobre seu bem-estar e o de suas crianças. E ele me disse que seu pé está machucado por causa de um espinho, e fiquei preocupada que você estivesse excessivamente lento. E quando eu disse para Serapion “vou com você”, ele me disse que nada demais estava te perturbando. Mas se a enfermidade continuar, escreva-me, e descerei, viajarei com quem encontrar. Não seja negligente, criança, escreva-me sobre sua saúde, sabendo do medo por uma criança. Suas crianças o cumprimentam. Aurelius Ptoleminos cumprimenta o pai. Acredite em Dionísio. Saudações, minha criança.	

Ficha 17 – BGU 3 948	
Metadados: https://papyri.info/ddbdp/bgu;3;948 https://www.trismegistos.org/text/33251	Data: Século IV EC
Primeira publicação: Wilcken, 1903 Edição utilizada: Wilcken, 1903.	Local do remetente: Desconhecido
Local do destinatário: Desconhecido	Local onde foi encontrado: Herakleopolis
Texto original: 1 χμγ χμγ χμγ τῷ υἱῷ μου Θεοδούλῳ παρὰ τῆς μητρός σου 2 Κοφαήνας καὶ Ζήνωνος χαίρειν. πρὸ μὲν πάντων 3 εὖχομαι τὸν παντοκράτορα θεὸν τὰ περὶ τῆς ὑγείας σου 4 καὶ ὀλοκληρίας σου χάριν. γινώσκειν σε θ?έλω? ὅτι εἶπέν 5 σοι ὁ πραγματευτὴς ὅτι ἡ μήτηρ σου Κοφαίνα 6 ἀσθενεῖ, ἰδοῦ, δέκα τρεῖς μῆνες καὶ ἂν ἐπιστολὴν 7 οὐκ ἐτόρμηκας ἐμοὶ γράψεν ὅτι οἶδας καὶ σεαυτοῦ	

Ficha 17 – BGU 3 948	
8 ὅτι καλλiότερον τῶν [...]ων υ[...]ων [...]υ ἐποίησα 9 μετὰ σοῦ καὶ οὐκ ἐτόρμησάς σοι ἀκούσας ὅτι 10 νοσῶ οὐκ ἐτόρμησας πέμψεν μοι καὶ ἂν ἔξ 11 ὀλίγου τί ποτε. θέλησον οὖν πέμψειν μοι δέκα 12 λίτρας λινάρων καὶ ποιῶ σοι ἱμάτια πρὸς τὸ 13 δύναμαι, ὅτι οὐδὲν ἔχω τί ποιήσω σοι. θέλησον οὖν 14 ποιήσῃ μοι μικρὰν σιταρχίαν καὶ ἐγὼ ἀποστελῶ 15 σοι μεκ[.....] προσαγορεύει σε 16 ἄμμα σου καὶ ἐγὼ Κοφήνα καὶ ὁ υἱός σου 17 Ζήνων καὶ ἡ ἀδελφή σου Κυρίλλα καὶ τὰ παιδία 18 αὐτῆς. θέλησον οὖν υἱέ μου Θεόδουλε ἀγοράσῃν 19 μοι 5 λίτρας ἐριδίου μέλανος, ἵνα ποιήσω ἑμαυτῇ 20 μαφόριον καὶ ἀποστελῶ σοι τὸ κέρμα ὅσου αὐτὰ ἀγορᾷ. 21 ἐρρώσθαί σε εὐχομαι πολλοῖς χρόνοις. (Verso): 1 ἀπόδος XXXXX ταύτην Θεοδούλῳ 2 παρὰ XXXXX Κοφαήνης	
Tradução: Para meu filho Theodoulos, de sua mãe Kophaëna, e Zenon, saudações. Antes de tudo eu rezo a Deus todo poderoso que você esteja bem no que diz respeito a sua saúde e segurança. Eu quero que você saiba o que o administrador (?) disse a você, que “sua mãe, sua mãe Kophaëna, está doente”, veja, por treze meses, e você nem mesmo tentou me escrever uma carta, e você sabe que eu tenho te tratado melhor (que meus outros filhos?), e você não tentou, sabendo que eu estou doente, você não tentou me mandar nada, nem algo pequeno. Então por favor mande-me 10 libras de fio de lã, e eu costurarei para você, tanto quanto for capaz, porque não tenho nada a fazer para você. Por favor me mande um pequeno suprimento de grãos, e eu te mandarei um pouco . . . Sua ama (?) saúda você, e eu Kophaëna e seu filho Zenon e sua irmã Kyrilla e as crianças dela. Então por favor, meu filho Theodoulos, compre para mim seis libras de lã preta, para que eu possa fazer um manto com capuz para mim, e eu te enviarei o dinheiro para o dinheiro que você gastou. Rezo pela sua saúde por muito tempo. (Endereço): Entregue esta para Theodoulos, de Kophaëna.	

Ficha 18 – P. Oxf. 19	
Metadados: http://papyri.info/ddbdp/p.oxf.;:19 https://www.trismegistos.org/text/17282	Data: Século III EC
Primeira publicação: Wegener, 1942 Edição utilizada: Wegener, 1942.	Local do remetente: Desconhecido
Local do destinatário: Desconhecido	Local onde foi encontrado: Desconhecido
Texto original: 1 Σεραπιάς Ἑρμίνε τῷ υἱῷ 2 χαίρειν. ἐρωτηθεὶς ποιήσον	

Ficha 18 – P. Oxf. 19

3 τὴν χάριτα, ἵνα
4 ἐνεγκῆς τὴν θυγατέρα μου
5 ὥστεκε, ἵνα
6 εὐχαριστήσω σοι, ὡς Μεσωρὴ α.
7 μὴ σύλα μου περὶ τοῦ
8 ναύλου τοῦ ὄνου,
9 ἵνα φιλιάζω σου.

Tradução:

Serapias para Hermine, seu filho, saudações.

A meu pedido, faça o favor de trazer minha filha para que ela dê à luz, para que eu seja grata você, em Mesore 1. Não se preocupe com as custas do burro, para que eu permaneça sua amiga (?).

Ficha 19 – SB 16 12606

Metadados:

<http://papyri.info/ddbdp/sb;16;12606>
<https://www.trismegistos.org/text/30293>

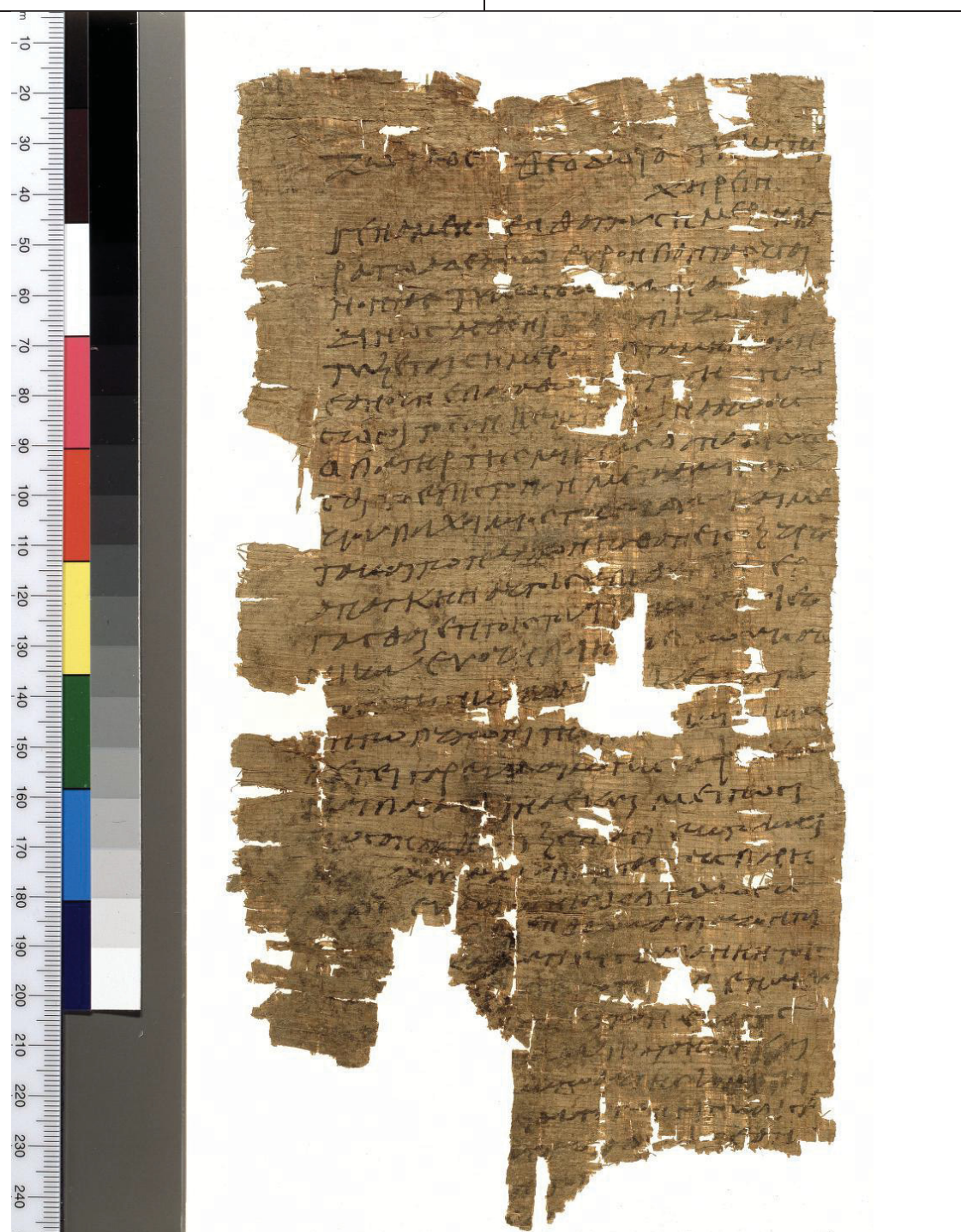
Data: Fim do século III/início do século IV EC

Primeira publicação: Winter, 1933
Edição utilizada: Rupprecht, Hengstl, 1981

Local do remetente: Oxirrincos

Local do destinatário: Desconhecido

Local onde foi encontrado: Oxirrincos



Ficha 19 – SB 16 12606

Texto original:

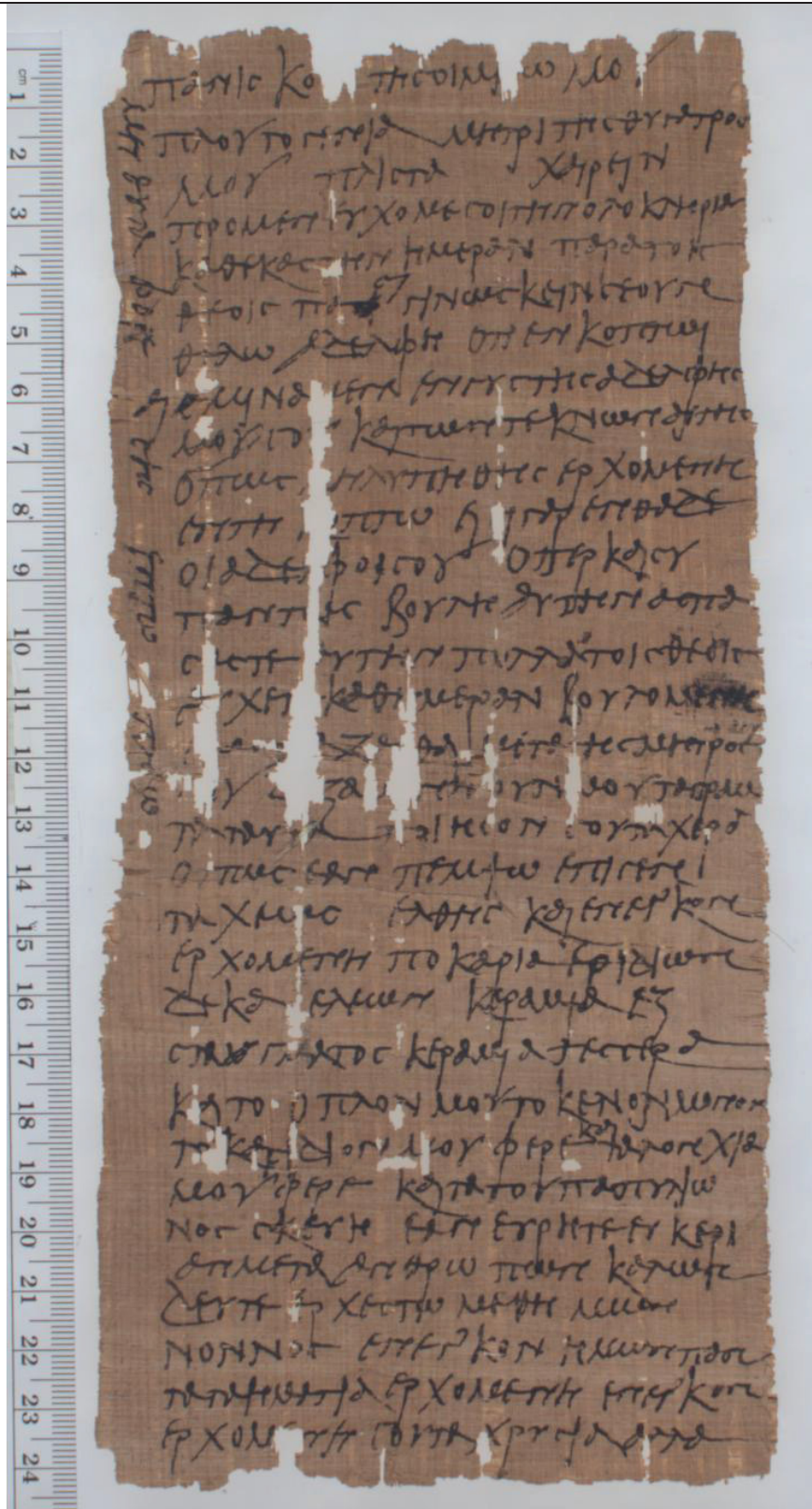
1 Ζωίλος Θεοδώρᾳ τῇ μητρὶ
 2 χαίρειν.
 3 γενάμενος ἐν Θαλλοῦ σήμερον
 4 παρὰ τῷ ἀδελφῷ εὖρον πάντας
 5 ὑγιαίνοντας, Τεχωσοῦς δὲ ἡ ἀδελφὴ
 6 δεινῶς ἀσθενεῖ καὶ ἐλπίζω ὅτι
 7 τέξεται σήμερον ἑπταμηνιαῖον.
 8 ἐὰν οὖν ἐπ' ἀγαθῷ ἀπαλλαγῇ
 9 δηλώσω σοι τὸ συνβεβηκός. Ἰναρwoῦς
 10 ὁ πατὴρ τῆς μικρᾶς ὁ ἀναδιδούς
 11 σοι τὸ ἐπιστόλιον μετὰ Ἀκῆτος τοῦ
 12 υἱοῦ Παχοίμιος τοῦ γερδίου καὶ
 13 μετὰ καὶ τῶν ἄλλων ἦλθεν εἰς Ὁξυρύγχων
 14 ἀνάγκην αὐτοῖς ἐπιτεθεῖσαν
 15 ἐργᾶσθαι ἐν τοῖς τοῦ τιμιωτάτου
 16 Ἱερονίκου. εὔ οὖν ποιήσεις δώσεις
 17 αὐτοῖς τὴν κλεῖδα τῆς κέλλης τοῦ
 18 ἐν τῷ πυλῶνι τη[...]ικια.
 19 λέγει γὰρ Εὐδαιμονίς
 20 ἐφθακέναι παρὰ σοι ἵνα ἐκεῖ μείνωσι
 21 ἕως ἂν λάβωσι ξενίαν ἐκ τοῦ
 22 κυρίου σου. ἀσπάζου πάντας τοὺς παρ'
 23 ἡμῖν · Εὐδαιμονίς καὶ Τεχωσοῦς
 24 καὶ πάντες οἱ ἐνθάδε ἀσπάζονται
 25 σε. καὶ ἔδωκεν εἰς δαπάνην τοῖς
 26 αὐτοῖς [...]ν ἔναικε
 27 [...] αὐτῶν ἕκαστος
 28 [...] ἀσπάζου πολλὰ Ἡρᾶν καὶ
 29 [...]μαγῶ αὐτῆς κομι[...]
 30 [...] τῇ αὐτῇ Ταῆσι τὸ ἐπιστόλιον
 31 [...] ἐὰν
 32 [...]---]
 33 [-----](Verso):
 ἀπὸ Ζωίλου Θεοδώρᾳ τῇ μητρὶ

Tradução:

Zoilos para minha mãe Theodora, saudações.
 Quando cheguei hoje em Thailou, encontrei todos com saúde em minha casa.
 Mas minha irmã Techosous está bastante doente, e acredito que ela irá dar à luz a um bebê de sete meses. Se ela passar por isso de um modo satisfatório, irei informá-la. Inarwoos, o pai da criança, quem te leva esta carta junto de Akes, filho de Pachymis, o tecelão, e com os outros, foi para Oxirrinco trabalhar por uma obrigação colocada a eles pelo mais estimado Hieronikes. Seria bom que você desse para eles a chave do quarto... na portaria. Porque Eudaimonis disse que primeiro eles foram (irão?) até você, para que ficassem aí até que tivessem acomodação de seu senhor. Um a um nós saudamos; Eudaimonis e Techosous e todos que estão aqui a saúdam. E ela deu aos homens para as despesas.....(Endereço na parte de trás): De Zoilos para Theodora, sua mãe.

4.2 ARQUIVO DE PANISKOS E PLOUTOGENIA

P. Mich. 3 214



Metadatos:

<http://papyri.info/ddbdp/p.mich;3;214>
<https://www.trismegistos.org/text/213>

44

Data: Aproximadamente 297 EC

P. Mich. 3 214	
Primeira publicação: Winter, 1927	Local do remetente: Koptos
Edição utilizada: Winter, 1936	
Local do destinatário: Desconhecido	Local onde foi encontrado: Philadelphia
Texto original: 1 Πανίσκος τῇ συμβίῳ μου 2 Πλουτογενία μητρὶ τῆς θυγατρὸς 3 μου πλεῖστα χαίρειν. 4 πρὸ μὲν πάντων εὐχομαί σοι τὴν ὁλοκληρίαν 5 καθ' ἐκάστην ἡμέραν παρὰ τοῖς 6 θεοῖς πᾶσι. γινώσκειν σε οὖν 7 θέλω, ἀδελφή, ὅτι ἐν Κόπτῳ 8 ἐμείναμεν ἐνγύς τῆς ἀδελφῆς 9 σου καὶ τῶν τέκνων αὐτῆς 10 ὅπως μὴ λυπηθῇς ἐρχομένη 11 ἐν τῇ Κόπτῳ · εἰσὶ γὰρ ἐνθάδε 12 οἱ ἀδελφοί σου. ὅπερ καὶ σὺ 13 πάντως βούλη αὐτὴν 14 ἀσπάσασθαι πολλά, τοῖς θεοῖς 15 εὐχεται καθ' ἡμέραν βουλομένη 16 σε ἀσπάζεσθαι μετὰ τῆς μητρὸς 17 σου. δεξαμένη οὖν μου τὰ γράμματα 18 ταῦτα ποιήσόν σου τὰ κατὰ χεῖρα, 19 ὅπως, ἐὰν πέμψω ἐπὶ σέν, 20 τάχεως ἔλθῃς. καὶ ἔνεγ'κον 21 ἐρχομένη ποκάρια ἐριδίῳ 22 δέκα, ἐλαιῶν κεράμια ἕξ, 23 στάγματος κεράμια τέσσαρα, 24 καὶ τὸ ὄπλον μου τὸ καινὸν μόνον, 25 τὸ κασίδιον μου. φέρε καὶ τὰ λογχία 26 μου. φέρε καὶ τὰ τοῦ 27 πατυλίωνος σκεύη. ἐὰν εὕρητε 28 εὐκαιρίαν, μετὰ ἀνθρώπων καλῶν 29 δεῦτε. ἐρχέσθω μεθ' ὑμῶν 30 Νόννος. ἔνεγ'κον ἡμῶν 31 πάντα τὰ ἱμάτια ἐρχομένη. ἔνεγ'κον 32 ἐρχομένη σου τὰ χρυσία, ἀλλὰ 33 μὴ αὐτὰ φορέσης ἐν τῷ πλοίῳ. (Verso): 1 ἀσπάζομαι τὴν κυρίαν μου θυγατέραν Ἑλιοδώραν. ἀσπάζεται ὑμᾶς Ἑρμίας. 2 ἀπόδος τῇ συμβίῳ μου καὶ τῇ θυγατρὶ μου παρὰ Πανίσκου πατρός.	
Tradução Paniskos para minha esposa Ploutogenia, mãe da minha filha, muitas saudações. Primeiramente, rezo aos deuses diariamente para que você permaneça com saúde. Quero que você saiba, irmã, que estamos em Koptos perto da (minha?) sua irmã, e que você não deve sentir-se mal por vir para cá, pois seus parentes estão aqui. E assim como você quer cumprimentá-la sobre todas as coisas, da	

P. Mich. 3 214

mesma maneira ela reza aos deuses diariamente para te abraçar junto de tua mãe. Quando você receber esta carta, prepare-se para vir imediatamente assim que eu chama-la. E quando você vier, traga consigo 10 tosões de lã, 6 jarras de azeitonas, 4 jarras de vinho doce, e meu escudo novo, e meu capacete. Também traga minhas lanças. Faça com que Nonnos venha contigo. Traga todas as suas roupas quando vier. Traga suas joias de ouro também quando vier, mas (continuação na perpendicular) não as use no barco.
 (verso) Saúdo minha senhora, minha filha Heleodora. Hermias a saúda.
 (endereço) Entregar para minha esposa e minha filha, de Paniskos, seu pai.

P. Mich. 3 216


P. Mich. Inv. 1365

Metadados:	Data: Aproximadamente 297 EC
http://papyri.info/ddbdp/p.mich;3;216 https://www.trismegistos.org/text/21346	

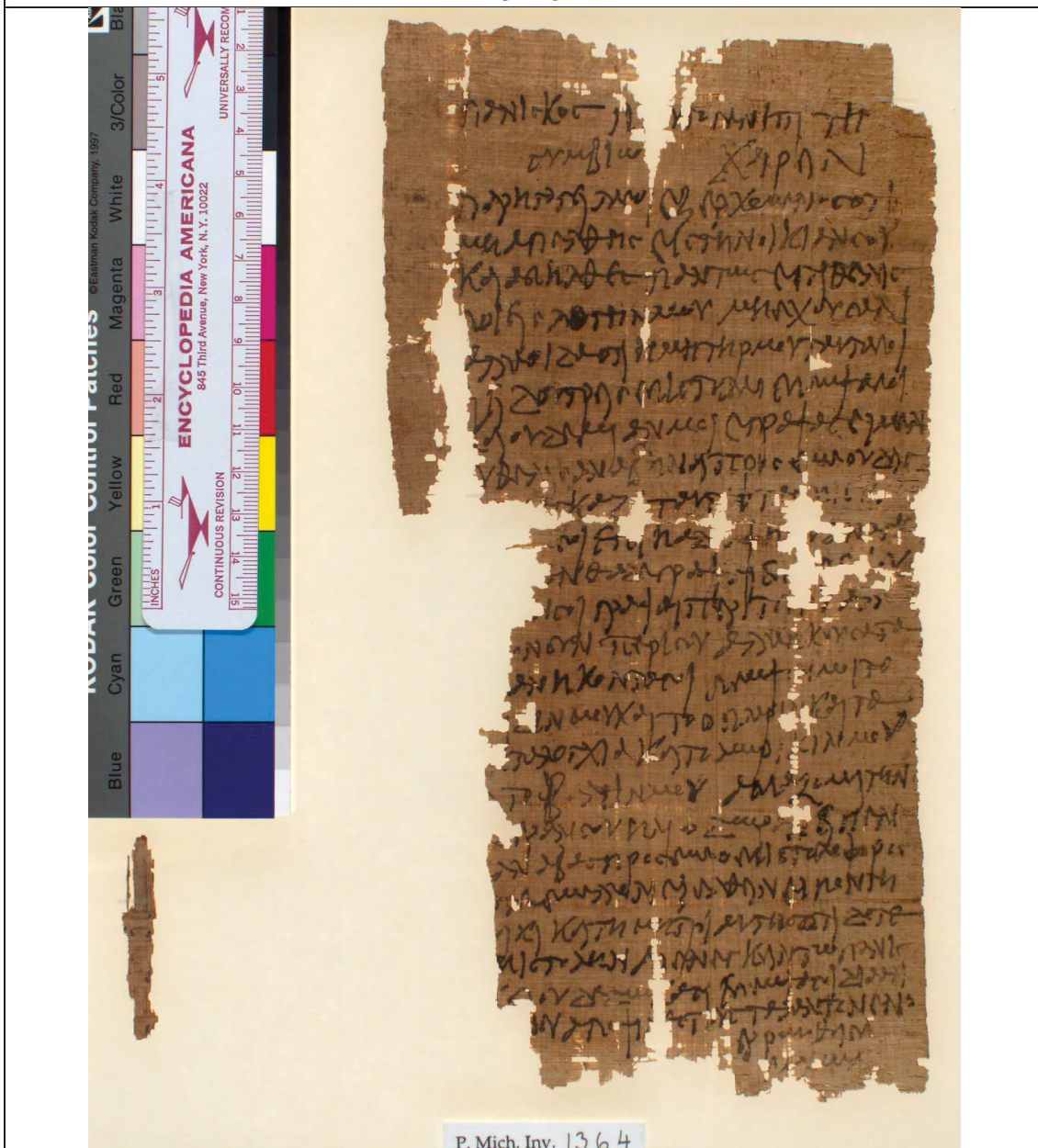
P. Mich. 3 216	
Primeira publicação: Winter, 1927 Edição utilizada: Winter, 1936	Local do remetente: Koptos
Local do destinatário: Desconhecido	Local onde foi encontrado: Philadelphia (Fayyum)
Texto original: 1 Πανίσκος τῇ συμβίῳ καὶ 2 τῇ θυγατρὶ πολλὰ χαίρειν. 3 πρὸ μὲν πάντων εὐχομαί 4 σε ὁλόκληρόν ἀπολαβεῖν 5 μετὰ τῆς θυγατρός μου παρὰ 6 τῷ κυρίῳ θεῷ. ἤδη 7 δευτέραν σοι ἐπιστολὴν γράφω 8 ἵνα ἔλθῃς πρὸς ἐμέ, καὶ 9 οὐκ ἦλθας. εἰ οὖν οὐ θέλεις ἐλθεῖν 10 ἀντίγραφόν μοι. ἔνεγκόν μου 11 τὸ ὄπλον τὸ καινὸν καὶ τὸ 12 κασίδιν καὶ τὰ πέντε λογχία καὶ 13 τὰ τοῦ παπυλίωνος. καὶ 14 ἔγραψάς μοι ὅτι ἔπεμψα 15 [.]ναίσκῳ [.....]νδῶ 16 [.....] 17 [-----] καὶ ἔδωκα τάλαντον 18 Ἀντωνίνῳ ἵνα σοι ἀποδιδῷ. μὴ 19 ἀμελήσῃς οὖν [.....] 20 οὖν ολεεγυν[.] τῶν 21 στρατιωτῶν καὶ σ[.]ν. εἰ 22 οὖν ἔχεις σύνεργα ἔνεγκον 23 αὐτὰ καὶ τέμνετε ἐνθάδε. 24 ἀσπάζομαι τὴν θυγατέρα 25 μου πολλὰ καὶ τὴν 26 μητέρα σου καὶ τοὺς φιλοῦντας 27 ἡμᾶς κατ' ὄνομα. 30 ἐρρώσθαί σε εὐχομαι. 32 Παῦνι κβ. 27 καὶ 28 ἔγραψάς μοι ὅτι ἦρκες εἴκοσι τρία ὄπλα, 29 Ταμμῶν οὐδὲν αὐτῶν. κάτω 31 ἔμεινε Τημνᾶς. 33 ἀσπάζομαι ὑμᾶς. (Verso): 1 ἀπόδος τῇ συμβίῳ παρὰ Πανίσκου 2 ἐν τῷ Παρ[---]	
Tradução: De Paniskos para sua esposa e sua filha, muitas saudações. Primeiramente, rezo ao senhor Deus para que eu possa receber de volta você e minha filha com saúde. Esta já é a segunda carta que escrevo para que você venha até mim, e ainda assim você não veio. Se você não quiser vir, escreva-me uma resposta. Traga meu escudo, o novo, e meu capacete e cinco lanças e	

P. Mich. 3 216

as coisas para a tenda. E você me escreveu “Enviei para Heraiskos... e dei um talento para Antoninus para que ele lhe entregasse”. Portanto, não negligencie...dos soldados e... Enfim, se você tiver materiais para tecelagem, traga-os e corte-os aqui. Envio muitas saudações para minha filha e para sua mãe e todos aqueles que nos amam pelo nome. Rezo pelo seu bem-estar. Pauni 22.

(post-scriptum) Você também escreveu que pegou 23 escudos, mas Tammon não pegou nenhum. Temnas ficou por aqui. Saúdo vocês dois.

(endereço) Entregue para minha esposa, de Paniskos da casa de Par-----

P. Mich. 3 217**Metadados:**

<http://papyri.info/ddbdp/p.mich;3;217>

Data: Aproximadamente 297 EC

P. Mich. 3 217	
https://www.trismegistos.org/text/21347	
Primeira publicação: Winter, 1927 Edição utilizada: Winter, 1936	Local do remetente: Koptos
Local do destinatário: Desconhecido	Local onde foi encontrado: Philadelphia (Fayyum)
Texto original: 1 Πανίσκος Πλουτογενία τῇ 2 συμβίῳ χαίρειν. 3 παρήγ'γειλά σοι ἐξερχόμενος ὅτι 4 μὴ ἀπέλθης εἰς τὴν οἰκίαν σου 5 καὶ ἀπῆλθες πάντως. εἴ τι θέλεις 6 ποιεῖς, λόγον μου μὴ ἔχουσα. 7 ἀλλὰ οἶδα ὅτι ἡ μήτηρ μου ταῦτα 8 ποιεῖ. ἴδου τρεῖς ἐπιστολὰς ἔπεμψά σοι 9 καὶ οὐδὲ μίαν μοι ἔγραψας. εἰ μὲν 10 οὐ θέλεις ἀναβῆναι πρὸς ἐμέ, οὐδεῖς 11 σε ἀναγκάζει. ταύτας τὰς ἐπιστολὰς 12 ἔγραψά σοι ἐπεὶ ἡ ἀδελφή σου 13 ἀναγκάζει με ἐνθάδε γράψαι. ἐπεὶ δέ σοι οὐκ 14 ἔστιν γράψαι περὶ τούτου, ἄλλα 15 γράφον οὖν περὶ σοῦ. ἄλλα ἤκουσα τὰ 16 μὴ ἀνήκοντά σοι. πέμψον μοι τὸ 17 κασίδιν μου καὶ τὸ ὀπλάριν καὶ τὰ 18 πέντε λογχία καὶ τὸ λωρίκιν μου 19 καὶ τὸ βάλτιν μου. ἀσπάζομαι τὴν 20 μητέρα σου Ἥλιοδώραν. εἶπέν 21 μοι ἀναβὰς πρὸς ἐμέ ὁ ἐπιστολοφόρος 22 ὅτι ὅτε ἔμελλον ἐξελθεῖν εἶπον τῇ 23 γυναικὶ καὶ τῇ μητρὶ αὐτῆς ὅτι δότε 24 μοι ἐπιστολὴν ἀπενεγκεῖν τῷ 25 Πανίσκῳ καὶ οὐ δεδώκασι. ἔπεμψά σοι διὰ 26 Ἀντωνίνου ἀπὸ Ψινέστους τάλαντον ἓν. 27 ἐρρώσθαί σε 28 εὖχομαι. (Verso): 1 Πλουτογενία τῇ συμβίῳ [---]	
Tradução De Paniskos para Plutougenia, saudações. Quando fui embora, disse para você não voltar para sua casa, mas mesmo assim você foi. Quando você quer algo, faz isso mesmo, mesmo sem levar em conta minha vontade, mas eu sei que é minha mãe quem faz essas coisas. Já te enviei três cartas e você não me enviou nenhuma. Se você não quer vir, ninguém está te obrigando. Escrevi as cartas porque sua irmã me pede. Já que não parece possível para você escrever sobre estes assuntos, então escreva outras coisas sobre si mesma; eu ouvi outras coisas que não tem ligação com você. Me envie meu capacete e meu escudo e minhas cinco lanças e minha couraça (?) e meu cinturão. Saúdo sua mãe Heliodora. Quando o mensageiro me encontrou, ele disse: “Quando eu estava saindo, disse para	

P. Mich. 3 217

que sua mulher e a mãe dela me dessem uma carta para levar para Paniskos, mas elas não me deram". Da parte de Psinestes, te envio um talento por Antoninus. Rezo para que você esteja bem.
(verso) Para Ploutogenia, esposa dele.

P. Mich. 3 218

Metadados: http://papyri.info/ddbdp/p.mich;3;218 https://www.trismegistos.org/text/21348	Data: Aproximadamente 297 EC
Primeira publicação: Winter, 1927 Edição utilizada: Winter, 1936	Local do remetente: Koptos
Local do destinatário: Desconhecido	Local onde foi encontrado: Philadelphia (Fayyum)
Texto original: 1 Πανίσκος τῇ συμβίῳ πολλὰ χαίρειν. 2 ἀσπάζομαι Ἡλιοδώραν τὴν 3 θυγατέρα μου πολλά, καὶ πρόσεχε αὐτῇ. 4 θέλω ἰδεῖν εἰ τινος χρεῖαν ἔχεις. ἔγραψα 5 Αἰῶνι καὶ εἰ τι ἀφήκεις εἰς Ἡλίου πόλιν 6 πέμπων ἐπ' αὐτά. καὶ ἀφῆκα τὰ ἐρίδια	

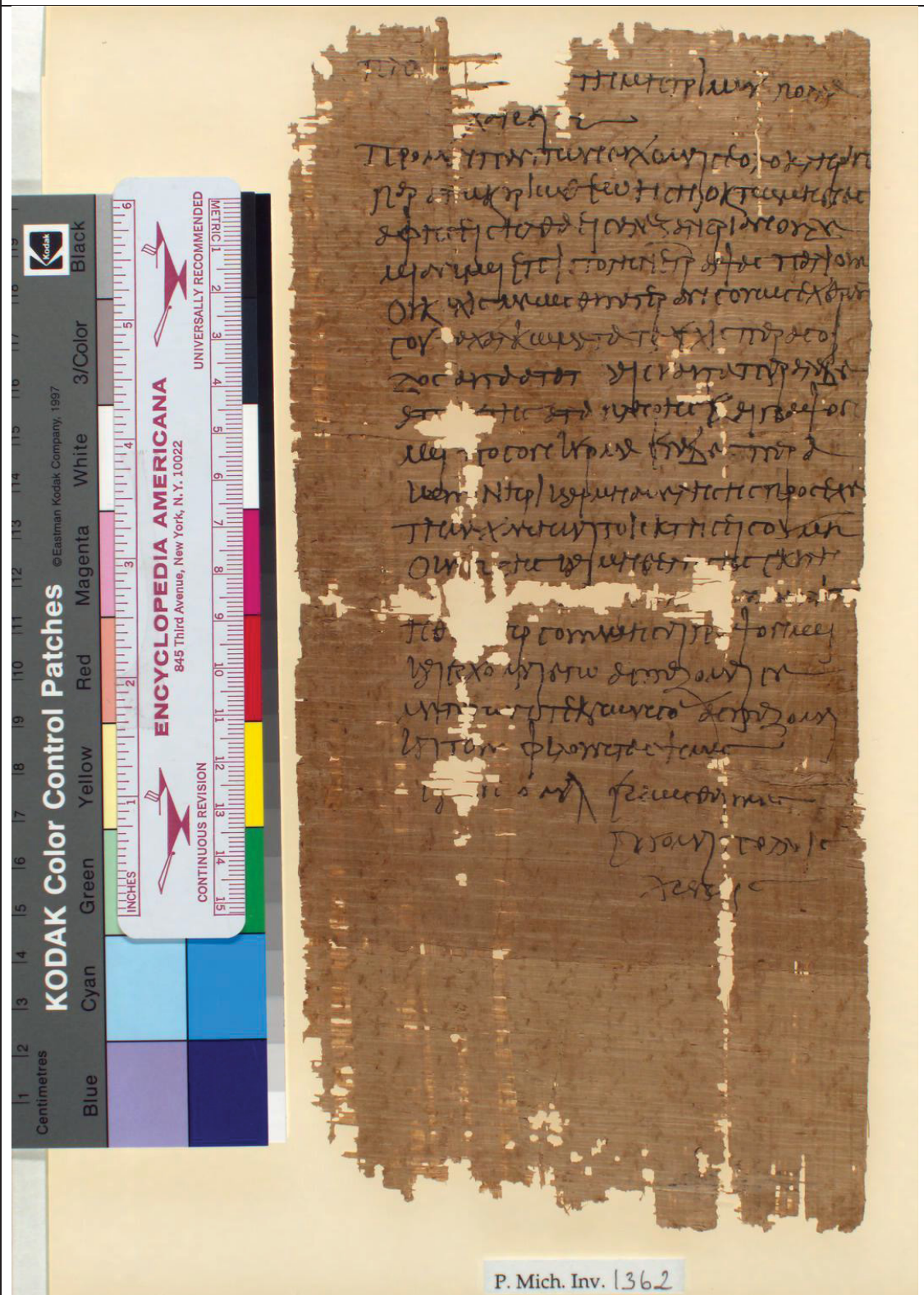
P. Mich. 3 218

7 σεαυτῇ ἵνα εἰ τι θέλεις ἀνηλώσης
 8 σεαυτῇ. καὶ πρόσεχε καὶ σου τοῖς κτῆσι,
 9 καὶ τὰ τρία ὀλοκόττινα ποίησον
 10 αὐτὰ ποδόψελλα τῇ θυγατρὶ μου, καὶ
 11 ἐτοίμασον τὰ σύνεργα τοῦ κιθωνίου σου
 12 καὶ τοῦ ἱματίου. καὶ ἐὰν ὁ θεὸς θέλῃ
 13 καὶ ἔλθω βάλλω ἐκεῖ Ἄχασον. καὶ
 14 ἐτοίμασον τὸ δερματίκιον μου, καὶ εἰ τι
 15 θέλουσιν ἀκολουθεῖ αὐτοῖς.
 16 γίνωσκε οὖν ὅτι ὡς ἀδελφός σοι γράφω, οὐχ ὡς
 17 [.]σου. ἐρρωσθαί σε
 18 εὖχομαι.
 (Verso):
 19 ἀσπάζομαι τὴν μητέρα σου πολλὰ
 20 καὶ Νόννον σὺν τέκνοις καὶ Σαραπίωνα.
 (Endereço):
 1 ἀπόδος τῇ
 2 συμβίῳ
 1 X παρὰ Πανίσκῳ
 2 ἐν τῷ Μοψαρίου.

Tradução:

De Paniskos para sua esposa, muitas saudações. Eu saúdo minha filha Heliadora muitas vezes, e você: cuide dela. Quero que você saiba que, se precisar de algo, eu escrevi para Aion. Mesmo que você tenha ido para Heliopolis, mande recado sobre essas coisas. Eu despachei a lã para você, se você quiser pode usá-las. Cuide do seu rebanho e utilize os três *solidi* de ouro para fazer tornozeleiras para minha filha. E prepare o material para sua túnica e seu sobretudo. E se deus quiser e eu for até aí, estou mandando Archaos. Também prepare minha capa de couro e, se eles quiserem de algo, cuide deles. Saiba que te escrevo como um irmão e não (como um estranho - edição). Rezo para que você esteja bem.
 (continuação da perpendicular) Saúdo sua mãe muitas vezes e Nonnos e as crianças e Sarapion.
 (verso) Entregue para a mulher de Paniskos, na casa de Mopsarion.

P. Mich. 3 221

**Metadados:**

<http://papyri.info/ddbdp/p.mich;3;221>
<https://www.trismegistos.org/text/21351>

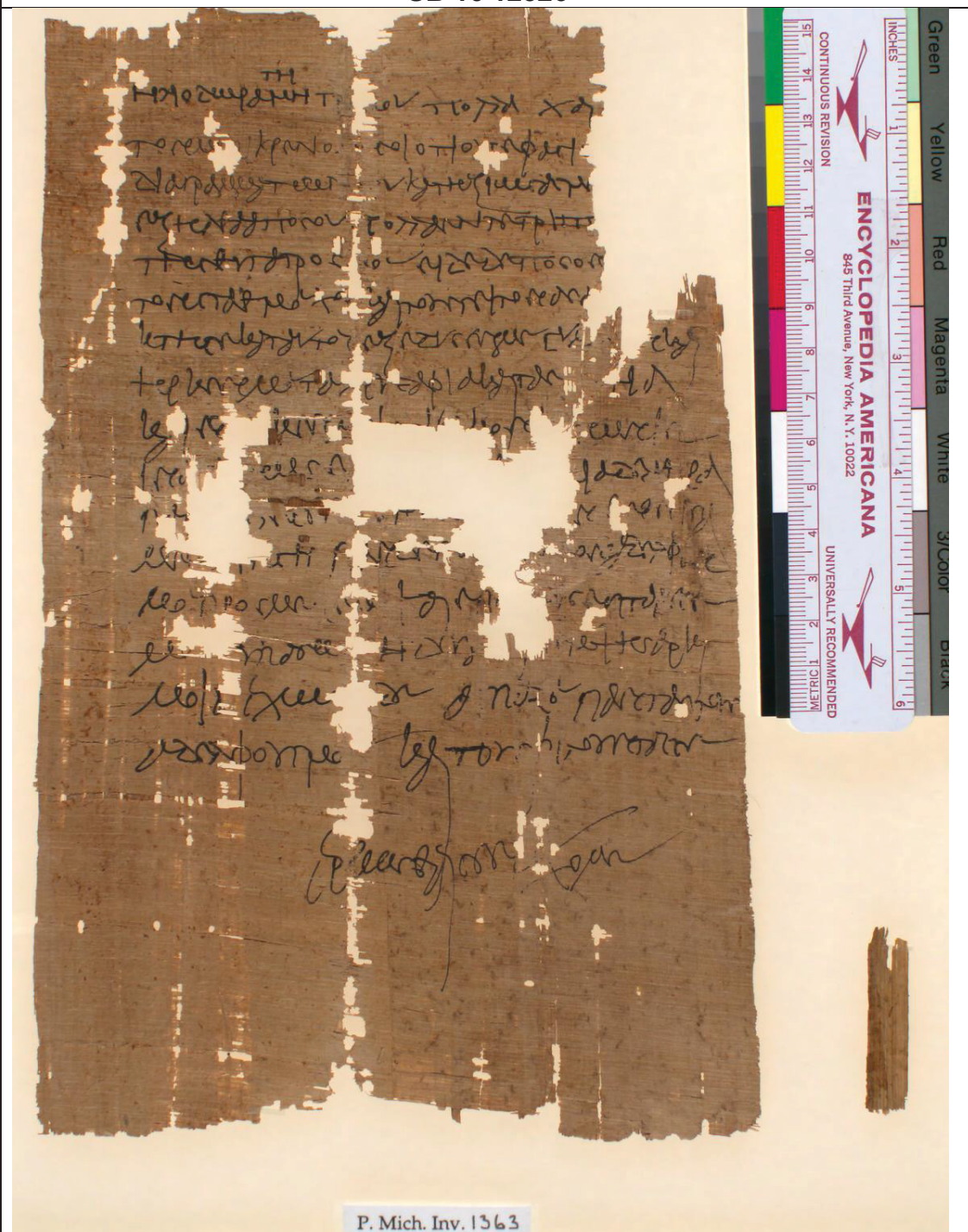
Data: Aproximadamente 297 EC

Primeira publicação: Winter, 1927
Edição utilizada: Winter, 1936

Local do remetente: Alexandria

P. Mich. 3 221	
Local do destinatário: Desconhecido	Local onde foi encontrado: Philadelphia (Fayyum)
Texto original: 1 Πλουτογένια τῇ μητρί μου πολλὰ 2 χαίρειν. 3 πρὸ μὲν πάντων εὐχομαί σε ὀλοκληρεῖν 4 παρὰ τῷ κυρίῳ θεῷ. ἤδη ὀκτὼ μῆνες 5 ἀφ' ἧς εἰσῆλθα εἰς Ἀλεξάνδριαν, οὐδὲ 6 μίαν μοι ἐπιστολὴν ἔγραψας. πάλι οὖν 7 οὐκ ἔχεις με ὡς θυγατέρα σου ἀλλὰ ὡς ἐχθράν 8 σου. τὰ χαλκῶματα τὰ ἔχεις παρὰ σοί, 9 δὸς αὐτὰ Ἀτᾷ καὶ σὺ αὐτὰ παράλαβε 10 ἀπ' αὐτῆς Ἀτᾶ πλήρης. καὶ γράψον 11 μοι πόσον κέρμα ἔλαβες παρὰ 12 Κουπινήρι καὶ μὴ ἀμελήσης. πρόσεχε 13 τῇ μηχανῇ καὶ τοῖς κτήσί σου, μὴ 14 ὀκνήσης καὶ μὴ θελήσης 15 σκυλῆναι [...] ἐὰν δὲ μέλλῃ 16 ἡ θυγάτηρ σου γαμῆσαι γράψον μοι 17 καὶ ἔρχομαι ἐγώ. ἀσπάζομαί σε 18 μετὰ τῶν τέκνων σου. ἀσπάζομαι 19 καὶ τοὺς φιλοῦντας ἡμᾶς 20 κατ' ὄνομα. ἐρρῶσθαι ὑμᾶς 21 εὐχομαι πολλοῖς 22 χρόνοις. (Verso): 1 ἀπόδος τῇ μητρί μου παρὰ Χ Πλουτογενίας θυγατρὸς.	
Tradução: Ploutogenia para minha mãe, muitas saudações. Antes de tudo eu rezo para que você esteja em boa saúde diante do Senhor Deus. Já faz 8 meses que eu cheguei em Alexandria e mesmo assim você não me escreveu uma única carta. Novamente você não me trata como sua filha (mas) como sua inimiga. Os vasos de bronze que você tem consigo, entregue para Atas e pegue de volta da mesma Ata cheios. E me escreva quanto dinheiro você recebeu de Koupineris e não seja negligente. Cuide da máquina de irrigação e do seu rebanho, não fique ociosa e não deseje incomodar... Se sua filha vai se casar, escreva e eu irei. Eu saúdo você e suas crianças. Eu também saúdo aqueles que nos amam pelos seus nomes. Rezo para que você esteja bem sempre. (Endereço na parte de trás): Entregue para minha mãe de sua filha Ploutogenia.	

SB 16 12326



P. Mich. Inv. 1363

Metadados: http://papyri.info/ddbdp/sb;16;12326 https://www.trismegistos.org/text/30269	Data: Século III EC
Primeira publicação: Rupprecht, Hengtsl, 1985 Edição utilizada: Rupprecht, Hengtsl, 1985	Local do remetente: Philadelphia
Local do destinatário: Desconhecido	Local onde foi encontrado: Oxirrincos
Texto original:	

SB 16 12326

1 Ἡλιοδώρα τῇ μητρὶ μου πολλὰ χαίρειν.
 2 εὐτόνως πικραίνομαί σοι ὅτι οὐδὲ φάσεις λαβεῖν
 3 διὰ γραμμάτων σου κατηξίωσάς με ἅψ' ὅτε
 4 ἐξῆλθα ἀπὸ σοῦ. πολλὰ ἐντέτριπταί μοι ὑπὸ
 5 τῆς θυγατρὸς μου. εἶδὲ δὲ πόσον ὀργίσασα
 6 τὸν σταθμοῦχον καὶ τοὺς γείτονας αὐτοῦ
 7 ἠγανάκτησε κατ' αὐτοῦ. ἐξέδυσέν με σύμπαν καὶ
 8 ἤρκεν μου τὰ χρυσάφια καὶ τὰ ἐνώτια
 9 καὶ ἔδωκέν μοι [.]κον κιθῶνιν
 10 ἵνα οὕτως ἐ[.]ια δὲ διῆρα.
 11 παρακάλεσον ὑπὲρ ἐμοῦ τὸν θεὸν ἵνα
 12 με ἐλεήσῃ. πᾶν δὲ ποιήσον τὸν ἀδελφόν
 13 μου πρὸς με πέμψαι · ἐπὶ Σενέπτα σὺν
 14 Ἑμοῦτι ὑπάγω. μὴ δὲ σακκία πέμψῃς · ἀρκεῖ
 15 μοι ἃ ἔχω ὧδε. ἀσπάζου πάντας τοὺς
 16 ἀδελφούς μου καὶ τοὺς φιλοῦντάς σε.
 17 ἐρρωσθαί σε εὕχομαι.

(verso):

Ἰσιδώρα τῇ μητρὶ μου.

Tradução:

Heliodora para minha mãe, muitas saudações.

Estou muito amargurada com você, porque você não me acha digna de receber uma carta sua com novidades. Desde quando eu fui embora, muitos problemas ocorreram para mim por causa de minha filha. Veja o quanto ela provocou a cólera do senhorio e dos vizinhos dele e depois ficou aborrecida com ele. Ela me tirou tudo e pegou minhas joias de ouro e meus brincos e me deu uma túnica usada que... Então invoque o deus para que ele tenha piedade de mim. Faça o possível para enviar meu irmão. Vou para Seneptha com Hermous. Não me envie a bolsinha porque o que tenho é suficiente. Saúdo todos meus irmãos e as pessoas que a amam. Rezo por sua saúde.

(Endereço) Para minha mãe Isidora.

5 FAMÍLIAS NO EGITO ROMANO E LINGUAGEM EMOCIONAL: UMA LEITURA A PARTIR DOS ESTUDOS DE GÊNERO

Até este momento, procuramos elucidar alguns pontos distintos: o primeiro diz respeito ao tratamento dado pelos historiadores à família antiga, de que maneira as análises foram produzidas a partir do momento histórico em que estavam inseridas e quais contribuições contemporâneas são relevantes para pensar a família antiga de maneira mais plural e interdisciplinar. O segundo analisa a documentação elencada para este trabalho como um produto transcultural e de múltiplas historicidades, perpassado por, ao menos, três temporalidades distintas: o contexto de produção, de descoberta e de publicação. Agora, cabe construir de fato a análise que pretendemos, salientando a aproximação entre os estudos de gênero, a história das mulheres no Egito Romano e a utilização de uma linguagem emocional específica dentro das relações familiares.

A família opera um número de funções no mundo antigo, que discutimos de maneira mais pormenorizada no segundo capítulo. Para nossa análise, escolhemos a linguagem emocional para refletir de que maneira determinadas funções sociais são representadas, repensadas, deslocadas, aceitas ou questionada. Enfatizamos, também, de que maneira as ideias sobre gênero e os espaços sociais generificados podem passar por este crivo da linguagem afetiva.

Assim, nossa análise procura enfatizar as estratégias discursivas utilizadas para a demonstração de afetos e descontentamentos. A proposta de análise adota uma visão ampla da linguagem utilizada na documentação. Longe de pensar apenas em termos específicos que podem ser classificados como emotivos, pretendemos analisar o investimento emocional existente em uma carta a partir de características como repetições e superlativos, além das impressões causadas no remetente a partir da leitura. Esta proposta segue produções anteriores que reforçam a importância das questões de gênero, compreendendo o fato de uma carta ser escrita ou endereçada a uma mulher como elemento que invoca emoções, em especial pelo papel ocupado por mulheres dentro da família.¹⁸⁶ Além disso entendemos que, mesmo em mensagens mais curtas e de conteúdo mais direto, é possível analisar a presença

¹⁸⁶ CLARYSSE, Willy. Emotions in Greek Private Papyrus Letters. **Ancient Society**, 47, 2017. P. 76-77.

feminina em diferentes esferas sociais e evidenciar o protagonismo das mulheres, com ênfase nas questões econômicas e jurídicas.

Ao demonstrar como as emoções são elementos importantes para o reforço de afetos a partir de uma experiência generificada, e que estas emoções podem perpassar questões de cunho econômico e social, acreditamos na relevância não apenas da documentação elencada nesta pesquisa – traduzida pela primeira vez para o português – como também na perspectiva que entende a linguagem como ferramenta que molda a experiência humana.

5.1 LINGUAGEM EMOCIONAL E O ESPAÇO DAS MULHERES NA FAMÍLIA ROMANO-EGÍPCIA

Como já discutido no segundo capítulo, a família é um espaço de poder marcado por questões econômicas e conflitos geracionais, mas também é lugar de afetividades e de desempenho de determinadas funções pautadas pelo gênero. Estas famílias antigas, longe de serem uniformes ou “espelhos” do interesse de estudiosos dos séculos XIX e XX, contém em si uma multiplicidade de visões – são pensadas enquanto ideologia, mas suas práticas cotidianas, ao menos no que percebemos a partir das cartas, demonstram distintos modos de funcionamentos internos. Mulheres, por exemplo, participam nas finanças da casa, viajam, constroem relações com distintos membros da família – mais amistosas ou afetivas, por exemplo –, reforçam certa hierarquia familiar ou, ainda, tentam rompê-la. Nossa documentação, já apresentada no quarto capítulo, oferece em diferentes níveis um contraponto às visões mais tradicionais do passado. Além de confrontar tal tipo de perspectiva, acreditamos que as cartas escolhidas nesta pesquisa podem demonstrar de que maneira questões de gênero, econômicas e afetivas são expressas. Assim, a documentação pluraliza o que significa a família antiga e complexifica as relações sociais entre os sujeitos do passado, trazendo novas nuances para esta Antiguidade.

Mas qual a necessidade de dotar de nuances à Antiguidade? Para além das discussões já elencadas sobre a constituição dos Estudos Clássicos e da Egiptologia como campos de estudos específicos, próprios de sua formação no século XIX e marcados por um contexto imperialista, é impossível ignorar a presença da Antiguidade no século XXI. Em vários momentos ela é elencada, inclusive (e principalmente) enquanto elemento moralizador – como afirma Salvatore Settis, é

“uma imagem que brilha como mármore ou neve, mas não é necessariamente verdadeira”.¹⁸⁷ A imagem pontuada por Settis ocorre em virtude da falta de aprofundamento nos estudos sobre o mundo antigo, ou seja: quanto menos o passado clássico é estudado, mais ele é elencado de forma padronizada e atrofiada, servindo a interesses políticos e culturais específicos – a manutenção de um ideal ocidental de cultural supostamente superior ao que existe em outros espaços e temporalidades.

Desconstruir e problematizar a família antiga, mostrando todas as suas complexidades e, em algum modo, paradoxos, possibilita um olhar mais amplo para a Antiguidade, tirando-a de uma posição de pedestal e dessacralizando-a, trazendo-a para mais perto de nós mesmos e da noção de experiência humana ao longo do tempo. Isso não significa transformá-la naquilo que somos – a família antiga *não é* a família contemporânea –, mas sim ter um olhar que enfatiza as diferenças dentro da narrativa histórica. Para localizar esta diferença, pautamos nossa análise nas seguintes questões: como a linguagem afetiva opera em relação aos deveres e aos papéis de gênero impostos aos sujeitos dentro dos núcleos familiares no Egito Romano? Esta mesma linguagem pode eclipsar problemas econômicos e sociais ou, ainda, reforçá-los? É possível perceber presença e protagonismo feminino nestas cartas, ainda que a linguagem emocional não seja tão evidente? Partindo destas questões, iniciamos discorrendo sobre o tratamento dado às mulheres especificamente no Egito Romano e como isso pode ser pensado dentro da família baseado na documentação. Posteriormente, dividimos os papiros a partir de temas mais evidentes – questões legais, questões econômicas, saúde, afetividades e ressentimentos – e separamos um dossiê próprio, intitulado *Arquivo de Paniskos e Ploutogenia*, que possibilita observar a dinâmica dentro de uma única família a partir das cartas. Este dossiê será analisado de maneira mais pormenorizada no próximo capítulo, visto que, dentro da nossa seleção, estabeleceu-se como um estudo de caso.

Para empreender nossa análise, procuramos resumir o conteúdo de cada uma das cartas, apontando para os termos afetivos utilizados e relacionando-os as questões estabelecidas como principais em cada seção. Repetimos a tradução em português e indicamos, em notas, o original em grego. A ordem aqui estabelecida é a mesma apresentada no capítulo anterior, em que já dividimos as seções de análise.

¹⁸⁷ SETTIS, Salvatore. **The Future of the ‘Classical’**. Cambridge: Polity Press, 2006. P. 8.

5.1.1 Questões legais

A ficha 01 é uma carta datada do século IV da era comum, na qual Kyra e Aia escrevem a ser irmão Aphynchios para informá-lo sobre a morte da mãe. Além de Aphynchios, as autoras da carta citam mais um irmão – Martyrios –, que acompanha pessoalmente o envio.¹⁸⁸ As irmãs alegam que não podem agir sobre a morte da mãe, o que indica uma predominância do irmão Aphynchios (possivelmente o mais velho) em resolver questões relacionadas ao enterro. Além disso, disposições legais talvez precisem ser empreendidas, como a declaração da morte, comumente realizada no mesmo mês em que ocorre. Mesmo assim, Scheidel argumenta que a maior parte dos registros de morte sejam sobre homens, visto que estes eram os pagadores de impostos.¹⁸⁹

Entretanto, o relato em si sobre a morte da mãe não é matizado de emoções – o fato é simplesmente atestado, sem que uma carga emocional exista na narrativa. Discutiremos essa questão mais adiante, mas é interessante notar de que maneira, mesmo tratando da morte, para algumas famílias as questões de cunho prático eram prioritárias.

O texto inicia-se com a fórmula de abertura comum a várias cartas: a indicação das remetentes, do destinatário (designado como guardião – *κυρίῳ*) e as saudações.¹⁹⁰ O uso do termo *κυρίῳ* é um indício da função ocupada pelo irmão: diferentemente do *paterfamilias*, o guardião da tradição helênica ocupa uma posição de mediador entre os âmbitos público e privado.¹⁹¹ Após esta seção, Kyra e Aia informam ao irmão sobre a morte da mãe, ressaltando a necessidades da presença deste, usando um superlativo para enfatizar a questão (“e nós precisamos muito de

¹⁸⁸ O documento oscila em alguns momentos no uso do singular e do plural, possivelmente indicando que uma das irmãs ditou a carta, mas manteve a presença da outra marcada na linguagem para que a carta fosse mais convincente. Cf. BAGNALL, Roger; CRIBIORE, Raffaella, *op. Cit.*, p. 387.

¹⁸⁹ SCHEIDEL, Walter. The death declarations of Roman Egypt: a re-appraisal. **The Bulletin of the American Society of Papyrologists**. Volume 36, 1-4, 1999. P. 53-57.

¹⁹⁰ No próximo capítulo, discutiremos sobre a mudança na utilização da fórmula de abertura dentro de um corpus documental específico – cartas trocadas entre os mesmo familiares. Nesta situação, é possível compreender de que maneira, até mesmo em uma fórmula, a linguagem afetiva flutua diante das circunstâncias expressas nas cartas.

¹⁹¹ FOXHALL, Lin. *Op. Cit.* p. 25-26. Como a partir da documentação não podemos afirmar que o irmão era o *paterfamilias* (seriam Kyra e Aia solteiras? Jovens antes da idade do casamento? Viúvas sem filhos?), entendemos que Aphynchios tem a função de guardião, comum no mundo helênico.

sua presença”)¹⁹². O uso do superlativo para falar da necessidade de presença do irmão reforça o tom de necessidade e urgência que perpassa todo o documento – inclusive com a repetição no fim da carta.

Diante de uma situação como a morte da própria mãe, como duas mulheres deveriam agir? Para Kyra e Aia, a solução deste problema estava nos cuidados administrativos do irmão, que deveria fazer-se presente para resolver a situação. A ênfase na prontidão da vinda se dá pela utilização da expressão “Adiando tudo, venha até nós imediatamente”.¹⁹³ Se esta condição não fosse atendida, as irmãs afirmam que poderiam “arruinar nossa casa”.¹⁹⁴ É importante ressaltar como esta afirmação vem antes mesmos dos comuns desejos de saúde, parte formulaica de uma carta que são inexistentes neste documento. Como discutiremos a partir de outros casos, a supressão de uma das partes da fórmula epistolar pode ser entendida como um sinônimo de urgência e, em alguns casos, de insatisfação por parte do remetente. A fórmula epistolar é algo relevante no período, e a não observação de suas regras de escrita é um ponto de inflexão relevante para compreender como o próprio ato de escrita pode performar os relacionamentos de maneira específica.

Entendemos as fórmulas epistolares enquanto elementos constituintes da carta. Estas são, em especial: expressões de saudações,¹⁹⁵ desejos de saúde,¹⁹⁶ e saudações para outras pessoas.¹⁹⁷ A utilização destas fórmulas dava sentido aos modos de autoapresentação dentro da sociedade da qual fazem parte e, no caso de uma falha de utilização dos códigos e rituais entendidos como essenciais na troca de cartas, a própria designação social dos sujeitos acabava sendo modificada.¹⁹⁸

Ao enfatizar a urgência em sua narrativa epistolar, Kyra e Aia justificam que existia a possibilidade da ruína de uma casa (ou de uma família), o que pode ser

¹⁹² καὶ πάνυ χρείαν ἔχομεν τῇ παρουσίᾳ σου

¹⁹³ πάντα ὑπερθέμενος ἐξαυτῆς ἀπάντησον πρὸς ἡμᾶς

¹⁹⁴ καὶ ἀπολέσωμεν τὴν οἰκίαν ἡμῶν. A raiz do verbo aqui utilizado, ἀπόλλυμι, é utilizado no Novo Testamento com o sentido de destruir/aniiquilar. Optamos pela tradução próxima da empreendida por Bagnall e Cribiore (2006), que traduzem “ruin our household”.

¹⁹⁵ Em termos gerais, as saudações tem a seguinte lógica: de *remetente* para *destinatário*, saudações.

¹⁹⁶ Os desejos de saúde estão ligados à religião. Configuram-se em forma de *proskynema* (*remetente* faz reverência a algum deus para o *destinatário*) ou de uma fórmula mais direta (*remetente* reza pela saúde de *destinatário*). Os desejos por saúde comumente repetem-se no fim da carta com a utilização do verbo ἔπρωσο (adeus – passe bem!). Para uma definição da *proskynema*, cf TALLEY, Gaëlle. *Proskynema formulas*. In: BAGNALL, Roger S. et al. (eds.). **The Encyclopedia of Ancient History**. Blackwell Publishing, 2013 (recurso online). P. 5587-5588.

¹⁹⁷ RIEHLE, Alexander. *Op. Cit.*

¹⁹⁸ *Idem*, p. 20.

considerado um atributo de carácter emocional para que determinada atitude seja tomada. A casa (*oíkíav*) compreende a estrutura física, a propriedade, e também a linhagem da família, e sua ruína seria algo negativo para todos os irmãos. Mesmo que Aphynchios morasse em outra cidade e já fosse casado, sua presença era indispensável, fazendo com que o próprio irmão Martyrios viaje com a carta a seu encontro. Aqui, cabe ressaltar que as irmãs não desejavam esta ruína, mas a entendiam enquanto uma possibilidade diante do que estava ocorrendo na dinâmica familiar. Mas por qual motivo a presença do outro irmão seria tão importante diante do cenário da morte da mãe?

Observamos que a família de Kyra e Aia é pagã – elas citam a defesa contra o mau olhar no fim da carta como forma de proteção da cunhada e dos sobrinhos. A necessidade da presença do irmão pode ser entendida, levando em consideração a perspectiva da religião, pelas questões referentes ao enterro, recortadas pela ação familiar. A partir de outros papiros, é possível observar que os ritos funerários eram responsabilidade de familiares que, em troca, poderiam receber a herança do falecido.¹⁹⁹

Thoma argumenta que, apesar da lei de partilha e herança durante o período romano no Egito garantir a igualdade de tratamento entre filhos e filhas sem distinção de gênero, a prática atestada a partir das petições evoca constantes disputas judiciais sobre a propriedade dos pais falecidos, em especial quando estes não deixavam um testamento. Além disso, a autora salienta que as disputas pelos bens de alguém falecido poderiam ocorrer fora da família, com pessoas sem consanguinidade tomando posse de bens e deixando os familiares sem direitos. Este seria o caso, por exemplo, de familiares que não conseguem realizar os ritos funerários necessários e, neste tipo de situação, pessoas de fora o fazem e, por conseguinte, ficam com a herança.²⁰⁰

Compreendemos, então, que a principal preocupação de Kyra e Aia reside na realização dos ritos funerários da mãe, o que garantia a manutenção da propriedade

¹⁹⁹ Como exemplo, podemos citar: *P. Oxy III 493* (século II EC), testamento de Pasion e Berenice, atestando que, diante da morte de qualquer um dos dois, aquele que viver poderá vender escravizados e utilizar o dinheiro para o funeral e o enterro; *BGU III 896* (século II EC), testamento de uma mulher que condiciona uma parte de sua casa para sua filha ao seu rito funerário.

²⁰⁰ THOMA, Marianna. The law of succession in Roman Egypt: Siblings and non-siblings disputes over inheritance. In: NODAR, Alberto; TORALLAS TOVAR, Sofia. **Proceedings of the 28th Congress of Papyrology**; 2016 August 1-6; Barcelona. Barcelona: Publicacions de l'Abadia de Montserrat, Universitat Pompeu Fabra; 2019. P. 475-482.

dentro da família. Nesta lógica, a citação de Martyrios pelas irmãs é um ponto relevante, visto que ressaltam a gratidão devida a este por fazer a viagem e a necessidade de uma compensação de caráter financeiro, paga por parte das duas. Ainda que necessitassem do irmão para questões práticas sobre a morte da mãe, é possível observar certa independência financeira por parte de Kyria e Aia, que até mesmo pagam o outro irmão para que este faça a viagem. Aqui, identificamos certo protagonismo feminino a partir das questões econômicas, algo que se repete em outros registros, e indicam algo apontado por Bagnall e Cribiore: a maioria das mulheres representadas nas cartas do período romano no Egito são de classes sociais mais abastadas, ainda que não necessariamente pertencentes às elites locais da política.²⁰¹

Embora palavras relacionadas às emoções não sejam tão presentes neste documento, podemos recuperar certo engajamento afetivo a partir do uso de advérbios ao longo da carta – em três ocasiões diferentes há o uso do termo *imediatamente* (ἐξαυτῆς) para reforçar como a presença do irmão é necessária e requisitada com máxima urgência. Ressaltamos, também, a parte final da carta, em que as irmãs novamente insistem para que o irmão venha o quanto antes e não seja negligente quanto ao assunto em questão (“Não seja negligente e se arrependa depois. Venha de uma vez para que você coloque tudo em ordem”).²⁰² A repetição é, segundo Clarysse, uma das características do investimento emocional nas narrativas epistolares, ou seja, a maneira pela qual quem escreve procura demonstrar ações pautadas em sentimentos.²⁰³ Reafirmar a questão da negligência e do arrependimento indica, em nossa concepção, um posicionamento específico pautado nas emoções: diante da situação, Kyra e Aia demonstram certa ansiedade e utilizam-se de instrumentos retóricos para que esta emoção seja, em alguma medida, compreendida pelo irmão.

Nesta análise podemos entender que, apesar das prováveis restrições legais às ações de Kyra e Aia, que demandam a presença do irmão – seu possível tutor –, ambas possuem os meios materiais de, ao menos, subsidiar a ida de outro irmão ao encontro de Aphynchios. A partir de nossa perspectiva, mesmo que legalmente Kyra

²⁰¹ BAGNALL, Roger; CRIBIORE, Raffaella, *op. Cit.*, p. 68-74.

²⁰² μὴ θέλης ἀμελήσαι καὶ ὕστερα μεταμελήσης ἐξαυτῆς ἀπάντησον ἵνα πάντα τυπώσης

²⁰³ CLARYSSE, Willy. *Op. Cit.*

e Aia não pudessem agir diante do falecimento da mãe – talvez a parte dela da heranças estivesse condicionada ao rito funeral, que só poderia ser empreendido e/ou pago pelo irmão –, tinham determinado espaço de ação, inclusive de caráter econômico. Esta perspectiva vai de encontro às análises historiográficas mais recentes que enfatizam determinadas liberdades individuais observáveis especialmente em mulheres do Egito Romano, que tinham propriedades econômicas e gerenciavam seus bens.²⁰⁴ Podemos perceber, a partir deste documento, que as relações intrafamiliares são recortadas pelo poder legal – as duas irmãs necessitam de um guardião legal (um homem) para que possam agir diante da morte da mãe. Ainda que tal posição possa ser considerada de subalternidade, é possível deslocar a noção de uma família em que as mulheres, mesmo sabendo de suas limitações jurídicas, operam enquanto sujeitos agentes – formulam a narrativa epistolar para que o irmão venha até elas e resolva a situação do funeral da mãe, o que pode ser entendido como uma garantia dos direitos de herança.

Dentro da mesma perspectiva de herança, temos a ficha 02, outra carta enviada para um irmão, também do século III da era comum. Nosso interesse neste documento reside na adjetivação do comportamento de Petechon (o irmão) e na menção de uma outra mulher, estrangeira, que teria tomado parte das posses de um irmão falecido. A carta é fragmentada na segunda parte, mas se inicia com os cumprimentos de Alexandros, possível pai/sogro do destinatário e o provável escritor da carta.²⁰⁵ Após a fórmula inicial de saudação, Helene, dona da primeira voz que emerge na cara, considera o comportamento do irmão inoportuno, afirmando que este agiu mal em não vir por causa de outro irmão (“Você agiu mal em não vir por causa de seu irmão”).²⁰⁶ O sentido aqui é confuso, visto que não se sabe de quem é o funeral, mas o que podemos apreender a partir da escrita é que Petechon não cumpriu com esta obrigação familiar, o que teve desdobramentos significativos: uma mulher de fora acabou herdando o que seria da família (“Saiba que uma mulher estranha herdou dele”).²⁰⁷ A menção desta mulher indica tanto a posição ocupada por Petechon na resolução de questões familiares como a própria possibilidade de herança por parte

²⁰⁴ O arquivo de Aurelia Charité demonstra como uma mulher poderia ter propriedades e ser ativa social e economicamente no contexto. Cf. WÖRZ, Klaus. **Das Aurelia Charite Archiv**. Zutphen: Terra, 1980.

²⁰⁵ BAGNALL, Roger. CRIBIÖRE, Raffaella. *Op. Cit.* p. 273.

²⁰⁶ οὐ καλῶς ἐπραξας μὴ ἐλθεῖν χάριν τοῦ ἀδελφοῦ σου

²⁰⁷ μάθε οὖν ὅτι ἀλλοτρία γυνὴ ἐκληρονόμησεν αὐτόν

de uma mulher, que não é considerada parte da família. Ao que é indicado a partir da documentação, era necessário que Petechon realizasse o serviço funerário do irmão para que a propriedade deste fosse assegurada entre os familiares.

Podemos perceber, neste documento, um pequeno conflito intrafamiliar – Helene alega que Petechon não foi resolver a questão do velório por causa do irmão (possivelmente o cunhado). Não podemos afirmar que Petechon estaria mais próximo da família de sua esposa, com quem talvez dividisse o mesmo espaço, se de fato o irmão citado é um cunhado. Nosso ponto de reflexão ressalta, porém, de que maneira a própria escrita da carta constitui a expressão de certo incômodo por parte de Helene, especialmente ao relatar que uma mulher de fora da família ficou com a herança. A manutenção dos bens familiares é uma questão relevante, visto que uma das formas de aquisição de propriedade para mulheres era dentro da própria família de origem – a fragmentação de uma herança, por exemplo, ocorria entre irmãos, com algumas estimativas apontando que cerca de 20% dos bens imóveis eram propriedade de mulheres.²⁰⁸ Assim, a reclamação de Helene pode ser entendida como uma maneira de salvaguardar parte de sua própria herança, pois existia esta possibilidade a partir da legislação e dos costumes do contexto.

Retomando à análise de Thoma, o caso de Helene e Petechon é um exemplo da possibilidade de herança fora do eixo familiar – inferimos que a mulher estrangeira (*ἀλλοτρία*) indicada pela remetente é alguém que não faz parte da família, podendo ser uma concubina ou uma conhecida. A omissão dos desejos iniciais de saúde e a forma direta de escrita, como discutimos na ficha anterior, pode ser um indicativo de emoção negativa – como Petechon falhou em resolver as questões do funeral, Helene demonstra certo rancor pelo irmão, que não favoreceu sua própria família e possibilitou que uma mulher de fora se tornasse herdeira.

Outro ponto sobre as duas cartas que convergem diz respeito à morte – tanto a ficha 01 quanto a ficha 02 falam diretamente da morte de alguém. Na ficha 01 isto é mais evidente, já que Kyra e Aia informam seu irmão sobre a morte da mãe, enquanto na ficha 02 as tratativas envolvem o funeral, e subentende-se que o destinatário havia sido informado da morte em outro momento. Ainda assim, chama a atenção a maneira de lidar com a morte: ambas as mensagens tratam do assunto sem demonstrações

²⁰⁸ VANDORPE, Katelijn. *Identity*. In: RIGGS, Christina. **The Oxford Handbook of Roman Egypt**. Oxford: Oxford University Press, 2012. P. 375

emocionais. Kotsifou analisa cartas de consolação durante o período enquanto uma narrativa pautada em normas e códigos sociais, inclusive de escrita epistolar. Para a autora, determinadas temas são recorrentes – como o reforço de que o falecido estaria em um “lugar melhor” e a morte como um fim comum para todos. Entretanto, em casos de cartas duplas, nas quais são prestadas condolências e, posteriormente, questões cotidianas de caráter prático são elencadas pelos remetentes, Kotsifou argumenta que há uma inconsistência entre o discurso e a prática. O envio da carta de consolo, por si só, já indica a separação física e uma escolha em não estar próximo no momento de luto. A escolha pela carta dupla pode indicar um menor apego emocional.²⁰⁹

Ainda segundo Kotsifou, cartas com pouco ou nenhum apego emocional, como no caso das fichas 01 e 02, podem indicar que as condolências são comumente entendidas como uma forma socialmente aceita e, assim, utilizada por pessoas de fora da família. Entende-se, por conseguinte, que a família estaria unida em momentos de luto e a escrita epistolar não seria necessária.²¹⁰ Podemos analisar as duas fichas, apesar de não tratarem com termos emocionais sobre a morte e enfatizarem questões práticas, como um instrumento utilizado para a união da família em um momento de luto, algo considerado ideal no contexto.

A ficha 03 não tem indicação de localização e é datada do século III da era comum. Algumas semelhanças entre as cartas podem ser observadas: não incluem o desejo de saúde e são endereçadas ao irmão. Lucia envia a carta questionando o irmão Casullas sobre documentos que são necessários para resolver questões legais, possivelmente de propriedades familiares.²¹¹ Casullas havia solicitado que Lucia registrasse alguns documentos, mas estes não encontram-se com a irmã, e sim com ele, que é questionado por Lucia (“Você escreve para que eu registre os documentos de Pais. Como posso, se estão com você?”).²¹² Bagnall e Criobiore apontam para o uso de uma expressão coloquial, ainda que formulaica, nesta carta, algo que remete ao diálogo em pessoa e mostra, em alguma medida, como as fórmulas epistolares operam.²¹³

²⁰⁹ KOTSIFOU, Chrysi. “Being unable to come to you and lament and weep with you”: Grief and Condolence Letters on Papyrus. In: CHANIOTIS, Angelos (ed.). **Unveiling Emotions: Sources and Methods for the Study of Emotions in the Greek World**. Stuttgart: Franz Steiner Verlag, 2012. P. 397-398.

²¹⁰ *Idem*, p. 406-408.

²¹¹ BAGNALL, Roger. CRIBIORE, Raffaella. *Op. Cit.* p. 316

²¹² γράφεις μοι ὅτι καταχώρισον τὰ βιβλία Πάιτος. πῶς δύναμαι ὅπερ σὺ αὐτὰ ἔχεις

²¹³ *Idem, ibidem*

Outro ponto interessante no que diz respeito à linguagem é a expressão de indisposição/relutância por parte de Casullas.²¹⁴ O verbo *ἐθέλω* é utilizado com frequência nos papiros, e seu sentido negativo aqui pode ser compreendido enquanto intervenção da cultura na constituição da experiência, algo defendido por Theorodopolou como limite da linguagem quando da utilização das fórmulas epistolares. Isso ocorre também nas fórmulas mais comuns – como a *proskynema* e as menções de saudações e adeus.²¹⁵

A ideia de um irmão *relutante* em relação a algo que envolva a família e questões sobre as propriedades privadas demonstra a possibilidade de ação de Lucia. Ao que podemos inferir da carta, Lucia deveria registrar documentos de uma terceira pessoa (Pais), que não sabemos se é um membro da família. A ação no registro público por parte de mulheres era algo encontrado em outros documentos do período, inclusive em petições nas quais as requerentes agiam pela salvaguarda de seus direitos.²¹⁶

A utilização da expressão coloquial pode indicar uma irritação por parte de Lucia, uma falha por parte de seu irmão em ter um comportamento correto. A partir do erro de Casullas – que está com os documentos ao invés de tê-los entregue para Lucia – há uma demarcação de posições: o irmão passa a ser entendido como alguém indisposto em resolver estas questões legais, algo rebatido pelo imediatismo de Lucia. Nesta carta, podemos refletir sobre o uso da linguagem como uma forma de marcar posições sociais. Se, por um lado, o ato de autonarração infere a criação de uma identidade, como sintetiza McNay,²¹⁷ pode-se entender que caracterizar o *outro* também opera uma verbalização da experiência e demarcação de espaços sociais. Mesmo que em uma posição mais privilegiada em virtude de seu gênero, Casullas não preenche suas funções. Isto não significou, porém, uma falta de ação por parte de sua irmã – pelo contrário, ela segue com suas atribuições e viaja, possivelmente junto de Asklepiades. A irritação expressa por Lucia na carta a partir da reprodução de uma fala coloquial, da ausência da fórmula inicial de saúde e pela adjetivação do

²¹⁴ οὐκ ἠθέλησας.

²¹⁵ THEODOROPOULOU, Maria. The emotion seeks to be expressed: thoughts from a linguist's point of view. In: CHANIOTIS, Angelos (ed.). **Unveiling Emotions: Sources and Methods for the Study of Emotions in the Greek World**. Stuttgart: Franz Steiner Verlag, 2012. P. 461-463.

²¹⁶ FRANDJI, Ingrid. C. K. *Op. Cit.*

²¹⁷ MCNAY, Lois. **Gender and Agency: Reconfiguring the Subject in Feminist and Social Theory**. Cambridge: Polity Press, 2000.

próprio irmão reforçam que o comportamento de Casullas é inapropriado para esta situação familiar.

Podemos perceber, a partir desta carta, que Lucia tem possibilidade de ação dentro de uma esfera legal, mesmo que talvez fosse tutelada. Ainda assim, sua mensagem demonstra um espaço legal em que mulheres podem agir em nome de suas próprias famílias. Este tipo de ação é um direito garantido no Império Romano durante o período tardo-antigo, demonstrando que a aplicabilidade da legislação era algo entendido e praticado ao menos nas classes mais abastadas. Discutiremos esta questão após a apresentação da próxima ficha, que também trata de questões relacionadas à tutela feminina.

A ficha 04 é uma carta datada do século III da era comum e escrita por Dioscorus para sua esposa Eutis.²¹⁸ Dioscorus utiliza as fórmulas de saudação e de desejos por saúde, posteriormente discorrendo sobre uma possível carta anterior da mulher, quando esta descreve uma situação em relação a sua irmã que demandaria uma petição, a ser feita por Dioscorus (“Quando você me escreveu sobre sua irmã, que deveríamos entregar uma petição”).²¹⁹ Não sabemos o teor desta carta anterior, ou ainda da petição citada, mas podemos perceber como os interesses familiares são resguardados neste documento – mesmo sem ter em conta o conteúdo da petição, é algo que deveria ser tratado pelos membros da família. Entretanto, Dioscorus afirma que a petição já foi apresentada, e que nada mais poderia ser feito (“imediatamente soube por Eutychianus que uma foi entregue e nada foi feito a respeito”).²²⁰ Apesar da brevidade de informações e da ausência de termos afetivos, a carta aponta para a resolução de questões legais. Cabe compreender, então, de que maneira funcionava a tutela e quais eram, ao menos no âmbito legal, os espaços de ação das mulheres no Egito Romano.

Como citamos no segundo capítulo, Lynn Meskell aponta para uma maior possibilidade de ação por parte das mulheres egípcias, sem que isso significasse, todavia, uma liberdade contínua e sem restrições.²²¹ No âmbito legal não existem

²¹⁸ Inferimos esta informação por Dioscorus citar a pessoa como “sua irmã” (*τῆς ἀδελφῆς σου*), e não “nossa irmã”. Mantivemos, no entanto, a terminologia original na tradução.

²¹⁹ *ὥς ἔγραψάς μοι περὶ τῆς ἀδελφῆς σου ἵνα βιβλίδια ἀναδῶμεν*

²²⁰ *εὐθέως ἔμαθον παρὰ Εὐτυχιανοῦ ὅτι ἀνεδόθη καὶ οὐκέτι περὶ τοῦτο γέγονα*

²²¹ Discutimos anteriormente, de maneira breve, a questão de uma análise excessivamente feminista sobre o Egito faraônico, entendido, nesta perspectiva, como um “oásis” de liberdade das mulheres em comparação a outras sociedades do mundo antigo.

indícios da necessidade de tutela, algo que se estende até o período ptolomaico, no qual podemos analisar a diferença entre os contratos escritos em demótico e aqueles escritos em grego. Waebens e Vanderpe, em um artigo que analisa as mudanças legais no *status* das mulheres a partir da legislação romana, apontam para uma segurança legal durante o período faraônico, em que poderiam estabelecer negócios sozinhas, deveriam consentir com o próprio casamento, recebiam herança e tinham direito à propriedade no casamento.²²²

O domínio ptolomaico, porém, modifica em partes esta posição das mulheres. O governo dos ptolomeus no Egito baseou-se na manutenção das tradições locais²²³, ao mesmo tempo em que procurou, muito em virtude da alta taxa de imigração helênica no território, construir várias estruturas legais e sociais para criar prerrogativas aos gregos.²²⁴ O sistema legal, então, tornou-se bilíngue: o demótico continuaria a ser utilizado para tratar das questões dos egípcios, enquanto o sistema grego seria utilizado exclusivamente pelos cidadãos gregos.

Segundo Bagnall, apesar da coexistência dos sistemas durante o período ptolomaico, ocorre ao longo do tempo uma pressão para a adoção do sistema grego, o que implica, no caso das mulheres, na necessidade de tutela. Enquanto o sistema em demótico – reservado para os egípcios – não exigia a necessidade de um guardião para as mulheres, o sistema grego, desde o início do período ptolomaico, demandava a indicação de um tutor (*kyrios*) em algumas situações. Isso significou, para elas, duas

²²² VANDORPE, Katelijn; WAEBENS, Sofie. Women and Gender in Roman Egypt: The Impact of Roman Rule. In: LEMBKE, Katja; MINAS-NERPEL, Martina; PFEIFFER, Stefan. **Tradition and Transformation: Egypt under Roman rule**. Leiden: Brill, 2010. P. 2.

²²³ Segundo Veïsse, neste contexto ocorre a incorporação da tradição egípcia em alguns aspectos do alto escalão político ptolomaico, com ênfase na imagem dos reis-faraós-deuses enquanto soberanos dos egípcios. Ainda que não entendessem a si próprios como egípcios – e mantivessem de maneira rica a tradição helênica, com o fortalecimento da cidade de Alexandria como polo político e cultural e a disseminação da língua grega –, os soberanos ptolomeus entenderam que, para governar o Egito garantindo tanto sua permanência no poder como a estabilidade do território, era necessário fazer concessões aos templos/sacerdotes (grandes detentores de um poder simbólico no Egito) e manter parte da estrutura administrativa egípcia, ou seja, como já era conhecida. VEÏSSE, Anne-Emanuelle. The Ptolemaic Dynasty and the Hellenistic World. In: VANDORPE, Katelijn. **A Companion to Greco-Roman and Late Antique Egypt**. Hoboken: John Wiley & Sons, 2019. P. 37-42.

²²⁴ Um documento que expressa esta questão é o papiro *P. Enteux. 79*. A petição, datada do período ptolomaico, expressa o descontentamento de um homem grego ao ser tratado de forma negativa por uma mulher egípcia – que o insulta e o deixa despido em público. O requerimento pede para que alguma providência legal seja tomada, visto que o peticionário é *grego* e a mulher que o ofende é *egípcia*. Em virtude das contingências dos documentos, segundo Bagnall, é difícil mensurar qual o nível de conflito étnico no Egito pós-faraônico mas, ainda segundo o autor, possivelmente estes problemas eram menos frequentes do que na contemporaneidade. Cf BAGNALL, Roger. **Roman Egypt: A History**. Cambridge: Cambridge University Press, 2021. P. 31-32.

situações distintas: por um lado, as mulheres egípcias²²⁵ mantiveram a liberdade de agir legalmente sem um guardião; as mulheres gregas, por outro lado, tiveram a possibilidade de ação²²⁶, algo, até então, considerado inexistente. O que ocorre, entretanto, no período posterior (romano)?

Para Vandorpe e Waebens, os romanos mantiveram o sistema grego nos primeiros dois séculos da dominação, restringindo cada vez mais a posição das mulheres e seu acesso ao sistema legal. Ainda segundo as autoras, isto fica mais evidente para as mulheres egípcias, residentes da *chora*, que perdem seu *status* preferencial a partir da dominação romana, já que agora necessitavam de um guardião legal para fazer transações econômicas e jurídicas. Esta posição diante da legislação romana permanece mesmo após a garantia de cidadania a todos os cidadãos do Império, em 212 da era comum. Entretanto, as autoras salientam que a postura tomada pelas mulheres do Egito Romano tinha sua peculiaridade: apesar de seguirem de maneira cada vez mais efetiva a legislação romana – ou seja, utilizavam-se de seu *status* legal ou buscavam respaldo jurídico, como no caso do *jus trium liberorum* –, também seguiam parte do costume grego dentro dos limites legais. Isto pode ser entendido como um reflexo da própria dominação romana nas províncias gregas do leste, o que pode ter gerado um reforço na “helenização” destes espaços.

Desta forma, a continuidade na utilização dos costumes gregos pode ser entendida na preservação da função de *kyrios* – que, na maioria dos casos, era alguém da família – e no pouco uso da função de tutor – uma posição mais formalizada da lei romana, inclusive permitindo que um detentor de função pública pudesse, legalmente, ser o guardião de uma mulher. Para Vandorpe e Waebens isto significa a permanência de uma tradição, certamente distinta daquela do Egito faraônico, mas que remonta ao período ptolomaico e permanece mesmo com o advento da cidadania romana e da própria legislação.

²²⁵ Bagnall afirma que, apesar do aumento significativo da população grega em território egípcio durante o período ptolomaico e sua divisão administrativa em demótico e grego, o Egito permaneceu um espaço para os egípcios – a elite grega era, de fato, uma minoria. Durante o período romano e romano-tardio, entretanto, algumas diferenças na composição desta população são notadas, especialmente após o Édito de Caracala, de 212. BAGNALL, Roger S. *Op. Cit, idem*.

²²⁶ Segundo Vandorpe e Waebens, o contato com a cultura egípcia durante o período ptolomaico abriu novas possibilidades de ação social, apesar da manutenção da necessidade de um tutor. VANDORPE, Katelijjn; WAEBENS, Sofie. *Women and Gender in Roman Egypt: The Impact of Roman Rule. Op. Cit*, p. 2

Entretanto, segundo Schentuleit, as mulheres que viviam no Egito no período após a *Constitutio Antoniana* aplicavam, em vários momentos, a lei dos costumes, ou seja, agiam com o *kyrios* requerido pela legislação ptolomaica.²²⁷ Apesar da questão da tutela, a autora afirma que “mulheres tinham o direito de realizar todos os tipos de negócios jurídicos, agir como cidadãs, levar a cabo ações judiciais e administrar seus próprios bens, que podiam operar e que podiam herdar”.²²⁸ A posição de uma diminuição do espaço de ação das mulheres durante o período romano também é questionada por Rowlandson, que entende a excepcionalidade da documentação papirológica como um dos fatores responsáveis pela maior percepção da discrepância na ação legal das mulheres. Além disso, a autora também salienta que a existência de documentos que podem ser analisados a partir de uma ótica legal – como petições, ou, no caso que estamos trabalhando aqui, cartas que inferem posicionamentos jurídicos das mulheres – indicam a ação destas.

A partir destes posicionamentos, entendemos que as mulheres do Egito Romano tinham um espaço de ação garantido – tinham direito à herança e operavam, em especial dentro do núcleo familiar, para que seu patrimônio fosse salvaguardado. Seus interesses, não apenas de herança, mas sobre seus bens particulares também eram garantidos, o que pode ser observado nas cartas e, em especial, nas petições. Se há uma quebra deste direito (motivo pelo qual a petição é apresentada), entendemos que existe possibilidade de reparação legal, o que é indicativo do espaço de ação destas mulheres.

Nesta seção, observamos como as questões legais são tratadas na documentação e como, ainda que de maneira tímida, a utilização de uma linguagem emocional reforça algumas posições sociais dentro da família no que tange à apresentação de petições e documentos. Além disso, ressaltamos brevemente algumas questões econômicas, como a posse de terras por mulheres. A próxima seção trará questões de caráter econômico, a partir das quais poderemos inferir certos usos da linguagem, da circulação de bens dentro do Egito Romano e da posição das mulheres dentro da economia doméstica.

²²⁷ SCHENTULEIT, Maren. Gender Issues: Women to the Fore. In: VANDORPE, Katelijn. **A Companion to Greco-Roman and Late Antique Egypt**. Hoboken: John Wiley & Sons, 2019. P. 347 348.

²²⁸ *Idem, ibidem*. No original: “women were entitled to conduct all kinds of legal transactions, to act as citizens, to carry on lawsuits, and to manage their own assets, which they could operate, and which they could bequeath”.

5.1.2 Questões econômicas

As cartas selecionadas como econômicas apresentam um baixo teor de linguagem emocional, ainda que, em certos momentos, certas estruturas narrativas como a repetição e a persuasão estejam presentes. Ainda assim, acreditamos que estes escritos possibilitam um olhar sobre a função econômica das mulheres dentro da família e, em alguma medida, sobre seu protagonismo no modo de lidar com insumos para a casa, para a família e em realizar transações de bens e serviços.

A ficha 05, datada do século IV, foi enviada por Papais para sua sogra e trata de questões interessantes sobre a organização física da família após o casamento. Após as saudações iniciais, o remetente salienta que deve viver próximo da sogra (“me providencie uma casa, desde que seja próxima da sua, porque é justo que não nos separemos um do outro”).²²⁹ Podemos perceber uma aproximação amistosa por parte de Papais, o que fica mais evidente em sua próxima frase, quando este afirma, por Deus, que tem a sogra como mãe e irmã.²³⁰ A linguagem que aproxima da sogra, nesse sentido, pode ser entendida como um instrumento de reforço emocional: sendo Papais o noivo que logo fará parte de família, elogiar e querer permanecer próximo da sogra seria uma estratégia para a manutenção do bem-estar familiar.

Além disso, algo mais nos chama a atenção nesta passagem. Ao que tudo indica, Papais solicita que a sogra arranje uma casa para ele e para a futura esposa – que não é citada nominalmente em nenhum momento da carta. Este é um ponto interessante, visto que, comumente, as mulheres deixam sua família de origem quando se casam. Papais, então, faz o movimento contrário: ele é quem deixa sua família de origem e aproxima-se da família da esposa, inclusive solicitando para que habite em um lugar próximo da sogra. Esta aproximação, no entanto, pode não ser bem vista por ela – e ele afirma que pode conseguir um lugar com seu irmão se o arranjo não for algo desejado por Nonna. O desejo de Nonna – ou, ainda, seu desagrado – é explicitado por Papais: “Mas se você não quiser fazer isso e te desagrada que estejamos perto de você”.²³¹

²²⁹ *καὶ προνοήσῃ μου οἰκίας, μόνον ἐγγὺς σοῦ τοῦ τόπου, ὥς γὰρ καὶ πρέπει ἵνα μὴ ἀποχωρισθῶμεν ἀλλήλων*

²³⁰ *μετὰ γὰρ τὸν θεόν σε ὡς μητέρα ἔχω καὶ ὡς ἀδελφὴν*

²³¹ *εἰ δὲ μὴ τοῦτο βούλῃ ποιεῖν καὶ ἀηδῶς ἡμᾶς ἔχεις ἵνα μὴ ἐγγιστα τῆς οἰκίας σου μείνωμεν*

Aqui, entendemos que há determinado espaço de ação de Nonna: ela tem o comando final sobre a permanência ou não de Papais perto de si. Além disso, as várias adjetivações feitas por Papais para a sogra – a mais honorável, sua bondade – são indicativos de uma linguagem que pretende-se emocional: o remetente busca suscitar determinadas reações na destinatária. Ao demonstrar seus afetos para a sogra, Papais reforça seu espaço de ação dentro da família que será, também, sua: ele deseja manter a harmonia e a proximidade entre todas as partes.

A ficha 07 é de Aria para seu filho Dorotheos, datada de fins do século IV. Na carta, Aria discorre exaustivamente sobre problemas financeiros – quantias que não foram pagas/depositadas, pessoas que não honraram com seu compromisso, gastos com uma órfã que reside na casa. Apesar das complicações, Aria afirma que está agindo conforme Dorotheos solicitou, mas ainda assim continua com problemas em relação às finanças familiares. Ao longo da carta, ela utiliza algumas expressões cotidianas, que reforçam a ideia de sua inquietação diante da situação em que se encontra. O que mais chama nossa atenção, no entanto, é o uso da ironia no fim da carta – “fico maravilhada do quanto você me negligencia”.²³²

Como Clarysse salienta, a ironia é um dos elementos utilizados na escrita epistolar para demonstrar emoção.²³³ A insatisfação de Aria fica expressa pela utilização do verbo *θαυμάζω*, traduzido por nós como “ficar maravilhado”, junto da expressão negativa da negligência. Podemos indicar, assim, um uso complexo da linguagem para a expressão de irritação – com a situação em que se encontra, já que não consegue lidar com as finanças da casa, e com o próprio filho, que não cumpre com suas obrigações.

Tal qual a ficha 07, a de número 08 também demonstra a insatisfação de uma mãe com seu filho em relação a questões econômicas – Maria não utiliza a fórmula de desejo de saúde e reforça que escreve, também, pela esposa de Papnouthis, que se encontra com ela e precisa pagar os tecelões. Aqui, podemos perceber um espaço de ação econômica mais limitado: tanto nesta ficha quanto na anterior as mulheres aguardam o envio de dinheiro por parte de homens que estão fora de casa (talvez trabalhando). Mesmo que esta percepção se confirme diante das cartas, não podemos esquecer que a esposa de Papnouthis, ao que se infere, lidava diretamente com

²³² *θαυμάζω πῶς ἡμέλησάς μου*

²³³ CLARYSSE, Willy. *Op. Cit.*, p. 73-75.

trabalhadores. Ainda que não possuisse os meios para efetuar o pagamento, entendemos que ela estava não presa dentro do âmbito privado, complexificando o enquadramento de mulheres como pertencentes apenas a ele.

Entendemos, também, que o caráter mais direto das cartas que tratam de situações econômicas pode ser entendido como elemento que constitui o espaço dos sujeitos, mesmo que de maneira menos evidente do que nos outros tipos de categorias. A ficha 09, por exemplo, discorre exaustivamente sobre insumos recebidos por Taesis, que escreve a seu marido Tirion, um oficial do *dux*. Ainda assim, percebemos algumas nuances da linguagem afetiva quando Taesis cita o filho do casal, Dezembro (“Seu mais doce filho o saúda e sempre pergunta de você”),²³⁴ uma caracterização positiva da criança e que tem como objetivo aproximar remetente e destinatário. Se, como discutiremos na próxima seção, a separação física é um momento que demanda a demonstração de emoções, a lembrança de quem está em casa – ainda mais uma criança, que tem lugar positivo dentro da família – é também um momento sentimental.

Após esta saudação inicial em nome de filho, Taesis mostra sua ansiedade diante de uma pessoa enviada por Tirion e que não havia chegado.²³⁵ A noção de uma ansiedade, por parte de Taesis, diante de uma falha naquilo que havia sido anteriormente dito como certo, pode ser entendido como um modo de construir a própria imagem diante do outro – a ênfase em uma ansiedade dentro da narrativa epistolar aponta para uma reação do destinatário, ao mesmo tempo em que formula uma imagem do remetente.

Dentro da análise aqui empreendida, a linguagem emocional utilizada por Taesis, que reforça sua ansiedade e, também, o carinho do filho, podem ser compreendidas enquanto uma forma de aproximação entre as partes do diálogo epistolar. Apesar da distância física entre remetente e destinatário, as emoções expressas nas cartas são entendidas como um elemento que posiciona os sujeitos dentro de seu espaço familiar. No caso específico de Taesis, Beaucamp argumenta que ela opera dentro de uma posição de subalternidade: é uma mulher que recebe diversos insumos enquanto o marido trabalha no espaço público.²³⁶ Concordamos

²³⁴ ἀσπάζεται σε ὁ γλυκύτατος υἱὸς Δεκέμβερ καὶ πάνυ πολλά σε ἐπιζητεῖ

²³⁵ ἰδοὺ οὕτω ἦλθεν ἵνα καὶ ἐγὼ ἀμεριμνήσω, ἀλλὰ θερμοψυχῶ ὅτι οὐκ ἦλθεν

²³⁶ BEAUCAMP, Jöelle. Organisation domestique et rôles sexuels: Les papyrus byzantins. **Dumbarton Oaks Papers**, vol. 47, 1993, pp. 185-189.

com este posicionamento, mas entendemos que, para além da dicotomia público/privado, a ação dentro da família pode ser compreendida como uma possibilidade de agência.

5.1.3 Afetividades e ressentimentos

A ficha 10 é datada da primeira metade do século IV, escrita por Dioskurides e endereçada a Eudamonis, a quem chama de irmã. É mais provável, entretanto, que fossem casados – a utilização da terminologia familiar entre casais é traço comum do Egito Romano, mesmo sem que seja considerado o casamento intrafamiliar. Dioskurides encontra em uma viagem para Koptos o prefeito do Egito,²³⁷ autoridade legal máxima dentro da província.²³⁸

Nossa atenção nesta carta reside na adjetivação inicial que Dioskurides faz de Eudamonis – ela é considerada “a mais doce”.²³⁹ Após discorrer sobre o requerimento com o prefeito e a viagem, Dioskurides afirma que voltará para Eudamonis (“e de lá, querendo os deuses, voltarei para você”).²⁴⁰ A utilização do superlativo para caracterizar a esposa, apesar de comum no período, pode ser indicativo de uma afeição mais significativa por causa da distância, visto que Dioskurides cita duas vezes a distância da esposa e a volta dele como momentos positivos. A repetição e o uso de superlativos são indicados por Clarysse como demonstrativos de emoção, e identificamos aqui os dois elementos. Segundo o autor, comumente as mulheres escrevem as cartas de teor mais emotivo – o que, ao menos a partir dos documentos elencados, confirmam esta hipótese –, mas no caso da ficha 10 temos esta linguagem afetiva sendo utilizada por um homem.²⁴¹

Um dos indicativos das emoções é a distância entre as partes. Temos, na ficha 10, um exemplo de uma distribuição tradicional do espaço durante o período romano no Egito: as mulheres permanecem na casa, cuidando dos afazeres e de questões práticas, enquanto os homens viajavam e tratavam de diversos assuntos. Se por um lado, isto pode ser confirmado na seção anterior – em que mulheres

²³⁷ *praefectus Aegyptii*

²³⁸ BAGNALL, Roger. *Op. Cit.*, p. 48-50.

²³⁹ γλυκυτάτη

²⁴⁰ καὶ ἐκεῖθεν θεῶν θελόντων ἐπανέρχομαι πρὸς σέ

²⁴¹ CLARYSSE, Willy. *Op. Cit*

permanecem no espaço familiar enquanto homens participam da vida pública e enviam suprimentos para casa –, há certa variabilidade nestas ações, como demonstrado na seção sobre questões legais. Ainda que fisicamente separadas de seus familiares do sexo masculino, as mulheres legalmente podiam agir para a salvaguarda de seus interesses e, em alguns casos, do interesse de suas famílias.

A separação física em virtude de viagens configurava-se como algo comum no período: o Nilo (que, inclusive, é citado por Dioskurides como o meio pelo qual a viagem até Koptos foi realizada) era o principal percurso utilizado pelos egípcios, em especial para longas viagens.²⁴² Partindo desta perspectiva, podemos entender que a utilização, por parte de Dioskurides, de elementos que reforcem ideias sobre afetividade em relação à sua mulher sejam decorrentes da longa distância e de um tempo mais considerável sem contato.

A ficha 11 é datada do século III e enviada por Ammonous para seu pai e irmão, Apollonianos e Spartiates, respectivamente. Apollonianos aparece em outro arquivo de papiros, no qual fica evidente a influência da família, que ocupou a posição de *strategoí* de Hermopolite por gerações.²⁴³ Isto demonstra algo já apontado: a maioria das cartas aqui analisadas pertencem a famílias de classes mais abastadas do Egito Romano.

Esta carta tem duas partes, a primeira ditada a um secretário e a segunda escrita pela própria Ammonous em forma de pós-escrito. Na parte ditada, percebemos o uso da fórmula de saudação e também do desejo de saúde, a primeira destas, inclusive, com um superlativo ao tratar do pai e do irmão, expressão que se repete ao tratar das crianças a frente.²⁴⁴ Como já discutimos, o uso de superlativos é uma das principais características na demonstração de investimento emocional. Apesar do caráter formulaico da carta, em que a questão do contato ecoa temáticas relevantes do contexto, o uso repetido dos superlativos é um indicador de afetividades positivas. Analisando desta maneira, Ammonous entende seu pai e seu irmão, destinatários da carta, como pessoas importantes, que são tratados de maneira afetuosa também pelo espaço que ocupam na vida da remetente. Esta relação é dupla, visto que, ao mesmo

²⁴² ADAMS, Colin. 'There and back again': Getting around in Roman Egypt. In: ADAMS, Colin; LAURENCE, Ray. **Travel and Geography in the Roman Empire**. Routledge: New York, 2001. P. 138.

²⁴³ BAGNAL, Roger. CRIBIÖRE, Raffaella. *Op. Cit.*, p. 393.

²⁴⁴ A expressão em questão é *γλυκυτάτοις*, a mesma utilizada na ficha anterior.

tempo que reconhece a importância dos destinatários em sua vida, entende-se, também, enquanto filha e irmã. Ainda que a legislação oficial coloque as mulheres em um espaço de submissão jurídica dentro das famílias, a partir da análise de documentos do período conseguimos perceber determinado espaço de ação legal - como discutido anteriormente - e relações de afetividades que vão além do que é colocado como norma social. Estas relações só podem ser pensadas a partir dos documentos de âmbito privado, como salienta Mattingly.²⁴⁵

As relações de poder determinam a natureza do comportamento público entre indivíduos dominantes e subordinados em qualquer sociedade, mas cada grupo terá suas próprias transcrições privadas (suspeitas, ressentimentos, justificativas, entendimentos) desse relacionamento. Em uma sociedade complexa, existem muitas relações de poder, cada uma com suas próprias transcrições públicas e privadas.

Ou seja, ainda que a lógica pública da relação entre homens e mulheres dentro de uma família fosse definida pela questão jurídica, que determinava a *patria potestas* e inferia a submissão e a subordinação das mulheres, é possível perceber na esfera privada de que maneira os sujeitos reinventam a si próprios a partir de relações de poder que são compreendidas apenas dentro do seio familiar. Isto fica ainda mais evidente quando Ammonous afirma que o pai e o irmão devem escrever sobre como estão, e que, se recebesse uma carta deles, celebraria um festival.²⁴⁶ A menção a um festival, ou seja, uma celebração pública de grandes dimensões, é indicativo do apreço de Ammonous por seu pai e irmão - uma terminologia, inclusive, com alusões literárias.²⁴⁷

Sobre o pós-escrito, o que nos interessa salientar é sua escrevedura sido realizada por Ammonous. A alfabetização de mulheres, ainda que atestada com certa dificuldade em papiros do período, era uma salvaguarda de direitos principalmente econômicos e, partindo do conhecimento sobre a família de Ammonous baseado em

²⁴⁵ MATTINGLY, David J. Introduction - Dialogues of power and experience in the Roman Empire. In: _____, Dialogues in Roman Imperialism - Power, discourse and discrepant experience in the Roman Empire. Supplementary Series number 23, **Journal of Roman Archaeology**, 1997. p. 13.

²⁴⁶ γράφειν μοι συνεχῶς περὶ τῆς σωτηρίας ὑμῶν, εἰδότες ὅτι, ἐὰν κομίζωμαι ὑμῶν γράμματα, ἐορτὴν ἄγω

²⁴⁷ BAGNALL, Roger. CRIBIORE, Raffaella. *Op. Cit.*

outros papiros, acreditamos que este seja o caso – em virtude da posição de importância de sua família na sociedade, era necessário que ela fosse letrada.²⁴⁸

Para Bowman e Woolf, a própria noção de alfabetização no mundo antigo estava atrelada a determinada posição de poder – seja no caráter de conhecimento sobre a linguagem ou na própria definição de quem pode ler, ou o que pode ser lido. Este posicionamento traz consigo uma outra demanda – as relações de poder também determinam os usos da linguagem.²⁴⁹ Analisando a posição de Aurelia Charite enquanto mulher letrada e ativa na escrita, Sheridan aponta para os comentários negativos sobre a alfabetização feminina nos exercícios escolares – dotar uma mulher da capacidade de ler e escrever seria como dar a ela a opção de afiar uma espada.²⁵⁰

A escrita feminina pode ser compreendida, socialmente, como algo a ser temido ou minimizado, além de ser incomum naquele momento. Se não há discriminação pelo analfabetismo das mulheres durante o período, os casos de mulheres letradas (como Aurelia Charite ou Ammonous) são indicativos de como as questões econômicas recortam a questão da alfabetização e, em algum nível, do próprio acesso a um tipo de ensino formal. Ainda que os documentos do Egito Romano, segundo Sheridan, sejam difíceis de quantificar, a alfabetização de mulheres, especialmente daquelas pertencentes às classes mais abastadas, pode ser pensada a partir de uma salvaguarda dos próprios interesses.²⁵¹ Os tutores – *kyrios* – poderiam, em determinados casos, enganar as mulheres que eram donas de bens, e o conhecimento da linguagem seria a garantia de manutenção da propriedade particular e/ou da família.

Este parece ser o caso de Ammonous, visto que ela vem de uma família com posses – a posição de educá-la formalmente pode ser entendida como uma maneira de, também, resguardar a propriedade da família e, em certa medida, emancipá-la. Ainda assim, a autora da carta não mede esforços para demonstrar seu cuidado e afeto com os seus, revelando a complexidade das relações familiares do período.

²⁴⁸ SALMERKIVI, Erja. Some remarks on literate women from Roman Egypt. In: TERVAHAUTA, Ulla et al (eds.). **Women and Knowledge in Early Christianity**. Brill: Leiden, Boston. 2017. P. 62-62.

²⁴⁹ BOWMAN, Alan K; WOOLF, Greg (eds.). **Literacy and Power in the Ancient World**. Cambridge University Press: Cambridge, 1997. P. 1.9.

²⁵⁰ SHERIDAN, Jennifer A. Not at Loss for Words: The Economic Power of Literate Women in Late Antique Egypt. **Transactions of the American Philological Association (1974-)**, vol. 128, 1998, p. 189. O papiro citado pela autora é *P. Bour. 1* 153.

²⁵¹ *Idem*, p. 190-191; 200-203.

A ficha 12 foi datada do século III da era comum e escrita por Ptolema para sua mãe Chenatynis. Após a fórmula de saudação, temos a parte mais interessante do documento: Ptolema afirma que o pai a libertou (“Saiba que ele me libertou, por isso você também deve agradecê-lo grandemente”).²⁵² A ideia de uma mulher livre pode significar duas coisas: a primeira é literal, ou seja, Ptolema foi emancipada pelo próprio pai; a segunda leva em consideração a utilização da palavra *ἐλευθέρᾳ* com o sentido de mulher casada, e a liberdade aludida seria conseguida a partir dos ritos legais do casamento.²⁵³ Em qualquer dos sentidos, a ideia da gratidão como algo devido a um integrante da família é recorrente, em especial na situação aqui apresentada, algo que só poderia ser feito pelo próprio pai, visto que também era necessário o consentimento dele para o casamento.²⁵⁴ Ainda assim, apesar do caráter legal das atribuições paternas, podemos perceber a partir da documentação analisada que estas questões eram recortadas por sentimentos de gratidão, desmistificando a ideia de uma completa submissão feminina diante do poder patriarcal.

Outro ponto que reforça esta ideia é a atribuição de características feitas por Ptolema a seu pai no início da carta – ela o agradece por tudo que foi feito pela dignidade dos da casa, afirmando que ocorreu de maneira decente e traria fortuna (“Quero que você saiba, agradeço meu pai <pelo que foi feito> pela dignidade de suas pessoas, apropriadamente para ele e para a fortuna de toda sua casa”).²⁵⁵ Como Grubbs salienta, ainda que uma filha permanecesse sob tutela de seu pai ao longo da vida, não poderia ter seus direitos arbitrariamente retirados pela legitimidade do pai – mesmo o divórcio só aconteceria se existisse consentimento por parte da filha.²⁵⁶ Por outro lado, se levamos em consideração que Ptolema foi emancipada por seu pai biológico, temos uma situação ainda mais complexa, que demonstra diferentes possibilidades de ação diante de um mesmo contexto legal.

Além das observações sobre seu pai e de determinado investimento emocional, já que Ptolema aponta para a necessidade de gratidão em relação a ele e reforça como age de maneira a levar fortuna para sua própria casa, a carta continua tratando de termos cotidianos, inclusive com um pedido final por parte da autora para

²⁵² ἴσθι ἐλευθέραν με ἐποίησεν, ὅθεν καὶ σὺ εὐχαρίστησον αὐτῷ λίαν

²⁵³ BAGNALL, Roger; CRIBIORE, Raffaella. *Op. Cit.*, p. 263.

²⁵⁴ GRUBBS, Judith E. *Op. Cit.* p. 20.

²⁵⁵ εὐχαριστῶ μου τὸν πατέρα ὅσα ἐπ’ εὐπρέπειαν τῶν ἀνθρώπων πρεπόντως αὐτῷ καὶ τῇ τύχῃ τοῦ οἴκου αὐτοῦ ὅλου

²⁵⁶ *Idem*, p.195-198.

que lhe seja informado sobre a gravidez da irmã e o sexo do bebê (“Saúde minha irmã e me avise se ela deu à luz e o que nasceu”).²⁵⁷ A relação com a maternidade no Egito Romano e em toda a Antiguidade, no geral, era de bastante ansiedade pela criança a nascer e medo pela vida da parturiente. Discutiremos sobre este tema na próxima seção, mas aqui podemos já observar como há certo cuidado, além de curiosidade, por parte de Ptolema, o que pode ser indicativo de uma boa relação familiar, mesmo que ela tivesse se casado ou emancipado. Se, de fato, Ptolema casou-se, a manutenção de uma boa relação com a família de origem é importante para que a esposa tenha um lugar para ir em caso de desentendimentos com a família do marido. Discutiremos de maneira mais aprofundada esta questão no próximo capítulo, ao analisar especificamente o *Arquivo de Paniskos e Ploutogenia*; mas a continuidade de uma boa relação com a família de origem significa uma proteção de direitos.

A ficha 13, datada do século III, foi produzida por Isidora e enviada para sua filha Sarapias. Após as fórmulas de saudação e a *proskynema*, Isidora conta para a filha que está desanimada com o outro filho.²⁵⁸ A utilização do verbo *ἀθυμῶ* é indicativo de um sentimento negativo em relação a este filho, possivelmente porque ela não pôde receber um depósito. Mais à frente na carta, Isidora fala que as propriedades dela são, por direito, de Sarapias e deste irmão (“Se eu tenho algo, é seu e de seu irmão”).²⁵⁹ Apesar do sentimento negativo explicitado em relação ao filho, Isidora reforça a questão da propriedade como algo importante para a família – o que é dela seria, também, de seus filhos. O uso negativo da linguagem afetiva parece funcionar, aqui, como uma forma de convencimento da outra filha, para que ela se atente às questões de sua família de origem. Ainda que Isidora não seja viúva (ela cita o marido mais ao fim da mensagem), age enquanto dona de propriedades - o que é um espaço possível de ação das mulheres, como vimos anteriormente.

Podemos analisar esta carta também a partir do problema, citado por Isidora, surgido de um desentendimento entre o marido de Sarapias e o pai (“Soube que você teve um desentendimento com seu marido por causa do seu pai”).²⁶⁰ A questão teria sido provocada pela ausência do marido de Isidora junto dela durante o inverno, mas não fica claro por qual motivo. A próxima frase é talvez um indicativo de que o pai de

²⁵⁷ ἄσπασον τὴν ἀδελφήν μοι καὶ δῆλωσόν μοι ἐὰν τέτοκε καὶ τί ἐστὶν τὸ γεννώμενον

²⁵⁸ οἶδας ὅτι ἀθυμῶ τῷ νῦν διὰ τὸν ἀδελφόν σου

²⁵⁹ εἴ τι ἔχω σὸν ἐστὶν καὶ τοῦ ἀδελφοῦ σου

²⁶⁰ ἤκουσα ὅτι ἀηδῖαν πεποίηκας μετὰ τοῦ ἀνδρός σου χάριν τοῦ πατρός σου

Sarapias permaneceu junto dela – e não de Isidora, sua esposa – durante o inverno (“Se eu for aí, irei guiá-lo novamente”).²⁶¹

A indisposição, ao menos da maneira que compreendemos, ocorre em virtude desta separação entre as partes – o marido de Sarapias compreende que o lugar do pai dela é junto de sua esposa, e não da filha. Isto pode ser entendido a partir da virilocalidade, questão comum do casamento no Egito Romano. Após o casamento, a esposa deveria viver junto da família de seu marido. Deixava, então, sua família de origem e transformava-se em nora dentro desta nova configuração familiar, na qual muitas vezes tinha funções específicas como o cuidado dos membros e, em alguns casos, entrava em conflito com a própria sogra. Dentro desta perspectiva, a presença de outro homem, chefe de outra família, dentro de um espaço considerado da família do marido era conflituoso – afinal, de quem seria o poder e as decisões finais em relação a determinados assuntos? Acreditamos que este pode ser um indicativo do conflito citado por Isidora, que demonstra como os espaços (inclusive físicos) ocupados pelos membros familiares poderiam ser fonte de conflitos.

A ficha 14 é uma carta datada do século IV da era comum. Bagnall e Cribiore oferecem a possibilidade de Athanasia, a remetente, ser a autora, e não um secretário. De qualquer maneira, a carta é bastante formulaica, trazendo as saudações iniciais e os desejos de bom saúde. No início é mencionado o termo mães, no plural (*μητράσι*), mas os autores salientam que o termo se modifica ao longo da carta, o que pode indicar, na verdade, duas mulheres diferentes sendo citadas.²⁶²

Esta é uma carta cristã: a remetente menciona como Deus tem cuidado dela, e que sua mãe não deve se preocupar (“Não se preocupe comigo, pois nós agradecemos ao senhor nosso Deus por ele ter cuidado dos nossos afazeres até hoje”).²⁶³ A utilização da expressão *ἀγωνία*, por parte de Athanasia, revela um investimento emocional próprio do contexto: ao mesmo tempo em que o cuidado e a preocupação com os filhos são características encontradas em vários documentos do Egito durante o período tardo-antigo, reafirmar a saúde é uma maneira de minimizar esta preocupação, que discutiremos de maneira mais aprofundada na próxima seção.²⁶⁴

²⁶¹ πέμψον αὐτὸν παρ’ αὐτόν · ἐὰν ἀναβῶ κυβερνήσω αὐτὸν πάλιν

²⁶² BAGNALL, Roger; CRIBIORE, Raffaella. *Op. Cit.*, p. 391.

²⁶³ μὴ ἀγωνία οὖν περὶ μοῦ, [.....] εὐχαριστοῦμεν τῷ κυρίῳ ἡμῶν θεῷ

²⁶⁴ HUEBNER, Sabine. *Op. Cit.*, p. 69.

Podemos salientar, também, a extensa lista de pessoas cumprimentadas ao final. Apesar de formulaico, este tipo de expressão é considerado por Cribiore como um investimento importante dentro da família, utilizado para manter o contato e demonstrar afetividades, visto que, para a autora, as cartas poderiam ser lidas coletivamente. Logo, citar o nome de alguém ou esquecê-lo pode ser mais significativo do que inicialmente pensado por se tratar de um padrão.²⁶⁵ A lembrança funciona, nesse sentido, a partir de uma noção de inteligibilidade das emoções no discurso, mediado por uma estrutura que evoca um pensamento e um comportamento, resultando em uma linguagem que tem caráter emocional.²⁶⁶ Isto pode ser pensado em todas as fórmulas de cumprimento ao fim da carta, que servem para demarcar um espaço social de remetentes e destinatários dentro da família e, como veremos adiante, existem evidências para esta perspectiva dentro da documentação aqui elencada.

A ficha 15 foi datada no século IV da era comum e o documento contém, na verdade, duas cartas: a primeira é escrita por Artemis e endereçada a seu marido, Theodoros. A segunda, também escrita por Artemis, é endereçada a um soldado chamado de Sarapion/Isidoro. Apesar de não ser necessariamente membro da família e, a rigor, estar fora do escopo documental que selecionamos aqui, a carta é interessante por citar questões relativas tanto à família deste Isidoro como à própria família de Artemis e Theodoros, por isso mantivemos a tradução sem, no entanto, empreendermos a análise. Ao fim da segunda carta, apesar de Artemis endereçá-la a Isidoro, ela se dirige a Theodoro, pedindo para que ele tome providências sobre a situação.

A mensagem é bastante curta e formulaica, apenas com saudações e cumprimentos finais. Entretanto, evoca algo que discutimos anteriormente: a utilização dos cumprimentos finais como forma de afetividade entre os familiares. Artemis salienta que Allous (talvez a filha do casal) manda ameaças para Theodoros pela falta de comunicação por parte deste (“e Allous o ameaça, porque você escreveu constantemente e saudou todos, e apenas não saudou a ela”).²⁶⁷ A menção das

²⁶⁵CRIBIORE, Raffaella. Windows on a Woman's World: some letters from Roman Egypt. In: LARDINOIS, André; MCCLURE, Laura. **Making Silence Speak: Women's Voices in Greek Literature and Society**. Princeton: Princeton University Press, 2001. P. 227-228.

²⁶⁶ KASTER, A. **Emotion, Restraint and Community in Ancient Rome**. 2005.

²⁶⁷ *καὶ Ἀλλοῦς πολλὰ σοὶ ἀπειλεῖ, ἐπεὶ γὰρ πολλάκις γράψας καὶ πάντας ἀσπασάμενος αὐτὴν μόνην οὐκ ἡσπάσθαι*

ameaças demonstra como estes cumprimentos finais eram apreciados na carta e não tinham apenas caráter formulaico – significavam algo para quem era lembrado. Além disso, podemos salientar a questão do ressentimento como recurso retórico, visto que as ameaças funcionam para demonstrar um descontentamento e, em alguma medida, uma falha na comunicação.

A separação, novamente, parece ser um catalisador importante na maneira como as emoções são representadas: a ameaça de uma filha pequena e o reforço na cumprimento de várias pessoas, elementos comuns nas duas últimas fichas, reforçam que o distanciamento faz com que os remetentes procurem construir uma linguagem que reforce o laço emocional. As viagens durante o período romano no Egito poderiam ocorrer por vários motivos – questões de trabalho, familiares, políticas, doenças, distribuição de bens, turismo. Ausentar-se da casa por um vasto período de tempo, ainda que fosse considerado algo comum, em especial para os homens, trazia um envolvimento emocional de quem permanecia em casa – e também de quem fazia a viagem, caso da ficha 10.

Viajar era algo necessário em um Império tão vasto – as viagens ocorriam dentro das regiões das províncias, mas também para lugares mais afastados. Na maioria das cartas aqui analisadas não temos informações sobre os locais de remetentes e destinatários, o que dificulta a compreensão dos motivos para cada viagem. Entretanto, nossa análise aponta para uma utilização de termos emocionais quando a distância entre as partes é mais sentida, visto que a viagem poderia suscitar vários tipos de preocupações em quem ficava. Restrições físicas, como as cheias do Nilo e bloqueio das estradas, são os problemas comumente encontrados nas empreitadas. Tais fatores ambientais poderiam gerar perigos consideráveis sendo catalisadores de ansiedades.²⁶⁸ O banditismo nas estradas e nos barcos também era uma preocupação – uma das cartas analisadas no próximo capítulo faz recomendações sobre como se portar no barco para não atrair a atenção dos ladrões. Apesar de todos os problemas, viajar era preciso.

²⁶⁸ ADAM, Colin. *Op. Cit.* p. 155.

5.1.4 Saúde

Esta seção discute documentos que tratam de questões de saúde, tema que gerava diferentes níveis de angústia entre as pessoas envolvidas. A ficha 16 é datada do século III da era comum e enviada para Hegelochos por parte de sua mãe, que não é nominada. Apesar do uso da fórmula de saudação, não há menção dos desejos de saúde, talvez como indicativo de sua preocupação e da urgência em sua escrita. Ela discorre sobre a conversa com um veterano e como este informou sobre o estado de saúde de Hegelochos, que havia se ferido com um espinho e gerou preocupação em sua mãe (“que seu pé está machucado por causa de um espinho, e fiquei preocupada que você estivesse excessivamente lento”).²⁶⁹ Ainda assim, mais ao fim da carta, ela insiste em saber sobre a saúde do filho, salientando que viajaria com quem fosse para estar junto dele, e pedindo para que ele escreva (“escreva-me, e descerei, viajarei com quem encontrar. Não seja negligente, criança, escreva-me sobre sua saúde, sabendo do medo por uma criança”).²⁷⁰

Aqui temos várias questões relevantes: a preocupação da mãe com o filho já adulto e seu medo (*φόβον*) pelo problema de saúde dele. Segundo Huebner, a documentação aponta que mãe do Egito Romano eram próximas de seus filhos, o que ocorria pela permanência destes por mais tempo na casa de origem. Ainda que homens e mulheres tivessem idade próximas para serem considerados legalmente adultos (12 anos para as mulheres, 14 para os homens), isto não significava que imediatamente saíssem de casa no caso dos homens.²⁷¹ Enquanto meninas durante o Império Romano já atingiam, para os padrões do contexto, sua maturidade sexual aos 12 anos – e já estavam aptas ao casamento –, a discrepância de idade entre homens e mulheres no casamento era de 10 anos, indicando a permanência mais longa junto da mãe. Outra questão relacionada ao casamento é a virilocalidade, como já destacado, um aspecto comum do Egito Romano, a partir do qual homens permanecem em suas casas de origem e as mulheres saem da casa dos pais.²⁷²

²⁶⁹ ὅτι τὸν πόδα πονεῖς ἀπὸ σκολόπος, καὶ ἐθολώθην ὥς σου περισσότερον ἐνωχελευομένου

²⁷⁰ γράψον μοι, καὶ καταβαίνω περιπατῶ μετὰ οὗ ἐὰν εὔρω. μὴ οὖν ἀμελήσης, τέκνον, γράψαι μοι περὶ τῆς σωτηρίας σου, ὡς εἰδῶς φόβον τέκνου

²⁷¹ HUEBNER, Sabine. *Op. Cit.*, p. 69

²⁷² *Idem*, p. 48.

Ainda que este não seja o caso aqui, diante da distância existente entre Hegelochos e sua mãe que motiva a escrita da carta, a preocupação materna pode ser pensada a partir deste contato mais próximo do filho. Além disso, em nenhum momento é citada outra mulher que poderia agir como esposa, ainda que crianças sejam citadas. Desta forma, podemos inferir, tal qual fazem Bagnall e Cribiore, que Hegelochos era viúvo ou divorciado, e isto reforça a preocupação de sua mãe – talvez por estar sozinho tenha mais problemas ao ficar doente. Compreendemos, partindo destas questões, que a preocupação expressa na linguagem da mãe que escreve a carta resulta da doença de seu filho, que não é nomeada, mas indica sofrimento físico e uma impossibilidade de movimento. A enfermidade seria o elemento catalisador do medo evidenciado pela mãe de Hegelochos em sua carta. Os dados censitários analisados por Bagnall e Frier, ainda que fragmentados em virtude da natureza da documentação, demonstram uma expectativa de vida, para os homens, de aproximadamente 25 anos – próxima da média total da população (cerca de 23 anos), mas baixa a partir da expectativa contemporânea.²⁷³ A baixa expectativa de vida do período histórico é, possivelmente, um dos elementos que suscitam a linguagem afetiva – mulheres e crianças, em especial, sofrem mortes prematuras, pela gravidez ou pela precariedade do cuidado nos primeiros anos de vida.

A urgência que esta mãe expressa em se reunir com o filho diante da situação é atestada pela ideia de negligência e pelo medo que ela sente – talvez ecoando o que ele, sendo pai, sentiria por seus próprios filhos, que estão com a remetente. Nesse sentido, a autora coloca-se em uma posição de mãe preocupada com seu filho, ainda que este seja adulto, e reforça seu cuidado diante de uma situação extrema, em que Hegelochos poderia estar com algum tipo de infecção. Observamos uma reafirmação da posição materna de cuidado, em especial se levamos em consideração que Hegelochos é viúvo e vive junto de sua mãe – talvez ele estivesse distante em virtude do trabalho, visto que ela é avisada por um veterano.

A ficha 17 segue esta mesma ideia de comoção diante da distância e da doença, mas funciona de maneira distinta: aqui, é a mãe quem reclama da negligência e da falta de contato por parte de seu filho. Kophäena afirma que seu filho Theodoulos foi informado de que ela estava doente há treze meses, e mesmo assim ele não

²⁷³ BAGNALL, Roger; FRIER, Bruce W. **The Demography of Roman Egypt**. Cambridge University Press: Cambridge, 1994. P. 99-110.

escreveu uma carta, nem mesmo enviou qualquer tipo de suprimento.²⁷⁴ Nos cumprimentos finais, após pedir vários tipos de provisão para o filho, Kophäena cita várias pessoas, indicando que não estava sozinha e desamparada – se ela estava doente por todo este tempo (uma doença crônica), estava junto de familiares que cuidavam dela. Além disso, Kophäena afirma que tratou Theodoulos melhor²⁷⁵ do que seus outros filhos, construindo, a partir da narrativa epistolar, uma ideia de preferência que deveria ser recompensada com o devido cuidado, contato e bens materiais.

As duas cartas, ainda que de perspectivas distintas, tratam da relação entre a maternidade e o cuidado diante da doença. Se na ficha 16 temos o caso de uma mãe que preocupa-se com o filho, na ficha 17 há uma ideia de negligência por parte do filho que gera comoção. Isto ocorre pelo uso do diálogo coloquial e a afirmação de certa preferência por Theodoulos diante de outros filhos. A construção desta narrativa, no caso de Kophäena, tenta culpabilizar seu filho, constituindo a si mesma como uma parte da família que necessita de cuidados materiais e emocionais. Para Huebner, a manutenção do cuidado físico, mesmo para pais e mães que tivessem condições materiais e físicas, era algo socialmente esperado na época, inclusive com petições sendo feitas contra filhos que não cumpriam este tipo de obrigação.²⁷⁶ Assim, a utilização da doença é um instrumento retórico para que exista compaixão do destinatário – para que uma reação seja evocada, a narrativa é constituída desta determinada maneira.

Outro ponto de interesse nas duas cartas é o contexto social que infere o medo da doença pela questão cultural – uma doença pouco tratada, ou de difícil tratamento, levaria à morte. Scheidel aponta que doenças como febres, disenterias, dores de cabeças e hemorragias são conhecidas do período, atestadas tanto nos tratados médicos como nos papiros gregos mágicos. O autor aponta para a predominância da morte por infecções, fenômeno comum no mundo pré-moderno.²⁷⁷ Ainda que documentos cotidianos que atestem de maneira específica as doenças sejam escassos – com exceção, talvez, das receitas farmacológicas –, a própria experiência vivida dos sujeitos, em um contexto de alta mortalidade, pode ser um dos

²⁷⁴ εἶπέν σοι ὁ πραγματευτής ὅτι ἡ μήτηρ σου Κοφαῖνα ἀσθενεῖ, ἰδοῦ, δέκα τρεῖς μῆνες καὶ ἂν ἐπιστολὴν οὐκ ἐτόρμηκας ἐμοὶ γράψεν ὅτι οἶδας

²⁷⁵ Inserimos a indicação da edição de Bagnall e Cribiore – melhor que meus outros filhos.

²⁷⁶ HUEBNER, Sabine. *Op. Cit.*, p. 84-85.

²⁷⁷ SCHEIDEL, Walter. Age and Health. In: RIGGS, Christina. **The Oxford Handbook of Roman Egypt**. Oxford: Oxford University Press, 2012. P. 434-435.

motivos pelo uso da linguagem carregada para que determinada reação seja evocada. No caso da mãe de Hegelochos, ela define sua posição enquanto uma mãe que cuida de seu filho, mas solicita que ele a informe sobre sua doença, para que, se for preciso, algo seja feito a respeito. No caso de Kophäena, entretanto, isto não aparece ser suficiente, já que há mais de um ano ela estava doente sem receber qualquer contato por parte do filho.

A ficha 18 é uma carta bastante fragmentada, a partir da qual há um pedido por parte de Serapias para que Herminios – chamado aqui de seu filho, mas provavelmente seu genro – traga sua filha para dar à luz (“faça o favor de trazer minha filha para que ela dê à luz, para que eu seja grata a você”).²⁷⁸ Apesar de seu estado fragmentado, a carta demonstra um pedido com certeza urgência – por isso a dispensa de desejos por saúde – para proteger o estado de saúde da filha. A gravidez, até recentemente a partir dos avanços da medicina, era considerada um período extremamente delicado na vida de uma mulher, seja pela real possibilidade de óbito no parto (tanto do bebê como da mãe), seja pelo cuidado necessário nos primeiros meses.

A gestação era um momento complexo em termos médicos para as mulheres do Egito Romano – havia a possibilidade real da mortalidade. A ficha 19 atesta exatamente isso: a carta enviada a Theodora por seu filho Zoilos trata de questões econômicas diversas, e nosso principal interesse aqui é a menção à irmã de Zoilos. Ele cita o fato da irmã estar muito doente e que ela possivelmente daria à luz a um bebê de sete meses (“Mas minha irmã Techosous está bastante doente, e acredito que ela irá dar à luz a um bebê de sete meses”).²⁷⁹ Consideramos esta carta para nossa seleção porque demonstra uma faceta da vida cotidiana específica das mulheres. O estado precário da saúde de Techosous, a irmã, é salientado diante da saúde geral de todos. Perante os problemas envolvidos com a gestação e os perigos de morte materna, a informação sobre o estado de uma mulher grávida é algo relevante e deve ser compartilhado – Zoilos escreve esta carta no mesmo dia de sua chegada na cidade de Thailou e pede para que o pai da criança a envie (“Inaroous, o pai da criança, quem te leva esta carta”).²⁸⁰ A urgência na escrita e no envio da carta

²⁷⁸ ἵνα ἐνεγκῆς τὴν θυγατέρα μου ὡστεκεῖ, ἵνα εὐχαριστήσω σοι

²⁷⁹ Τεχωσοῦς δὲ ἡ ἀδελφὴ δεινῶς ἀσθενεῖ καὶ ἐλπίζω ὅτι τέξεται σήμερον ἑπταμηνιαῖον

²⁸⁰ Ἰναρῳοῦς ὁ πατὴρ τῆς μικρᾶς ὁ ἀναδιδοῦς σοι τὸ ἐπιστόλιον

por parte de Thailou é indicativo de uma ansiedade gerada pelo estado de saúde da irmã – ele não faz a saudação no início. Apesar desta urgência, Thailou não pede para que a mãe venha de encontro a eles, mas avisa que irá informá-la se a irmã sobreviver. Podemos inferir, em alguma medida, que o reforço da ansiedade e urgência na escrita são indicativos de uma preocupação familiar pelo bem-estar físico de uma irmã, ainda que isto não se sobreponha às questões econômicas citadas ao longo da carta e nem demande a presença da mãe.²⁸¹

Ao corpo feminino foram criadas regras e nomenclaturas, indicando tipos de comportamentos sociais e ações coletivas sobre as funções biológicas, em especial a puberdade, a menarca e o puerpério. Neste fenômeno eram incorporadas diversos tipos de intervenções externas, situando o corpo feminino em determinado espaço de ação e essencializando sua posição biológica – no caso das mulheres, a função seria a maternidade.²⁸² A realização do parto, à época, era um momento de várias práticas ligadas ao sagrado e pedindo proteção – para o período greco-romano, Nifosi argumenta que a presença de parteiras, reconhecidas como portadoras de um conhecimento médico, era algo comum. Ainda segundo a autora, as cartas sugerem que os partos eram realizados normalmente em casa, com ajuda de membros da família ou médicos/parteiras, o que podemos inferir a partir da ficha 18 aqui analisada.²⁸³

Apesar da presença médica, a maternidade continuava sendo extremamente perigosa para o corpo físico: existem lápides ao longo do Império Romano que rememorar a jovens esposas, possivelmente em virtude da morte durante o parto.²⁸⁴ Há certa recomendação, durante o período do principado, de espera para a primeira gravidez – como o casamento ocorria a partir dos 12 anos, seria prudente esperar para o desenvolvimento físico da menina.²⁸⁵ Esta recomendação, apesar de certamente diminuir as taxas de mortalidade, não limitava estas ao período da

²⁸¹ Talvez porque a mãe é necessária para a resolução das questões descritas ao longo da carta, ou porque seria algo extenuante para uma mulher mais velha. Sem a resposta, não temos completa noção do significado, já que isto se contrapõe à ideia comum – inclusive explicitada na carta anterior – da presença de mãe/parentes do sexo feminino junto da grávida no momento do parto.

²⁸² NIFOSI, Ada. Introduction. In: _____. **Becoming a Woman and a Mother in Greco-Roman Egypt**. London: Routledge, 2019. Sem paginação.

²⁸³ *Idem*, chapter 2, sem paginação.

²⁸⁴ LÖVEN, Lena L. Roman Motherhood. In: BUDIN, Stephanye L.; TURFA, Jean M. **Women in Antiquity: Real women across the Ancient World**. New York: Routledge, 2016. P. 886-887.

²⁸⁵ CALDWELL, Lauren. **Roman Girlhood and the Fashioning of Femininity**. Cambridge: Cambridge University Press, 2015. P. 117-121.

adolescência. A morte pela gravidez e pelo parto, ainda que fato comum do mundo antigo, geravam certa comoção e, ao menos a partir das cartas aqui elencadas, eram objeto de preocupação.

As ideias sobre a saúde e o medo da morte, como vemos, não estavam apenas ligadas às mulheres – os homens também são influenciados por esta percepção social, seja da doença ou da gravidez, como algo fisicamente perigoso. A questão da saúde, por isso, é considerada um catalisador para a expressão de algumas emoções. Analisando a partir de uma outra perspectiva, o bem-estar da família configura-se como um elemento importante de investimento emocional e afetivo, levando em consideração o bem-estar físico dos destinatários como informação relevante e cara aos remetentes.

6 ESTUDO DE CASO: O ARQUIVO DE PLOUTOGENIA E PANISKOS

Para a análise neste capítulo, selecionamos documentos pertencentes a um dossiê intitulado Arquivo de Ploutogenia e Paniskos. Este arquivo é composto por nove cartas, todas endereçadas entre a família de Paniskos e Ploutogenia. Das nove peças publicadas, sete fazem parte da série *P. Mich. III*. As outras duas foram adicionadas posteriormente visto que, de início, não eram consideradas como pertencentes aos familiares de Paniskos e Ploutogenia.²⁸⁶ Iniciamos, então, discutindo de maneira mais pormenorizada sobre a própria coleção de papiros, sua constituição enquanto arquivo e como foi estudada até o momento.

A coleção da Universidade de Michigan é, atualmente, uma das maiores do mundo, com mais de doze mil exemplares de papiros e centenas de *ostrakon*.²⁸⁷ Assim como outras coleções, esta foi iniciada com a compra de material diretamente de território egípcio e as cartas aqui analisadas foram encontradas onde atualmente se localiza Gerzah - Philadelphia no mundo antigo - em 1923, e vendidas pelo mercador de antiguidades Maurice Nahman para a Universidade de Michigan.²⁸⁸ Institucionalmente, a universidade aponta o protagonismo do professor Francis Willey Kelsey na compra de artefatos a partir de viagens e expedições, salientando as relações interpessoais estabelecidas com membros da *Egypt Exploration Society* como Grenfell e Hunt, figuras proeminentes na descoberta papirológica, já discutidos no capítulo três.²⁸⁹

A coleção existente na Universidade de Michigan segue um padrão comum nos estudos sobre papirologia, visto que a maioria dos arquivos está em instituições do Norte Global. A existência e permanência destas coleções em território europeu e estadunidense é algo que vem ganhando espaço nas discussões sobre o tema – a questão foi levantada pela *American Society of Papyrologists* em 2007, quando foi emitido um posicionamento oficial da instituição referente a aquisição de itens não catalogados ou considerados parte de um mercado paralelo de antiguidades. Em tom

²⁸⁶ WINTER, John G. The Family Letters of Paniskos. *The Journal of Egyptian Archaeology*, vol. 13, no. 1/2, 1927, p. 59–74.

²⁸⁷ Informação retirada da página do programa de Filosofia Antiga da Universidade de Michigan. Disponível em: <https://ancphil.lsa.umich.edu/papyri/papyrus-collection/>. Acesso em: 10. Ago. 2022.

²⁸⁸ WINTER, *op. Cit.*, p. 59.

²⁸⁹ Informação retirada da página da coleção de papiros, baseada no artigo de Boak (1959) Disponível em: <https://www.lib.umich.edu/collections/collecting-areas/special-collections-and-archives/papyrology-collection>. Acesso em: 10. Ago. 2022.

oficial, a *ASP* reforçou seu compromisso na compreensão dos papiros enquanto artefatos de natureza material, que perdem parte de seu contexto de explicação quando retirados de seu local de origem. Além disso, pontua que os membros não devem engajar em qualquer tipo de compra de artefatos adquiridos pós-1972 (ano da convenção da Unesco sobre distribuição ilegal de patrimônio), nem em qualquer espécie de autenticação de artefatos que não estejam dentro da legalidade.²⁹⁰

Como discutimos no terceiro capítulo, questões sobre a proveniência dos papiros e seu contexto de descoberta – incluindo, aqui, a dominação colonial imposta ao Egito – são relevantes porque constituem a própria História da papirologia, além de problematizar a materialidade dos documentos. Estas questões permeiam a disciplina – e, podemos salientar, o próprio discurso da *ASP* confirma que a aquisição de itens do mercado paralelo é algo preocupante dentro da organização –, e cada vez mais há reconhecimento do caráter problemático de determinadas aquisições, sejam estas do período colonial ou pós-1972. Esforços tem sido empreendidos por parte dos estudiosos em dois campos: o primeiro procura inserir o debate colonial dentro da análise dos papiros, reforçando o funcionamento dos fluxos de aquisições e a composição das coleções; o segundo busca construir diferentes reflexões sobre o papel destas cartas em seu contexto de produção, inclusive com novas traduções e edições dos papiros originais.²⁹¹

Roberta Mazza salienta que muitas das coleções foram iniciadas a partir da contribuição particular de determinados estudiosos ou, ainda, de contribuições institucionais realizadas por universidades, incluindo aqui as estadunidenses, às escavações da *Egypt Exploration Society*, perspectiva reiterada por William Johnson.²⁹² No caso específico da Universidade de Michigan, a coleção foi estabelecida durante a década de 1920 e reforçada com as escavações de Karanis, realizadas entre 1924 e 1935.²⁹³ Os documentos analisados neste capítulo, então, fazem parte de um fluxo de aquisições da década de 1920, indicando a consolidação

²⁹⁰ ASP Resolution Concerning the Illicit Trade in Papyri. **The Bulletin of the American Society of Papyrologists**, vol. 44, 2007, p. 289-290.

²⁹¹ BAGNALL, Roger S.; CRIBIORE, Rafaela. *Op. Cit.*

²⁹² MAZZA, Roberta. Papyri, Ethics, and Economics: A Biography of P. Oxy. 15.1780 (P 39). **The Bulletin of the American Society of Papyrologists**, vol. 52, 2015, p. 116-118; JOHNSON, William A. The Oxyrhynchus Distributions in America: Papyri and Ethics. **The Bulletin of the American Society of Papyrologists**, vol. 49, 2012, p. 209-211.

²⁹³ HAUG, Brendan. Politics, Partage, and Papyri: Excavated Texts Between Cairo and Ann Arbor (1924–1953). **American Journal of Archaeology**, vol. 125:1, 2021, p. 144-145.

do campo de estudos da papirologia em centros de estudos do Norte Global, ainda que discussões recentes apontem para o passado colonial da disciplina e reforcem a necessidade não apenas de um controle maior na aquisição dos itens, mas também da crítica aos processos de constituição dos arquivos e sua predominância em determinados espaços.

Por se tratar de um grupo de cartas trocadas entre a mesma família, o Arquivo de Ploutogenia e Paniskos foi estudado em diferentes momentos. Indicamos aqui os estudos mais completos sobre o conjunto, nos quais inclui-se sempre uma proposta distinta de tradução. Winter publica a primeira versão do que viria a ser reconhecido como o arquivo em 1927, e republica em 1936, sendo esta última considerada a versão definitiva da edição.²⁹⁴ Duas análises destes papiros são produzidas em 1968: Schwartz analisa a temporalidade das cartas dentro da revolta de Domicio Domiciano, enquanto Naldini insere o arquivo dentro de uma coleção de missivas cristãs.²⁹⁵ A análise pormenorizada destes documentos é de Rowlandson, que problematiza as cartas a partir da perspectiva de gênero.²⁹⁶ Podemos perceber, então, que o interesse por este conjunto específico existe desde suas primeiras publicações e decorre dos variados temas que podem ser relacionados a elas – questões religiosas, de gênero e de família. Ainda que nossa análise também trabalhe com o espaço da família, a ênfase nas afetividades que propomos elucida sobre um aspecto até então pouco explorado.

No que diz respeito à seleção das cartas que serão analisadas neste capítulo, apesar de serem advindas do mesmo vendedor de Antiguidades, apenas posteriormente uma peça é efetivamente incorporada ao arquivo – caso de *SB XVI 12326*. Este tipo de ocorrência, ainda que não possa ser completamente quantificada, aparenta ser comum – muitos dos papiros pertencentes a extensas coleções ainda não foram publicados em virtude da falta de pessoal e de condições específicas de trabalho.²⁹⁷

²⁹⁴WINTER, John G. *Op. Cit.*; WINTER, John G. **Michigan Papyri: vol. III: Papyri in the University of Michigan Collection**. Ann Arbor: University of Michigan Press, 1936.

²⁹⁵SCHWARTZ, J. Autour Du Dossier de Paniskos (P. Mich. 214-221). **Aegyptus**, vol. 48, no. 1/4, 1968, pp. 110–15; NALDINI, Mario. **Il Cristianesimo in Egitto: lettere private nei papiri dei secoli II-IV**. Firenze: Le Monnier, 1968, p. 110-123.

²⁹⁶ROWLANDSON, Jane. *Op. Cit.* P. 147-151.

²⁹⁷Não existem dados quantitativos que contraponham papiros editados, papiros publicados e traduzidos e papiros apenas catalogados, sem edição, publicação ou tradução. No caso específico do arquivo aqui analisado, a plataforma *trismegistos.org* indica que um dos fragmentos ainda não foi

Das nove cartas deste dossiê, selecionamos em nossa pesquisa aquelas que compreendem o recorte temático, ou seja, as que são endereçadas ou escritas por mulheres e demonstram uma linguagem emocional mais evidente. A seleção dos documentos do arquivo compreende seis cartas: quatro de Paniskos para sua esposa Ploutogenia (214, 216, 217, 218)²⁹⁸, uma de Ploutogenia para sua mãe Heliodora (221) e uma de Heliodora para sua mãe Isidora (*SB XVI 12326*). Consideramos que analisar um número de documentos da mesma família auxilia na percepção dos modos de utilização da linguagem afetiva, suas variações ao longo do tempo e em determinadas circunstâncias, e como ela pode nos auxiliar a perceber nuances mais plurais da organização familiar no Egito Romano.

Todos os documentos são datados entre 297 e 298 da era comum, coincidindo com a revolta de Domício Domiciano contra Diocleciano. As cartas, ainda que sem a totalidade da data como meses e dias, foram datadas por Schwartz²⁹⁹ e reiteradas por Heilporn da seguinte maneira: a primeira é 218, na qual Paniskos informa Ploutogenia sobre o contato estabelecido anteriormente com Aion³⁰⁰. Posteriormente, temos 214, 216 e 217, cartas em que Paniskos não recebe resposta de Ploutogenia e, a partir da linguagem utilizada, fica cada vez mais frustrado com o silêncio da esposa. Por fim, temos 221 e *SB XVI 12326*, que são do mesmo período (fim do século III), mas a partir de seu conteúdo não é possível identificar se foram escritas antes ou depois das cartas de Paniskos.

6.1 PANISKOS E PLOUTOGENIA

A primeira carta enviada por Paniskos (218) é amistosa e, no geral, de bom tom em relação a Ploutogenia e a filha do casal, Heliodora.³⁰¹ Paniskos informa à esposa que, se ela tiver necessidade de algo, pode recorrer a Aion, e envia junto da

publicado – ou seja, não foi editado. Pontuamos que esta questão ocorre em virtude do número de documentos e da falta de pessoal – são vários fragmentos e um número relativamente pequeno de pessoas que fazem o trabalho de edição e publicação. Há, também, certa dificuldade no acesso, apesar dos esforços empreendidos na digitalização dos papiros.

²⁹⁸Para evitar repetições utilizamos aqui apenas os números para designar a série *P. Mich. III*. Outras séries além de *P. Mich. III* sempre serão identificadas.

²⁹⁹SCHWARTZ, J. *Op. Cit.*; HEILPORN, Paul. Des Nouvelles de Paniskos. **The Bulletin of the American Society of Papyrologists**, vol. 49, 2012, pp. 119–38.

³⁰⁰Aion é irmão de Paniskos ou de Ploutogenia, a carta em questão é *P. Mich. III 215*.

³⁰¹Como veremos adiante, Heliodora é o nome tanto da mãe de Ploutogenia – a quem ela endereça uma carta – como de sua filha, citada em diferentes momentos por Paniskos.

carta alguns provimentos. A parte que mais nos interessa no início desta mensagem é a menção de Heliadora, logo no início, e a noção de proximidade exaltada por Paniskos mais ao fim. Após a fórmula de saudação inicial (“muitas saudações”)³⁰², Paniskos também cumprimenta a filha Heliadora pelo seu próprio nome, algo relativamente comum, mas que merece um olhar mais atento (“Eu saúdo minha filha Heliadora muitas vezes”).³⁰³ A presença de Heliadora é recorrente em outras cartas de Paniskos, como aquela enviada para Aion, em que reforça a necessidade de que este sempre tome conta de Heliadora, mesmo quando ela o contradiz em determinados momentos. Ainda que não possamos ter certeza da idade de Heliadora, a terminologia usada e o cuidado do pai indicam não mais que uma pré-adolescente, demonstrando assim uma faceta de cuidado e afetividade – a saudação nominal e o pedido de atenção com Heliadora, que discutiremos posteriormente, nos levam a analisar a carta enquanto uma forma de demonstração de cuidado por parte de Paniskos para com sua filha.

Partindo desta percepção do cuidado de Paniskos com Heliadora, salientamos dois pontos. Por um lado, compreendemos que a ideia de um pai que tem direito de vida e morte sobre seus próprios filhos, ainda que pautado nas fontes da cultura imperial romana, não necessariamente implica em uma prática cotidiana. Segundo Grubbs, poucas são as evidências de casos do *ius vitae necisque*, e a prática passa a ser entendida muito mais enquanto recurso retórico.³⁰⁴ Nesta mesma lógica, Saller aponta que o discurso sobre o direito de vida e morte era algo pautado no passado mítico romano, com evidências esparsas que indicam uma visão negativa da prática.³⁰⁵ Ainda segundo o mesmo autor, este tipo de concepção advém da importância da cultura romana na própria constituição do direito ocidental, além de ser utilizada como argumento sobre as crises da família enquanto instituição.³⁰⁶

Por outro lado, nem todas as relações familiares são tão positivas. O papiro *P. Oxy. IV 744* é uma carta do século I em que o marido discute sobre a gravidez da mulher. Apesar dos termos afetuosos direcionados à esposa, o marido deixa claro

³⁰² πολλὰ χαίρειν

³⁰³ ἀσπάζομαι Ἡλιοδώραν τὴν θυγατέρα μου πολλά

³⁰⁴ GRUBBS, Judith E. *op cit.*, p. 20.

³⁰⁵ SALLER, Richard P. **Patriarchy, property and death in the Roman Family**. Cambridge: Cambridge University Press, 1994. P. 115-117.

³⁰⁶ SALLER, Richard P. Patria potestas and the stereotype of the Roman family. **Continuity and Change**, 1, 1986. P. 7-22

que, se o bebê for uma menina, deverá ser deixado de lado. Não é possível quantificar se a exposição era algo comum ou moralmente aceito no Egito Romano, mas relatos como estes demonstram a problemática no nascimento de uma criança indesejada – no caso, do sexo feminino. Grubbs salienta que este documento é, na verdade, o único que atesta a diferença de gênero como algo relevante na exposição infantil, e que o próprio ato de abandono de uma criança não significava necessariamente sua morte – havia a possibilidade de que a criança fosse recolhida por alguém e escravizada quando crescesse.³⁰⁷

Apesar de não ser uma prática generificada, o próprio conceito de exposição infantil não era combatido social ou legalmente – apenas no século IV, com a ascensão do cristianismo, a prática é juridicamente proibida. De qualquer maneira, segundo Haentjens, a questão da exposição infantil na Antiguidade não pode ser definida como prática comum – é uma possibilidade, e há discussões de caráter historiográfico sobre os motivos que levavam os antigos a abandonar suas crianças.³⁰⁸ Ainda assim, acreditamos que a carta de Paniskos demonstra, em alguma medida, um contraponto interessante e um cuidado constante com Heliodora, por quem o pai utiliza vários termos afetivos que discutiremos a seguir.³⁰⁹ Se por um lado a exposição é uma atitude possível – independente de ocorrer por questões econômicas ou de caráter social, como aponta Haentjens –, a escolha por manter uma criança do sexo feminino e tratá-la com cuidado pode ser considerado um indicativo de afeto. O que observamos, a partir da carta de Paniskos, é uma perspectiva que reforça o cuidado como função dos progenitores. Este cuidado seria de caráter físico, ou seja, prover com alimentação e abrigo, mas também emocional – guiar moralmente a criança e proteger mentalmente, demonstrando inclusive proximidade a partir de cartas e da celebração de aniversários e conquistas pessoais.³¹⁰

³⁰⁷ GRUBBS, Judith E. The Dynamics of Infant Abandonment: Motives, Attitudes and (Unintended) Consequences. In: MUSTAKALLIO, Katariina; LAES, Christian. **The Dark Side of Childhood in Late Antiquity and the Middle Ages**. Oxbow Books, 2011. P. 21-23.

³⁰⁸ HAENTJENS, Ann M.E. Reflections on Female Infanticide in the Greco-Roman World. **L'Antiquité Classique** 69, 2000. P. 61-64.

³⁰⁹ Naldini ressalta inclusive a consideração de Paniskos pela filha e pela esposa ao traduzir e analisar esta carta. NALDINI, Mario. *Op. Cit.*, P. 115.

³¹⁰ JIMÉNEZ, Lissette M. From birth to rebirth: Perceptions of childhood in Greco-Roman Egypt. In: BEAUMONT, Lesley A. et al. **Children in Antiquity: Perspectives and Experiences of Childhood in the Ancient Mediterranean**. New York: Routledge, 2021. p. 131.

Outro motivo diz respeito à terminologia usado por Paniskos, urgindo a Ploutogenia que esteja atenta à Heliodora (“e você: cuide dela”).³¹¹ A reafirmação, por parte de Paniskos, da necessidade do cuidado para com Heliodora pode ser entendida enquanto algo necessário para a harmonia familiar, assim como uma forma de cuidado intergeracional. Podemos entender que, além da função formal citada no parágrafo anterior, a família também precisa das crianças para uma manutenção econômica – a ideia de filhos cuidando dos pais era considerada como algo de bom tom. Seguindo esta perspectiva, a noção de *paterfamilias* no Egito Romano era entendida muito mais como uma ideia de guarda legal – lembrando a função do *kyrios* – do que necessariamente uma posição rígida e violenta. Huebner analisa diferentes instâncias nos papiros em que a autoridade paterna tem um caráter menos formal, e os jogos de poder dentro da família são recortados por afetividades. Entretanto, os exemplos que a autora elenca são todos de homens e filhos tratando entre si sobre os mais diversos assuntos e, em alguns casos, há a presença de mães e irmãs como intercessoras para algum dos lados.³¹² A lembrança de Heliodora e o pedido de cuidado constante com ela por parte de Paniskos demonstram que, ao menos em alguns casos, a relação familiar harmoniosa não estava baseada em uma predileção de gênero.³¹³

Mais ao fim da carta, depois de discorrer sobre alguns suprimentos enviados para Ploutogenia, inclusive as medidas de ouro que deveriam ser transformadas em uma tornazeleira para Heliodora,³¹⁴ Paniskos fala sobre sua própria ida ao encontro da família e instrui que Ploutogenia preste atenção no que for solicitado por Aion e Achaos. A partir disso, Paniskos reforça sua proximidade em relação à Ploutogenia (“saiba que te escrevo como um irmão”)³¹⁵, reafirmando um cuidado com a esposa,

³¹¹ *καὶ πρόσεχε αὐτῇ*. Infelizmente não temos acesso à totalidade do texto em grego da carta enviada a Aion, mas a tradução para o inglês também utiliza o termo “attend to”.

³¹² HUEBNER, Sabine. *Op. Cit.* p. 66-69.

³¹³ Ao menos nos documentos do dossiê, não é identificado qualquer outro filho (ou filha) de Paniskos e Ploutogenia.

³¹⁴ *καὶ τὰ τρία ὀλοκόπτινα ποιήσων αὐτὰ ποδόψελλα τῇ θυγατρὶ μου*.

³¹⁵ *γίνωσκε οὖν ὅτι ὡς ἀδελφός σοι γράφω*. A edição de Winter indica “e não como um estranho”, mas Rowlandson reforça que os traços de tinta do documento não tem correspondência com a palavra estranho. Optamos aqui pela edição de Rowlandson que, apesar de entender a ideia de Winter (inclusive em virtude das palavras utilizadas por Ploutogenia em *P. Mich. III 220*), opta por excluir a palavra estranho, deixando da frase indica apenas “e não como”. ROWLANDSON, Jane. *Op. Cit.*, p. 150.

criando a ideia de um ambiente familiar sem tensões, o que será posto à prova pela própria Ploutogenia em outras ocasiões que analisaremos adiante.

Neste primeiro momento podemos perceber que ao discorrer sobre o cuidado com a filha e sobre a ideia de manter certa irmandade – logo, a noção de uma família relacionada pelo sangue – com a própria esposa, Paniskos constitui sua experiência, a partir da autonarração,³¹⁶ como um sujeito que procura a harmonia do lar. Coloca-se como um marido preocupado e um pai que sempre está atento às necessidades da filha, apesar da distância física. Apesar de não usar de maneira direta os termos que indicam emoções, podemos perceber que o tom geral desta carta é positivo, ou seja, representa certa satisfação sobre a relação familiar. Paniskos também se mostra preocupado com a esposa e com a filha, sem que esta preocupação possa ser considerada, no entanto, negativa. Ao reforçar a questão do cuidado com a filha e a proximidade da esposa, é possível perceber o investimento emocional de Paniskos, entendido aqui como o vínculo afetivo existente entre remetente e destinatário. Nesse sentido, Paniskos reforça, a partir de sua escrita epistolar, uma aproximação fundamentada em uma ideia de harmonia familiar. Indicamos esta ideia em virtude da sequência de cartas escritas por Paniskos, em especial as três que serão analisadas adiante, nas quais o autor, aos poucos, demonstra uma mudança de emoções a partir da escrita – se aqui ele se preocupa com Ploutogenia, nas próximas cartas isso se modifica a ponto dele mostrar-se, a partir de várias estratégias discursivas, irritado e incomodado com as atitudes da esposa.

A segunda carta desta seleção (214), escrita em um momento diferente da anterior, indica este comprometimento com a relação familiar harmoniosa por parte de Paniskos. Ainda em Koptos, Paniskos escreve para Ploutogenia pedindo que a esposa venha ao encontro dele e traga consigo alguns itens – é desta carta, inclusive, que vem a inferência da ocupação de soldado de Paniskos, visto que ele solicita lanças, escudos e um capacete. Após as saudações (“Paniskos para minha esposa Ploutogenia, mãe de minha filha, muitas saudações”)³¹⁷ e os desejos por saúde (“Antes de tudo, rezo por sua saúde diariamente diante dos deuses”), Paniskos procura convencer Ploutogenia a realizar a viagem para Koptos, reforçando a

³¹⁶ Na medida em que isto é possível dentro de um tipo de documento formulaico e narrado para o responsável pela escrita, como já discutido anteriormente.

³¹⁷ Πανίσκος τῇ συμβίῳ μου Πλουτογενίᾳ μητρὶ τῆς θυγατρὸς μου πλεῖστα χαίρειν

presença de outros membros da família – uma irmã (talvez uma cunhada) e as crianças dela. A proximidade da família, neste contexto, significa que Ploutogenia não estaria sozinha e poderia, especialmente, estar próxima de outras mulheres e crianças, ocupando um lugar generificado específico – e em certa medida, esperado – dentro da família.

Em sua tentativa de convencer Ploutogenia, Paniskos pede que esta não se aflija em virtude da viagem para Koptos (“para que você não se aflija em vir para Koptos, pois seus parentes estão aqui”).³¹⁸ Traduzimos o verbo utilizado por Paniskos, *λυπέω/λυπέομαι*, por *afligir*, termo comumente utilizado ao se tratar da falta de comunicação de uma das partes da epístola.³¹⁹ Além do verbo, há uma estrutura de repetição da presença da família, citada como uma maneira de atenuar, em alguma medida, a incômoda da viagem até Koptos, cidade cerca de 600 quilômetros ao sul de Philadelphia, no Fayuum, local em que Ploutogenia e a filha estavam localizadas. Esta questão demanda nossa atenção, visto que a discussão sobre a mobilidade das mulheres durante o período imperial romano foi objeto de debates e preocupações.

Ao analisar a elite romana dos primeiros séculos do Império, Foubert retoma os escritos de Tácito para pensar duas posições consideradas possíveis sobre o assunto: permitir a viagem das mulheres (acompanhadas de seus maridos em campanhas militares ou diplomáticas) e colocá-las dentro da esfera pública, ou mantê-las em casa e reforçar o papel de *matrona*.³²⁰ Segundo a autora, a ideologia imperial romana defendia a permanência feminina dentro da casa, ocupando funções específicas como o cuidado da casa, da família, a costura – a saída para o âmbito público e consequentemente a transgressão desta ideologia seria uma disrupção do estado natural das coisas. Por este motivo, as mulheres eram consideradas incapazes de agir por si mesmas em contextos públicos, já que seria de sua natureza a permanência no lar.³²¹ Entretanto, como podemos articular quando, na verdade, é o próprio marido quem demanda a viagem de sua esposa, como no caso de Paniskos?

³¹⁸ ὅπως μὴ λυπηθῆς ἐρχομένη ἐν τῇ Κόπτῳ

³¹⁹ CLARYSSE, Willy. *Op. Cit.*, p. 65

³²⁰ FOUBERT, Lien. The Lure of an Exotic Destination: The Politics of Women's Travels in the Early Roman Empire. *Hermes* 144, no. 4, 2016. P. 462-463.

³²¹ *Ibidem*, p. 468-470. Foubert também argumenta sobre esta ideia de inferioridade feminina a partir da legislação, em especial da *infirmitas sexus*, que seria reforçada a partir dos próprios relatos das mulheres – o que ocorre em petições do Egito Romano. Discordamos desta posição, visto que entendemos a utilização da legislação, em alguns casos, como argumentação retórica para angariar um resultado positivo nos tribunais. Cf. FRANDJI, Ingrid C. K. *Op. Cit.*

Podemos responder a esta pergunta a partir da lógica sobre a ideologia familiar durante o período imperial romano. Era função feminina a permanência próxima da família e de seu marido. Sabemos que Ploutogenia e Paniskos estão em locais diferentes, e é possível que tenham propriedades nos dois lugares – em Koptos e em Alexandria. Outra possibilidade é que Ploutogenia esteja, na verdade, na casa de sua mãe, o que complicaria a noção de manutenção da função feminina dentro da família – Ploutogenia não estaria junto da família de seu marido, mas sim de sua família de origem, o que pode ser considerado um problema, fator que discutiremos adiante. Além disso, esta mesma lógica sobre o funcionamento familiar operava de modo a transformar em função de Ploutogenia a viagem – ainda que Paniskos oriente-a em relação às suas joias e à companhia que ela deve trazer, subentende-se que ela deve realizar a viagem, não apenas por seu caráter prático, mas também para reforçar sua função enquanto esposa.³²²

Por outro lado, Foubert analisa que é possível pensar o uso de certo estímulo emocional para que a empreitada de fato ocorresse, fator que também consideramos na análise deste arquivo.³²³ A reafirmação, por parte de Paniskos, de que a família residente em Koptos deseja cumprimentar Ploutogenia e reza aos deuses para que isto ocorra, o que aconteceria no caminho reverso – Ploutogenia, segundo Paniskos, também gostaria de cumprimentar esta família que vive longe de si, demonstra uma utilização do desejo dos outros integrantes da família pela presença de Ploutogenia, reforçando a ideia da necessidade de um bem-estar comum dentro do agregado familiar.

Algumas determinações feitas por Paniskos para a viagem de Ploutogenia são também importantes aqui: ele afirma que ela deve trazer consigo bons homens e suas joias, mas adverte que não as utilize no barco durante o percurso – possivelmente um alerta em virtude dos ladrões que poderiam roubá-la durante a viagem. Estas duas indicações são recortadas pela questão de gênero, visto que, apesar da circulação de mulheres em espaços públicos no Egito Romano seja algo mais comum do que em outros espaços do Império Romano, ainda assim existiam determinados perigos em

³²² CARUCCI, Margherita. The Impact of Mobility and Migration in the Roman Empire. In: CASCIO, Ellio L.; TACOMA, Laurens; GROEN-VALLINGA, Miriam J. **Proceedings of the Twelfth Workshop of the International Network Impact of Empire (Rome, June 17-19, 2015)** p. 173–190.

³²³ FOUBERT, Lien. Mobile Women in P. Oxy. And the Port Cities of Roman Egypt: Tracing Women's Travel Behaviour in Papyrological Sources. In: LIGT, Luuk de; TACOMA, Laurens E. **Migration and Mobility in the Early Roman Empire**. Leiden: Brill, 2016. P. 302-304.

uma viagem de longa duração. De qualquer maneira, podemos analisar as expressões do final da carta como o modo encontrado por Paniskos para demonstrar cuidado/apreço pela esposa ou, ainda, como instrução para que ela faça sua obrigação e volte para seu devido lugar, próximo dele. Certamente a viagem dela para Koptos tinha uma função prática – levar os instrumentos que ele solicita –, mas isto não deveria ser feito de qualquer maneira ou, ainda, sem que determinadas ações fossem tomadas para minimizar qualquer problema que pudesse ocorrer durante a viagem.³²⁴

A partir destes apontamentos, a carta aqui elencada funciona como um instrumento para a manutenção do que Riehle considera um sentimento amigável, algo comum nas cartas do mundo antigo.³²⁵ Diante da distância, a função da carta é acima de tudo fazer o remetente presente em um espaço distinto e nestas correspondências é possível perceber como esta ideia da proximidade entre a família é elencada por Paniskos, que deseja a ida de Ploutogenia para Koptos. Em um sentido mais amplo, esta carta pode ser compreendida também a partir das relações familiares demonstradas e recortadas pela questão de gênero: há uma reafirmação da proximidade da família – aqui, entendida em seu sentido amplo e não nuclear –, ao mesmo tempo em que reforça uma posição que Ploutogenia deveria ocupar enquanto esposa, acatando as decisões de seu marido e permanecendo próxima. Esta grande família, de que fazem parte não apenas Paniskos e Ploutogenia, mas irmãs, cunhadas e sogras, estaria mais feliz e completa com a presença de Ploutogenia e da mãe desta, e é por este motivo que o remetente evoca o desejo dos demais. Esta harmonia na casa, entretanto, parece ser perturbada, em alguma medida, por Ploutogenia.

Na carta 216, Paniskos salienta que já havia escrito para Ploutogenia duas vezes e não recebeu resposta (“Esta já é a segunda carta que escrevo para que você venha até mim, e ainda assim você não veio”).³²⁶ A falta de contato e de respostas, segundo Clarysse, é uma temática bastante comum nos documentos epistolares do contexto estudado. Na seleção do autor, dentre as 440 cartas datadas entre os séculos III a. e. c. e VII e. c., 30% tratam da questão do contato.³²⁷ Desta forma,

³²⁴ Uma perspectiva distinta aponta que Paniskos é, na verdade, um mercador, e solicita os itens para venda.

³²⁵ RIEHLE, *op. Cit.*, p. 55-56.

³²⁶ ἤδη δευτέραν σοι ἐπιστολὴν γράφω ἵνα ἔλθῃς πρὸς ἐμέ, καὶ οὐκ ἦλθας

³²⁷ CLARYSSE, Willy. Emotions in Greek Private Papyrus Letters. **Ancient Society**, 47, 2007. P. 63-65.

podemos entender que a falta de comunicação a partir da narrativa epistolar evoca, por si só, um uso maior das emoções, visto que a própria partida, que rege a separação, é um momento emocional. Mesmo que não exista um termo de reforço emocional neste trecho em específico, a ênfase por parte do remetente na falta de resposta pode ser entendida como um apelo afetivo pela resposta. Isto fica ainda mais evidenciado se levamos em consideração o conteúdo da carta anterior de Paniskos, em que este enfatiza a necessidade da presença da esposa. Ainda segundo Clarysse, é possível perceber nuances emocionais nas mensagens a partir da negligência demonstrada pelo correspondente, que muitas vezes não envia uma resposta ou, quando envia, o faz de uma maneira considerada insuficiente.³²⁸

A ideia de negligência pode ser compreendida como uma falha na expressão considerada ideal dentro da família. A carta é considerada um elemento de aproximação entre os sujeitos, o que não ocorre quando há silêncio em uma das partes. A linguagem emocional em uma carta, portanto, opera na relação com os códigos sociais de condutas e as normas de determinados espaços, como a família. Para Foxhall, este uso da linguagem funciona como maneira de forçar algum tipo de ação – como analisamos anteriormente, quando Paniskos utiliza-se de repetições sobre o afeto familiar para tentar convencer Ploutogenia de ir até Koptos – ou reação – o investimento emocional em salientar a falta de resposta, justamente para que seja enviada.³²⁹

Este desejo por reação é expressado por Paniskos, quando este afirma que, se Ploutogenia não deseja ir até Koptos, deveria avisá-lo por uma carta (*εἰ οὖν οὐ θέλεις ἐλθεῖν ἀντίγραφόν μοι*[1]). Se uma das partes de uma carta falha na correspondência, então há espaço para o deslocamento destas normas sociais, o que fica evidente neste arquivo. Ploutogenia opera em uma posição, em nossa perspectiva, interessante, já que não responde às mensagens do marido, não se preocupa em expressar qualquer tipo de afeição por ele ou pelos familiares que estão em Koptos, e também não faz a viagem, deixando inclusive de levar os suprimentos solicitados. Podemos observar uma lógica de poder que se confronta com ideais familiares evidenciados por outros documentos. Longe da esfera oficial, as relações

³²⁸ *Idem*, p. 69.

³²⁹ FOXHALL, Lin. In Private: The Individual and the Domestic Community. In: CAIRNS, Douglas (ed.) **A Cultural History of the Emotions in Antiquity**. London: Bloomsbury Academic, 2021. p. 126

familiares parecem sempre permeadas pelo constante jogo, seja na preocupação de Paniskos ou no desprezo evidenciado por Ploutogenia, que sequer responde às cartas. Os embates que observamos nestes documentos demonstram que, mesmo em uma sociedade que coloca as mulheres em posição de submissão, os sujeitos utilizam de diversos meios para se reinventarem dentro do espaço familiar, evidenciando afetividades e confrontos e deslocando um discurso universalizante sobre a família no mundo antigo.

Ainda nesta carta, Paniskos fala sobre o recorte de tecidos, que deveriam ser costurados quando Ploutogenia chegasse em Koptos. A tecelagem é considerada como uma função feminina na Antiguidade Clássica, com referências que remontam ao período da Grécia Arcaica.³³⁰ Além de ser considerada uma função própria das mulheres, era também uma ocupação coletiva, com membros da própria família tecendo em conjunto. Isso fica evidenciado, por exemplo, nos artefatos próprios para a costura transmitidos às gerações posteriores e marcados com nomes femininos.

No período romano, temos exemplos literários sobre a função feminina e privada da costura como característica básica de uma matrona romana: Lucrécia é descrita por Tito Lívio em sua *História de Roma* como uma mulher que, mesmo tarde da noite, continua em seu ofício de costura. Há uma contraposição entre Lucrécia e as mulheres dos outros reis, que desfrutavam languidamente dos banquetes oferecidos, sem se importarem com a função descrita.³³¹ O ideal de matrona romana era também expresso em inscrições funerárias, nas quais fica explícito o cuidado com a casa e o trabalho de costura. Ferramentas de fiação são representadas na arte funerária do período e existem evidências arqueológicas destas mesmas ferramentas encontradas em contexto doméstico.³³²

As reflexões sobre o papel social ocupado pela costura e tecelagem neste cenário podem indicar alguns ideais subjacentes na escrita de Paniskos. Uma esposa dona de sua casa deveria estar próxima de sua família, ocupada com uma tarefa própria de mulheres honradas. Para além da questão prática – a necessidade de nova vestimenta –, o reforço de Paniskos para a questão da costura pode ser entendido,

³³⁰ PAPADOPOULOU-BELMEHDI, Ioanan. Greek Weaving or the Feminine in Antithesis. **Diogenes**, 42(167), 1994, p. 39–56.

³³¹ Tito Lívio, *História de Roma*, livro 1. 57 – 9.

³³² COTTICA, Daniela. Spinning in the Roman World: from Everyday Craft to Metaphor of Destiny. In: GILLIS, Carole; NOSCH, Marie-Louise. **Ancient Textiles: Production, Crafts and Society**. Oxbow Books, 2014.

em nossa perspectiva, como um reforço na posição de esposa considerada correta. Ploutogenia deveria estar próxima de sua família, fazendo o necessário para ser considerada de maneira respeitosa. Sua recusa em agir desta maneira é o que gera o descontentamento expressado por Paniskos, demonstrando a complexidade das relações familiares, o que socialmente era esperado de uma esposa e como Ploutogenia opera dentro deste jogo de expectativas.

Estas relações, intrincadas e, em certa medida, até mesmo conflitantes, ficam ainda mais evidentes na carta 217. Neste documento, Paniskos mais uma vez expressa seu descontentamento com o silêncio de Ploutogenia – há apenas a menção de saudações (*χαίρειν*) e não de muitas saudações, como ocorreu nas cartas anteriores. Além disso, Paniskos não cita a fórmula inicial de desejo de saúde, algo comum na maioria das cartas, inclusive considerado de bom tom no diálogo epistolar. Partindo desta mesma perspectiva, Sarri aponta para a efetividade da relação de amizade dentro do texto, que só pode existir a partir da confirmação do afeto entre as partes. Ainda segundo a autora, uma das maneiras em que estas afetividades são observadas é na tendência, a partir do período imperial, em adicionar saudações mais longas e mais sofisticadas, assim como desejos de saúde para o destinatário e também para outras pessoas da convivência.³³³

A carta de Paniskos, então, demonstra seu descontentamento a partir de sua estrutura e falta de elementos específicos do gênero. Nossa leitura analisa que há certo grau de frustração por sua parte na falta de contato da esposa, evidenciado pela mensagem de conteúdo mais direto. A falta de um elemento principal da narrativa epistolar e seu conteúdo seguinte são, em nossa leitura, exemplos de como ocorre a definição da experiência dentro do discurso. A relação entre Paniskos e Ploutogenia, que fica mais tensa a cada silêncio por parte dela, faz com que Paniskos materialize seu descontentamento enquanto experiência afetiva na falta – no vazio em relação ao que é considerado de bom tom dentro da narrativa epistolar. No que podemos analisar das diferentes posições que Paniskos ocupa na interação com Ploutogenia, ele marca de maneira cada vez mais evidente seu lugar de descontentamento – que pode ser entendido como algo prático, visto que a esposa não leva para Koptos vários itens, mas também por uma posição de falta de harmonia dentro da própria família. Não

³³³ SARRI, Antonia. *Op. Cit.* p. 35-39.

defendemos, com isso, a insatisfação de Paniskos pautada na “desobediência” de Ploutogenia, o que reforçaria uma visão tradicional do funcionamento da família romano-egípcia, com um homem em posição de superioridade exigindo a convivência dos outros membros da família, especialmente das mulheres. Nossa visão aproxima-se mais do deslocamento operado por Ploutogenia sobre os ideais literários reforçados no cotidiano a partir a partir da própria linguagem, instrumento utilizado por Paniskos nas cartas anteriores. É esta visão que Ploutogenia acaba por deslocar com seu silêncio.

Após a saudação inicial, Paniskos acusa Ploutogenia de ir contra uma ordem – ele havia ordenado que ela não voltasse para sua casa, mas mesmo assim ela foi (“Ordenei para você não voltar para sua casa, mas mesmo assim você foi”).³³⁴ A insatisfação de Paniskos fica mais evidente na frase seguinte, em que afirma a falta de consideração da esposa em não levar em conta sua opinião (“Se você quiser fazer algo, faça, sem levar em conta minha opinião”).³³⁵ Uma das atribuições da boa esposa, além da já citada habilidade com a costura, era a obediência ao marido. A literatura imperial ressalta esta característica, que era também reforçada pela posição de subalternidade legal ocupada pelas mulheres dentro do ambiente familiar. Ainda que não use uma linguagem com palavras rudes e violentas, por exemplo, a própria ênfase dada por Paniskos a esta falha na comunicação, tema recorrente nas cartas do Egito Romano e no arquivo aqui analisado, funciona como indicativo de seu dissabor diante da situação.

Outro ponto interessante na narrativa de Paniskos é a frase seguinte, em que afirma saber que a atitude de Ploutogenia é resultado do contato com sua mãe. A expressão utilizada é *ἀλλὰ οἶδα ὅτι ἡ μήτηρ μου ταῦτα ποιεῖ*, “mas sei que minha mãe faz estas coisas”, mas Paniskos muito provavelmente está referindo-se à sogra, que é citada novamente no fim da carta. Nessa perspectiva, Paniskos infere que o mau comportamento de Ploutogenia ocorre em virtude de seu excessivo contato com a própria mãe e à influência negativa desta na esposa. Em outras cartas, que serão analisadas adiante, percebemos uma relação também pouca amistosa entre Ploutogenia e a mãe, Heliodora, o que se repete na carta trocada entre Heliodora e Isidora, sua própria mãe e avó de Ploutogenia.

³³⁴ *παρήγγειλά σοι ἐξερχόμενος ὅτι μὴ ἀπέλθῃς εἰς τὴν οἰκίαν σου καὶ ἀπῆλθες πάντως*

³³⁵ *εἴ τι θέλεις ποιεῖς, λόγον μου μὴ ἔχουσα*

Uma das análises possíveis sobre a falta de compromisso, por parte de Ploutogenia, em realizar a viagem para Koptos reside exatamente nesta relação conflituosa entre a família do marido e sua família de origem. Segundo Huebner, noras ocupavam uma posição complexa dentro da sociedade romano-egípcia: estavam inseridas dentro de um espaço (inclusive físico) que não era seu de origem, e seus direitos estavam contratualmente ligados à sua união marital. A nora deixava sua própria família e passava para a tutela de outrem, algo nem sempre recebido de maneira positiva por aqueles que já habitavam a casa. Além disso, a lealdade dentro da família pautava-se no sangue, logo, a estranha que passa a habitar na casa, ainda que considerada como pertencente ao agregado familiar do marido, não tinha as mesmas prerrogativas da família consanguínea.³³⁶

Partindo desta perspectiva podemos compreender, em partes, a recusa de Ploutogenia em viajar para Koptos. Mesmo que Paniskos afirme a importância da presença da esposa junto da família dele, Ploutogenia talvez não se sinta tão confortável dentro desta configuração familiar. Para Huebner, vários eram os motivos que levavam uma mulher já casada a permanecer com sua família consanguínea e não junto da família do marido: evitar conflitos com os parentes, crises maritais, doenças, gravidez, subsídios materiais insuficientes. Não é possível afirmar por qual motivo Ploutogenia decide não realizar a viagem para Koptos, mas a presença de sua mãe em sua casa (em Alexandria) indica uma pista – talvez ela não estivesse confortável com a família do marido, preferindo a presença da própria mãe ao desgaste da viagem e do convívio com os parentes. Esta é, ao menos em parte, a perspectiva de Paniskos: é sua sogra quem influencia a esposa no comportamento silencioso, reiterado na afirmação de que esta é a terceira carta enviada, sem qualquer resposta.

Outro ponto levantado por Paniskos é a desobrigação de Ploutogenia em viajar, utilizando o verbo *ἀναγκάζω*, traduzido aqui como *forçar*. A raiz da palavra é *ἀνάγκη*, cuja tradução é necessidade/força/violência. Paniskos afirma mais uma vez sua posição de amenidade diante do comportamento de Ploutogenia, ressaltando uma posição menos violenta do que aquela caracterizada pela literatura romana – que coloca os chefes de família em uma posição de poder absoluto diante da vida dos

³³⁶ HUEBNER, Sabine. *Op. Cit.*, p. 141-145.

seus. A partir desta rejeição, que Paniskos procura compreender como sendo algo não natural de sua esposa, ele volta a reforçar os vínculos entre as mulheres e distancia-se do investimento demonstrado anteriormente nas cartas. Para tal, afirma que escreveu apenas porque a irmã/cunhada de Ploutogenia solicita, e não de seu próprio interesse – o que é, no mínimo, curioso, visto que desde a primeira carta Paniskos solicita que Ploutogenia viaje para Koptos e leve consigo alguns itens que ele necessitava.

Apesar da mudança de tom, Paniskos insiste que Ploutogenia escreva, se não for sobre o assunto solicitado, que seja sobre si mesma (“Já que não parece possível para você escrever sobre isto, então escreva sobre si mesma”),³³⁷ evidenciando como a falta de contato era algo compreendido de maneira negativa. De certa maneira vencido, Paniskos não solicita mais que Ploutogenia vá a seu encontro em Koptos, mas pede que envie os itens que lhe são necessários (“Me envie meu capacete e meu escudo e as cinco lanças e meu peitoral e meu cinturão”).³³⁸

A parte final da carta remonta novamente à presença de Heliodora, mãe de Ploutogenia, junto da filha. Paniskos reconta seu encontro com o mensageiro, afirmando que foi solicitado a Ploutogenia e Heliodora uma carta de resposta a Paniskos, mas que as duas não a entregaram. Ainda que não existam termos de investimento emocional específicos neste trecho, o reforço de Paniskos na questão do silêncio de Ploutogenia e da influência de Heliodora nisto demonstram a frustração de toda a situação. Ainda que seja um tema constante, como já apontamos anteriormente, a insistência por parte de Paniskos neste silêncio é indicativo de algo que o incomoda em alguma medida.

A partir destas cartas enviadas de Paniskos para Ploutogenia, podemos perceber as nuances da relação familiar dentro do Egito Romano e como os papéis de gênero são repensados e reinventados. Paniskos ocupa um lugar privilegiado, como marido e chefe da família, procurando manter sua posição de forma não violenta, demonstrando carinho e cuidado com sua filha e mantendo um diálogo direto e aberto com a esposa. Ainda assim, ele pratica sua função, dando ordens à esposa e enviando mantimentos. Ploutogenia, por sua vez, não corresponde às expectativas do marido – aqui, a reflexão vai além da relação familiar e das questões de gênero, e

³³⁷ ἐπεὶ δὲ σοι οὐκ ἔστιν γράψαι περὶ τούτου, ἄλλα γράψον οὖν περὶ σοῦ

³³⁸ πέμψον μοι τὸ κασίδιν μου καὶ τὸ ὀπλάριν καὶ τὰ πέντε λογχία καὶ τὸ λωρίκιν μου καὶ τὸ βάλτιν μου

insere-se na própria lógica do diálogo epistolar que não alcança sua completude em virtude do silêncio por parte de Ploutogenia. Este silêncio impossibilita nossa compreensão total sobre seus motivos em não realizar a viagem para Koptos, mas ela age em não conformidade às regras sociais do contexto – enquanto era de bom tom que uma esposa respeitasse seu marido, respondesse a ele e estivesse próxima da família dele, Ploutogenia faz exatamente o contrário. Este espaço de protagonismo é uma das facetas importantes em nossa pesquisa, visto que entendemos estas pequenas ações cotidianas como disruptivas da norma. A norma, por sua vez, para além das ferramentas de reforço em seu contexto de origem – como a legislação e a produção literária –, foi também reforçada pela historiografia, que tratou as mulheres ora como submissas, ora como devassas. Nossa perspectiva considera que o protagonismo de Ploutogenia demonstra um outro tipo de ação, mais complexa e difícil de ser encaixada em qualquer uma destas categorias, demonstrando a pluralidade de experiências dentro do grupo social das mulheres no contexto romano-egípcio. Isto não significa apontar para uma experiência deslocada dos códigos sociais impostos – Ploutogenia continua sendo uma mulher de seu próprio tempo –, mas expõe outras possibilidades de ação, deslocadas daquelas representadas por parte da historiografia que trata sobre as mulheres no mundo antigo.

6.2 PLOUTOGENIA, HELIODORA E ISIDORA

Esta pluralidade de experiências é mais uma vez apresentada nas duas últimas cartas do arquivo. A primeira é uma carta de Ploutogenia para sua própria mãe Heliodora, que trata sobre a proximidade e o contato entre as duas. Após as fórmulas de saudação e os desejos de saúde,³³⁹ Ploutogenia discorre sobre sua chegada em Alexandria há oito meses, sem receber uma carta por parte da mãe Heliodora (“Já faz 8 meses que eu cheguei em Alexandria e mesmo assim você não me escreveu”).³⁴⁰ Esta temática é recorrente nas cartas da Antiguidade, mas o que nos interessa é a

³³⁹ Há uma discussão entre papirólogos sobre a natureza destas fórmulas de saúde no arquivo de Ploutogenia, visto que ocorrem mudanças ao longo das cartas. Em 214, Paniskos fala em deuses, mas todas as outras cartas referem-se, posteriormente a um único deus, inferindo uma mudança de crença. Esta nova crença é defendida por Naldini (1968), mas aqui adotamos o posicionamento de Rowlandson (1998), que não entende a utilização do termo no singular como atestado de participação na nova crença.

³⁴⁰ ἤδη ὀκτὼ μῆνες ἀφ’ ἧς εἰσῆλθα εἰς Ἀλεξάνδριαν, οὐδὲ μίαν μοι ἐπιστολὴν ἔγραψας

próxima frase, na qual Ploutogenia afirma que, exatamente pelo silêncio de Heliodora, esta a vê não como filha, mas como inimiga (“Novamente você não me trata como sua filha, mas como sua inimiga”).³⁴¹ Esta é uma afirmação grave, já que insere a ideia de alguém odiado por um outro que não o reconhece dentro da família.

A palavra “inimigo” (ἐχθρός) pode ser entendida também como alguém detestável, um tipo de tratamento incomum quando pensamos na ideia da dinâmica familiar harmoniosa, mas enfatizada no documento por Ploutogenia, que entende-se em um viés negativo em relação à própria mãe pela falta de comprometimento desta em manter qualquer tipo de contato. Ao questionar a falta de contato por parte da própria mãe, Ploutogenia utiliza o ressentimento como recurso retórico – a mãe é entendida como inimiga quando age de maneira incompatível com os ideais de bom convívio familiar. Aqui, é necessário analisar tanto a relação entre mãe e filha como a ligação da esposa com sua família de origem.

A família de origem da esposa foi comumente retomada em cartas romano-egípcias como forma de demonstrar que esta não se encontrava sozinha no mundo. Anteriormente, discutimos sobre o papel da esposa dentro da nova configuração familiar resultante do casamento, no qual ela deveria ocupar um novo espaço físico e social, ligando-se a pessoas sem consanguinidade. A família de origem é retomada, dentro desta perspectiva, como uma garantia da esposa, demonstrando que ela tem um outro tipo de espaço social e não depende exclusivamente dos parentes do marido. Mesmo que esta afirmação pareça controversa em virtude da legislação romana, instrumento que legitimava a ideia de submissão total das mulheres e noção de propriedade destas diante do marido, a documentação do período, em especial aquela proveniente do Egito Romano, demonstra um cenário mais amplo. Contratos de casamentos encontrados em papiros colocam direitos e deveres tanto de esposas como de maridos, e muitos destes contratos são retomados quando do divórcio para assegurar financeiramente o direito das mulheres. Mesmo que exista uma ideia de inferioridade feminina, impressa na própria legislação a partir da *infirmitas sexus*, há certo consenso na documentação, ao menos no Egito Romano, sobre a posição das mulheres e seus direitos no casamento. Mesmo quando estes não são respeitados, como no caso das petições e dos contratos de divórcios, o registro escrito demonstra

³⁴¹ πάλι οὐκ ἔχεις με ὡς θυγατέρα σου <ἀλλὰ> ὡς ἐχθράν σου

que as mulheres estavam amparadas em alguma medida, seja pelas esferas legais ou ainda pelo costume comum. A consanguinidade, então, opera uma posição de importância, visto que a esposa recorre a seus parentes como pessoas que em diferentes momentos podem ajudá-la.

A relação entre mãe e filha é um tema complexo e com aprofundamentos limitados. Isto ocorre em virtude, primeiramente, da própria ênfase na relação com os pais e pela *patria potestas* como direito jurídico. As mães, assim, não ocupariam uma posição legal diferenciada, o que configura uma das razões pelas quais pouco foi estudado sobre o tema. Em segundo lugar, ainda que a perspectiva feminista tenha moldado um novo olhar para as mulheres da Antiguidade, especialmente a partir da obra de Pomeroy³⁴², a própria posição ocupada pela maternidade dentro da segunda onda do movimento feminista relegou o fenômeno a um papel secundário e negativo.³⁴³

Esta posição negativa foi combatida por diferentes estudiosas ligadas à psicanálise, como Hélène Cixous, Luce Irigaray e Julia Kristeva, ainda que muitas vezes negassem a posição de feministas.³⁴⁴ Apesar de concepções distintas em determinados aspectos, o ponto de inflexão se dá por repensar a ideia de uma experiência da maternidade em parâmetros não patriarcais, ou seja, além do discurso hegemônico. Keith, McAuley e Sharrock enfatizam que estas posições são necessárias para construir uma análise que vai além – não questiona apenas a importância da maternidade ou da função da mãe dentro das disciplinas, mas propõe-se a discutir uma nova ética sobre a constituição dos sujeitos e como esta impacta e reflete na contemporaneidade.³⁴⁵

Podemos analisar esta posição das mães e a relação com as filhas a partir da documentação literária romana. Mesmo com o recorte a partir do olhar masculino,

³⁴²POMEROY, Sarah. **Goddesses, Whores, Wives and Slaves: Women in Classical Antiquity**. Baltimore: John Hopkins, 1989.

³⁴³Como exemplo, podemos citar a posição de Firestone, em que a autora advoga uma posição radical de violência pautada na diferença sexual e biológica como essencial para outras opressões ligadas à raça e classe. A maternidade opera, nesta perspectiva, como uma das contingências biológicas que restringem as mulheres dentro deste sistema de opressão. Cf. FIRESTONE, Shulamith. **The Dialectic of Sex: The Case for a Feminist Revolution**. New York: Bantam Book, 1970.

³⁴⁴Não é nosso objetivo aqui fazer uma discussão sobre a influência da psicanálise nos questionamentos sobre a ideia da maternidade. Uma boa introdução sobre o tema pode ser encontrada em SHARROCK, Alison; KEITH, Alison. **Maternal Conceptions in Classical Literature and Philosophy**. Toronto: University of Toronto Press, 2020. Sem paginação.

³⁴⁵*Ibidem*

é possível perceber as funções e papéis esperados por mães e filhas dentro especialmente da sociedade romana – e epigráfica que, apesar de formulaica, também pode mostrar alguns reflexos sobre ideais de relacionamentos familiares. Segundo McAuley, a sociedade romana tinha a maternidade como uma de suas instituições basilares: a ideia da *matrona*, como já discutido anteriormente, abarcava características positivas de uma mulher dentro da família e ressaltava a importância da figura materna nos aspectos públicos e privados.³⁴⁶ Estes ideais eram expressos na literatura do período de Augusto, reforçando o posicionamento da mãe e da mulher na família como um ideal de origem social e cultural – a origem comum dos romanos é expressa, nesse sentido, nas figuras maternas mitologizadas de um passado moralizante. O que se opera dentro desta visão é a transformação do processo reprodutivo das mulheres em um objeto da política estatal, convertendo a virtude feminina em uma *virtude da família* e, com isso, modificando a divisão entre as esferas pública e privada.³⁴⁷

Outro elemento em que podemos analisar a presença das mães em relação especificamente às filhas são as *epithalamia*, poemas nupciais dedicados às noivas. Desde seus primeiros exemplos com Catulo, a *epithalamia* configura-se como um tipo de poema que trata da separação entre mãe e filha em virtude do matrimônio, fazendo alusões à violência nupcial não apenas pelo ato sexual, mas também pela separação entre mãe e filha.³⁴⁸

No período tardo-antigo, Harich-Schwarzbauer aponta para uma mudança na perspectiva da separação entre mãe e filha. Analisando o poeta Claudiano, há uma ênfase menor na violência nupcial, ainda que persista a ideia da separação entre mãe e filhas como um momento dramático. Entretanto, a responsabilidade materna é mais evidenciada, evocando a necessidade de cuidado com a filha no caminho do casamento como parte essencial da posição de mãe.³⁴⁹

Esta ideia da separação entre mães e filhas quando do casamento é recorrente e considerada por Kraemer como um dos possíveis motivos na falta de

³⁴⁶McAULEY, Mairéad. Uncanny Mothers in Roman Literature. In: SHARROCK, Alison; KEITH, Alison. **Maternal Conceptions in Classical Literature and Philosophy**. Toronto: University of Toronto Press, 2020. Sem paginação.

³⁴⁷ *Ibidem*

³⁴⁸ HARICH-SCHWARZBAUER, Motherhood in Roman Epithalamia. In: SHARROCK, Alison; KEITH, Alison. **Maternal Conceptions in Classical Literature and Philosophy**. Toronto: University of Toronto Press, 2020. Sem paginação.

³⁴⁹ *Idem*

contato, já que as filhas saíam de casa muito cedo e tornavam-se mulheres adultas dentro da família de seus maridos. Apesar destas considerações, Kraemer aponta que as cartas são documentos relevantes para compreender o contexto familiar, pois a descrição do cotidiano é prova de um interesse mútuo – de quem escreve em compartilhar sobre sua vida e de quem recebe pela simples curiosidade em saber como o outro está, temática comum nas narrativas epistolares.³⁵⁰

Diante destas questões sobre o relacionamento de mães e filhas, podemos pensar o que significa a autonarração de Ploutogenia ao entender a genitora como sua própria inimiga. Diferentemente dos exemplos citados anteriormente, entendemos que Ploutogenia já é uma mulher adulta – ainda que não tenhamos conhecimento sobre sua idade, sabemos que ela tem uma filha criança (Heliodora) e que tem certa autonomia diante de sua própria casa. Nesse sentido, qualquer tipo de ressentimento elencado por Ploutogenia não decorre de ter sido deixada sozinha quando do casamento, mas sim na posição em que se encontra no momento de escrita da carta – sem sua própria família de sangue quando está em Alexandria.

Além disso, entendemos a citação, por parte de Ploutogenia, do casamento da filha de Heliodora (que não é sua irmã, ao que tudo indica), como uma forma de aproximação com a mãe – Ploutogenia quer mostrar que sua família de origem importa, mesmo se na situação em questão a outra filha de Heliodora não seja uma irmã consanguínea.

Outros dois pontos são de nosso interesse nesta carta: o primeiro diz respeito ao protagonismo econômico de Ploutogenia, em especial quando esta cita os vasos que deverão ser entregues a outra pessoa e retomados cheios, possivelmente por sua ordem. Ploutogenia também pede receitas sobre o dinheiro recebido por Heliodora e enfatiza como ela deve portar-se de maneira condizente com sua situação econômica – não deve ser negligente com seu dinheiro, mas também não deve ficar ociosa ou incomodar os outros. Este posicionamento, que ecoa em outros documentos já analisados, demonstra que mulheres do estrato social de Ploutogenia tinham determinado poder de ação econômica e comandavam seus lares, em alguma medida, até mesmo em questões econômicas.

³⁵⁰ KRAEMER, Ross S. Jewish Mothers and Daughters in the Greco-Roman World. In: COHEN, Shayne (ed.). **The Jewish Family in Antiquity**. Atlanta, Georgia: Scholar's Press, 2020. P. 89-112.

A última carta a ser analisada aqui é uma adição tardia ao arquivo, em que Heliodora escreve para sua própria mãe, Isidora. Este documento é único, visto que demograficamente as chances de Ploutogenia, uma mulher adulta, ter sua avó ainda viva são escassas. Por este motivo, ainda que não exista certeza sobre o momento de escrita desta carta – se ela é anterior ou posterior às cartas anteriores do arquivo – consideramos que ela é anterior às enviadas por Ploutogenia, e nos mostra mais uma vez a relação familiar conflituosa entre mãe e filha.

Heliodora já inicia a mensagem, curiosamente, fazendo a mesma acusação que recebe de Ploutogenia: está amargurada com Isidora porque esta não a considera digna o suficiente para enviar uma carta (“Estou muito amargurada com você, porque você não me acha digna de receber uma carta sua com novidades”).³⁵¹ A utilização do termo *πικραίνω* é um forte indicativo do ressentimento por parte de Heliodora e demonstra toda a frustração pela falta de contato, tema que já discutimos anteriormente. A seguir, Heliodora discorre sobre os problemas que sua filha (Ploutogenia) a causou, utilizando uma linguagem fortemente emocional, com termos como *ὀργίσασα* (irritar) e *ἀγανακτέω* (indignar-se) ao descrever as ações da filha. A caracterização de Ploutogenia por Heliodora, nesse sentido, pode ser compreendida como uma forma de solidificar o papel de *outro* da filha, reforçando uma visão negativa desta, que é corroborada tanto pelas atitudes com os outros (no caso, o senhorio e o vizinho), como pela atitude com a própria Heliodora, que acusa a própria filha de tomar suas joias e deixá-la apenas com uma túnica (“Ela me tirou tudo e pegou minhas joias de ouro e meus brincos e me deu uma túnica usada”).³⁵²

Além disso, Heliodora evoca a piedade divina e a presença de um irmão para que estas questões sejam resolvidas. Podemos analisar este conflito intrafamiliar, além de seu forte caráter emotivo, a partir de algumas ideias sobre as obrigações de pais com seus filhos no Egito Romano. A própria legislação romana enfatizava a obrigação dos filhos com seus pais, o que pode ser entendido, para além do respeito, enquanto a manutenção de bens materiais e de uma vida confortável. Segundo Huebner, a documentação papirológica indica um consenso sobre o cuidado com os

³⁵¹ *εὐτόνως πικραίνομαί σοι ὅτι οὐδὲ φάσεις λαβεῖν διὰ γραμμάτων σου*

³⁵² *ἐξέδυσέν με σύμπαν καὶ ἤρκεν μοι τὰ χρυσάφια καὶ τὰ ἐνώτια καὶ ἔδωκέν μοι [.]κον κιθῶνιν ἵνα οὕτως ἐ[.]ια δὲ διῆρα*

país, principalmente quando estes são mais velhos, inferindo que o costume comum no Egito Romano era similar ao existente em outros lugares do Império Romano.³⁵³

A ideia de uma filha que não honra com seus compromissos intergeracionais – ainda que Heliodora possivelmente não seja uma idosa, visto que sua mãe ainda está viva – é indicativo de como operava a formação de um discurso sobre o outro dentro da relação familiar. O ato de autonarração, a partir da escrita de cartas, funciona, como sintetiza McNay, como um meio de construção da própria identidade e de demarcação dos espaços sociais.³⁵⁴ Isto pode significar que as mulheres construíam uma imagem de si mesmas para o outro e, assim, agiam para a manutenção de diversos de seus interesses ou para minar o interesse de outrem.

A partir deste documento, podemos perceber que a querela entre Ploutogenia e Heliodora não era recente – os ressentimentos foram construídos a partir de diversas atitudes, mas também foram reforçados a partir das correspondências. Construíram, apoiadas na linguagem, imagens sobre si mesmas e sobre o outro, reforçadas a partir de um investimento próprio dos termos emocionais.

Quando as remetentes destas salientam que tipo de relação estabelecem com a família – algo mais fraterno, amistoso ou combativo –, demonstram qual papel ocupam na hierarquia familiar e de que maneira compreendem a si mesmas nesse espaço e configuram-se como indivíduos. A partir das cartas é possível observar uma experiência discrepante daquela analisada na documentação jurídica, que infere a completa submissão das mulheres e o reforço constante de uma ideologia imperial sobre a família, questões frequentemente ressaltadas pela historiografia. O espaço particular, longe das determinações legais, apresenta uma multiplicidade de práticas que não são garantidas na legislação mas, ainda assim, existem. Ao reler nas cartas as inquietações, os desejos e os problemas dos antigos, não acreditamos que seja possível observar um espelho da nossa própria realidade, mas sim uma maneira de poder enxergar a importância de determinadas relações sociais, o lugar que elas nos colocam e os deslocamentos que podemos construir a partir disso.

³⁵³ HUEBNER, Sabine. *Op. Cit.*, p. 80.

³⁵⁴ MCNAY, Lois. **Gender and Agency: Reconfiguring the Subject in Feminist and Social Theory.** Cambridge: Polity Press, 2000.

6.3 O SOM DO SILÊNCIO

Em todo este trabalho, uma de nossas premissas foi discutir sobre a participação de mulheres, seja na esfera pública, lidando com questões econômicas, seja na esfera privada, discutindo tratativas sobre a família. De maneira geral, esta perspectiva reforça uma posição teórica que enfatiza a vida das mulheres, colocando-as como sujeitos com agência e que se constituíam de diferentes formas, recortadas por suas relações familiares e sociais.

Em um conhecido artigo de seu livro *Aspectos sobre a Antiguidade*, Moses Finley salienta o silêncio das mulheres romanas – elas não teriam deixado relatos suficientes sobre si mesmas para que pudessem ser analisadas, e sua busca deveria ocorrer a partir de uma leitura dos documentos escritos por homens.³⁵⁵ Esta ideia de mulheres silenciosas como algo próprio da período romano, pela falta de letramento da população no geral ou pela divisão generificada da sociedade, foi questionada ao longo das últimas décadas, trazendo novas perspectivas de análise e buscando novas fontes. Ou seja, as mulheres que aqui estudamos não seriam silenciosas, pois deixam seus relatos e, a partir deles, podemos observar suas ações.

Entretanto, neste capítulo, um dos elementos que mais nos chama atenção nas cartas trocadas é o silêncio. O silêncio é incômodo em todas as partes – Paniskos, Ploutogenia e Heliodora reclamam deste silêncio para seus destinatários. É o silêncio que, em certo nível, determina as emoções – o silêncio de Ploutogenia faz com que Paniskos mostre-se gradativamente mais irritado com a própria esposa, acusando-a de um comportamento impróprio. De maneira semelhante, Ploutogenia infere que tornou-se *novamente inimiga* da própria mãe em virtude do silêncio desta. Por fim, Heliodora sente-se *amargurada* e *indigna* pelo silêncio de sua mãe Isidora. O silêncio, curiosamente, diz muito sobre os ressentimentos presentes nas narrativas aqui elencadas. Entretanto, não podemos esquecer que o silêncio é, também, uma escolha. As aflições e ansiedades decorrentes da falta de respostas, justificadas pela própria dificuldade de comunicação e pelos perigos relacionados à saúde – questões comuns do período – não diminuíram os silêncios neste grupo de cartas.

³⁵⁵FINLEY, Moses I. As mulheres silenciosas de Roma. In: FINLEY, Moses I. **Aspectos da Antiguidade**. Lisboa: Edições 70, 1990. P. 143-156.

Talvez o silêncio seja, sim, possível de falar – e de dar voz às insatisfações de homens e mulheres do passado. O silêncio deste arquivo é, em especial, distinto daquele apontado por Finley, visto que não é proveniente da falta de documentação, algo que é, de fato, comum em virtude do caráter fragmentado dos papiros. O silêncio aqui apresentado é deliberado, uma escolha pouco comum, mas cheia de significados.

Entendemos que a recusa, por parte de Ploutogenia, em responder às insistentes cartas de seu marido, pode ser pensada a partir de uma perspectiva de não conformidade com as normas sociais do período. Ploutogenia decidiu, por suas próprias razões, não responder a Paniskos e não realizar a viagem que ele demanda. Diante dos perigos que uma travessia deste porte exigia – a possibilidade do naufrágio, os roubos, a longa duração –, a escolha de Ploutogenia é consciente, e desloca uma posição social em que a esposa deveria tanto permanecer junto do marido como suportar diferentes tipos de problemas para que este fim fosse obtido. Em face do silêncio de Ploutogenia, Paniskos reforça seus sentimentos negativos, entendendo que a esposa não o considera suficiente para responder, e infere algumas inverdades – como o fato de ser a irmã de Ploutogenia quem pede pelas cartas. O silêncio de Ploutogenia, então, nos diz muito sobre esta família e a relação entre marido e esposa, visto que se configura enquanto recusa a certas posições dentro do lar. Este mesmo silêncio pode elucidar, também, sobre uma posição que, apesar de ser tomada como comum na Antiguidade – o silêncio seria a “normalidade” das mulheres –, transforma-se em agência.

Curiosamente, Ploutogenia também reclama do silêncio da própria mãe – este silêncio, que não sabemos até que ponto é deliberado, faz com que Ploutogenia entenda-se quase que como inimiga da própria mãe. O silêncio de Heliodora, aqui, provoca uma reação extrema de Ploutogenia, o que se repete em certa medida na carta que Heliodora envia para sua própria mãe, Isidora. Partindo desta perspectiva, podemos entender que o silêncio é, também, catalisador de afetividades, além de constituir-se enquanto elemento essencial nas relações familiares de poder.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa foi iniciada em 2017, quando da confecção do projeto de doutorado para o processo de seleção do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal do Paraná. Uma das inquietações, naquele momento, era compreender de maneira mais ampla a vida das mulheres na Antiguidade. Elas não eram silenciosas, de fato, mas nosso objetivo era dotar de mais nuances a maneira que eram vistas e recuperar, tanto quanto fosse possível, as vozes da experiência feminina. Elencamos, então, as emoções como elemento relevante na compreensão da experiência subjetiva dos sujeitos no Egito Romano – esta expressão emotiva, que posteriormente analisamos a partir da ideia de *linguagem afetiva*, seria uma forma de reforçar ou questionar os espaços socialmente definidos para homens e mulheres do contexto. Esta perspectiva das emoções busca, também, retirar o caráter essencialista dos sujeitos históricos diante de certas interpretações sobre como homens e mulheres operavam suas posições na Antiguidade.

No processo de desenvolvimento da pesquisa, entretanto, um questionamento sobre o papel da família surgiu – de tanto ouvirmos sobre “defensores da família”, que vociferavam seus preconceitos e violências, nossa pergunta foi: mas qual família? Esta inquietação nos levou a analisar a historicidade da família dentro daquilo que era nosso objeto de estudo. Não tivemos como objetivo, ao longo desta tese, construir uma genealogia da família, mas pontuarmos de que maneira, em diferentes momentos históricos, a noção de família na Antiguidade é constituída tanto enquanto campo de estudos como enquanto base de valores e morais.

Diante de todas estas premissas, elencamos o eixo principal da nossa tese: analisar como as cartas, trocadas entre membros da mesma família, possibilitam um olhar mais amplo sobre espaços sociais generificados dentro do Egito Romano. Esta narrativa epistolar demonstrava, também, questões sobre afeto, dinâmicas familiares, questões legais e econômicas – ou seja, elementos relevantes para a construção da posição dos sujeitos dentro de determinado espaço social.

Para empreendermos esta análise, nosso ponto de partida foi a família enquanto campo de estudos e objeto de retomadas por diferentes períodos e contextos históricos. A família antiga, e em especial a família romana, foi recuperada como um ideal de moralidade que reforçou determinadas posições – especialmente ligada ao homem e ao seu direito sobre os outros membros da família. Longe de ser

um enquadramento exato sobre as possibilidades da família antiga (o que buscamos, em diferentes níveis, demonstrar aqui), esta posição dizia mais sobre os momentos históricos em que foi recuperada – os séculos XIX e XX produzem interpretações sobre a família para legitimar seus regimes políticos e suas próprias noções do que seria aceitável dentro do âmbito familiar.

Procuramos elucidar, também, sobre a construção de um campo de estudos intitulado *História da Família*, como este se configura dentro de um contexto específico de produção historiográfica e quais seus desenvolvimentos no que diz respeito à família antiga. Partindo destes dois eixos, percebemos que esta família era mais ampla do que as interpretações - era uma família dinâmica, cheia de jogos de poder, relações, afetos e desafetos. Ou seja, estava distante de uma família extremamente violenta, em que as mulheres e as crianças não tinham espaço de ação e eram tratadas unicamente como subalternas.

Após estas considerações, nosso foco foi compreender a documentação aqui elencada. Em um primeiro momento, discutimos sobre o significado da carta enquanto gênero específico de escrita, suas principais características na Antiguidade e seus eixos de análise na contemporaneidade. Posteriormente, perfizemos uma discussão sobre a materialidade dos papiros, seu processo de descoberta, catalogação e publicação, e de que maneira estas questões são atravessadas por um contexto político do século XIX, que possibilitou a dominação imperialista no Egito.

Esta discussão se insere em uma perspectiva que entende a indissociabilidade da materialidade dos textos antigos e sua compreensão contemporânea. O caso dos papiros é, em nossa visão, ainda mais emblemático: não haveria todo um campo de estudos – a Papirologia – se os documentos não tivessem sido descobertos. Entretanto, isto só ocorre em virtude de um processo violento de dominação do Egito. A ideia de “salvar” os documentos operava uma retroalimentação da violência do contexto, tipicamente orientalista – a perspectiva intelectual/cultural seria a justificativa, em certa medida, das operações militares.

Além disso, esta constituição de um campo de estudos no Norte Global fez com que poucos estudos sobre os papiros sejam realizados na América Latina e mesmo no Egito, que não se compreende enquanto herdeiro desta tradição. Esta noção de um passado – e de um grupo de documentos – que pertence unicamente a um lugar específico pode ser questionada a partir de discussões e análise de outros espaços, no qual nos inserimos. Há, na documentação papirológica, novas maneiras

de aprofundar o debate historiográfico e, também, uma potencialidade didática que consideramos relevante nesta tese – os papiros nos mostram facetas da vida cotidiana não encontradas em outros documentos.

Após esta discussão, apresentamos os documentos e explicitamos a forma de constituição do *corpus* documental analisado. Em nossa perspectiva, a maneira a partir da qual selecionamos os documentos da pesquisa não pode ser dissociada de uma noção não arbitrária sobre os significados do mundo antigo. Dito de outra forma, compreendemos que a seleção e organização dos documentos elencados para esta pesquisa é uma possibilidade de adição de um novo olhar, que não se pretende hegemônico ou procura um caráter absoluto, mas se junta a outras análises para adicionar mais uma camada sobre o mundo antigo, pluralizando a experiência dos sujeitos históricos dentro deste contexto.

Analizamos, em um primeiro momento, um conjunto de dezenove cartas, separadas em quatro categorias: questões legais, questões econômicas, afetividades e ressentimentos, saúde. Observamos, com isso, a utilização de uma linguagem afetiva atrelada a questões sociais – o espaço proposto e ocupado por diferentes sujeitos, suas formas de negociação de afetos para que seus direitos ou suas posições econômicas sejam salvaguardadas, as funções da família sendo reproduzidas, questionadas ou reinventadas a partir desta linguagem. Para finalizar, analisamos um conjunto de documentos conhecido como *Arquivo de Ploutogenia e Paniskos*, a partir do qual pudemos analisar as dinâmicas dentro de uma família específica. Este recorte proporcionou um aprofundamento das questões sobre linguagem afetiva, visto que pudemos perceber silêncios e quebras na narrativa como elementos, também, que catalisam as emoções.

Por fim, a leitura das ambições, dos desejos, dos desafetos e dos problemas dos antigos nos remetem à nossa própria experiência de vida na contemporaneidade. Se no início a busca pela família romano-egípcia e pelas suas distinções de gênero foi provocada por questões contemporâneas, não podemos deixar de salientar como nossa análise pretende adicionar mais uma voz à polifonia sobre o mundo antigo. Esta família e suas funções generificadas, às vezes tão próximas e às vezes tão distantes, nos auxiliam na compreensão de experiências de vidas mais plurais do que aquelas exaustivamente reproduzidas. Assim, entendemos que a sociedade romano-egípcia mantinha uma dinâmica mais ampla em suas relações familiares que, quando pensada a partir das diferenças e constituições sociais de gênero, enfatiza a

participação das mulheres, suas diversas experiências e uma concepção mais ampla do significado da categoria *mulher* enquanto objeto relacional – só se é mulher relacionada com outras formas de criar sentido no mundo.

REFERÊNCIAS

Papiros

BGU 2 380

BGU 3 948

P. Ant. 2. 93

P. Berl. Zill 12

P. Grenf. 1 53

P. Haun. 2 18

P. Lond. 3 988

P. Mich. 3 214

P. Mich. 3 216

P. Mich. 3 217

P. Mich. 3 218

P. Mich. 3 221

P. Mich. 8 514

P. Oslo 2 62

P. Oxf. 19

P. Oxy. 7 1067

P. Oxy. 48 3403

P. Oxy. 56 3860

P. Ryl. 2 244

P. Wisc. 2 74

PSI 12.1247v

SB 14 11588

SB 14 12080

SB 16 12326

SB 16 12606

Bibliografia contemporânea

ABRAHAMI, Philippe; COULON, Laurent. De l'usage et l'archivage des tablettes cuneiformes d'Amarna. In: PANTALLACI, L. (ed.). **La lettre d'archive**. Communication administrative et personnelle dans l'Antiquité proche-orientale et égyptienne. Actes du colloque de l'université de Lyon 2, 9-10 juillet 2004, Topoi. Suppl. 9, BiGen 32, Le Caire, 2008, p. 1-26.

ADAMS, Colin. 'There and back again': Getting around in Roman Egypt. In: ADAMS, Colin; LAURENCE, Ray. **Travel and Geography in the Roman Empire**. Routledge: New York, 2001. P. 138-166.

ARIÈS, Philippe. **História Social da Criança e da Família**. Rio de Janeiro: Guanabara, 1986. 2. Ed.

ARJAVA, Antti. Paternal Power in Late Antiquity. **The Journal of Roman Studies**, v. 88, 1998. p.147-165.

ARTHURS, Joshua. **Excavating Modernity: The Roman Past in Fascist Italy**. Ithaca; London: Cornell University Press. 2012.

ASP Resolution Concerning the Illicit Trade in Papyri. **The Bulletin of the American Society of Papyrologists**, vol. 44, 2007, p. 289-290.

BAGNALL, Roger. **Egypt in Late Antiquity**. Princeton: Princeton University Press, 1993.

BAGNALL, Roger S.; CRIBIORE, Raffaella. **Women's Letters from Ancient Egypt: 300 B. C. - A. D. 800**. Ann Arbor: University of Michigan Press, 2006.

BAGNALL, Roger S. (ed.). **The Oxford Handbook of Papyrology**. Oxford: Oxford University Press, 2009.

BAGNALL, Roger S. **Everyday Writing in the Graeco-Roman East**. Berkeley and Los Angeles: University of California Press, 2011.

BAGNALL, Roger; FRIER, Bruce W. **The Demography of Roman Egypt**. Cambridge University Press: Cambridge, 1994.

BAGNALL, Roger. **Roman Egypt: A History**. Cambridge: Cambridge University Press, 2021.

BARILE, Kerri S.; BRANDON, Jamie C. **Household chores and household choices: theorizing the domestic sphere in historical archaeology**. Tuscaloosa: University of Alabama Press, 2004.

BAUER, Thomas J. Letter Writing in Antiquity and Early Christianity. In: RIEHLE, Alexander. **A Companion to Byzantine Epistolography**. Leiden, Boston: Brill, 2020.

BERNAL, Martin. **Black Athena: the afroasiatic roots of classical civilization**. New Brunswick: Rutgers University Press, c1987.

BERNAL, Martin. **Black Athena Writes Back: Martin Bernal responds to his critics**. Durham: Duke University Press, 2001.

BETZ, Hans Dieter (Ed.). **The Greek Magical Papyri in Translation, Including the Demotic Spells, Volume 1**. Chicago: University of Chicago Press, 1996.

BROWN, Peter. **The Making of Late Antiquity**. Harvard: Harvard University Press, 1978

BROWN, Peter. **The World of Late Antiquity – AD 150-750**. New York: W. W. Norton & Company, 1989.

BOUZON, Emanuel. **As cartas de Hammurabi**. Petrópolis: Vozes, 1986.

BOWMAN, Alan K; WOOLF, Greg (eds.). **Literacy and Power in the Ancient World**. Cambridge University Press: Cambridge, 1997.

CALDWELL, Lauren. **Roman Girlhood and the Fashioning of Feminity**. Cambridge: Cambridge University Press, 2015.

CANDIDO, Maria R. (org.). **Mulheres na Antiguidade: novas perspectivas e abordagens**. Rio de Janeiro: NEA/UERJ, 2012

CARCOPINO, Jerome. **Roma no apogeu do Império**. São Paulo: Companhia das Letras: Círculo do Livro, 1991

CARUCCI, Margherita. The Impact of Mobility and Migration in the Roman Empire. In: CASCIO, Elio L.; TACOMA, Laurens; GROEN-VALLINGA, Miriam J. **Proceedings of the Twelfth Workshop of the International Network Impact of Empire (Rome, June 17-19, 2015)** p. 173–190.

CECCARELLI, Paola. **Ancient Greek Letter Writing: a Cultural History (600 BC – 150 BC)**. Oxford: Oxford University Press. 2013.

CLARYSSE, Willy. Emotions in Greek Private Papyrus Letters. **Ancient Society**, 47, 2017. P. 63-86.

COOPER, Nick; WEBSTER, Jane (eds.); **Roman Imperialism: post-colonial perspectives**. Leicester: School of Archaeological Studies/University of Leicester, 1996.

CORBIER, Mireille. Solidariedade entre gerações e segurança do ciclo de vida: a sociedade romana. **Phaos: Revista de Estudos Clássicos**. N. 1, 2000. P. 61-79.

COTTICA, Daniela. Spinning in the Roman World: from Everyday Craft to Metaphor of Destiny. In: GILLIS, Carole; NOSCH, Marie-Louise. **Ancient Textiles: Production, Crafts and Society**. Oxbow Books, 2014

CRIBIORE, Raffaella. Windows on a Woman's World: some letters from Roman Egypt. In: LARDINOIS, André; MCCLURE, Laura. **Making Silence Speak: Women's Voices in Greek Literature and Society**. Princeton: Princeton University Press, 2001.

DAVOLI, Paola. Papyri, Archaeology, and Modern History: A Contextual Study of the Beginnings of Papyrology and Egyptology. **The Bulletin of the American Society of Papyrologists**, 52, 2015. P. 87-112

DE BOLLA, Peter. **Disfiguring History**. Diacritics, Vol. 16, n. 4, 1986.

DE ZORZI, Nickla. Literature as Scholarship : Some Reflections on Repetition with Variation and the Construction of Meaning in the Šamaš Hymn 112. **Kaskal : rivista di storia, ambiente e culture del vicino oriente antico** : 16, 2019, Firenze : LoGisma, 2019 P. 159-182.

DIXON, Suzanne. **The Roman family**. Baltimore; London: J. Hopkins Univ., 1992.

DIXON, Suzanne. **Reading Roman Women**. London: Bristol Classical Press, 2001.

DOS SANTOS, Dominique V. C. **O ensino de História Antiga no Brasil e o debate da BNCC**. Outros Tempos: Pesquisa em Foco-História 16.28 (2019): 128-145.

ENGELS, Friedrich. **A origem da família, da propriedade privada e do Estado**. 3. ed São Paulo: Expressao Popular, 2012.

FINLEY, Moses I. As mulheres silenciosas de Roma. In: FINLEY, Moses I. **Aspectos da Antiguidade**. Lisboa: Edições 70, 1990. P. 143-156.

FIRESTONE, Shulamith. **The Dialectic of Sex: The Case for a Feminist Revolution**. New York: Bantam Book, 1970.

FOUBERT, Lien. The Lure of an Exotic Destination: The Politics of Women's Travels in the Early Roman Empire. **Hermes** 144, no. 4, 2016

FOUBERT, Lien. Mobile Women in P. Oxy. And the Port Cities of Roman Egypt: Tracing Women's Travel Behaviour in Papyrological Sources. In: LIGHT, Luukt de; TACOMA, Laurens E. **Migration and Mobility in the Early Roman Empire**. Leiden: Brill, 2016

FOUCAULT, Michel. **História da Sexualidade Vol. II: O Uso dos Prazeres**. 10 ed. Rio de Janeiro: Graal, 2003.

FOUCAULT, Michel. A escrita de si. In:_____, **O que é um autor?** Lisboa: Passagens. 1992. pp. 129-160.

FOUCAULT, Michel. **A Arqueologia do Saber**. 7. Ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.

FOUCAULT, Michel. Nietzsche, a Genealogia e a História. In: _____. **Microfísica do Poder**. 13. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1998. P. 15-37.

FOXHALL, Lin. In Private: The Individual and the Domestic Community. In: CAIRNS, Douglas (ed.) **A Cultural History of the Emotions in Antiquity**. London: Bloomsbury Academic, 2021. P. 125-145.

FRANDJI, Ingrid C. K. **Agência feminina no Egito Romano (III D.C.-VD.C.)**. 2017. 114 f.: il., tabs Dissertação (mestrado) - Universidade Federal do Paraná, Setor de

Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em História. Defesa: Curitiba, 20/03/2017.

FREEMAN, Philip W. M. Mommsen to Haverfield: the origins of studies of Romanization in the late 19th-c. Britain. In: MATTINGLY, David J. (Ed.). **Dialogues in Roman Imperialism** – Power, discourse and discrepant experience in the Roman Empire. Supplementary Series number 23, Journal of Roman Archaeology, 1997. p. 27-50.

FREITAS, Luis Carlos de. **A reforma empresarial da educação**: nova direita, velhas ideias. São Paulo: Expressão Popular, 2018

FRIER, Bruce W.; MCGINN, Thomas A. J. **A Casebook on Roman Family Law**. Oxford: Oxford University Press, 2004.

FUNARI, Pedro P. Romanas por elas mesmas. **Cadernos Pagu**, v. 5, 1995

FUNARI, Pedro P. A. Linguística e Arqueologia. In: _____, **Arqueologia e Patrimônio**. Erechim: Habilis, 2007.

GADAMER, Hans-Georg. **Verdade e método I**: traços fundamentais de uma hermenêutica filosófica. 10. ed. Petrópolis: Vozes, 2008.

GARDNER, Jane; WIEDEMANN, Thomas. **The Roman Household**: a sourcebook. London and New York: Routledge. 1991.

GEORGE, Michele (ed.). **The Roman Family in the Empire**: Rome, Italy, and Beyond. New York: Oxford University Press, 2005.

GIBBON, Edward. **Declínio e queda do Império Romano**. São Paulo, Companhia das Letras: 2005

GONZÁLEZ-RUIBAL, Alfredo. Colonialism and European Archaeology. In: LYDON, Jane; RIZVI, Uzma (eds.). **Handbook of Postcolonial Archaeology**. Walnut-Creek: Left Coast Press, 2010.

GRUBBS, Judith E. **Women and the law in the Roman Empire**: a sourcebook on marriage, divorce and widowhood. London: Routledge, 2002.

GRUBBS, Judith E. The Dynamics of Infant Abandonment: Motives, Attitudes and (Unintended) Consequences. In: MUSTAKALLIO, Katariina; LAES, Christian. **The Dark Side of Childhood in Late Antiquity and the Middle Ages**. Oxbow Books, 2011

HAENTJENS, Ann M.E. Reflections on Female Infanticide in the Greco-Roman World. **L'Antiquité Classique** 69, 2000.

HANSON, Ann E. Papyrology: Minding Other People's Business. **Transactions of the American Philological Association** (1974-), 131, 2001. p. 297-313.

HARLOW, Mary; LOVEN, Lena L. **Families in the Roman and Late Antique World**. London: Continuum, 2012.

HAUG, Brendan. Politics, Partage, and Papyri: Excavated Texts Between Cairo and Ann Arbor (1924–1953). **American Journal of Archaeology**, vol. 125:1, 2021

HEILPORN, Paul. Des Nouvelles de Paniskos. **The Bulletin of the American Society of Papyrologists**, vol. 49, 2012

HINGLEY, Richard. **O imperialismo romano**: novas perspectivas a partir da Bretanha. São Paulo: Annablume, 2010.

HINGLEY, Richard. **Globalizing Roman culture**: unity, diversity and empire. London; New York: Routledge, 2005.

HUEBNER, Sabine. **The Family in Roman Egypt**. Cambridge: Cambridge University Press, 2013.

HUEBNER, Sabine R. Egypt as part of the Mediterranean? Domestic Space and Household Structures in Roman Egypt. In: HUEBNER, Sabine R.; NATHAN, George. **Mediterranean Families in Antiquity**: Households, Extended Families, and Domestic Space. New Jersey: John Wiley and Sons, 2017.

HOMERO. **Ilíada**. Trad. Frederico Lourenço. São Paulo: Penguin Companhia das Letras, 2005.

HUNT, Arthur S. Twenty-five years of Papyrology. **The Journal of Egyptian Archaeology**, vol. 8, no. 3/4, 1922, p. 121.

HUTTON, Patrick H. The Postwar Politics of Philippe Aries. **Journal of Contemporary History**, 34(3), 365-381. 1999

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Retratos**: a revista do IBGE. Rio de Janeiro: IBGE. n. 6, dez. 2017. P. 17-19. Disponível em: https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/media/com_mediaibge/arquivos/3ee63778c4cfdcbbe4684937273d15e2.pdf

JIMÉNEZ, Lissette M. From birth to rebirth: Perceptions of childhood in Greco-Roman Egypt. In: BEAUMONT, Lesley A. et al. **Children in Antiquity**: Perspectives and Experiences of Childhood in the Ancient Mediterranean. New York: Routledge, 2021. P. 121-133.

JOHNSON, William A. The Oxyrhynchus Distributions in America: Papyri and Ethics. **The Bulletin of the American Society of Papyrologists**, vol. 49, 2012

JORDAN, David R. A personal letter found in the Athenian agora. **Hesperia**, v. 69, 2000. P. 91-103.

JUVENAL. **Sátiras**. Ediouro, 1991.

KEENAN, James G. Egypt's "Special Place". In: CUEVA, Edmund P.; BYRNE, Shannon N.; BENDA, Frederick. **Jesuit Education and the Classics**. Cambridge: Cambridge Scholars Publishing, 2009. P. 177-192.

KOTSIFOU, Chrysi. "Being unable to come to you and lament and weep with you": Grief and Condolence Letters on Papyrus. In: CHANIOTIS, Angelos (ed.). **Unveiling Emotions: Sources and Methods for the Study of Emotions in the Greek World**. Stuttgart: Franz Steiner Verlag, 2012. P. 389-411.

KRAEMER, Ross S. Jewish Mothers and Daughters in the Greco-Roman World. In: COHEN, Shayne (ed.). **The Jewish Family in Antiquity**. Atlanta, Georgia: Scholar's Press, 2020. P. 89-112.

LAFER, Mary. Tradução e Literatura: Grego Antigo. **Todas as Letras Revista de Língua e Literatura**, 2017

LAVAL, Christian. **A escola não é uma empresa: o neoliberalismo em ataque ao ensino público**. São Paulo: Boitempo Editorial, 2019

LEFKOWITZ, Mary R.; ROGERS, Guy M. (Eds.). **Black Athena Revisited**. Chapel Hills, London: The University of North Carolina Press, 1996.

LEWIS, Naphtali. "Greco-Roman Egypt": fact or fiction?. **The Twelfth International Congress of Papyrology**. Volume 5, Issue 2-3, 1968.

LÓVEN, Lena L. Roman Motherhood. In: BUDIN, Stephanye L.; TURFA, Jean M. **Women in Antiquity: Real women across the Ancient World**. New York: Routledge, 2016.

LUIJENDIJK, AnneMarie. Sacred Scriptures as Trash: Biblical Papyri from Oxyrhynchus. In: GRESCHAT, K; LÖSSL, J. **Vigiliae Christianae: A Review of Early Christian Life and Language**. 64. ed. Leiden: Koninklijke Brill Nv, 2010. p. 246. Disponível em: <[http://religion.princeton.edu/main/faculty/annemarie-luijendijk/Luijendijk, Sacred Scriptures as Trash, VC.pdf](http://religion.princeton.edu/main/faculty/annemarie-luijendijk/Luijendijk_Sacred_Scriptures_as_Trash_VC.pdf)>.

MATTINGLY, David J. Introduction – Dialogues of power and experience in the Roman Empire. In: _____, **Dialogues in Roman Imperialism – Power, discourse and discrepant experience in the Roman Empire**. Supplementary Series number 23, Journal of Roman Archaeology, 1997. p. 7-24.

MATT, Susan J.; STEARNS, Peter N. **Doing Emotions History**. University of Illinois Press, 2013.

MAZZA, Roberta. Papyri, Ethics, and Economics: A Biography of P.Oxy. 15.1780 (P 39). **The Bulletin of the American Society of Papyrologists**, vol. 52, 2015

MCNAY, Lois. **Gender and Agency: Reconfiguring the Subject in Feminist and Social Theory**. Cambridge: Polity Press, 2000.

MESKELL, Lynn. **Private Life in New Kingdom Egypt**. Princeton: Princeton University Press, 2002.

MORELLO, Ruth; MORRISON, A. D. (eds.). **Ancient Letters**. Classical and Late Antique Epistolography. Oxford: Oxford University Press, 2007

NALDINI, Mario. **Il Cristianesimo in Egitto**: lettere private nei papiri dei secoli II-IV. Firenze: Le Monnier, 1968

NETO, Eugênio F. **Code civil francês**: Gênese e difusão de um modelo. Revista de Informação Legislativa: RIL, Brasília, DF, v. 50, n. 198, p. 59-88, abr./jun. 2013. Disponível em: <https://www2.senado.leg.br/bdsf/handle/id/496956>

NIFOSI, Ada. **Becoming a Woman and a Mother in Greco-Roman Egypt**. London: Routledge, 2019.

NONGBRI, Brent. **The Ethics of Publication: Papyrology**. BMCR 2022.05.25. Disponível em: <https://bmcr.brynmawr.edu/2022/2022.05.25>

OPPENHEIM, Adolf L. **Letters from Mesopotamia**: official, business, and private letters on clay tablets from 2 millenia; translated and with an introd. 1967.

PAPADOPOULOU-BELMEHDI, Ioanana. Greek Weaving or the Feminine in Antithesis. **Diogenes**, 42(167), 1994

PLAMPER, Jan. **The History of Emotion: An Introduction**. New York: Oxford University Press, 2015.

POMEROY, Sarah. **Goddesses, Whores, Wives and Slaves**: Women in Classical Antiquity. Baltimore: John Hopkins, 1989.

POMEROY, Sarah B. **Women in Hellenistic Egypt**: from Alexander to Cleopatra. New York: Shoken Books, 1984.

RATHBONE, Dominic. **The romanity of Roman Egypt: A faltering consensus?** The Journal of Juristic Papyrology 43, 2013.

RAWSON, Beryl (ed). **The Family in Ancient Rome**: New Perspectives. Ithaca: Cornell University Press, 1986.

REBENICH, Stefan. Altertumswissenschaften zwischen kaltem krieg und studentenrevolution: Zur Geschichte der Mommsen-Gesellschaft von 1950 bis 1968. **Hermes**, 143(3), 2015. P. 257-287.

REDDY, William M. **The Navigation of Feeling: A Framework for the History of Emotions**. Cambridge: Cambridge University Press, 2004.

REDFORD, Donald B. **The Oxford Encyclopedia of Ancient Egypt**: Volume 3. Oxford: Oxford University Press, 2001.

RIDLEY, R. T. Champollion in the Tomb of Seti I: an Unpublished Letter. **Chronique d’Egypte**, 66(131-132), 1991, p. 23–30. doi:10.1484/j.cde.2.308853

ROSTOVTZEFF, Michael. **Gnomon**, 5(8), 1929. P. 435-440.

RUFINO, Rafael A. N. **O bimilenário de Augusto na Espanha (1939-1940): construções discursivas do franquismo sobre a Antiguidade romana**. 2013. 125 p. Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Campinas, SP. Disponível em: <<http://www.repositorio.unicamp.br/handle/REPOSIP/279189>>. Acesso em: 22 ago. 2018.

SAID, Edward W. **Orientalismo: O Oriente como invenção do Ocidente**. São Paulo: Companhia de Bolso, 2008.

SALLER, Richard P.; SHAW, Brent D. Tombstones and Roman Family Relations in the Principate: Civilians, Soldiers and Slaves. **The Journal of Roman Studies**, 74. doi:10.2307/299012

SALLER, Richard P. Patria potestas and the stereotype of the Roman family. **Continuity and Change**, 1, 1986

SALLER, Richard P. **Patriarchy, property and death in the Roman Family**. Cambridge: Cambridge University Press, 1994

SALMERKIVI, Erja. Some remarks on literate women from Roman Egypt. In: TERVAHAUTA, Ulla et al (eds.). **Women and Knowledge in Early Christianity**. Brill: Leiden, Boston. 2017. P. 62-62.

SARRI, Antonia. **Material Aspects of Letter Writing in the Graeco-Roman World: 500 BC – 300 AD**. Berlin: De Gruyter. 2018.

SCHEIDEL, Walter. The death declarations of Roman Egypt: a re-appraisal. **The Bulletin of the American Society of Papyrologists**. Volume 36, 1-4, 1999. P. 53-70.

SCHENTULEIT, Maren. Gender Issues: Women to the Fore. In: VANDORPE, Katelijn. **A Companion to Greco-Roman and Late Antique Egypt**. Hoboken: John Wiley & Sons, 2019. P. 348-360.

SCHWARTZ, J. Autour Du Dossier de Paniskos (P. Mich. 214-221). **Aegyptus**, vol. 48, no. 1/4, 1968

SCOTT, Joan W. **Gênero: uma categoria útil de análise histórica**. Educação & Realidade, v. 20, n. 2, 1995, p. 71-99.

SCOTT, Joan W. Experiência. In SILVA, Alcione Leite da; LAGO, Mara Coelho de Souza; RAMOS, Tânia Regina Oliveira. (orgs.). **Falas de gênero**. Florianópolis: Editora Mulheres, 1999. P. 21-55.

SETTIS, Salvatore. **The Future of the ‘Classical’**. Cambridge: Polity Press, 2006.

SHARROCK, Alison; KEITH, Alison. **Maternal Conceptions in Classical Literature and Philosophy**. Toronto: University of Toronto Press, 2020.

SHERIDAN, Jennifer A. Not at Loss for Words: The Economic Power of Literate Women in Late Antique Egypt. **Transactions of the American Philological Association (1974-)**, vol. 128, 1998, p. 189–203.

SILVA, Glaydson J. **Antiguidade, Arqueologia e a França de Vichy**: usos do passado. São Paulo: Annablume. FAPESP, 2007

SILVA, Lorena Pantaleão da. **Rindo do sagrado**: as práticas religiosas femininas nas obras de Juvenal e Petrónio (séc. I-II D.C.). 2011. 122f Dissertação (mestrado) - Universidade Federal do Paraná, Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes, Programa de Pós-Graduação em História. Defesa: Curitiba, 17/03/2011. Disponível em: <http://hdl.handle.net/1884/25768>.

SILVA, Thais Rocha da. **Construtos de gênero no Egito Ptolomaico**: uma proposta de leitura das cartas gregas e demóticas. 2013. Dissertação (Mestrado em Estudos Árabes) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013.

SPEIDEL, Michael A. Egypt's Specificity and Impact on Roman History. VANDORPE, Katelijn. **A Companion to Greco-Roman and Late Antique Egypt**. Hoboken: John Wiley & Sons, 2019

SYKUTRIS, Ioannis. Epistolographie. In: KROLL, Wilhelm. **Paulys Realencyclopädie der classischen Altertumswissenschaft**. Supplement V. Stuttgart: Metzler, 1937. P. 185-220.

TALLET, Gaëlle. *Proskynema formulas*. In: BAGNALL, Roger S. et al. (eds.). **The Encyclopedia of Ancient History**. Blackwell Publishing, 2013 (recurso *online*). P. 5587-5588.

THE ENDLESS KNOT: Episode 51: Race & Racism in Ancient & Medieval Studies, Part One: The Problem. [Locução de]: MARK SUNDARAM, AVEN MCMASTER. Entrevistada: Usama Ali Gad. [S.l.]: Desconhecido, 17 jan. 2018. *Podcast*. Disponível em: <https://www.alliterative.net/podcast/2018/1/16/episode-51-race-racism-in-ancient-medieval-studies-the-problem>. Acesso em: 4 fev. 2022

THEODOROPOULOU, Maria. The emotion seeks to be expressed: thoughts from a linguist's point of view. In: CHANIOTIS, Angelos (ed.). **Unveiling Emotions**: Sources and Methods for the Study of Emotions in the Greek World. Stuttgart: Franz Steiner Verlag, 2012. P. 433-468.

THOMA, Marianna. The law of succession in Roman Egypt: Siblings and non-siblings disputes over inheritance. In: NODAR, Alberto; TORALLAS TOVAR, Sofia. **Proceedings of the 28th Congress of Papyrology**; 2016 August 1-6; Barcelona. Barcelona: Publicacions de l'Abadia de Montserrat, Universitat Pompeu Fabra; 2019. P. 475-482.

TRAPP, Michael. **Greek and Latin Letters**: an Anthology, with Translation. Cambridge: Cambridge University Press. 2003.

TURNER, Eric G. **Greek Papyri**: An Introduction. Princeton: Princeton University Press, 1968.

VANDORPE, Katelijn. **A Companion to Greco-Roman and Late Antique Egypt**. Hoboken: John Wiley & Sons, 2019.

VANDORPE, Katelijn. *Identity*. In: RIGGS, Christina. **The Oxford Handbook of Roman Egypt**. Oxford: Oxford University Press, 2012

VANDORPE, Katelijn; WAEBENS, Sofie. Women and Gender in Roman Egypt: The Impact of Roman Rule. In: LEMBKE, Katja; MINAS-NERPEL, Martina; PFEIFFER, Stefan. **Tradition and Transformation**: Egypt under Roman rule. Leiden: Brill, 2010

VAN MINNEN, Peter. The Century of Papyrology (1892-1992). **The Bulletin of the American Society of Papyrologists**, 30(1/2), 1993, p. 5-18.

VEÏSSE, Anne-Emanuelle. The Ptolemaic Dynasty and the Hellenistic World. In: VANDORPE, Katelijn. **A Companion to Greco-Roman and Late Antique Egypt**. Hoboken: John Wiley & Sons, 2019.

VEYNE, Paul. La famille et l'amour sous le Haut-Empire romain. **Annales. Histoire, Sciences Sociales**, 33(1), 1978. P. 35-63.

VEYNE, Paul. **Comment on écrit l'histoire**: suivi de Foucault révolutionne l'histoire. Paris, França: Ed. du Seuil, 1978.

WHEATON, Robert. Observations On the Development of Kinship History, 1942-1985. **Journal of Family History**, 12(1-3), 1987. doi:10.1177/036319908701200116. p. 285–301.

WILCKEN, Ulrich; MITTEIS, Ludwig. **Grundzüge und Chrestomatie der Papyruskunde**. I. historischer Teil – Erste hälfte: Gründzuge. Leipzig: Teubner, 1912.

WILLIAMS, James. **Pós-estruturalismo**. Petrópolis: Vozes, 2012.

WINTER, John G. The Family Letters of Paniskos. **The Journal of Egyptian Archaeology**, vol. 13, no. 1/2, 1927, p. 59–74.

WINTER, John G. **Michigan Papyri: vol. III**: Papyri in the University of Michigan Collection. Ann Arbor: University of Michigan Press, 1936.

WORP, Klaus. **Das Aurelia Charite Archiv**. Zutphen: Terra, 1980.